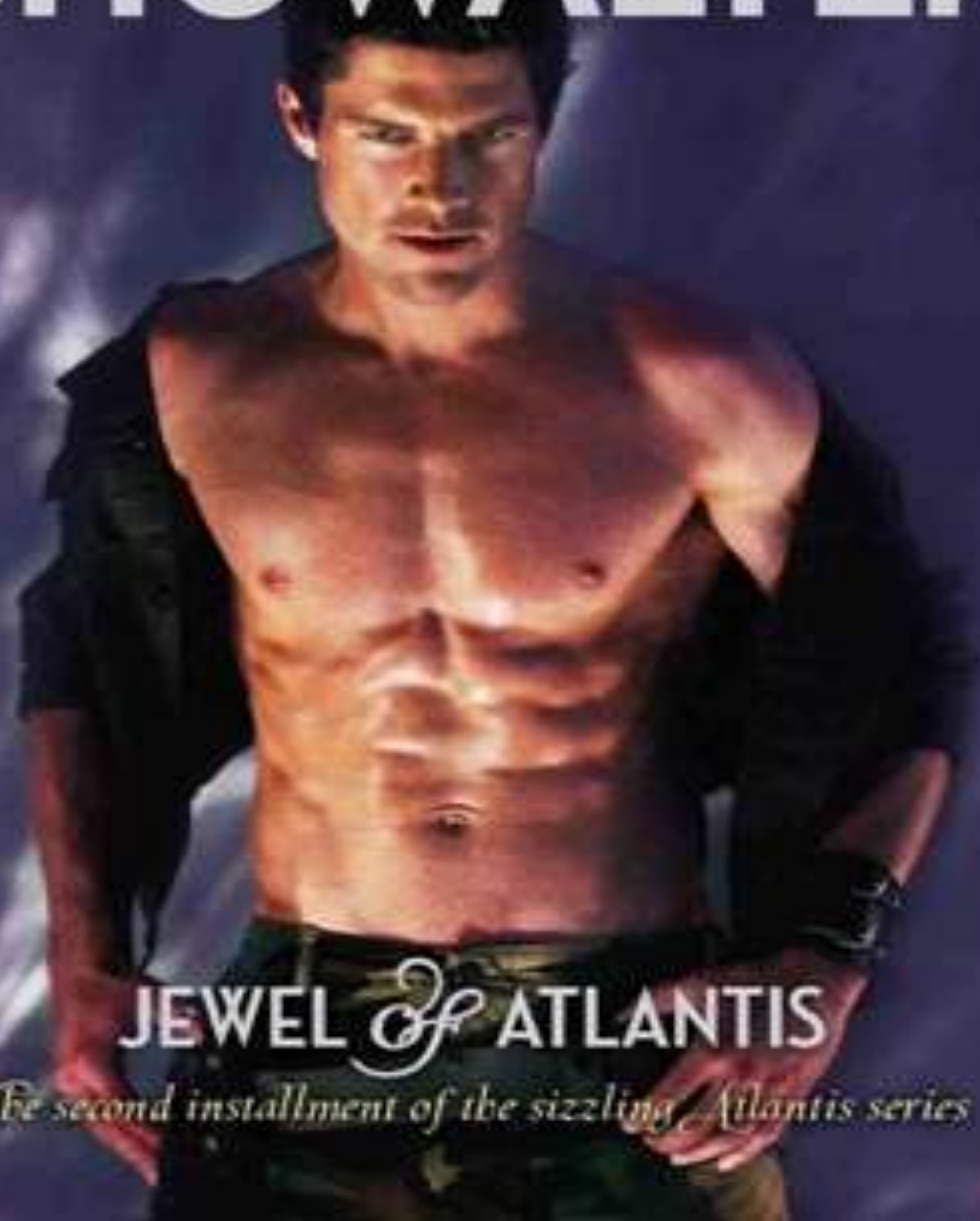


H.

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
OF THE LORDS OF THE UNDERWORLD SERIES

GENA SHOWALTER



JEWEL & ATLANTIS

The second installment of the sizzling Atlantis series





Gena Showalter

A JOIA DE ATLANTIS
ATLANTIS 02

Toda Atlantis procura a Joia de Dunamis, cuja lenda afirma que pode derrotar qualquer inimigo.

Grayson James, o agente humano ultra secreto, que trabalha na Agência de Investigações Paranormais tem ordens de manter a joia afastada de mãos erradas... Ou destruí-la.

O que ele não sabe é que essa Joia é uma mulher, não uma pedra! Mas uma vez que encontra essa joia preciosa, destruí-la é a última coisa que tem em mente...

Jewel, parte deusa, parte profetisa, é um objeto nas constantes lutas de poder em Atlantis. Ela necessita da ajuda de Gray para obter a liberdade e manter ocultos os segredos de suas origens misteriosas.

Gray necessita de sua sabedoria para rastrear os monstros de Atlantis. Mas a necessidade se transforma em amor enquanto lutam com demônios, dragões, vampiros... e uma profecia que diz que o vínculo entre eles poderia destruir a ambos.

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Disponibilização: Nina

Revisão Inicial: Karyne Nobre, Alice Akeru

Revisão Final: Alice Akeru

Formatação: Dyllan

Projeto Revisoras Traduções



PRÓLOGO

Os deuses nunca quiseram criá-los.

Por séculos eles caminharam pelos céus, lamentando a necessidade de seres para guiar, nutrir e governar. Eles desejavam fervorosamente um reino transbordante de criaturas leais, gratas, obedientes.

E assim nasceu a idéia do homem.

O rei dos deuses foi sacrificado, seu sangue misturado com a terra, ar, mar e fogo; criaturas viventes foram formadas. Mas os elementos eram instáveis, a medida das porções falhas, e o resultado cruel. Os seres que eles criaram não eram o que os deuses previram, em aparência ou temperamento. Eles não eram leais ou gratos, muito menos obedientes. Esses Dragões, Minotauros, Vampiros, Ninfas, Formorianos — e muitos outros para citar — eram rivais poderosos, usurpadores potenciais do trono real, imortal.

O medo explodiu nos céus.

Em pânico, os deuses amaldiçoaram cada criação horrível a uma vida sob o mar, a viver para sempre confinados em uma cidade conhecida como Atlantis. A única lembrança da presença deles era o *Livro de Ra Dracas*, detalhando a criação e a fraqueza de cada raça.

Séculos se passaram.

Como sempre, o tempo envolveu os deuses em uma absolvição de esquecimento, enterrando a memória de seu erro passado. Eles só conheciam a necessidade já crescente de companheirismo e tentaram mais uma vez criar o Homem.

Desta vez eles tiveram sucesso, e a raça humana nasceu.

Em seguida, a idade da harmonia começou: os deuses se intrometendo nas vidas humanas sempre que desejavam, e o Homem adorando os deuses. Apenas havia uma regra não dita. As duas criações imensamente diferentes, humanos e Atlanteanos, nunca se encontrariam, nunca interagiriam, nunca se apaixonariam.

Alguém devia ter dito isso a Grayson James.

CAPÍTULO UM

Deveria ser uma missão fácil. Um trabalho de entrar e sair. Uma extração de um dia.

Seu chefe o tinha enchido com a linha de bobagens habituais, e Grayson James acreditou tolaamente nele. Mas ao entrar nessa terra de opulência verde e beijada pelo mar conhecida como Atlantis, porém, Gray percebeu que teria melhor sorte tentando vender uma geladeira para um pobre Esquimó. A um preço bem elevado.

Atlantis.

Não era um mito. Maldição. Ele esperava que fosse o contrário.

Ele olhou carrancudo. Em uma mão, ele segurava um sistema GPS em miniatura programado com as coordenadas achadas em um mapa. Um real, divinamente honesto mapa de Atlantis que seu chefe tinha descoberto nos pertences de um milionário desaparecido. Nesse momento, o sinal do GPS apontava para o centro magnético da Terra, ajudando-o a navegar por essa selva Atlante. Na outra mão, ele segurava um machete¹. A afiada lâmina prateada cortava a folhagem espessa que bloqueava seu caminho.

Não, Atlantis não era um mito. Vinha a ser o lar das criaturas mais repugnantes que ele já vira.

E como um empregado da EIE, o Escritório de Investigações Extraterrestre, ele já viu o suficiente.

O fazia imaginar por que ele tinha entrado para a agência.

Ele sabia a resposta, entretanto, e não era porque ele (secretamente) assistia *Jornada nas Estrelas* em seus anos de adolescência e sabia como falar Klingon. "Heghlu'meH QaQ jajvam," ele suspirou. *Hoje é um bom dia para morrer.*

Quando ele descobriu (para seu horrorizado choque) que realmente haviam outros mundos colonizados na vasta extensão das galáxias, ele deixou seu trabalho como detetive no Departamento de Polícia de Dallas e começou a procurar por *uma organização tipo Homens de Preto*². Quando a EIE finalmente o contactou, ele assinou imediatamente. Acreditou ferozmente na necessidade de aprender sobre esses seres de outro mundo e proteger seu próprio planeta deles.

Como ele podia saber que as criaturas mais apavorantes de todas moravam aqui, em seu próprio planeta? Simplesmente enterrados sob o oceano, protegidos por algum tipo de cúpula de cristal?

Enquanto ele se esquivava de um ramo perdido, rangeu os dentes.

— Atlantis, — ele murmurou. — Codinome, Inferno.

Depois de entrar em um portal circular e gelatinoso que a EIE descobriu sob a água na Flórida, ele se viu dentro de um enorme palácio de cristal guardado por homens enormes empunhando espadas. A sorte estava ao seu lado quando ele sorrateiramente passou por eles, despercebido, e entrou nessa selva.

Foi quando a vadia Senhora Sorte o abandonou.

Nas últimas duas noites, um vampiro sugador de sangue, um dragão com hálito de fogo, e um demônio alado faminto e salivando também conhecido como o Comitê de Boas Vindas o perseguiu, cada um afiando garfos e facas mentais.

As memórias o fizeram se sentir todo morno e confuso por dentro.

¹ Uma espécie de facão de mato.



² Referência ao filme Men In Black (MIB), onde a organização controla e fiscaliza os alienígenas presentes na Terra.

Ele conhecia a rotina agora. Em menos de uma hora, a noite cairia e aquelas... coisas emergiriam outra vez. Elas o caçariam. Elas tentariam comê-lo. E não no bom sentido.

Seu sangue congelou com o pensamento e nem mesmo o ar quente e úmido poderia aquecê-lo. Por cinquenta e oito horas ele esteve preso neste labirinto aparentemente sem fim, e por quatorze daquelas horas, ele seguiu exatamente o mesmo padrão: criaturas no rastro, Gray escapava.

Na primeira noite, ele tentou atirar neles com sua Beretta³. Conseguiu acertar o dragão entre os olhos, mas seus outros perseguidores evitaram as balas, rápida e facilmente deslizando para fora de alcance.

Na segunda noite, quando as duas criaturas remanescentes apareceram, Gray usou suas habilidades de combate e rasgou a garganta do vampiro. Um prazer, ele teve que admitir, mas ele não emergiu ileso. Cinco arranhões fundos e sangrentos e mordidas adornavam seu pescoço e coxa, latejando constantemente. Não inflamou, mas não sarava.

Como ele escapou do demônio depois daquilo, ele não sabia. Ferido e fraco como estava, teria sido fácil de dominar. Diabos, seu corpo ensanguentado seria um delicioso jantar. Muitas vezes ele imaginou se o demônio o teria deixado ir de propósito, apreciando a excitação da caça um pouco mais.

Bem, o demônio não era o único que ia se divertir hoje à noite. Um sorriso de antecipação surgiu nos lábios de Gray. Mais esperto agora, ele não seria pego desprevenido. Além do mais, ele já havia trabalhado em um plano afetuosamente apelidado de Operação Mate o Bastardo. Se MOB transcorresse com sucesso, o demônio logo se juntaria a seus amigos sanguinolentos no inferno. Se não, bem, Gray recorreria ao B: Operação Oh Merda. Ele correria como um louco e se esconderia até a luz arder mais uma vez na cúpula aparentemente viva acima.

Seu olhar se moveu para a dita cúpula. Não havia céu aqui, apenas milha após milha de cristal iridescente, perolizado. Ondas batiam constantemente no lado externo, e peixes de vários tamanhos e cores nadavam em todas as direções. Ele gostava mais das sereias nuas.

Um ramo bateu sua bochecha, dificultando sua atenção, cortando a pele e adicionando mais um item para sua crescente lista negra. Perdeu todas as sobras de seu bom humor. Pelo menos os insetos tinham parado de atacá-lo. Um verdadeiro presente dos deuses, ele pensou amargamente. Ele nunca devia ter aceitado essa missão.

Ele desviou-se para a esquerda bem quando seu relógio de pulso vibrou. Ele parou abruptamente.

— Só o que eu precisava, — murmurou. Se não era uma coisa, era outra, e agora era hora para o contato com a base.

Soltou sua mochila, vasculhou por dentro, e retirou um pequeno transmissor preto, ligando-o. Se ele falhasse no check in ao menos uma vez no dia, a cavalaria poderia procurá-lo e terminar seu trabalho. Ele nunca falhou em uma missão, e não falharia nessa.

— Santa para Mãe, — ele disse, se encolhendo quando disse seu codinome. Sua unidade achava isso super engraçado, dizendo que ele mergulhava em outros mundos e deixava presentinhos (como bombas e cadáveres), então o nome pegou. — Câmbio?

Poucos segundos de estática, antes de ele ouvir:

— Pode falar, Santa.

Ele reconheceu a voz de seu chefe, Jude Quinlin.

— Ainda estou sem o pacote, mas está tudo bem. Câmbio.

— Câmbio, recebido.

³ Marca de uma arma de fogo.



Ele terminou a transmissão e acomodou o receptor em sua mochila, então engatou novamente. Estava tudo bem, seu asno. Para sobreviver a Operação MOB, ele precisava achar uma pequena clareira com espaço amplo para correr, desviar e mergulhar para se cobrir. Até agora, sem sorte. E ele estava correndo contra o tempo, sua hora passando inexoravelmente.

Quando uma parede de árvores bloqueou seu caminho, ele se virou para a direita, mas o GPS explodiu em uma série de bipes erráticos e altos, um sinal de que ele tinha pego uma curva errada. Rosnando baixo na garganta, Gray deu uma volta e retornou até o dispositivo em miniatura se acalmar. O suor gotejava de sua testa e escorria sobre seu uniforme militar.

Ele estava para tirar umas férias, caramba, uma chance de ver os irmãos e irmã que ele não tinha visitado em dois anos. Ele telefonava regularmente, claro, mas não era o mesmo que abraçá-los, rir com eles.

Estar com eles. Ele queria brincar com os filhos de Kate, queria ter certeza de que seu marido Jorlan a estava tratando como o prêmio que era.

Trabalhar para a EIE — que se traduzia em constantes saltos entre planetas por buracos intermundiais — não lhe permitia viagens frequentes para casa. Diabos, trabalhar para a EIE não permitia viagens a lugar algum, exceto planetas alienígenas. E agora cidades submersas. Certamente não permitia encontros e relação amorosa. A não ser que ele quisesse passar uma noite com uma alienígena fêmea de três olhos, pele azulada, gosmenta.

Ele não queria.

Ele nunca gostou de transas de uma só noite, preferia várias noites com orgasmos múltiplos.

Três olhos? Pele gosmenta? Uh, nojo.

Ele mencionou que gostava de ter muito tempo com uma mulher, se demorando sobre cada nuance de seu corpo, saboreando seu aroma, seu gosto? Que ele gosta de ouvi-la gritar sobre seus inacreditáveis talentos sexuais em inglês?

Ele abriu um largo sorriso com o pensamento, “inacreditáveis talentos sexuais.”

Um galho bateu em sua bochecha, e ele perdeu o sorriso. *Sua culpa, cara. Você não devia ter deixado sua mente vagar pensando em sexo.* Quão verdadeiro. Agora não era hora de pensar em sexo e mulheres. Ou de fazer sexo com mulheres. Ele culpava o calor por sua mente inconstante. Isso, e o fato de que ele não transava há muito, *muito* tempo. Tempo demais.

Muito tempo mesmo.

Por que mais ele perderia o foco do que era importante — sua sobrevivência — para visualizar uma mulher nua. Uma mulher nua com longas, aveludadas e suaves pernas que envolviam sua cintura e...

Outro ramo o atingiu, no olho dessa vez.

— Droga! — Parecia que ele estava sofrendo de Déficit de Atenção. *Você está aqui por uma razão, James. Pense em nada, além disso.*

Um momento de distração podia fazer a missão falhar. Ele *sabia* disso, e estava surpreso de quão facilmente sua mente se desviava. Talvez ser caçado por um demônio canibal não fosse excitante o suficiente para ele. Se esse fosse o caso, ele precisava de um teste físico completo e um exame psíquico O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL.

— A missão. Pense apenas na missão. — Como aconteceu mil vezes antes, as palavras de partida de seu chefe se agitavam em sua mente. *Encontramos um livro, Gray. O livro, na verdade, intitulado Ra Dracas. Fala de dragões e vampiros e essas tolices, mas a verdadeira mensagem está escondida nas entrelinhas, escrita em código.*

— O texto sobre dragões e vampiros é tolice, — ele zombou. A compreensão tardia o fez o maior idiota.

Quando quebramos esse código, seu chefe acrescentou, descobrimos sobre a Joia de Dunamis, uma joia tão poderosa que pode ser usada para prever o futuro. Uma joia tão poderosa que pode

mostrar quem está mentindo e quem está falando a verdade. Quem a tiver, terá a habilidade de destruir qualquer inimigo. Conquistar qualquer exército.

Uma pequena maravilha que seu governo queria tão desesperadamente possuir.

Gray ia encontrar e roubar essa joia preciosa, então trazê-la para casa. Se sua missão fosse comprometida de alguma forma, ele ia destruí-la de forma que mais ninguém colocasse suas mãos agarradas nela.

Era tão simples.

Simples? Sim, quase tão simples quanto uma cirurgia de rotina no cérebro. Gray parou brevemente e bebeu de seu pequeno cantil de água reforçada de vitaminas. O líquido fresco deslizou por sua garganta ressecada, dando uma explosão de energia muito necessária antes de voltar ao movimento.

Por uma eternidade ele caminhou sempre em frente, nunca diminuindo a velocidade, já consciente do que o esperava se ele não encontrasse um lugar para possibilitar a operação MOB. Seu olhar se voltou para o relógio de pulso, a luz vermelha digital pouco visível sob a sujeira que o cobria. Vinte minutos até a hora do show, então ele teria de encontrar um pedaço de terra útil *agora*. Ele olhou carrancudo e...

Cuidado com a areia movediça.

Seus olhos se moviam rapidamente ao redor enquanto ele procurava pelo interlocutor, uma mulher. Ele não se esquivou, não parou de andar, preferindo se manter em movimento. Ele não queria assustá-la com qualquer movimento surpreendente.

Ele segurou mais forte o facão. As chances eram meio a meio de a mulher ter uma arma, e até maior de que ela realmente a usaria.

Está me ouvindo? Eu disse, cuidado com a areia movediça!

A voz feminina de tom rouco e com sotaque bateu em sua mente uma vez mais, tão ricamente sensual e dominante que ele conseguiu uma rápida, indesejada, e surpreendentemente ereção — antes de prontamente começar a afundar em uma grande piscina de areia movediça.

— Que diabo? — Instintivamente ele tentou erguer as pernas, o que apenas o fez afundar, mais profundamente e rapidamente. Ele se aquietou e olhou para o chão, observando-o subir lentamente, cobrindo seus pés... seus tornozelos.

Agora você conseguiu. A exasperação se manifestava em suas palavras. Ela podia ter acrescentado, *Idiota*, mas ele não estava certo. *Eu tentei te avisar.*

— Onde você está? — ele perguntou, usando seu tom mais gentil, mais tranquilizante enquanto olhava os arbustos verdes luxuriantes o circundando. As folhas aqui eram mais espessas que qualquer uma que ele já encontrara, pouco se movendo ao vento suave.

Ele não quis espantar a mulher. Ela tentou salvá-lo da areia movediça, então ela obviamente não lhe desejava mal algum. Deus sabia que ele precisava de toda ajuda que pudesse agora.

Não havia nem sinal de pessoa ou roupa espiando do matagal, nem mesmo sussurro ou estalo para indicar movimento.

— Você pode sair, — ele disse. — Não vou machucar você. Tem a minha palavra.

Pense por um instante, Gray. Você não me ouve com seus ouvidos, mas com sua mente.

— Como você sabe o meu nome? — ele perguntou agudamente. Então ele piscou, balançou a cabeça, piscou de novo. A voz permanecia, ecoando de cada corredor de seu cérebro. Ela estava certa. Suas palavras estavam na verdade dentro de sua mente.

Como aquilo era possível?

Como diabos, aquilo era possível?

— Eu sou esquizofrênico. — A declaração explodiu de sua boca, chocante e surreal demais para permanecer guardada. — Finalmente saltei dos limites da sanidade com pesos de mil libras amarrados aos meus tornozelos. — Ele tinha visto coisas muito estranhas em sua vida, e isso finalmente tinha o alcançado.

Ele devia saber que isso viria na forma de uma personalidade dividida. Uma personalidade feminina sexy como o diabo, ainda por cima. Sua voz ligeira e rica... Ele nunca tinha ouvido nada tão erótico.

Para baixo, para baixo ele afundava enquanto a areia cobria suas panturrilhas com sua umidade gosmenta. O odor da água parada e apodrecimento — ele torceu o nariz. *Não* queria adivinhar o que estava apodrecendo.

Insano ou não, ele não tinha sobrevivido dois dias e noites de tortura para morrer numa areia fedida. Não importava o que tivesse de fazer, salvaria sua vida — ou melhor, vidas — dessa loucura.

Deus, isso era o horror.

Pouco disposto a perder um único equipamento, ele jogou seu GPS e o facão para o chão firme. Com cuidado para não se mexer demais nem muito depressa, tirou sua mochila e a lançou ao lado da lâmina, pedindo a Deus que ele tivesse trazido um arame de propulsão. Mas por que ele precisaria de um para um trabalho tão rápido, *fácil*?

— Jude Quinlin, seu saco de bosta mentiroso. — Ele fechou a cara pelo, o que... terceira vez em tantas horas? A expressão representava bem suas visões de Atlantis. Enquanto isso continuava a afundar, lentamente, lentamente, a areia úmida passando por seus joelhos, subindo por suas coxas. Os grãos espessos e líquidos estavam frios, e sua temperatura corporal caiu alguns graus. A pressão arterial era a única coisa crescente.

No meio do estalar e gorgolejar da úmida sucção, ele vasculhou seu entorno novamente, dessa vez procurando por um salva-vidas. Não havia galhos ou plantas por perto. Apenas uma grande pedra branca, mas estava longe demais para alcançar com as mãos.

Tire a camisa, disse a voz sensual como um tom de *quero-você-despido-e-na-minha-cama*.

Ele bufou ironicamente. Ele estava afundando para a morte, e sua nova personalidade feminina queria que ele se despisse. Por que ele não estava surpreso?

— Quer que eu tire as calças também? — ele perguntou secamente. Pelo menos ele tinha escolhido uma garota quente e ninfomaníaca para ser sua companheira mental e não um velho fanho.

Idiota! Ela xingou, um rubor se despejando de seu tom. *Tire sua camisa, agarre a extremidade oposta em suas mãos, e enganche o material em volta da pedra.*

Seus olhos se arregalaram enquanto ele estudava novamente a distância da pedra. Aquilo devia funcionar mesmo. Pela primeira vez em dias, ele riu com diversão genuína. Ele podia ser esquizofrênico e estar à beira da loucura total, mas ele também era um gênio louco.

A mulher — era difícil continuar pensando em tal voz distintiva, aparentemente real como meramente uma extensão de si mesmo — suspirou, *por que os deuses tinham que escolher você?*

Seu desanimo fez o sorriso dele aumentar.

— Eu poderia me fazer a mesma pergunta, querida.

Colocando os braços para trás, ele agarrou a gola de sua camisa e a puxou sobre a cabeça. Com uma extremidade do material de camuflagem na sua mão esquerda e a outra na direita, ele se debruçou para frente e lançou a camisa amarrada na pedra. Ele errou.

Tentou de novo e errou.

Okay, ele precisava seriamente aumentar as horas gastas em prática de tiro ao alvo.

A areia agora alcançava sua cintura. Ele continuou a se debruçar e lançar até que a camisa finalmente ancorou solidamente. Ele deu um puxão firme e parou de afundar.

Agora puxe.

— Eu sei o que fazer. — Ele puxou, usando toda sua força. Seus braços queimavam de tensão. A areia o prendia como dedos fortes, ávidos, o segurando no lugar.

Fazendo careta, ele continuou a içar seus noventa quilos de músculo. Seus ombros estalaram, seu peso estirando juntas e ossos. A areia continuava a apertar seu abraço, queimando o ferimento em sua perna. As marcas de dentes em seu pescoço pulsavam com o esforço, talvez até se abriram porque ele sentiu uma gota de algo morno e quente em sua pele.

Só mais um pouco... quase... lá. O som de algodão e poliéster rasgando encheu seus ouvidos. Com um puxão final, seu corpo aterrisou em terra firme e seca. Ele inspirou aliviado.

Não, corra. Se apresse. O demônio já começou a se mexer.

Ignorando-a, Gray se pôs de costas antes de se virar e agachar. Enquanto olhava o relógio de pulso, uma brisa suave e salgada passou por ele, lembrando-o das férias na praia que ele tanto almejava. Essa área podia ser tão boa como qualquer outra, ele supôs. Ele estava sem tempo.

— Deixe a Operação MOB começar. — Ele colocou sua camisa, abriu a mochila e vasculhou dentro dela.

O que está fazendo? Volte, seu tolo.

— Você precisa de um nome. — ele disse, ignorando a ordem dela e continuando sua busca dentro da bolsa. Todas as personalidades divididas não tinham nomes? Se ele estava ficando louco, ele podia muito bem abraçá-la completamente. Por ora, pelo menos. Assim que voltasse para casa e contasse ao capitão sobre sua nova amiga, ele seria cutucado com tantas agulhas que poderia fazer um teste alienígena parecer uma massagem sensual.

Talvez ele devesse chamá-la Bunny. Ou Bambi.

— Por favor, ela gritou. *Você precisa se esconder. Se você não for vai ser machucado de novo e...*

— Não vou fugir. Vou acabar com isso.

Ela parou, absorvendo suas palavras.

— *Escute, Gray. Você não é louco. Não sou uma invenção da sua imaginação ou uma personalidade dentro da sua mente. Eu sou muito real, e posso ajudar você. Eu conheço Atlantis e as criaturas daqui. Me ouça e você pode viver mais um dia.*

Agora foi a vez de ele parar. A declaração dela fazia um estranho sentido. Através dos anos, ele havia visto e experimentado todos os tipos de coisas estranhas. *Pode provar isso?* Ele quase disse, mas se conteve.

Apesar de ele não ter falado de verdade, ela o ouviu e articulou um frustrado assovio. *Você é tão humano. Prove isso, prove aquilo Humph! Estou falando com você, não estou?*

Várias raças alienígenas se comunicavam psiquicamente, então ele já sabia que isso podia ser feito. Ele só não sabia que isso podia ser feito com *ele*. O fato é que ele estava aliviado por seu cérebro se fundido totalmente.

— Onde você está?

No inferno, ao que parece.

Ele riu.

— É? Eu também. Quer-me dizer como sabe o meu nome? — Ele recomeçou a busca por dentro da bolsa. — E como está entrando na minha mente? — Aquilo o aborrecia, bastante, mas ele tinha muitas outras coisas com que se preocupar agora.

Você quer mesmo discutir isso agora? O tempo é seu inimigo.

Novamente, ela estava certa. Ele realmente não tinha muito tempo, talvez cinco ou dez minutos e precisava de cada segundo.

— Vou deixar essas perguntas passarem, mas tem uma coisa que eu preciso saber. Por que você está me ajudando?

Pausa. *Seria uma vergonha arruinar seu belo rosto.*

Boa resposta. Ele ousaria dizer irrefutável?

— Você sabe como deter um demônio? — Mitos reivindicavam alho, uma estaca no coração, ou água benta podia fazer o truque. Espere. Aquilo matava vampiros. O que diabos matava demônios? *O Livro de Ra Dracas* poderia ter instruções passo a passo muito claras, ainda assim ele não tinha prestado a menor atenção, vendo a escritura meramente como camuflagem para o código escondido sobre a joia. Estúpido.

Não há motivo para brigar. Posso levá-lo para segurança.

— Veneno? Dinamite? — Enquanto ele falava, erguia os elementos em questão.

Um silêncio pesado esvaziou sua mente.

— Não vou a lugar algum, querida, então você pode muito bem me dizer.

Sua movimentação, ela finalmente disse em uma respiração trêmula. *Você tem que — bem, você sabe.*

— Sim, eu temo que eu saiba. — Ele ultrapassou as granadas; poderia precisar daquelas mais tarde, e retirou quatro bananas de dinamite, bem como seu protetor de visão noturna.

Aquela dinamite não ajudará você. Os demônios são fortalecidos por fogo.

— Estou esperando que a força da explosão diminua sua velocidade então posso me aproximar o suficiente para... Você sabe. — Ele bateu um clipe em sua arma e deslizou uma bala para dentro da câmara. Esta era sua última rodada de munição, então ele tinha que tirar o maior proveito dela.

Cuidado. Por favor, tome cuidado.

Tantas emoções cobriam suas palavras. Terror, arrependimento, esperança. Preocupação. Emoções que ele não entendia e não tinha tempo para ponderar.

Prometa-me.

— Dou minha palavra. — ele respondeu, e então a desligou completamente, sem querer que ela o distraísse de seu propósito. Se ele quisesse vencer, teria que chegar a sua zona — e permanecer lá.

Sentindo sua necessidade, ela disse *não vou falar de novo até isso acabar.*

Formando um grande círculo com a dinamite, Gray plantou uma vara próxima a cada um dos altos troncos. A brisa se intensificou, preenchendo-se com vida renovada. A escuridão se aproximava continuamente, enroscando seus dedos nodosos pela espessura das árvores. A adrenalina corria por suas veias, ele colocou seus óculos de visão noturna, o mundo se resumindo a vermelho e cinza.

Dinamite no lugar. Checado.

Arma na mão. Checado.

Balas carregadas. Checado.

Faca. Ele ergueu o facão e o enganchou no cós de suas calças. Checado.

Tudo o que faltava era cobrir seu corpo com um cobertor de folhas, camuflando-o da visão do demônio. Mas enquanto ele se curvava para recolher a primeira folha, um zumbido soou perto de sua orelha, seguido pelo vento com aroma de enxofre e a risada provocadora.

Tarde demais.

O demônio tinha chegado.

Amaldiçoando mentalmente, Gray se agachou mais e apertou com mais força a sua arma. Enquanto estava deitado ali, o suor escorria de sua testa e sobre seus óculos de proteção, momentaneamente atrapalhando sua linha de visão. Sua cabeça se moveu lentamente, seus olhos vasculhando de um lado a outro, procurando por um distinto borrão de calor. Onde diabos estaria ele? *Vamos lá, se mostre.*

Sem encontrar sinal da criatura no terreno, ele olhou para cima e viu uma figura mergulhando rapidamente em sua direção, para baixo, para baixo. Ele não entrou em pânico enquanto aquilo se aproximava. Ainda mais perto. Não, ele crescia ávido, ansioso.

Quase aqui... Gray rolou para fora do caminho um segundo antes do contato. O demônio se chocou contra o chão, e um silvo demoníaco serpenteou pela noite. Infelizmente a criatura estava em pé e escondida entre as árvores antes que ele pudesse disparar um tiro.

— Você quer brincar de esconde-esconde, — ele gritou, — vamos brincar de esconde-esconde. Venha e me pegue, seu canalha. — Com a arma apontada para frente, Gray se pôs de pé e correu. Correu em direção ao primeiro grupo de dinamite, torcendo para que o demônio seguisse.

Quando ouviu o sussurro de uma capa e sentiu o calor da respiração atrás desse pescoço, ele sorriu com satisfação.

Oh, sim. A porcariazinha o tinha seguido.

Enquanto Gray passava pela árvore, ele se jogou de lado e mirou a arma. *Boom!* A bala atingiu a dinamite. O fogo surgiu instantaneamente, e a árvore explodiu. A explosão ergueu Gray no ar, então o jogou ao chão, tirando o ar dos seus pulmões. Fez o mesmo ao demônio, e entre seus uivos de dor e fúria, choveram pedaços de madeira e folhas carbonizadas.

Ele o atingiu, Gray sabia, lutando para respirar, mas ele desacelerou?

Um odor acre e uma fumaça preta o cercou enquanto ficava de pé. Gray se lançou em uma corrida, diminuindo a distância entre ele e o segundo conjunto de dinamite. Furioso, o demônio seguiu outra vez, não mais brincalhão e zombeteiro, praticamente em seus calcanhares. A saliva gotejava de seus dentes muito brancos, afiados, e no pescoço de Gray.

Gray se virou e atirou. *Boom!* O segundo conjunto explodiu, iluminando as sombras com chamas laranja-douradas. Uma explosão de puro calor passou sobre ele; ele foi arremessado no ar novamente, mas dessa vez ele esperava por isso e atingiu o chão rolando. O demônio foi lançado em outro tronco de árvore, gritando de dor e ira renovada, rosnando maldições em um idioma que Gray não entendia.

Gray se ergueu e começou a correr.

Agora! A mulher gritava em sua mente. Atire agora!

Ele ainda não tinha passado o terceiro conjunto, estava bem na frente dele, na verdade. Se ele atirasse agora, poderia se tostar. Ele mirou e atirou de qualquer forma, jogando-se ao chão.

Boom!

O impacto o lançou para trás, e ele cobriu a cabeça com as mãos. Ondas de calor rolavam sobre ele, mais quentes que antes, queimando suas roupas, sua pele. Um *baque* alto, então uma respiração difícil ecoou em seus ouvidos.

Se erguendo do chão, Gray preparou sua faca. Ele correu para o demônio. O canalha tinha batido em outra árvore e agora lutava para se endireitar. Seus olhos brilhavam com um vermelho brilhante, estranho. Chifres se projetavam por todo o seu corpo escamoso. Sem parar para pensar, Gray ergueu o facão e atacou. O sangue espirrou.

O silêncio o saudou. O cheiro do enxofre apodrecido encheu o ar.

Permanecendo no lugar, Gray moveu seu olhar pela clareira. A fumaça estava mais espessa agora, mais pesada, e ondulava em torno das árvores restantes como nuvens raivosas. Pedaços de cascas e folhas continuavam a cair do céu. Seus óculos tinham caído em algum momento durante a luta, e seus olhos lacrimejaram. Suas narinas ardiam, mas acima de tudo suas articulações doíam.

Ele puxou a bandana de sua cabeça e colocou o material sobre o nariz, bloqueando o ar viciado, aquecido.

Você venceu? A mulher disse, com temor e alegria enlaçadas nas subcorrentes de sua voz. *Você ganhou mesmo.*

— Eu nunca duvidei disso, — ele mentiu. Sem qualquer sinal de emoção, ele estirou cuidadosamente cada vértebra de sua coluna, exercitando as torções e machucados. Ele estava ficando velho demais para essa droga.

Depois de recolocar o lenço de camuflagem na cabeça, ele chutou os pedregulhos até que encontrou o sistema GPS, seus óculos de proteção e sua mochila. Todos estavam queimados nas extremidades, mas essencialmente incólumes. Ele apertou a trava de segurança de seu revólver e o acomodou no coldre ao seu lado antes de prender a mochila sobre o ombro. Feito isto, ele limpou seu facão e o embainhou ao seu lado também.

— Agora, — ele disse, sabendo que a onda de adrenalina poderia minguar logo. Melhor terminar seus negócios com a mulher antes que ele caísse de exaustão. Ele se debruçou contra um tronco de árvore grosso e fragmentado e esfregou o ferimento pulsante em seu pescoço. — Vamos ter

uma conversinha você e eu, hein? Quero saber quem você é e onde está. Quero saber o real motivo por ter me ajudado. Por mais que odeie admitir isso, deve ter mais coisa nisso além de você gostar do meu visual.

Ela suspirou, o som pesado e longo. *Esta não é a hora.*

— Claro que é. — Paciência era para homens e padres velhos. Gray não era velho, e certamente não era um padre.

Vou contar tudo o que você quer saber. Depois.

— Isso foi o que você disse antes. E aliás, não estou certo de que gosto desse papel reverso que estamos levando. Mulheres amam falar e dividir cada detalhe de suas vidas. Homens não. Mas olhe pra nós! Eu quero falar e você está querendo me calar.

— Então? — ele falou quando ela ficou silenciosa. Ele passou de um pé para outro, não gostando de quão depressa ela perdeu seu timbre feliz.

Aquele era apenas o começo.

CAPÍTULO DOIS

Aquilo era apenas o começo.

A advertência ecoou pela mente de Gray, agourenta e negra. Uma tempestade malévola caminhava diretamente em sua direção. Ele esqueceu a necessidade de questionar a mulher, saber seu nome e suas razões verdadeiras para ajudá-lo.

— O que você quer dizer com era só o começo?

O perigo espreita por aqui. Você precisa alcançar a segurança das ruas.

— Que tipo de perigo?

Os outros demônios estão por perto e os vampiros também. Quando eles ouvirem sobre a morte de seu amigo, você será um homem caçado novamente.

Sua criança interior animou-se imediatamente, pensando: *Certo, eu vou explodir mais coisas.* Seu lado adulto gemeu em protesto, de repente muito cansado e muito dolorido para brincar mais, querendo apenas pegar seus brinquedos e ir para casa.

— Essa selva é um verdadeiro quem é quem da escória Atlante, sabia? — Como ele temia a descarga de adrenalina estava se dissipando depressa, as explosões e calor estavam acabando. Ele precisava achar um lugar seguro para descansar.

Por alguma estúpida razão, entretanto, ele não queria que a mulher soubesse o quão sem fôlego estava. Gostaria que ela pensasse nele como um homem forte e invencível. Então Gray manteve sua respiração lenta e controlada, os ombros alinhados e a expressão firme.

— Você pode me tirar desta selva? — Seus dedos fechados em torno do cabo do facão.

Norte. Você deve ir para o norte

Com os pés pesados, ele caminhou lentamente pelas cinzas, pedras e ramos até que encontrou um conjunto de árvores brancas. Elas balançavam como fantasmas. Ele não se lembrava de tê-las visto antes. Gray arrancou uma das folhas brancas, a voz sensual da mulher o guiando por elas. Logo encontrou um par de pegadas e percebeu que outra pessoa já havia tomado este mesmo caminho.

Aquelas são suas pegadas.

— Sem chances. — ele disse com descrença.

Dê uma olhada.

Gray se curvou e estudou as marcas na terra. Claras o suficiente. Elas combinavam com o tamanho e o tipo do sapato. Ele estacou. Ele havia estado aqui antes, mas obviamente pegara o caminho errado.

— Quão perto isto está da saída?

Você verá — ela riu.

Ele descobriu cinco minutos mais tarde.

Gray amaldiçoou-se em voz baixa. Ele estava na extremidade de um caminho de pedras que levava para longe da floresta. Tão simples. Tão fácil. A escuridão estava aumentando, mas sem as árvores densas que pairavam em torno da estrada, fitas do cristal da cúpula macia e dourada podiam brilhar livremente.

Com o rosto fechado, ele apertava o facão ao lado do corpo. Só levou três miseráveis dias, três explosões e uma maldita Mulher Invisível para conseguir sair.

— Eu poderia ter encontrado o caminho sozinho. — Gray murmurou para minimizar o orgulho ferido.

A mulher riu novamente, um som tão luxuriante e sensual que seu corpo imediatamente respondeu. Ela poderia tê-lo amaldiçoado com o inferno perpétuo e ainda assim ele sentiria desejo por ela. Estava duro por ela, seu corpo doía por não poder tocá-la. Ela soava *tão* sensual.

Gray não gostava de como se deixara afetar por ela tão depressa e facilmente. Não estava acostumado com isto, na verdade. Por mais que ele amasse e adorasse mulheres, por mais que apreciasse saboreá-las e mimá-las, elas é que sempre vinham para *ele*, que tinham que se esforçar para atrair *seu* interesse. Ele nunca respondeu com tanta potência a uma em específico. Existiam tantas para poder escolher.

A única maneira de você ter saído dessa selva sem mim, seria morto entre os dentes daquele demônio.

— Engraçadinha. — ele disse, achando graça contra sua vontade.

As criaturas nunca teriam encontrado você se não tivesse mergulhado naquele repelente de inseto...

— Você está brincando? Aquele repelente deveria ser sem cheiro.

Para insetos, talvez.

Ele parou de sorrir. Se o rótulo dissesse uma palavra, uma maldita palavra sobre atrair demônios e vampiros, ele nunca teria usado aquilo. Repugnado, Gray parou e bebeu de seu cantil, o frescor da água acalmando sua garganta seca.

— Para onde eu vou daqui? Eu preciso de comida quente — a barra energética em sua bolsa não o satisfaria desta vez — um banho e uma cama suave.

Uma mulher disposta também não seria má. De preferência a que estava espiando em seus pensamentos.

Ela limpou a garganta falando:

Sim, bem, siga por este caminho.

Ele riu e começou a se mover novamente. Talvez fosse loucura de sua parte confiar nela tão completamente, mas ele confiava. Ela salvou sua vida. Duas vezes agora.

Talvez fosse parte de um plano diabólico, mas Gray não se importava. No momento, ela poderia tê-lo levado diretamente para uma panela de guisado humano e ele teria ido de boa vontade.

Sua bota atingiu um grupo de pedras, que deslizaram adiante fazendo-o tropeçar. Gray se endireitou e esfregou o ferimento na coxa. Qualquer ação aumentava a dor no local.

Você precisa limpar isto, como também o seu pescoço.

— Assim que eu achar abrigo, eu usarei o kit de primeiros socorros em minha bolsa. — Não que o unguento anti-bacteriano fosse fazer qualquer bem. Ele o tinha usado por dois dias sem melhoras.

Você recebeu estes ferimentos ontem, não foi? Do vampiro?

— Sim.

E eles só pioraram? Isto não é bom. Não é bom mesmo.

Ele pegou o agouro subjacente na voz dela.

— Eu preciso me preocupar sobre me transformar em um fantasma sanguinário da noite?

Seu tom seco a irritou.

Você não deveria brincar sobre algo tão sério. Será que o demônio o mordeu ou arranhou hoje?

— Você está brincando? O bastardo apenas aproximou-se de mim.

Nenhum de nós tem razão para preocupação, então. Por agora. Você deve estar bem, apesar de seu ego monstruoso. — disse ela suspirando.

Ele estava cansado, entretanto. Deus, como ele estava cansado. Ele não mentia. Precisava de comida e cama assim que possível ou suas pernas não aguentariam. O banho e a mulher eram opcionais neste momento.

Um vento fresco flutuou passando por ele, gentil e bem-vindo, oferecendo um pouco de conforto para seus músculos duros. A escuridão estava quase completa, como uma tumba fechada, onde ele não poderia ver nada.

Estrada abaixo, ele notou um algo branco contra as sombras. Depois de um momento, Gray percebeu que aquele algo era uma pessoa, caminhando lentamente na mesma direção que ele viajava, só vinte passos à frente dele. Gray ficou tenso e agarrou sua arma, nunca diminuindo a velocidade da caminhada. Ele tinha duas balas remanescentes no pente.

Ele só iria precisar de uma.

Você pode descansar tranquilo, Gray. A ninfa não o aborrecerá.

— Ninfa? — Ele pausou brevemente, a palavra dançando por sua mente. — Uma ninfa real? Como uma fêmea com um potencial sexual tão alto que deixa seu companheiro em um coma de prazer?

Quando você ficará sério?

— Eu sou sério. Você a conhece? Pode nos apresentar?

Para sua informação, as lendas da superfície estão erradas. A maioria das ninfas são machos.

— Ela disse por entre os dentes.

Macho?

— Tá brincando!

Olhe mais de perto e veja por você mesmo.

E ele olhou, seu olhar sondando profundamente as costas da criatura, observando os pequenos detalhes. Ombros largos. Um andar masculino. Grandes pés que podiam ser vistos para fora da batinha da bata.

Um tremor passou por Gray, e todos os pensamentos de comas apazíveis desapareceram. *Aquele homem precisa morrer simplesmente por arruinar minha fantasia.*

Ele não será fácil de matar como o demônio. As ninfas são os maiores guerreiros da terra, mais fortes até que os dragões, entretanto eles nunca atacam primeiro. Desde que você o deixe só, vocês dois irão embora incólumes.

— Vou me lembrar disto. — Quanto mais próximo Gray estava da ninfa, percebia quão alta era a criatura. Mais alta do que ele, na verdade. Um feito surpreendente considerando-se que Gray tinha mais de um metro e noventa e normalmente pairava acima de todo mundo que encontrava. Mantendo sua arma pronta por via das dúvidas, Gray passou mantendo distância da criatura.

O imponente macho branco fez uma careta, olhando-o de cima, e acenou na frente de um rosto surpreendentemente feminino e bonito. Ele latiu algo em um idioma gutural.

— O que ele disse? — Gray perguntou assim que estava a uma distância segura.

Que você cheira a cinzas e a morte.

— Bem, não é que eu sou o garoto especial do dia? — Quase comido vivo e então aromaticamente insultado. Ele cheirou a si mesmo, e seus lábios se comprimiram. Certo, então ele *cheirava um pouco*.

Ele perscrutava profundamente as sombras, atento para sons de passos. Como sua companheira de mente predisse, a ninfa o deixou só.

Porém, Gray só relaxou a guarda vários metros a frente. Ele respirou profundamente e deixou seu olhar vagar. A beleza do lugar o deixou pasmo. O orvalho faiscava como gotas de diamantes sobre a folhagem verde brilhante. O sussurro das ondas criava um ritmo melódico, e o odor de abacaxi e coco perfumava o ar. Se aparecesse uma poltrona reclinável, um refrigerador carregado com cerveja gelada, e uma dúzia de dançarinas de hula — desnudas claro que — ele estaria no céu.

Você consegue pensar em alguma coisa além de mulheres e sexo?

— Claro que eu posso. — Ele saltou acima de uma pilha de pedras, sem tropeçar em nenhuma e continuou dizendo: — Por que você não tira todas as suas roupas e me diz quem é você e por que está me ajudando?

A princípio a reação dela foi engasgar, e ele teria dado qualquer coisa para ver sua expressão. Para *vê-la*. Ele suspeitou que ela estivesse corando. Seu rubor coloriria só suas bochechas, ou se espalharia, descendo ao longo de sua clavícula... dos seios?

Ele lutou contra o súbito nó na garganta.

Nós podemos discutir isso mais tarde — ela finalmente disse.

— Você continua a dizer isso, e para ser honesto, eu estou ficando um pouco cansado dessa história. Eu nem sei seu nome.

Silêncio.

— Um nome é uma coisa tão simples. Seguramente você pode dizê-lo.

Eu não posso.

— Sim, você pode. Abra a boca e deixe o som sair. Tente, eu sei que você pode fazer.

Não, eu realmente não posso dizê-lo a você. Porque, bem... porque eu não tenho um... — ela relutantemente admitiu, envergonhada.

Gray franziu o rosto, confuso. Não tinha um nome? Tudo e todo mundo tem um nome. Ela estava mentindo, talvez? Não, ele decidiu no instante seguinte. Sua vergonha era muito real. O que deixava a pergunta: Por que ela não tinha um nome?

— Por que eu não chamo você de *Baby*? É pequeno, fácil, e perfeito para você. — ele disse em vez de pressionar por mais detalhes.

Eu não sou uma criança — ela disse claramente ofendida.

— Em seu caso, a palavra significa quente e sensual.

Ok. — Ele imaginou seu sorriso sonhador. — *Ainda assim, eu acho que prefiro algo menos sugestivo. Você pode me chamar de... Desconhecida.*

— Agora é minha vez de tentar. — Ele riu. — Eu não vou chamar você por um nome que eu uso para mulheres mortas que eu não posso identificar.

Você pode me chamar de Jewel? — Ela suspirou.

Ele experimentou um espasmo de surpresa por ela ter escolhido *aquele* nome, uma vez que ele era a razão porque ele estava lá. Seria por isso que ela o escolheu? Ele suspeitosamente perguntou-se.

— Será Jewel, então. — Ele experimentou o nome na língua, saboreando seu gosto. Ele não via o rosto dela, mas alguém com uma voz tão sensual merecia um nome também sensual, e Jewel servia perfeitamente.

— Por que você me ajudou, Jewel? — perguntou Gray contornando uma pilha de pedras.

Ela exalou devagar.

Eu preciso de sua ajuda. — Ela soou defensiva. Insegura.

— Ajuda para o que?

Para me salvar. Eu fui encarcerada novamente e eu...

— Novamente? — Ele parou e a mochila bateu em sua espinha. — E por que diabos?

Por ser eu. Eu acredito que vocês moradores de superfície diriam que todo mundo quer um pedaço de mim.

A ponta de repreensão em sua voz o fez rir.

— Eu gostaria de ajudar você, baby, mas eu estou com pouco tempo agora.

Eu sei. — A amargura endureceu seu tom. — *Você está atrás da Joia de Dunamis.*

Os ombros de Gray tensionaram no momento em que ela falou. Oh, ele não estava surpreso que ela soubesse, afinal ela podia ler seus pensamentos. Mas ouvi-la dizer as palavras... Ele não queria ter que encontrá-la e silenciá-la (permanentemente) porque ela sabia de algo que não deveria. Ela poderia contar a alguém que não deveria saber.

Ele retraiu a respiração e disse lentamente:

— O que eu estou fazendo aqui não é relevante para você.

Eu posso levá-lo para a joia, Gray. Foi por isso que eu escolhi este nome para mim. Eu sou a única que pode levá-lo até ela.

— Por favor. Eu posso achar qualquer coisa, em qualquer lugar. É por isso que meu chefe me escolheu para esta missão. Além disto, eu trabalho sozinho. — Ele enunciou cada palavra, não querendo nenhum engano sobre sua recusa. — Sempre.

Você nunca achará a joia sem mim. Isto eu posso afirmar. — ela ainda persistiu.

Gray agitou a cabeça e sua bandana caiu sobre os olhos. Ele empurrou o material de volta ao lugar.

— Este pequeno bebê diz que eu posso — ele disse, batendo levemente o sistema de GPS enganchado em seu cinto, o ritmo quieto e o zumbido calmante.

Então foi o seu pequeno bebê que o ajudou a sair da selva? Este pequeno bebê o ajudou a derrotar um demônio? Deixe-me lhe dizer algo. Você, não navegará ou sobreviverá com sucesso a Atlantis sem mim. — Ela bufou.

Seus punhos se cerraram a lembrança — e a ameaça velada.

— Você diria qualquer coisa para conseguir o que quer.

Sim — ela respondeu honestamente, surpreendendo-o. — *Eu diria. Neste caso, porém, eu não estou dançando em torno da verdade. Nós precisamos de um do outro.*

Seus dentes trancaram-se em uma carranca, e ele chutou uma pedra grande com o pé, enviando-a caminho abaixo. Jewel poderia ter se provado confiável, mas ele preferia confiar só em si mesmo. Pessoas ficavam assustadas e faziam coisas estúpidas. O último companheiro EIE o abandonou ao primeiro sinal de dificuldade, deixando-o à mercê de um enfurecido ditador alienígena. Apenas a colaboração da Senhora Sorte o ajudou a fugir com vida. Isto, e um pacote de dois quilos de explosivos C4.

Se Jewel *era* o único caminho para alcançar a joia, ele precisava dela. Ponto final. Estaria desperdiçando um valioso tempo não a seguindo. E Gray odiava tempo perdido quase tanto como odiava se sentir desamparado.

Eu sinto o mesmo.

— Eu posso passar sem o comentário, — Gray disse a ela secamente.

Não esqueça que eu salvei sua vida. Duas vezes.

— Isto é discutível. — ele disse embora pensasse a mesma coisa momentos antes.

Se ela fosse com ele, Gray poderia ter certeza que ela não diria a ninguém sobre sua missão e o comprometesse. Mas e se ele a salvasse e ela convenientemente "esquecesse" de ajudá-lo a achar Dunamis, se ela tentasse prejudicá-lo ou o impedí-lo... Ele suspirou.

Eu nunca o prejudicaria.

Ele iria libertá-la, e sabia disto. Não havia nenhum sentido em discutir consigo mesmo. Ele a salvaria e a forçaria a ajudá-lo, se fosse necessário. E faria isto por razões que não tinham nada a ver com a voz de eu-estou-esperando-por-você-para-me-encontrar-e-transar-comigo.

Eu não estou!

Em vista da afronta dela, Gray perdeu um pouco de sua raiva. Para ser honesto, ele estava esperando ansiosamente ver Jewel e ouvi-la pessoalmente, para ficar face a face com a mulher que podia ler sua mente.

O caminho de pedras virava abruptamente à esquerda, onde estava mais claro. Ele acelerou o passo até que se viu novamente de volta à escuridão mais profunda. Adiante, a estrada se estendia por milhas.

Talvez ele ficasse sortudo e encontrasse inesperadamente uma sala de massagem.

— Eu tenho que caminhar por esta estrada inteira para chegar a você?

A princípio, ela não disse nada. Então:

Você vai me ajudar?

— Nós vamos ajudar um ao outro. Este não é o acordo?

Sim. Sim! Oh, obrigado. Você, não se arrependerá...

Alegria, choque e excitação irradiavam de suas palavras, e ele a imaginou dançando... onde diabos ela estivesse, vestindo nada além de um top de couro preto e um sorriso.

Outro surto de silêncio irrompeu, antes dela dizer irritada:

Eu estou vestindo uma bata longa e branca que me cobre da cabeça até o dedão do pé, se você quer saber.

— Um modo de arruinar a fantasia e fazer o Soldado Felicidade se esconder. — Ele tentou soar duro, mas sua diversão transparecia na voz. Ele nunca tinha se divertido tanto provocando uma mulher. — Eu acho que nós escolhemos o nome errado para você. Talvez você devesse se chamar Prudência.

Faça isto e seu soldado Felicidade receberá uma apresentação apropriada do meu joelho.

Uma risada rica e rouca escapou.

— Ah, Pru, você precisa se soltar um pouco. Ver as vantagens de ser má. Eu vou colocar isso na minha lista de coisas a fazer.

Sim, bem, você pode estar aqui em dois dias — ela disse, mudando de assunto.

— Dois dias? — Ele não poderia suportar outros dois dias naquele buraco do inferno.

Vá em direção daquela colina distante, passe pela fazenda de ovelhas...

— Acima do rio e pelo bosque, então abaixo até estrada de tijolo amarelo. Eu sei. — Ele exalou. — Uma coisa de cada vez, baby. Uma coisa de cada vez.

Talvez dois dias não fossem uma coisa tão ruim. Daria a ele uma chance de descansar e recobrar sua força.

— Eu ainda estou precisando daquela comida quente, de banho e cama macia.

Oh, sim. Claro. A fazenda de ovelhas tem tudo que você precisa.

Três horas mais tarde, a escuridão minguiu e Gray alcançou a fazenda. Ele verificou o perímetro da fazenda e descobriu o dono adormecido em sua cama. O homem/coisa possuía a metade de cima de um humano, e a metade inferior de um cavalo, completo com rabo e cascos. Meu Deus.

Não o machuque, por favor.

Caladamente Gray retirou uma arma tranquilizante de sua mochila e atirou no pescoço do homem-cavalo. A criatura estremeceu e então parou completamente. Aquele era o único tranquilizante que Gray havia trazido, e ele odiou ter que usá-lo agora. Neste momento, porém, teria injetado no seu próprio pai se isso significasse comer comida quente sem interrupção.

Gray se assegurou que a criatura não acordaria por horas, e andou a passos largos até a cozinha e soltando sua mochila no chão de madeira recentemente polida. O lugar o lembrou de uma cabana rural, completa com as camas de palha, madeira em chamas no fogão, e cheiro fresco de comida caseira.

Ele encheu uma bacia de barro com a água, tirou a roupa, e lavou-se da cabeça aos pés, tomando cuidado com os ferimentos. Ele trataria os machucados com unguento antibiótico e colocaria bandagens neles.

Seja mais gentil, por favor. Você está me embaraçando.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você pode me ver?

Só por seus olhos.

O quão afetada ela soou, ele pensou, sorrindo, logo antes de olhar para baixo. Ela ofegou.

— Eu acho que o General Felicidade gosta de você. — Ele riu.

Sim, bem... eu pensei que seu... Seu.. .nome fosse Soldado.

— Ele parece estar no comando ultimamente, então ele está subindo na hierarquia. Conseguiu uma boa promoção. — Sua garganta se fechava a medida que ele lutava para conter suas gargalhadas.

— Deseja que eu olhe para baixo novamente?

Ela permaneceu muda, e seu sorriso cresceu.

Limpo afinal, ele reparou em seu uniforme de serviço enlameado. Gray odiou a idéia de vestir roupas sujas, especialmente agora que estava limpo, mas não as deixaria para trás. Depois que ele devorou uma tigela de fruta e nozes e um prato de um tipo de torta de carne, Gray surrupiou uma bata azul real e uma toga amarela do armário da criatura. Ele deslizou a primeira acima de sua cabeça e empurrou a segunda na bolsa.

— Por que centauros vestem batas?

Eles não vestem. A roupa é para as sereias que os visitam.

Sereias. As mulheres que atraíam homens para a morte cantando. Claro. Ele deveria ter sabido.

Você pode dormir aqui. O centauro não se importará.

— Eu prefiro encontrar um lugar no bosque.

A solidão era sempre mais segura. Gray viu um pedaço longo de corda e guardou-o em sua mochila.

— Ele não teria balas abandonadas por aí, não é?

Não. Nenhuma bala.

— Não faz mal perguntar.

Gray caminhou de volta para o caminho de pedras, sentindo-se mais energizado do que se sentia em dias. A escuridão continuava se dissipando, cedendo lugar para um brilho dourado claro. Flores abriam suas pétalas, atapetando o chão com todas as sombras de pastéis, da lavanda mais pura, para o amarelo mais delicado. Árvores balançavam com vida renovada.

Ele viu várias pessoas com batas, seus rostos cobertos por capuzes. Novamente, seu primeiro instinto foi o de arrancar a faca e atacar.

As sereias são tão inocentes quanto as ninfas. Simplesmente bloqueie as vozes delas de sua mente.

Gray andou a passos largos passando o pequeno grupo, e seu olhar encontrou o olhar de uma

mulher. Ela era bonita de um modo delicado, com pele pálida e olhos verdes musgosos. Apesar de sua beleza, ele não sentiu nenhum fragmento de atração em relação a ela. Ela abriu sua boca para falar com ele, e Gray acelerou o passo para não deixar que a sensualidade da voz o levasse à morte.

Quando eles estavam fora do alcance de sua audição, Gray disse para Jewel:

— Você me disse que todo mundo aqui quer um pedaço seu. Por quê?

Eu sou especial — ela disse evasiva.

Gray abriu a boca com intenção de pressioná-la por mais detalhes, mas acabou desistindo. Ela soava tão abandonada, tão perto das lágrimas, e ter percebido estas coisas o deixou desequilibrado por alguma razão. Torceu seu estômago em vários laços dolorosos. Apertou seu peito. Ela tinha sido destemida e corajosa até agora.

— Eles machucaram você? Estas pessoas que a mantêm cativa?

Eu não quero falar sobre isso. — a voz dela oscilou.

O que significava que sim, eles a machucaram. Uma onda de fúria passou por ele, quente e devastadora. Gray fez muitas coisas condenáveis em sua vida, todas em nome do patriotismo, mas ele nunca machucou uma mulher. Ele faria se fosse necessário, sim, tinha até considerado silenciar Jewel sozinho, mas não gostava da idéia de qualquer outro a machucando. Ela parecia suave e delicada para ele, precisando de alguém que a protegesse. Qualquer um que machucasse uma mulher assim merecia a dor. Dor prolongada e torturante.

Ele já havia decidido libertar Jewel de sua prisão, mas sua determinação se intensificou, alcançando novas alturas. De forma alguma ele iria abandoná-la agora. Ele a salvaria ou morreria tentando.

Você não cometerá nenhuma insanidade se arriscando. Prometa-me.

— Claro que eu não irei fazer. Você pode ter esquecido, mas eu sou invencível.

Sim. Claro.

Outra hora se passou, esta em silêncio com cada um deles envolvidos em seus próprios pensamentos. O tempo todo Gray subia uma montanha íngreme, perigosa, rapidamente perdendo sua energia.

Finalmente — Deus, finalmente — Jewel articulou as palavras mágicas que seu corpo exausto queria ouvir.

Você estará seguro aqui.

Gray imediatamente lançou sua bolsa ao chão e montou acampamento. Apenas quando ele já estava deitado no saco de dormir com a toga roubada servindo como travesseiro, Gray se permitiu olhar ao redor. Ele estava empoleirado sobre a borda mais alta da montanha, de onde se tinha uma vista empolgante de árvores e flores, e uma cachoeira que brilhava como pérolas líquidas. A água era tão clara que ele podia ver o musgo no fundo.

Pássaros exóticos com penas brilhantes e coloridas voavam rapidamente ao redor dele, chamando um ao outro com trinados de alegria e choro. Esta era, possivelmente, a visão mais bonita ele já tivera.

Acima dele estava a cúpula curvada de cristal, estava tão próxima que ele só tinha que erguer as mãos para alcançar e tocar a brilhante instalação. A água do mar batia em todas as direções, espirrando de um lado a outro antes de voltar.

Eu advertirei você se alguém se aproximar. Durma bem, Gray.

— Eu não me permitirei dormir profundamente. Eu quero saber se alguém se aproximar de mim.

O que for melhor para você.

Uma melodia suave ecoava por sua mente, Jewel cantava com a voz suave empurrando-o para o sono profundo.

Suas pálpebras estremeeceram contra o brilho do amanhecer, e ele bocejou. Por que lutar contra

isso? Lentamente Gray se rendeu ao sono, mas antes de adormecer completamente um pensamento cruzou sua mente: Se hoje foi só o início, chegar ao final iria ser um passeio dos infernos.

CAPÍTULO TRÊS

— Do paraíso direto ao purgatório, — Gray murmurou enquanto caminhava através de uma densa, falante multidão de... pessoas. Ele usou esse termo livremente. Ao redor dele fluíam com tranquilidade homens com rosto de touro (com pelos reais!), as mulheres com pele que irradiavam calor e reluziam — e que também se vestiam com batas curtas e semi-transparentes com mais decotes que um pôster da Playboy (que ele só olhava por causa dos artigos). Elas o lembravam das sereias que ele encontrou ontem à noite, bonitas e delicadas.

Ciclopes gigantescos com um olho só faziam o chão vibrar quando caminhavam, e grifos, metade leão, metade pássaro, corriam de quatro, rosnando e mordendo uns aos outros, abanando os rabos. Acima, pássaros voavam — não. Não eram pássaros, ele percebeu. Eles possuíam rostos grotescamente disformes, com torsos de mulher, seios grandes — muito grandes, e o corpo de um pássaro. Garras, asas e tudo. Harpias, isso que elas eram. Com lindos seios. Ele os tinha mencionado antes?

Era realmente triste que pássaros fêmeas conseguissem excitá-lo. Talvez estivesse na hora de renovar a assinatura da Playboy. Pelos artigos.

Existiam alguns centauros, metade homem, metade cavalo como o pastor de ovelhas, e cada um deles carregava um longo e espesso porrete. Um punhado de crianças com chifres passou por ele, lançando pedras umas nas outras à medida que corriam.

Jewel o tinha conduzido montanha abaixo até esta — o que quer que fosse isto. Cidade? Feira de aberrações? Ele já havia contatado a base, e agora agarrava sua faca, cuidadosamente dentro das dobras de sua bata para manter o metal escuro escondido. O calor emanava da cúpula de cristal acima como uma faixa de borracha muito apertada, pronta para rachar e quebrar ao primeiro sinal de pressão. Mesmo assim, ele estava contente com sua bata e capuz. Essa roupa o misturava a multidão muito bem. Se alguém estivesse sentindo seu sangue humano, não existia nenhum indício.

Você conseguiu, Jewel disse ofegante de excitação. *Você realmente conseguiu.*

A última palavra foi apenas um sussurro. Quanto mais perto ele chegava desta área, mais desesperada ela se tornava para ele chegar até ela.

— Finalmente, — ele murmurou. — Onde eu estou? — Uma brisa salgada passou por ele, balançando seu capuz ao redor do rosto. *Isto é a Central agora — mercado — da Cidade Exterior.*

Só então ele notou os comerciantes vendendo sua mercadoria. Linhos brilhantes, joias cintilantes e—escravos. Seus olhos se arregalaram. Um homem com escamas verdes em vez de pele e olhos com bordas vermelhas estava parado em frente a uma linha de humanóides desnudos, gritando sobre as vantagens de comprá-los, ele apostava. O que ele não daria para falar Atlanteano. Os escravos eram bem musculosos e estavam cobertos com sujeira e marcas de chicote, e em cada um se notava uma expressão de desânimo, bochechas murchas de humilhação enquanto olhavam fixamente

para chão.

Gray apertou e relaxou as mãos, apertou e relaxou. Ele queria cortar aquilo que os prendia, ou pelo menos tentar salva-los, mas isso não era sua missão e ele não tinha condições de atrair tanta atenção. Talvez, depois que ele encontrasse Jewel, ele retornaria por eles.

Esses homens são estupradores, assassinos e ladrões.

— Então eles merecem o que recebem — ele disse, perdendo todos os rastros de piedade. Gray deu as costas e foi embora.

O odor de carne fresca e succulenta penetrou em seu nariz, e sua boca encheu de água. Tendo comido só uma decente refeição, nos últimos cinco dias o resto sendo frutas, nozes, e insípidas barras energéticas, ele realmente desejava um bife, com uma grande batata assada ao lado.

Com uma garçonete sexy servindo, eu aposto.

— Você entendeu direitinho.

Ela bufou. *Já que os dragões controlam e protegem a Cidade Interior, exilados, as raças mais sanguinárias ficam nesta área. É por isso que todos por aqui carregam uma arma. Ninguém confia em ninguém.*

Gray intensificou sua guarda. Ele até deixou sua bata escorregar de seu pulso, revelando seu longo facão. Jewel estava certa. Todos também carregavam uma arma, e eles não tinham medo de mostrá-las. Ele se distinguiria dos demais se não deixasse seu facão visível.

Alguém o empurrou enquanto passava por ele, esbarrando na mochila que estava escondida debaixo de sua bata, o fazendo tropeçar. Ele rosnou, levantou o facão, pronto para atingir, mas o homem com rosto de touro, não se virou para atacar.

Siga-o. Ele o conduzirá até mim.

Gray acelerou seu passo, acotovelando as pessoas em seu caminho, até alcançar um alto portão de pedra, e em direção a um castelo de cristal negro do chão até à cúpula. Seu olhar permaneceu sobre o homem com rosto de touro. Antecipação percorria seu estômago, então depressa se espalhou por suas veias.

Esta manhã ele finalmente admitiu para si mesmo que seu desejo de encontrar Jewel tinha menos haver com sua missão, e mais com querer vê-la pessoalmente. Mais que qualquer outra coisa, ele queria salvar esta mulher que tinha sido sua única companhia por dois dias.

— Onde você está? — Ele murmurou silenciosamente, não querendo que as criaturas a sua volta ouvissem sua língua estrangeira.

Eu estou no topo dos degraus do palácio. Se apresse, Gray, por favor, venha rápido. Eu só ficarei aqui alguns momentos mais. Eu quero ver você, e saber que eu não estou sonhando. Que você realmente está aqui.

Ele finalmente alcançou o homem-touro e o empurrou para fora de seu caminho. O suor percorria cada polegada de sua pele, gotejando e molhando sua bata. Ele preferia segurar sua arma de fogo, mas não havia muito que duas balas pudessem fazer com uma multidão deste tamanho. Já que ele não havia usado as granadas, ainda as possuía, e as usaria se necessário. Ele só esperava que não se chegasse a esse nível de destruição.

Várias criaturas murmuravam enquanto ele continuava ombro a ombro tentando se aproximar do castelo. Quase lá. Ele a veria a qualquer momento...

— Contra quem eu devo lutar, Jewel? Você nunca me disse. — Enquanto falava, ele esquadrihava a área, procurando por quaisquer sinais de problemas. Procurando por ela. Alguém se colocou diretamente em seu caminho, e ele se chocou contra as costas do homem, empurrando-o. Mas que droga! Esta multidão nunca vai se apartar? Ele nunca alcançaria os degraus?

Eu posso sentir sua presença.

Estranhamente, ele podia sentir a dela também. Uma energia morna, feminina pulsava intensamente dentro dele aumentando a cada passo que ele tomava. Mais rápido, mais rápido, ele andou com passos largos, só então ele percebeu que ela não respondeu sua pergunta.

E então, ele esqueceu sobre sua necessidade de respostas.

Ele estava lá, de pé em frente à multidão, seus pés alcançando o degrau. Ele parou, mas seu olhar ainda se movia, perambulando, procurando, subindo pela suja, ensanguentada escadaria. Onde ela estava? Seu coração martelando dentro de seu peito, quase rachando suas costelas de tanta ferocidade. Ele não conseguia vê-la.

O centauro ao lado dele apontou para o topo esquerdo e sussurrou algo para sua companheira. Gray desviou sua atenção — e inspirou profunda e chocadamente.

Ali estava ela.

Ele soube que aquela era ela, ele sabia que ela era Jewel. Ela era maravilhosa, a mais maravilhosa mulher que ele já colocou o olho em cima. Uma maravilhosa mulher amarrada, e ver seus braços amarrados acima de sua cabeça, e as cordas que a prendiam em uma coluna alta, irritou Gray profundamente.

Uma bata primitiva caía drapejante pelo seu corpo esbelto, com um nó em seu ombro direito, e outro logo abaixo de seu estômago. O longo material estava pendurado livremente, mostrava suas curvas enquanto ondulava contra seu corpo. Um sedoso e liso cabelo negro cascadeava pela suas costas, um contraste surpreendente contra sua roupa branca, virginal. Mesmo de longe, ele podia notar sua pele cremosa, sem defeito, uma pele que parecia brilhar como pérola.

Seu estômago se contraiu — junto com o resto dele. De raiva por vê-la amarrada. Estimulado por simplesmente vê-la. Seu rosto era tão suave e puro quanto o antigo camafeu de sua mãe. Não classicamente bonita, mas de alguma maneira primorosa, ele se doeu simplesmente de olhar para ela. Os lábios dela eram cheios e rosados, e com um biquinho de mau humor delicioso.

Ela lhe era familiar, mas ele não sabia onde a tinha visto antes. Ele só sabia que já a tinha visto em algum ponto de sua vida. Como isso era possível?

Um homem com uma bata negra se ajoelhou na frente dela, e sua cabeça se curvou. Muito ocupada procurando por Gray, ela o ignorou.

— Eu estou aqui, — Gray sussurrou. — À sua esquerda. — Ela levantou o queixo e girou em sua direção. Seus olhares se encontraram.

Ele inspirou novamente, queimando seus pulmões com tanta força que ele chiou. Os olhos dela eram grandes, tão grandes que dominavam seu rosto, e eram incrivelmente azuis. De um surpreendente azul. Um azul sobrenatural. Uma sombra tão clara e profunda que ele poderia facilmente perder sua alma em suas profundezas — e agradecer-lhe-ia a perda. Aqueles olhos o hipnotizaram.

— Meu Deus, — ele disse, incapaz de segurar as palavras.

Seus lábios como um botão de flor se ergueram em um sorriso deslumbrante, e aquele sorriso o balançou, quase o fez cair. Os dentes dela eram alinhados e brancos. Perfeitos.

Você é bem mais bonito do que eu pensava.

E ela muito mais adorável do que ele imaginava.

Ele observou enquanto um escamoso e amarelo braço a alcançou e a cutucou no ombro. O sorriso dela se enfraqueceu depressa, *Eu sinto muito. Eu tenho que terminar meu trabalho diário.* Ela mudou sua atenção para o homem ajoelhado. Seus lábios rosados se moviam enquanto ela falava com ele, mas Gray estava muito longe para ouvir o que ela dizia.

Ela fechou os olhos, e pausou por um longo momento, então depois de um tempo falou um pouco mais. O homem foi empurrado e arrastado para longe, soluçando de alívio.

Gray estreitou os olhos, seu temperamento começando a aparecer. O que estava acontecendo aqui? Ele procurou estudar os pequenos detalhes que tinha deixado de observar na pressa de ver Jewel. Um trio de guardas-demônio permanecia atrás dela. Dois chifres pequenos, afiados e pontudos saíam de cada de seus escalpos. Com narizes bicudos, uma pele escamosa amarelada. Os vermelhos olhos malignos encaravam a multidão. Nenhum deles estava armado, entretanto, eles não precisavam de armas. Gray sabia por experiência própria que demônios contavam com uma força e velocidade

superiores, como também com dentes afiados como navalhas para se defender e atacar.

Uma onda de choque se espalhou pelo corpo de Gray quando ele entendeu exatamente o que estava acontecendo. Isto era o que Jewel queria dizer quando disse que era só o início. Ela precisava dele para salvá-la de um exército de demônios. Certo. Nenhum problema. Não importava.

— Quantos eles são?

Ela não precisou explicar. *Mais que eu consigo contar. Eu posso fazer um plano de fuga para nós, mas eu preciso esperar até que eu esteja só.*

Gray não estava certo de que ele tinha poder de fogo o suficiente para enfrentar um exército tão grande. Mas que droga, ele estava aqui, e ele não partiria sem Jewel. Ele também sabia que não esperaria Jewel fazer o plano de fuga. Esta era uma das especialidades de Gray.

Um guarda cortou as cordas que a prendiam, e ela afundou em um monte no chão. Gray se adiantou para correr e tira-la de lá, mas ela foi rapidamente arrastada para cima e levada para dentro do castelo.

— O que está acontecendo? Para onde eles estão levando você?

Silêncio.

— Jewel! — Ele gritou, não se importando em ser ouvido. — Me responda. — Novamente, silêncio.

Que droga! Ele não gostava disso. Não gostava de não saber. Não gostou do sentimento de abandono que se espalhou por todo seu corpo.

A multidão começou a dispersar, ele se encontrou sozinho, olhando fixamente para o castelo negro com olhos estreitos. Gray soltou um suspiro quente.

— Prepare-se, querida. Eu estou entrando.

— O que você sabe sobre um portal que leva de Atlantis para o mundo de superfície?

Da extremidade da cama, Jewel piscou para Marina, Rainha dos Demônios, e rezou para que sua expressão permanecesse inalterada.

— Um portal? — Ela pronunciou as palavras como uma pergunta, entretanto ela sabia a resposta.

— Darius dos Dragões tomou uma noiva humana. Eu ouvi que a mulher veio a ele por um portal localizado abaixo do palácio dos dragões. — Mariana tinha os braços cruzados, e ela tamborilava suas longas e afiadas garras contra seus pesados antebraços. Um odor de enxofre emanava dela.

— Você passou muitos anos entre os dragões, então você deve saber se o portal existe. Ele existe?

Mentir, para Jewel, trazia grande dor física. Ela não sabia por que, ela só sabia que acontecia. Uma dor horrível, agonizante. A informação que Marina queria não era a informação que Marina precisava. Se Jewel dissesse a verdade, coisas ruins aconteceriam com os dragões, uma raça de criaturas que ela adorava. Mas se ela mentisse, coisas ruins aconteceriam com ela.

O silêncio não funcionaria. Como sempre, Marina ameaçaria matar um inocente para todo minuto que Jewel permanecesse em silêncio. Ela simplesmente teria que enganar Marina fazendo-a acreditar em algo diferente.

— Você realmente acredita que um guerreiro frio e impiedoso como Darius em Kragin, Rei dos Dragões, discutiria um portal secreto comigo, sabendo que eu, um dia, seria roubada dele?

Marina nivelou e estreitou o olhar em direção a Jewel.

— Eu sei o que você está fazendo, menina. Respondendo com uma pergunta, suas palavras nunca serão mentiras. Desta vez, você me responderá com um sim ou um não. Entendeu?

— Sobre o que eu menti? — Ela disse, erguendo as mãos. — Darius é conhecido por toda essa

terra como um guerreiro cuja única alegria é matar. Histórias sobre as mortes que ele infligiu são abundantes. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Esta não é a informação que eu queria de você, e você bem sabe disso. Eu perguntarei uma vez mais, e não me responda com generalidades e mal entendidos ou você sofrerá por isto. Darius discutiu sobre o portal com você? Especificamente, — Marina adicionou, — um portal que leva de Atlantis para o mundo da superfície.

Jewel franziu as sobrancelhas, medindo suas próximas palavras muito cuidadosamente.

— Eu posso dizer honestamente a você que ele nunca, de boa vontade, forneceu tais informações para mim.

A rainha grunhiu baixo em sua garganta, e o som ondulou ameaçadoramente pelas paredes. Marina caminhou, com os punhos fechados em seus lados. Sua bata límpida, transparente revelava todo o desenho de seu corpo, todos os proeminentes chifres das suas costas. Suas escamas verdes e amarelas pulsavam, e seus olhos ardiam em vermelho resplandecente.

A mulher era pura maldade.

— Você se acha tão esperta, — ela murmurou. — Você já viu um portal?

— Eu nunca vi um portal com meu olho físico.

Ela parou subitamente, compreendendo o que Jewel queria dizer. Infelizmente.

— Isso quer dizer que você viu um com sua visão?

Tentando novamente conduzir Marina para um caminho diferente, ela disse:

— Se eu tivesse visto um portal em uma de minhas visões, você não acha que eu teria feito o que fosse necessário para retornar aos dragões? Para achar e entrar no portal? Eu estou cansada de ser roubada de um líder para outro. Eu adoraria entrar no mundo da superfície e me perder em suas multidões.

— Uma vez mais você se recusa a responder o foi dito. — Ela grunhiu. — Por causa de sua recusa, um dos prisioneiros que seria libertado hoje será encontrado e morto. Este será seu castigo. Agora, você se importa em reformular sua última resposta?

— Por favor. — Jewel disse suavemente. Remorso, desesperança, e raiva se espalhavam pelo seu corpo. De todos os caminhos que tinham de ser controlados, este era o pior. Sabendo que as vidas dos outros, seus sofrimentos, envolviam a sua. — Por favor, não faça isso.

— Eu considerarei isto como outra recusa. Dois morrerão esta noite. E saiba disto, pequena escrava. Você não tem que se preocupar sobre ser roubada novamente porque eu planejo manter você por toda eternidade. Se esta eternidade será para você como se você estivesse em Olympus ou inferno, isto é com você. Pense nisto, e nós falaremos novamente de manhã. — Marina saiu do quarto, fechando violentamente a porta atrás de si.

A ameaça pairava no ar muito depois que ela se foi, e um tremor de medo percorreu Jewel. Marina sempre encontrava uma forma de conseguir o que queria. Jewel queria chamá-la de volta, mas pressionou os lábios juntos. O conhecimento que ela tinha poderia destruir todos em Atlantis.

Jewel se pôs de pé e caminhou até o final de seu quarto. Ou melhor, prisão. Uma prisão em que transbordava tudo que uma mulher podia desejar. Travesseiros felpudos deixados sobre uma cama forjada de ouro; um brilhante tom de safira e esmeralda tingia o tapete de pele de cordeiro que adornava o chão de mármore. Uma grande e aquecida banheira, telas e esculturas, e uma mesa repleta com comida de dar água na boca. Tudo que estava aqui, servia para mantê-la ocupada, manter seus pensamentos longe de fugir.

Ela poderia vangloriar-se de seu quarto e o que ele oferecia se lhe fosse permitida um pouco de liberdade. Ao invés disso, a rainha a mantinha trancada lá dentro. A Jewel só era permitido sair para presidir o tribunal com os supostos inimigos da rainha, onde Jewel os julgava amigos ou inimigos. Oh, ela tentou escapar. Muitas vezes. Ela sempre falhou miseravelmente — e outros ainda tinham sido castigados pelos seus esforços. Apesar disso, ela ainda mantinha uma maleta escondida e pronta, por via das dúvidas, se uma oportunidade surgisse.

"Por via das dúvidas realmente poderia ser hoje à noite", ela pensou com um lento sorriso. Gray prometeu vir por ela, para salvá-la. Ela precisava planejar a rota de fuga deles. Deveria ter feito isto já, mas não teve tempo.

Não existia nenhuma janela aqui, mas ela sabia que a escuridão já tinha caído, pelos sentinelas que marchavam do lado de fora de sua porta. As botas deles batiam de encontro ao chão, misturando com o som dos passos de Jewel. Sua bata de seda branca batia de encontro aos seus tornozelos, tão delicada quanto nuvens.

Prepare-se, querida, Ele disse. Eu estou entrando.

Em cada passo, as palavras de Gray ecoavam em sua mente, trazendo com elas uma riqueza de emoção: alegria, excitação, esperança. Sua chegada parecia muito maravilhosa para ser verdade. Por quanto tempo ela esperou por este dia?

A resposta era simples. Sempre. Ela sempre esperou por ele.

Ele será machucado.

A advertência de repente ecoou por sua mente com a força de uma tempestade, rodando e batendo, consumindo. Sua alegria e excitação foram imediatamente substituídas pelo medo. Seus olhos arregalaram de horror. Oh meus deuses, o que eu fiz? Suas premonições nunca estavam erradas, *nunca*. Se Gray invadissem este palácio, ele seria ferido. O conhecimento agora queimava dentro dela tão quente quanto chamas, e ela cobriu sua boca com uma mão trêmula.

E se ela o tivesse conduzido à morte?

Se alguma coisa acontecesse com ele, ela nunca se perdoaria. Os demônios eram uma raça maligna, sempre felizes em matar e mutilar. E agora, com o conhecimento dos portais aparentemente se espalhando, a rainha dos demônios precisaria desesperadamente da ajuda de Jewel. Ela não hesitaria em matar Gray do modo mais doloroso possível. Uma maré violenta de apreensão passou por ela.

— O que eu fiz? — Ela sussurrou entrecortadamente.

Ela nunca devia ter conduzido Gray até ali, não importava o quão desesperadamente ela precisasse dele. Os demônios cheirariam seu sangue humano. Eles achariam Gray e rasgariam a carne de seus ossos.

As consequências de sua atitude tomaram conta de seus pensamentos. Jewel esfregou uma das mãos em sua fronte e fechou os olhos por um momento. Uma escura e perigosa tempestade ameaçava inundá-la e afogá-la. Era ela a responsável por isto. Ela devia ter imaginado isso, ela pensou, rindo amargamente. Ela de todas as pessoas devia ter pensado melhor antes de pedir a alguém para ajudá-la. Especialmente Gray.

Ele sempre tinha sido uma parte de sua vida. Suas mais antigas memórias estavam preenchidas com imagens dele; ao longo de sua vida, ela teve visões dele, de seu caminho de criança até homem, das suas travessuras com seus irmãos. De suas missões matar-ou-morrer. De suas numerosas — muito numerosas, no seu modo de pensar — mulheres.

Muito simplesmente, ela sempre o amara.

A imagem dele se formou em sua mente, entretanto a imagem não a acalmou como sempre fazia. Seu medo aumentou. Um homem maravilhoso alto e forte, ele era tão musculoso quanto um selvagem guerreiro. Ele tinha um cabelo louro pálido, e olhos azul-cinzentos cobertos por pestanas negras pontiagudas, e eles brilhavam de vida e vitalidade. Ele realmente emanava isto.

Os lábios dele eram de um rosa luxuriante, como os de uma mulher, mas perfeitos em suas másculas feições, suavizando as extremidades ásperas de seu rosto, que fornecia um sorriso completamente arrogante, que prometia prazer absoluto. Por anos ela imaginou aqueles lábios por toda parte ela, saboreando, sugando...

Um calafrio percorreu a espinha de Jewel. O corpo dele era uma obra de arte, bronzeado e cheio de músculos e algumas cicatrizes. Tantas vezes ela desejou de alguma forma percorrer a vasta distância entre eles e tocá-lo. Percorrer com seus dedos o corpo dele e se assegurar de que ele era real, de carne e sangue, não uma invenção exótica de sua imaginação.

Como se ela precisasse de outra razão para escapar das criaturas desta terra, sua conexão com Gray a fornecida com uma. Tendo observado-o e as pessoas de seu mundo por tantos anos, ela sabia seu idioma, suas atitudes, e seus humores. Ela não fazia isso do propósito, os deuses sabiam, mas ela se adaptou ao estilo de vida deles ao invés do seu próprio.

Ela sabia que Gray um dia iria entrar em Atlantis, e ela devia ter resistido ao desejo de conduzi-lo até ela. Ela tinha tolamente permitido que seu desejo pela liberdade, seu desejo de aprender sobre si mesma, e suas habilidades, e sobre seu pai, preenchessem suas ações e pensamentos. Mas mais que tudo isto, ela simplesmente queria vê-lo. Ver Gray.

Ela tinha que fazer alguma coisa, qualquer coisa, para impedi-lo de entrar no palácio. Ela encontraria uma forma de escapar sozinha.

Ela fechou seus olhos, apertou seus lábios, e lutou contra um tremor de remorso.

— Eu mudei de idéia, Gray, — ela disse, projetando sua voz na mente dele. — Não entre neste palácio. Somente... Vá para casa. Vá para casa e esqueça sobre Dunamis. Esqueça sobre mim.

Ele não respondeu, mas ela sabia que ele a escutava.

"Gray!" Ela gritou. "Me responda."

Não agora, Jewel.

Sua voz rude ecoava dentro da mente dela, e este foi o som mais lindo que ela já ouvira.

Frustrada pela falta de preocupação dele, ela cruzou seus braços sobre o peito.

— É bom você estar fazendo as malas *agora* e se retirando.

Até parece.

— Eu estou me designando como sua oficial comandante, e eu ordeno a você para ir para casa.
— A única resposta de Gray foi uma irrisória bufada.

— Você me ouviu, soldado? Eu disse a você para aban...

Boom!

Ela arfou e caiu no chão, a explosão balançou até a fundação do quarto. Seu coração falhou uma batida; Seus ouvidos zuniam... e este zunido se misturou ao som de gritos demoníacos e passos apressados.

Gray estava aqui. Que droga! Ele estava aqui.

— Onde está você? — Ele gritou.

Endurecida de fraqueza, horror e medo, ela emitiu em tom áspero.

— Não entre no palácio, Gray. Trazer você aqui foi um engano. Você será machucado!

Eu chegarei até aí mais rápido, se você me disser. Caso contrário, eu acabarei vagando por estes malditos corredores e procurando você em todo maldito quarto.

Muito tarde para mandá-lo embora — ele já estava do lado de dentro. Como ela poderia protegê-lo? Tremendo no âmago de sua alma, ela rapidamente explicou as direções.

— Tome cuidado, — ela sussurrou.

Sempre.

Com os membros tremendo, ela se levantou. *Nada aconteceria com ele, nada aconteceria com ele, nada aconteceria com ele.* Ela o protegeria, de alguma maneira, de alguma forma.

Um nó se formou em sua garganta, e centenas de pontas afiadas se retorciam em seu estômago. Ela sabia o que fazer. Segundos se passaram sem uma palavra dele. Ela desejou gritar para ele, perguntar para ele onde ele estava e o que ele estava fazendo. Com muito medo de distraí-lo, ela permaneceu muda. Ela meramente permaneceu no centro de seu quarto, impotente e torturada de culpa e preocupação.

Minutos se passaram.

Muitos mais minutos se passaram, ficando mais longos e mais torturantes. Outra explosão balançou o palácio.

Jewel agarrou o pé da cama, se mantendo em pé. Seu sangue corria frio e quente, alternando entre os dois enquanto os demônios silvavam e se lamentavam além de sua porta. Seus membros tremiam violentamente.

— Por favor, deixe que ele sobreviva. — ela rezou. — Traga-o para mim são e salvo.

Os deuses não responderam, entretanto, eles nunca o fizeram, preferindo ao invés fingir que as pessoas de Atlantis não existiam.

Fique longe da porta, Jewel.

Os olhos dela se arregalaram, a medida que a esperança e excitação brilhavam vivas dentro dela.

— Eu já estou longe.

Se cubra com algo. Qualquer coisa.

Ele soou tão urgente, tão enfático. Se curvando, ela rastejou para debaixo da cama.

— Eu estou segura.

Boom!

A terceira explosão quase estourou seus tímpanos. Lascas de madeira e pedaços de mármore colidiram sobre o chão, chovendo em torno da cama como granizo.

— Jewel!

Desta vez, a voz de Gray não vinha de dentro de sua cabeça, mas de dentro de seu quarto. Quase chorando com a força de seu alívio, ela rastejou de debaixo da cama, empurrando as plumagens rasgadas. Ela estremeceu quando seu joelho bateu em um fragmento de vidro quebrado.

— Aqui — ela gritou, balançando uma mão em frente ao rosto para dissipar a névoa. — Eu estou aqui. — O olhar dela percorreu a destruição até que o achou.

Ele vestia suas roupas verdes e pretas, sua bata não estava mais a vista. Sua camisa estava apertada contra a saliência de seus músculos, e suas calças estavam rasgadas na coxa. Um pano feito do mesmo material que o de sua camisa ancorava acima de seu cabelo, escondendo a palidez de seus fios. Ele tinha pintado seu rosto de verde e preto, mas gotas de suor iluminaram as cores e agora listravam sua testa e têmporas.

Ele parecia tão bonito.

Ele esquadrinhou o quarto, procurando por ela. E quando seus olhares se encontraram e se fixaram, o calor do conhecimento quase a impediu de respirar. Seu coração falhou uma batida. Ele era força e vida sintetizadas em um só, e ele estava aqui por ela.

Lentamente seus lábios se ergueram em um sorriso tenro completamente em conflito com a carnificina por detrás dele.

— Olá, Prudência.

Ela quase derreteu.

— E só pra você saber, você não é o oficial comandante desta relação. Agora vamos.

CAPÍTULO QUATRO

O coração de Jewel martelava em seu peito à medida que corria atrás de Gray por um labirinto de salas escuras. Ela permanecia alerta, pronta para atacar se alguém tentasse machucá-lo. Mais de uma vez ela tentou liderar, mas ele a mantinha firmemente protegida pelo seu corpo.

Sua bolsa de coisas roubadas estava amarrada à sua cintura, e o peso batia em sua coxa com qualquer movimento. Chamas tremeluziam esporadicamente pelas paredes, oferecendo visões momentâneas dos despojos vermelho-sangue.

Os passos de Gray eram estranhamente silenciosos entre os gritos atormentados de demônios morrendo, e ele se misturava tão bem com as sombras que ela não saberia que ele estava ali se não fosse pelo seu cheiro masculino. Se não estivesse sentindo o calor irradiando dele a envolvendo.

Ele parou bruscamente, virou-se e encarou-a com um olhar severo. Ele era bem mais alto que ela, seu tamanho e largura quase a escondiam totalmente. Ela sabia que ele era alto e grande, mas não dessa maneira. Ao vê-lo em pessoa sua completa masculinidade e vitalidade lhe foi revelada. Colocando o dedo em seus lábios pintados de verde escuro, ele pediu silêncio. Ela balançou a cabeça afirmativamente.

Um de seus braços a envolvia e a puxava para dentro das sombras, e mais perto de seu corpo. Este era seu primeiro e real contato com ele e ainda que o perigo os espreitasse, ela se descobriu querendo se derreter dentro dele, se enrolar nele e deslizar os lábios sobre sua pele.

— Fique aqui. — Seu hálito quente tocou sua orelha. — Eu já volto. — Verdade. Ele sempre falava a verdade. Ele *voltaria*.

Seu dom de ouvir além das palavras e conhecer a real intenção de quem falava era uma maldição. Não hoje. Quando Gray se esquivou logo em seguida, ela não correu atrás dele. De qualquer forma, seria impossível. Ele era como uma névoa, pouco visível em um momento, um fantasma etéreo no outro, completamente perdido de vista. Ela se encostou na quente parede recortada atrás dela. Onde ele foi? O que estava fazendo?

Os segundos se arrastaram, e lentamente o pânico foi tomando conta de seu corpo, quando um pensamento ruim lhe ocorreu. Gray tencionava voltar, era verdade. Às vezes, porém, as intenções valem pouco. Ele poderia ter sido emboscado. Ferido. Ela engoliu em seco. *Morto*. Depois que a premonição a advertiu que ele poderia ser ferido, por que ela permitiu que ele a deixasse?

Tentando controlar a onda de terror, ela tentou abrir sua mente para ele, para achá-lo no caos e guiar seus passos, mas ela tropeçava em uma barreira mental e via somente escuridão. Era a barreira dele? Ou era a dela? Como nunca havia encontrado esse tipo de resistência antes, ela não sabia a resposta. A frustração se uniu ao terror, aumentando seu pânico.

Ela respirou fundo, procurando se acalmar, mas o cheiro opressor de enxofre e fumaça feriu suas narinas e ela engasgou. Ondas de calor causticante permeavam o ar e centelhas de luz ainda iluminavam as sombras. Seu olhar percorreu o corredor por qualquer sinal de Gray. Em vez disso, ela viu os corpos sem cabeça dos demônios pelo chão, com suas escamas chiando.

Uma brisa fétida arrepiou seu cabelo quando um demônio sibilou, com suas asas balançando freneticamente. A criatura não a encarou, mas ela percebeu seu olhar selvagem e atormentado, e sua expressão feroz.

Ela desamarrou rapidamente sua bolsa, e retirou de dentro uma adaga adornada com pedras que ela havia roubado de Marina. Sentindo-a, o demônio girou e a aprisionou com um olhar mortal, e suas feições demonstravam fome. Os servos de Marina nunca deveriam feri-la ou tocá-la sem permissão, mas Jewel duvidava que este aqui se importasse com tal decreto agora. Ele ansiava por sangue e morte. À medida que ele se aproximava, a saliva escorria de suas presas.

Seu coração pulsava freneticamente. Em suas visões da vida de Gray, ela o havia visto lutar. Ela o viu matar. Sua atuação mostrava perícia, graça e agilidade, e ele não questionava suas escolhas. *Eu posso fazer isso. Eu posso*. Nada importava, somente sobrevivência. Determinada, ela ergueu sua arma.

Sentindo sua intenção, o demônio abandonou seu passo lento e se atirou em direção a ela.

Sua boca secou e o tempo pareceu ficar mais lento. Ele estava cada vez mais próximo. Quando suas garras se alongaram, preparando-se para rasgá-la, ela se abaixou e cravou a adaga em seu estômago. Um grito terrível ressoou em seus ouvidos.

— Vadia! — Ele xingou furiosamente. Seu corpo se contraiu em espasmos e ele esperneou.

Ela rolou na tentativa de se afastar, mas não foi rápido o suficiente. O chute dele a atingiu bem no meio do corpo, e ela se dobrou, sem ar. Ofegando, ela se reequilibrizou. O demônio tentou remover a adaga, mas não alcançava o cabo. Ele se agitava, gemia, contorcia-se.

Corra, sua mente gritava. Esconda-se. Não, ela não podia.

Em breve Gray retornaria, e ela não poderia deixar o demônio vivo, colocando seu humano em perigo desconhecido. Uma arma. Ela precisava de outra arma. Jewel correu pelo corredor, procurando por alguma coisa. Qualquer coisa. Só corpos mortos a saudavam.

Gray apareceu de repente na ponta oposta do corredor, como um anjo vingador. Suas feições eram duras e frias. Suas pernas estavam afastadas, e seus punhos estavam fechados ao lado do corpo.

Ele viu o demônio ferido e furioso, e disparou o olhar pelo longo e estreito corredor até que a viu. Os olhos dele estavam sujos de fuligem, fazendo com que suas íris prateadas parecessem como aço e escuras como um céu de inverno.

— Fique onde está, — ele ordenou, voltando sua atenção à criatura.

Ela ainda segurava sua adaga, o prateado da lâmina agora pintado de vermelho. Com seus passos lentos e seguros, ele se aproximou, seus músculos contraídos e prontos para atacar.

Quando Jewel o viu, quatro palavras martelavam em sua mente. Gray. Perigo. Sangue. *Morte. Não. Não!*

— Pare, — ela gritou, partindo na direção dele. — Mais nenhum passo!

Tarde demais.

O demônio se refez, esperou até que Gray chegasse perto o suficiente, e usou suas asas para saltar. Antes que Gray pudesse se esquivar, a criatura cravou suas presas afiadíssimas em seu antebraço.

Surpreso e dolorido, Gray gritou.

— Filho da puta! — Ele golpeou o demônio com sua faca, mas suas presas permaneciam cravadas fundo em seu braço.

No momento em que os alcançou, Jewel chutou alto e atingiu o demônio na face. Sua cabeça girou para o lado, e suas presas se soltaram de Gray, pingando sangue.

Rosnando, Gray alcançou a criatura e rasgou sua garganta. Quando parou de se debater, quando seus gritos pararam, a sala também ficou quieta. Silenciosa.

— Quer tocá-la agora? — Gray gritava, chutando-o. Então ele parou, balançou a cabeça e pareceu perder o lado mais impetuoso de sua fúria. Ele arrancou a adaga do estômago do demônio, limpou a lâmina em suas calças e a devolveu.

— Obrigada. — Ela guardou a arma do seu lado com uma mão trêmula e resistiu à vontade de se jogar nos braços dele. De cobrir o rosto dele de beijos. Ele era tão feroz, tão guerreiro.

Ele limpou um risco vermelho de seu rosto com as costas da sua mão, mas só conseguiu manchar-se mais.

— Você foi ferida? — Sua voz era rouca, áspera e cheia de tensão.

— Não. — Seus olhos baixaram até seu mais novo ferimento, e viram a mancha de sangue se alastrando lentamente no seu cotovelo. — Mas você foi. Eu lamento. Lamento muito. — Lamentava mais do que ele podia imaginar. Se não fosse pela mordida do vampiro há alguns dias, ele estaria bem. Por causa da mordida, seu sangue já estava prejudicado. Quando a saliva do demônio e a do vampiro se combinassem, agiriam como um veneno mortal.

Gray tinha uma hora, talvez duas, antes que seu corpo reagisse e entrasse em colapso.

Era *isto* que sua premonição queria avisar.

— Desculpe-me, — ela repetiu. Ela tinha que tirá-lo daquele palácio.

— Já estive pior, — ele disse, secamente.

Ele não estava pensando sobre o vampiro que o havia mordido, mas sobre as mulheres que ele havia levado para cama, sobre as mulheres que o haviam mordido sexualmente. As imagens passavam por sua mente, louras, ruivas, morenas, seus corpos à disposição dele. Ansiosos.

Jewel também viu as imagens, o bloqueio anterior já no passado. Sua empatia e preocupação por ele murcharam. O depravado. Ele tinha a mente mais suja que ela havia lido. Endurecida, ela se abaixou, pegou sua bolsa e amarrou-a à sua cintura.

— Vamos. — Gray apertou e puxou a mão dela. — Eu achei um caminho seguro que vai até lá fora.

Incrédula, ela fincou os pés no chão de mármore, e ficou imóvel. Ela ignorou o formigamento gostoso da sua mão até seu braço.

— Foi por isso que você me deixou?

— Foi. — Outro puxão. — Agora vamos. — Rotas de fuga são a *minha* especialidade.

As sobrancelhas dele se ergueram, duas linhas cor de areia em sua testa pintada, e ele lhe ofereceu um sorriso sexy. Um malandro sedutor nato, era o que ele era. Ele soltou sua mão e abriu os braços.

— Então conduza-nos, benzinho. Eu sigo.

— Eu vou precisar de um momento.

Ele suspirou.

— Leve todo o tempo que quiser. Não é como se estivéssemos sendo pressionados a salvar nossas vidas ou coisa parecida.

— Eu vou, obrigada, — ela respondeu afetadamente. Com seus olhos movimentando-se sob suas pálpebras fechadas, ela visualizou o palácio, percorrendo cada canto e espaço vazio. Ela viu exatamente onde os demônios espreitavam, onde vestiam suas amaduras à prova de lâminas, preparando-se para a guerra. Eles tinham fome de sangue humano. Farejavam-no. Desejavam-no.

Estavam determinados a tê-lo.

Vocês, para a entrada principal, Marina ordenou a seus servos mais fortes. *Vocês, para os fundos. Eu quero aquele petisco humano capturado imediatamente. Não o deixem escapar.*

— Sua rota não vai funcionar, — ela disse, abrindo os olhos. — Precisamos ir por ali. — Ela apontou para a direção oposta.

— Tem certeza?

— Sim.

Ele não perguntou como ela sabia, mas entrelaçou seus dedos com os dela. Sentir sua mão calejada novamente fez seu braço formigar, renovando a sensação de sua presença masculina. Ele a colocou atrás dele e voltou à ação.

— Desculpe por ter tido de lutar contra o demônio sem mim, — ele disse sobre o ombro.

Chocada, ela tropeçou. Uma desculpa. Ele estava se desculpando. Ele veio até ela, ele a salvou. Ele não devia nada, enquanto ela devia tudo a ele.

— O que há de errado? Você está ferida? — Ele não esperou por sua resposta, virou-se rapidamente, dobrou-se até que seu ombro atingiu a barriga dela, e, sem esforço, ergueu-a.

Jewel ofegou.

— O que você está fazendo? Ponha-me no chão! — Ele se colocou em movimento. — Você é muito lenta.

— Assim você fica em desvantagem. — Ela deu um tapa no seu traseiro duro e musculoso. — Coloque-me no chão agora ou te esfaqueio nas costas!

— Eu não sabia que você era tão sedenta por sangue. — Ele riu. — Você não me deixou ferir o centauro ou a ninfa, mas você sozinha tentou matar um demônio, e agora quer tirar meu sangue. Se você

não se acalmar, seus pés vão machucar minha parte favorita do corpo.

— Seu pênis?

Ele emitiu um som sufocado no fundo da garganta e quase tropeçou nos próprios pés.

— Olha o palavreado, Prudência. Você não deve falar assim.

Olhar o palavreado *dela*? Olhar o palavreado dela!

— Pênis, pênis, pênis, — ela resmungou, mas se acalmou, seu corpo balançando sobre o ombro dele.

Lascas de pedras estavam espalhadas pelo chão, e Gray passou por elas para atravessar o grande buraco recortado que era uma parede. Ele se escondia nas sombras quando um demônio passava, fazendo o melhor que podia para ficar fora de vista. Quando se viam sozinhos novamente, ele continuava. Sua bolsa pressionava o estômago dele. Ela o conduziu para o centro do palácio, para a piscina particular da rainha dos demônios.

Três sentinelas os aguardavam.

Gray os espiou e rapidamente a colocou no chão.

— Fique aqui. — Ela estava ficando cansada daquelas palavras.

Ele correu na frente dela. Os olhos vermelhos e maus dos guardas se estreitaram, famintos. Ele não reduziu a velocidade. Gray pegou um objeto pequeno e redondo de uma bolsa lateral em suas calças, puxou algo fino e prateado com seus dentes, e jogou-o para as criaturas.

— Abaix-se, — ele ordenou a Jewel, virando e saltando sobre ela, deitando-a no chão.

No momento que ela caiu, o peso de Gray caiu sobre ela, tirando sua respiração.

Bum!

Mais pedaços de pedra caíram sobre eles. Mais colunas de fumaça. Mais silvos de fúria quando os demônios foram jogados pelo ar como brinquedos. Antes mesmo que alcançassem o chão Gray estava de pé para enfrentá-los. As chamas, como línguas perigosas, crepitavam em torno deles.

Tossindo e com olhos lacrimejando, Jewel ficou de pé e correu atrás dele. Quando os demônios aterrissaram, Gray habilmente matou dois. Jewel não hesitou. Ela sabia o que era preciso fazer. Ela segurou sua faca e matou o terceiro.

Sangue de demônio se esparramou sobre sua roupa.

Ela nunca tinha matado antes. Ela havia atacado o outro demônio, sim, mas não foi ela quem desferiu o golpe fatal. Agora que ela tinha feito... Ela encarou o corpo sem vida. Ela esperava sentir culpa ou remorso, ela sempre lutou pela sobrevivência das raças de Atlantis. Mas não sentiu nenhum dessas emoções. Ao contrário, sentiu-se poderosa. Como se finalmente tivesse controle sobre a própria vida.

Gray segurou-a pelo braço e a girou, seu olhar percorrendo seu corpo, procurando ferimentos.

— Você me viu? — Ela não podia evitar sorrir. — Eu o matei. Eu o matei de verdade.

— Sim, e você me surpreendeu demais. — Seu tom era um misto de orgulho e inveja. Ele tirou a adaga coberta de sangue de sua mão e a encaixou no cinto dele. — Não podemos ficar aqui. Precisamos encontrar uma saída.

— Vamos usar a piscina.

Ele olhou à direita, para a água coberta de entulho e salpicada pelas luzes das chamas.

— Podemos nadar para a liberdade — ela disse.

Ele franziu o rosto.

— Eu detesto te decepcionar querida, mas eu acredito que esta piscina só tem 2 metros de profundidade. Tudo o que podemos fazer ali é nadar em círculos. — *E fazer sexo*, seus pensamentos nunca se distanciando da questão.

Ouvindo o pensamento espontâneo dele, seu rosto esquentou e seu estômago deu um nó. Dessa vez ele não estava imaginando outra mulher exceto ela. *Ela*. Ele a imaginou nua e de pele rosada, coberta de gotículas de água esperando ser lambidas.

Ondas de prazer percorreram suas veias, espalhando como o fogo em volta deles. Quando ela

começou a falar sua voz falhou.

— Há um alçapão no fundo. Uma porta que se abre para a floresta.

Ele parou e refletiu sobre as palavras dela. Franziu ainda mais o rosto.

— Se os demônios nos seguirem na água..

— Eu me certificarei que não.

A boca dele se abriu para perguntar como, mas ele a fechou rapidamente, mudando de idéia.

— Está bem. Vamos nadar.

Ele andou até a borda da piscina, com Jewel o seguindo de perto. Antes de entrar, ele se virou e disse

— Tire suas roupas.

Bruscamente ela levantou a cabeça e o encarou com os olhos arregalados.

— Os demônios vão te farejar logo e você me quer nua?

Ele deu um daqueles seus sorrisos tortos.

— Garota boba. Não poder ler minha mente?

— Nem sempre — ela resmungou.

Como antes, ele havia levantado algum tipo de parede que ela não podia atravessar. Tinha que ser ele, mas como ele fazia, ela não podia decifrar.

— Como você sabe, Prudência, este material grosso que você está usando vai pesar dentro da água. Tire-o. — Enquanto ele falava, começou a tirar sua camisa.

Ela o tinha visto nu centenas de vezes antes, talvez milhares, mas aquelas visões dele estavam na sua mente. Vê-lo agora, em carne e osso, era muito mais poderoso. Ela esqueceu dos arredores, do perigo, e se concentrava somente no peito musculoso e bronzeado. O abdômen dele era definido por fileiras perfeitas de músculos firmes.

— Você pode olhar o quanto quiser. Mais tarde, — ele acrescentou. — Agora, Pru, você precisa ficar nua. — Ele deixou cair a camisa e pegou sua adaga.

Com seu olhar preso nele, ela levou seus dedos trêmulos à sua cintura e tentou desamarrar a bolsa.

— Sem tempo para isso. — Ela cortou as tiras com sua faca.

A bolsa caiu pesadamente no chão. Em seguida, ele cortou as alças de sua roupa. O tecido branco escorregou para o chão, juntando-se à bolsa, e a deixando somente em sua fina camisa.

Abaixando-se Gray pegou a roupa e disse:

— Deixe-me pegar.

No momento em que ela concordou, a roupa foi enfiada na sacola dele, seguida rapidamente por sua bolsa. O tempo todo, ele a examinava de cima a baixo. Seus olhos estavam em chamas. O que ele via quando olhava para ela? Ela engoliu em seco, com medo demais para tentar sondar a mente dele e descobrir a verdade.

As mãos dele tentaram alcançá-la e ela sentiu o calor delas à medida que se aproximavam de sua pele. O que ele planejava fazer? Ele parou antes do contato.

Ele balançou a cabeça, e seu olhar esfriou. Vazio.

— Precisamos sair desse maldito Oz. Você sabe nadar?

Ela precisou fazer um esforço para desvencilhar-se do feitiço sensual que ele havia tecido sobre ela, mas conseguiu.

— Sim. — Nadar era uma das poucas memórias que ela possuía de sua infância. Passando horas no sol e na água. Rindo. Divertindo-se. Com o passar dos anos, ela havia esquecido como rir e se divertir, mas ela nunca se esqueceu de como nadar.

— É só tentar e me acompanhar, — ela disse, erguendo o queixo orgulhosamente.

Os lábios dele se contraíram.

— Você consegue segurar a respiração por longos períodos? — Isto, ela não sabia. — Teremos que

ver, não?

— Eu vou considerar como um não, — ele resmungou. — Escute, eu treinei na água. O segredo é ficar calma, e soltar o ar do peito lentamente. Entendeu?

— Eu não vou te decepcionar. — Ela provaria que tinha valor e força mesmo que isso a matasse.

Jewel entrou na água com Gray bem atrás dela. A água morna envolveu sua pele, penetrando na fina roupa que ela usava, fazendo-a tremer. Uma nuvem vermelha girava em torno de Gray, seu ferimento aberto coloria a água.

— Quero você segurando em mim o tempo todo quando deixarmos a piscina, — ele disse. — Não me solte por nenhuma razão.

— Farei o possível.

— Não, você o fará. — Sua voz era brusca como um rei instruindo um servo. — Eu quero você comigo durante cada segundo que estivermos lá embaixo.

— Sim, senhor.

Ele balançou a cabeça por sua imprudência. Sem mais uma palavra, ele prendeu a respiração e mergulhou.

Ela mergulhou até o fundo. Marina frequentemente usava essa passagem secreta para sorrateiramente entrar na Cidade Interna sem ser vista, cometer seus crimes, banquetear-se de criaturas que nem suspeitavam, e voltar. A rainha pensava que ela era a única que sabia. Ela deveria ter percebido que com Jewel não havia segredos...

Quando chegaram ao fundo, Jewel procurou sua adaga. Quando sua mão encontrou somente tecido molhado, ela quase entrou em pânico antes de lembrar que Gray a havia guardado.

Ela sacudiu as calças dele para atrair sua atenção. Algumas bolhas escaparam de sua boca quando ele a fitou, e ele assentiu quando ela retirou a arma do cinto dele. Afastando-se dele, ela enfiou a ponta em uma pequena fenda. Marina usava uma chave, uma chave que Jewel não possuía. Ela usava a ponta como uma alavanca, fazendo a abertura alargar-se lentamente.

A água ardia seus olhos, e a falta de ar logo faria seus pulmões queimarem. Seu cabelo escuro flutuava na sua linha de visão como fitas enroladas. Gray trabalhava agitadamente ao lado dela, suas mãos afastando o pedaço de pedra.

Tanto ela como Gray tiveram que subir para respirar antes que a abertura estivesse larga o suficiente para passarem. Jewel queria nadar para a superfície uma última vez e pegar mais um pouco do precioso oxigênio, mas quando ela subiu, viu que um bando de demônios havia entrado na sala. Eles a descobriram e gritaram alegremente.

Suas veias gelaram, e ela voltou para baixo e apontou para cima. Gray os viu e tentou empurrá-la pela abertura, mas ela balançou a cabeça violentamente, *eu tenho que impedi-los de nos seguir*.

Ele parou. Ele a tinha ouvido, ou o bloco ainda estava no lugar? Decidindo confiar nela, Gray a soltou e levantou suas mãos para cima.

Faça sua mágica, benzinho.

Graças aos deuses não era o bloco. Ela fechou os olhos, e seus pensamentos se direcionaram às criaturas acima. *Ninguém está na água*, sua voz interior sugestionava-os. *Vocês não vêem o humano, vocês não vêem a moça.*

Ela nunca havia tentado direcionar tantos ao mesmo tempo, nunca tentado tão corajosamente impedir um ser de saber que ela havia entrado em seus pensamentos.

Os barulhentos demônios fecharam os lábios, e silenciaram. Eles fitavam a água, balançando suas cabeças, seus olhos pareciam vitrificados à medida que aceitavam a idéia, mas não deixaram a sala. Eles olharam em volta, e suas expressões denotavam confusão.

Por que eles não partiam?

O poder de Jewel estava enfraquecendo rapidamente, e a influência sobre eles começou a diminuir. Gray deve ter sentido a necessidade dela por ele, porque ele a empurrou pela abertura e trabalhou rapidamente para fechar o alçapão.

Se no final os demônios os viram lá ou não, Jewel não sabia, e ela não tinha mais forças para descobrir.

Ela segurou as calças de Gray firmemente. Seus pulmões queimavam, e ela precisava de ar desesperadamente, e mesmo com sua força quase exaurida, ela bateu as pernas e abaixou seu braço livre, tentando aumentar sua velocidade. Uma grossa névoa logo se alastrou em sua mente.

Eu não posso... preciso... respirar.

Gray a enlaçou com seus braços, segurando-a perto dele. Seus olhos encontram os dela e a conexão a fortaleceu. Acalme-a. Ela estava se debatendo, ela percebeu, mas aquietou-se quando a mão dele envolveu seu pescoço.

Lentamente ele aproximou o rosto dela do seu e seus lábios se encontraram. *Abra*, ele comandou. A voz dele preencheu sua mente, trazendo a esperança e a confiança que ela avidamente absorveu.

Ela fez sem questionar, abrindo seus lábios.

Ele forçou ar em sua boca, ar precioso que seus pulmões aceitaram com alívio. O calor da respiração dele permeou o resto do seu corpo e seus cachos negros flutuaram em volta deles, um manto escuro que os envolvia em um refúgio privado. O tempo tinha parado. Ela saboreou a doce essência dele.

Cedo demais, ele se afastou um pouco e a fitou.

Melhor?

Melhor.

Você pode fazer isto, eu sei que você pode.

Ela assentiu, rezando para que ele estivesse falando a verdade.

CAPÍTULO CINCO

A cabeça de Jewel rompeu a superfície da água, seus pulmões gritavam de dor. Ela trouxe grandes quantidades de oxigênio, batendo braços e pernas para manter-se à tona. Uma escuridão total saudou seus olhos, uma escuridão profana preenchida com sombras assustadoras. Cada centímetro dela pedia por mais ar, e a queimação era apenas atenuada ligeiramente a cada inspiração. Inspirar, expirar, ela respirava tão rápido quanto seus pulmões permitiam.

Os sons agitados, frenéticos, devem ter perturbado a vida selvagem próxima, pois o ruído de movimentos, sussurros, arbustos movendo-se, passos rápidos como batidas de cascos chegavam aos seus ouvidos.

— Gr — Gray! — ela chamou ofegante, engolindo um bocado da água. O líquido deslizou garganta abaixo, fresco e doce, mas era muito, muito rápido. Ela sufocou e tossiu.

— Não fale. — ele disse, sua voz rouca e cansada, soando no vazio. — Não tente falar. Só respire. Lentamente.

Onde ele estava? Ela perdeu-se dele em algum lugar ao longo do caminho. A escuridão ao redor deles não se abria e ela não conseguia senti-lo próximo. Forçar sua garganta a relaxar, para permitir que sua boca progressivamente aspirasse ao rico oxigênio, estava sendo difícil, mas ela o fez, deixando cada inspiração a acalmar como as palavras de Gray.

— Onde você está? — Ele exigiu.

— Aqui. — ela respondeu. — Eu estou aqui.

Ele seguiu o som de sua voz, silenciosamente atravessando a água inquieta, até encontrá-la. O braço dele esfregou em seu estômago, e ela estremeceu, resistindo ao desejo de agarrá-lo e averiguar se ele realmente estava lá.

— Você esta bem?

— Sim. — O barulho da água batendo entre cada sílaba. — E você?

— Eu enxergo porcaria nenhuma, mas estou bem. — Ele soou aliviado, preocupado e zangado, tudo de uma vez. — Acha que consegue encontrar o caminho até a margem? Onde quer que fique a maldita margem — ele acrescentou sombriamente.

— Sim. — Mostrou-se determinada, e disse, — Eu consigo. — As palavras eram mais para seu benefício do que o dele.

Ela não deve ter soado convincente. O braço dele serpenteou ao redor de sua cintura, puxando-a para a curva de seu corpo.

— Só continue respirando, e eu farei o resto.

— Não, eu...

— Guarde sua força para uma discussão que você realmente possa ganhar.

A sensação dele segurando-a, sua força a cercando, estava mexendo com ela, mas a idéia de deitar de costas e permitir que ele fizesse todo o trabalho... Não! Ela podia adorar sentir o calor dos braços dele ao redor dela, ela podia estar à beira do esgotamento total, mas nadou com ele, aumentando suas velocidades.

— Às vezes, — ela disse entre as respirações, — uma discussão... Pode ser ganha... Sem palavras.

— Esperta. Você não percebe que faz com que eu pareça mau? Eu, homem, faço o resgate. Você, mulher, aceite isto.

Jewel fez careta, amando o modo como ele a provocava. Isso a fazia parecer normal, aceita. Como se ela fosse amiga dele. Separada da Raça Atlante como ela era, nunca teve um amigo verdadeiro antes. Mas ela queria um. Pelos Deuses, ela desejava um. Às vezes, a dor tinha sido tão violenta que era quase como uma coisa viva.

— Não vai ser assim o nosso relac... — Sentiu dores agudas na batata da perna como se mil facas cortassem o osso de fora a fora. Ela se mexeu e gritou.

Gray apertou o braço ao redor dela, e eles pararam de avançar, os movimentos de perna dele eram a única coisa que os mantinham à tona.

— O que há de errado? — Ele perguntou, preocupado.

— Só uma câimbra. — ela respondeu entre os dentes, sua perna já relaxando.

Soltando um suspiro aliviado, ele voltou a se movimentar, seus músculos estreitando e esticando.

— Você está indo muito bem. Mas obedeça-me desta vez, e fique quieta. — Ele cuspiu um bocado de água. — Eu já fiz este tipo de resgate antes, e com um cara pesando 90 kg. Levinha como é, eu posso te levar para a terra, sem nenhum problema.

— Eu vou ajudar.

— Droga, Jewel!

Ela forçou seus braços para nadar mais depressa.

— Mulher teimosa. — ele murmurou. — Faça como quiser.

— Eu o farei. Obrigada.

Ele batia as pernas com força e roçava nas dela. Seu braço livre empurrava a água e deslizava sobre o dela. Devido ao perigo, tal contato tão inocente não devia tê-la afetado, mas o fez. Correntes de algo escuro e claro, quente e doce, fluíam em seu sangue tão rapidamente e seguramente quanto o rio que fluía ao redor dela, acrescentando-lhe força.

— Obrigada por ter vindo me salvar. — ela disse, engolindo mais líquido. As palavras saíram

dela rápida e suavemente, roucas com a gratidão.

— Eu gostaria de poder dizer que o prazer é todo meu, mas até agora a aventura tem sugado todas as minhas forças como um aspirador de pó. — Ela riu animadamente.

A água bateu, como se ele tivesse se virado para olhá-la. Ela desejou que houvesse pelo menos um pouquinho de luz para revelar suas ações e feições, mas a escuridão era simplesmente muito pesada.

Ele apertou sua cintura.

— Eu não esperava que entendesse. Você sabe o que é um aspirador de pó?

— Bem, sim. Eu sei muitas coisas sobre a superfície.

— Você já esteve lá?

Ela ouviu a verdadeira dúvida dele: As criaturas de Atlantis viajam para a superfície?

— Eu nunca estive lá, não. Nenhum de nós. É proibido, pra não mencionar impossível. Eu só vi isso em minhas visões. — Visões sobre *ele*.

Ele bufou.

— Impossível como?

— Só impossível. — ela concluiu. — Eu admito que sempre sonhei em visitar a superfície. — Ela não podia esconder seu desejo mais profundo. — Vocês têm tantas coisas fascinantes lá.

— Verdade? Como o que? — A fadiga estava começando a aflorar nas palavras dele, tornando-as ligeiramente lentas. — Exatamente o que, a Srta. Prudência acha fascinante? Isso eu preciso ouvir. Espere. A água está tornando mais rasa. — ele disse. — Nós estamos quase em terra. Veja se seus pés tocam o chão.

As pernas desceram ao fundo até que os pés tocaram uma areia suave, musgosa.

— Sim! Eu posso tocar. — As pernas muito fracas para sustentá-la, ela andou com dificuldade sobre a areia, marchando passo por passo.

Finalmente ela desmoronou sobre uma cama macia de folhagem. A água escorria dela enquanto ela alisava o cabelo ensopado tirando-o dos olhos. Gray caiu ao lado dela. O som de sua respiração irregular misturava com a suave corrida do rio. Pelos Deuses, eles conseguiram.

Eles escaparam dos demônios.

Vários minutos se passaram em silêncio. Ela podia ter fechado os olhos e dormido... teria caído no sono, se Gray não tivesse continuado a conversação de onde tinham parado.

— O que você acha fascinante sobre a superfície? — Ele estava um pouco sem fôlego. — Sua terra é incrível. É cheio de mal encarnado, verdade, mas a beleza do terreno é tremendamente inspiradora.

Ela estremeceu como se uma onda de ar fresco a tivesse atingido.

— Eu trocaria todas as flores e árvores pela chance de sentar em um cinema e assistir um filme. Para estar num carro conversível andando por uma estrada, sentindo o vento em meus cabelos. Para deitar em um colchão de água e fumar um cigarro. Para saborear...

— Alto lá. — Ele riu, o som rico e suave com o seu divertimento. — Podemos voltar atrás um minuto. Colchão de água? Você vive na água, no caso de você não ter notado, e você acha que um colchão de água é legal? E por que inferno você iria querer fumar um cigarro? Eles cheiram a demônios.

Ela sentiu o rosto arder com o rubor, e de repente estava contente com a escuridão. Gray não achou que cigarros fossem tão horríveis, numa noite ela viu uma de suas mulheres fumando. Ele tinha acabado de fazer amor com ela, e os dois estavam em um colchão de água, seus corpos encharcados com o suor da orgia. Os lindos traços da mulher estavam totalmente relaxados, eufóricos, com a fumaça flutuando ao redor dela. Gray parecia igualmente saciado, nem um pouco repugnado pela suposta fumaça fedida.

— Eu estou esperando por algum tipo de explicação, Senhorita Maria Fumaça.

— Pessoas parecem apreciá-los, apenas isso. E sobre o colchão de água, bem, eu gostaria de saber como seria estar em uma cama de líquido e nunca afundar.

— Elas são um inferno para as costas.

— Quem disse que eu estaria dormindo? — Ela disse sorridente.

Ele bufou, e ela teve que reprimir o desejo de chutá-lo. Ele achava que ela não poderia seduzir um homem? Que ela não poderia seduzi-lo para que fizesse amor com ela louca e apaixonadamente?

— Meu palpite, Prudência, é que você estaria vestida de cima a baixo, e com um cinto de castidade e uma semi-automática apontada para qualquer homem estúpido o suficiente para tentar tirar sua calcinha.

— Isto não é verdade! Eu teria um amante comigo. E nós estaríamos nus. — ela adicionou defensivamente.

— Verdade mesmo? — Ele disse as palavras lentamente, prolongando cada sílaba, fazendo-a padecer por dentro. — E o que o dois estariam fazendo, estando totalmente nus?

Ela sabia que Gray gostava de demorar-se no corpo de uma mulher, levando tempo e conhecendo cada polegada, cada odor. Os deuses sabiam quantas vezes ela o tinha visto fazendo isso, desejando que fosse *ela* que estivesse sendo apreciada. Ela baseou-se nesse conhecimento agora, o único conhecimento sensual que ela possuía.

Tentando um tom casual, ela disse:

— Eu o acariciaria com minhas mãos em seu peito e costas, claro, enquanto ele me beijasse. Beijo de língua. Seus dedos deslizariam entre minhas pernas, afundando-se dentro de mim, movendo-se para dentro e para fora enquanto eu arquearia meus quadris. E eu ficaria tão, tão molhada. E quando eu gritasse seu nome, pedindo-lhe para me foder...

— Você acabou de soltar a bomba F...? — Ele perguntou incrédulo, cortando-a.

— Sim. Ele lamperia meus seios, sugando meus mamilos com sua boca, e me penetraria com seu pênis duro. Eu o abraçaria com minhas pernas...

— Chega! — Seu membro não aguentaria mais tempo. Ele estava duro como uma pedra e tenso, pronto a explodir. Só com as palavras dela. Quando *isto* tinha lhe acontecido?

Ele limpou sua garganta e caiu de costas.

— Cristo, eu consigo imaginar. E eu estou considerando seriamente chamá-la de Srta. Blaze Champagne.

Feito, ela pensou convencida. Agora ele nunca mais a chamaria de Prudência ou assumiria que ela não sabia o que fazer com um homem na cama.

— Que tipo de nome é Blaze Champagne? — Ela já sabia a resposta. Ela queria que ele dissesse isto, entretanto, em voz alta.

— Do tipo obsceno, reservado apenas para estrelas pornô, isso é o que é. Foda-me, realmente. Um sorriso largo surgiu em seus lábios.

— Eu ofendi seus inocentes ouvidos? Nesse caso, foda-se, *Sr. Monge*. — Ser ousada era mais divertido do que ela poderia imaginar. Ela não se sentia tão alegre assim... nunca.

— Jesus. Você beija sua mãe com esta boca?

— Minha mãe esta morta. — Ela disse simplesmente, simplesmente afirmando um fato.

— Deus, Jewel, eu sinto muito. — Arrependido, ele alcançou e agarrou seu braço, apertando suavemente. O calor de seu contato baniu qualquer frio prolongado causado pelo vento. — Eu nunca teria dito isso se soubesse.

— Aconteceu há muito tempo, eu quase não me lembro dela.

— Ainda assim eu não devia ter dito isso e estou arrependido.

Sua mão a deixou, e ela ouviu o fecho de sua mochila, um ruído de movimento... quase como vidro quebrando. Um brilho dourado irrompeu de leve, rodeando-os em um elo luminescente. Gray segurou um tubo longo, fino, ela viu, fechando metade das pálpebras para proteger-se da luz.

— O que é isto? — O objeto a fascinou, como ela nunca tinha visto. Parecia que ele estava segurando puro fogo em suas mãos.

— Isto tem um nome técnico, mas eu só chamo de tubo de luz. — Gray encontrou o olhar dela, e *ele* exigiu sua fascinação. O pano que ele usava na cabeça tinha escorregado, então seu pálido cabelo estava emplastrado no couro cabeludo. Estrias de pintura verde e preta permaneceram em suas bochechas, mas a maior parte tinha sido lavada.

Gotículas de água escorriam de sua testa até o nariz, caindo sobre as folhas. Suas pestanas eram negras e pontiagudas, os olhos dele eram como líquido prata, tão hipnotizante quanto a água. Os olhos dela o devoravam.

Ele suavemente afastou uns fios de cabelo negro de sua testa. Seus dedos eram grossos, mas, oh, tão gentis. O ar da noite deveria fazer com que ela se sentisse miserável, mas o frio mal tocou seu corpo molhado. Uma crescente sensação de calor e preguiça preenchia seu corpo, começando exatamente onde ele a tocou.

Enquanto ele a estudava, seus lábios mergulharam em uma expressão de dúvida.

— Nós nos encontramos antes? Eu quero dizer, às vezes quando eu olho para você, eu juro que já te vi antes.

Ela sonhou com tal circunstância, de encontrá-lo; ela queria isto, desejava isto, mas a resposta era um inequívoco não.

— Eu juro, nós nunca nos encontramos pessoalmente antes dessa noite.

— Ainda assim. — Ele encolheu os ombros afastando o mistério. — Seja honesta. Você está se sentindo bem de verdade?

— Sim. Juro. Como você se sente? — Ela ansiava por estender a mão e passar os dedos pelo rosto dele. Os venenos já haviam começado a debilitá-lo?

A pergunta surgiu em sua mente, lembrando-a de que eles ainda não estavam livres de todo o perigo. Teriam os venenos do demônio e do vampiro dentro dele começado a se entrelaçar, lutando pelo domínio? Destruindo Gray pouco a pouco?

Náuseas reviravam seu estômago, subindo pela garganta. Ela não podia deixar este homem maravilhosamente vivo morrer. Tinha que haver um jeito... Algo para fazer... Mas no momento, nenhuma resposta milagrosa veio até ela.

Alongando os braços sobre sua cabeça, ele torceu cada vértebra de sua espinha.

— Eu estou pronto para continuar. Mais forte do que nunca.

Ele *parecia* saudável e capaz, sua pele com cores boas, seus olhos cintilantes. Talvez os venenos não o tivessem afetado tanto, ela pensou esperançosamente. Talvez ela estivesse se preocupando por nada.

— Vamos, — ele disse. — Já perdemos muito tempo. Nós precisamos de abrigo o mais rápido possível.

Ele se levantou com a agilidade de um gato selvagem e reajustou sua mochila sobre seus ombros, uma mão ainda mantendo o tubo de luz elevado, iluminando ao redor.

Ela também se levantou, seus movimentos um pouco mais lentos e menos vivazes que o dele. Quando ela deslocou seu peso para os pés, seus joelhos vacilaram. A vertigem a atingiu, e ela massageou suas têmporas com as pontas dos dedos.

Gray passou o braço em volta de sua cintura, segurando-a.

— Apóie-se em mim.

— Eu ficarei bem, — ela disse, afastando-se dele. Pelos Deuses, ela sentiu-se tão bem, mas ela não seria um obstáculo. Afinal sua visão clareou e ela disse, — eu posso nos levar ao abrigo. Siga-me.

— Com prazer. Seu manto esta aderindo a sua pele, então eu posso ver o contorno de seu...

— Gray!

Ele riu.

— Melhor manter seu olhar bem em frente.

— Ah, vamos lá. Prenda Prudência e liberte Blaze para brincar.

Sufocando uma risada, Jewel moveu-se a frente dele, suas mãos cobrindo o objeto em questão.

— Nós precisaremos ficar ao longo da margem do rio.

— Não se apresse. Eu só estarei apreciando a visão. Seus dedos não escondem nada, baby.

— Incorrigível, — ela murmurou com um falso sacudir de cabeça. Ele não era assim com todo mundo, só com sua família e colegas de trabalho. Para todos os outros, até suas mulheres, ele normalmente apresentava-se áspero, nada pessoal. O fato de ele a considerar o suficiente para provocá-la a deliciava. — Por aqui.

O tempo passou com uma lentidão agonizante enquanto eles manobravam por árvores, arbustos e areia espessa, molhada. Sabendo que Marina esperaria que ela evitasse a civilização, Jewel os conduziu em direção à Cidade Interna.

A brisa logo secou suas roupas, tornando o material duro, inflexível. Mas pelo menos eles não estavam aderindo ao seu traseiro! Os insetos estavam estranhamente quietos, e rondavam a noite, ausentes.

— Jewel, — Gray disse suavemente. — Tem algo de errado comigo.

Ela olhou para ele por cima do ombro, então abruptamente parou. Os olhos dele tinham perdido a luz da provocação, e agora agonizavam com dor, as pálpebras abaixando-se devagar, então abrindo-se rapidamente enquanto ele lutava para permanecer acordado. Sua pele normalmente bronzeada estava pálida, com um matiz esverdeado. Suor gotejava dele.

Começou.

Com o medo se intensificando, ela disse:

— Nós estamos quase lá. Concentre-se em mim, em minha voz, e nos levarei a segurança. — Uma onda de tontura deve tê-lo atingido porque ele vacilou. Ele fechou seus olhos e apertou seus dedos em suas têmporas.

— O que há de errado comigo? — Sua voz soou tão fraca e instável quanto suas pernas.

Ela não respondeu, mas correu até ele. Ele era tão alto que o topo de sua cabeça mal alcançava o ombro dele, mas ela envolveu-o com seus braços ajudando-o a sustentar-se, tentando saber o que se passava na mente dele. A muralha que ela encontrara na da fortaleza dos demônios ainda estava abaixada, e os pensamentos dele foram imediatamente acessados por ela. *“A dor. Não ceda a dor. Devo levar Jewel à segurança.”*

Os venenos de vampiro e de demônio travavam batalhas dentro dele, e ele estava febril. Seus membros doloridos como se picados por mil agulhas. Sua cabeça latejando e pulsando como se fosse um tambor de guerra.

— Apóie-se em mim. — ela persuadiu.

— Não. Nenhuma ajuda. — Ele esforçou-se para se soltar, mas não teve força. Seus braços caíram fracos ao longo do corpo, o tubo de luz estirou seus raios pelo terreno. — Eu... Posso fazer... Isto sozinho.

Ela sabia que as múltiplas traições em seu trabalho, o tinham condicionado a não contar com ninguém. Um companheiro o tinha abandonado, outro tentou matá-lo. Outro o deixou para trás a fim de salvar a si mesmo. Em sua condição debilitada, esse instinto de auto suficiência tão enraizado veio à tona com força renovada. Ela sabia e estava determinada a acabar com isso.

— Gray. — ela disse suavemente, gentilmente. Com sua mão livre, ela reivindicou o tubo de luz e segurou-o no alto, cercando-os com o brilho dourado uma vez mais.

Ele não falou. Linhas de tensão surgiram em seu rosto. Ela sentiu o pânico crescente dentro dele, ouviu os pensamentos dele. *Não caia. Não caia. Leve Jewel para a segurança,* e o apertou.

— Gray. — ela firmemente repetiu. — O único caminho para me manter em segurança é deixar-me ajudá-lo. Apóie-se em mim. — Usando toda a sua força, ela avançou. — Agora caminhe.

Ele não deu nenhuma indicação de que tinha ouvido, até que se moveu, cuidadosamente colocando um pé na frente do outro. Sempre ao lado dele, Jewel absorvia a maior parte do seu peso. Seus membros e costas queimavam com a tensão. O tempo todo, ela manteve uma firme, embora solitária, conversação, esperando que sua voz o fizesse ficar acordado. Se ele caísse no sono... Ela estremeceu com a idéia.

— Eu só tenho uma lembrança de meu pai, e eu o vi apenas uma vez. Eu me lembro o quão grande e forte ele era, agarrei-me em seus ombros quando ele me envolveu em um abraço. Eu não cheguei a estar muito tempo com ele, provavelmente cinco minutos. Quando ele me soltou, ele acenou um adeus e minha mãe me levou para longe. Eu não sabia que seria a última vez que eu o veria. Minha mãe morreu logo depois, e eu fiquei só. — Ela continuou seu monólogo. — Tudo o que eu queria fazer era encontrar meu pai novamente. Bem, isto e... — Ela o apalpou, percebendo que não podia admitir que o queria.

Um bosque de árvores brancas surgiu em sua frente, e ela decidiu fazer uma pausa, retraindo uma respiração chocada.

— Chegamos! — Ela não esperava alcançar a alcova tão cedo. A seu lado, uma queda d'água acabava no rio, caindo de um precipício.

Gray gemeu. Seus ombros estavam caídos, e sua respiração fraca. O barulho vindo da Cidade Externa os alcançou, misturado com o ruído das águas. Cheiros de pão fresquinho assando e frutas frescas flutuavam na brisa.

— Mais cinco passos e você poderá descansar, Gray.

— Descanso. — ele repetiu, a própria palavra trouxe outro gemido de dor. Ele sacudiu a cabeça. — Sem descanso! Proteger Jewel.

— Nós estamos seguros aqui. Estou segura. — ela prometeu, persuadindo-o a ir adiante, em direção ao vale protegido.

Quando eles finalmente o alcançaram, Jewel deitou Gray no chão. Ele desmoronou sobre a cama de folhas com um grunhido.

Poucas criaturas ousavam entrar nesta área. A Floresta dos Dragões pertencia a Darius em Kragin, Rei dos Dragões e Guardião das Brumas de Atlantis. Guerreiro feroz, sanguinário que era, só as mais desesperadas das pessoas tentava provocar sua ira e invadir.

— Eu cuidarei de você. — ela disse. — Não se preocupe. — Ela pegou a mochila de Gray, assombrada porque o que estava lá dentro estava completamente seco, e retirou sua vestimenta. Depois de rasgar várias tiras, ela andou rapidamente para a margem do rio e esfregou-as na areia rosa.

Felizmente ela não mais precisou do tubo de luz. Acima deles, o globo de cristal iniciou seu ciclo de amanhecer varrendo o vale com filetes de luz dourada e suave sobre a floresta.

Com o tecido cheio da areia curativa, ela se apressou de volta para Gray e embrulhou-os ao redor do seu braço ferido. Ele não fez um som. Ele não se moveu. Seu medo e apreensão cresceram, e ela lutou contra uma torrente de lágrimas. Ele salvara sua vida, só para morrer sozinho? Não. Não!

Isto era sua culpa. O havia guiado para ela, convenceu-o a resgatá-la. Ela tinha que salvá-lo.

Ele parecia tão pálido, tão perto da morte... Ela apertou os lábios para cortar um soluço de terror. *Ele é teimoso*, ela lembrou-se. Quando ele aceitava uma missão, ele obtinha sucesso. Sempre. Seja qual fosse o preço. Seja qual fosse a consequência.

— Você tem que combater o veneno, Gray, ou sua missão falhará. Você quer ser um fracasso? — Ela gritou as últimas palavras, desesperada para que ele a ouvisse.

Nenhuma resposta.

— Você quer ser um fracasso? — Ela entrecortadamente sussurrou, agitando-o ao mesmo tempo. Nem mesmo um tremular de suas pálpebras.

Com um grunhido, ela rasgou mais duas tiras de sua veste, abasteceu-as com areia, e as usou

para fechar a mordida em seu pescoço. O corte que o vampiro fez em sua coxa, abriu e agora escoava um sangue espesso, negro. Ela o cobriu com areia também, lutando contra uma crescente sensação de histeria.

Ela não podia perdê-lo. Ele era uma parte dela, tinha sido sempre uma parte dela. Mas o que mais ela podia fazer para ajudá-lo?

Ela observava o lento e fraco subir e descer de seu peito. Ela possuía tantos dons, aquele de conhecer a verdade atrás da mentira, a habilidade, às vezes, para ver o futuro, a habilidade de ler mentes, e nenhum destes dons podia ajudar Gray. Então...

Seus olhos se alargaram em horror quando ele de repente — parou de respirar completamente.

CAPÍTULO SEIS

Que diabos estava acontecendo com ele?

O pânico atravessou a mente de Gray numa velocidade atordoante. Ele tentou se localizar, mas não conseguia abrir seus olhos. Ele não podia abrir a merda de seus olhos.

O conhecimento sobre sua situação o abateu, e seu corpo tremeu; seus pulmões funcionaram. Afiadas agulhadas picavam seu peito e foi nesse instante que se deu conta de que nem ao menos tinha forças para inspirar sequer uma única molécula de ar. Meu Deus, ele iria morrer.

Todo seu instinto de sobrevivência gritava para que ele lutasse, que reagisse. Para fazer algo. Qualquer coisa. Tudo o que ele precisava era respirar. Segundos passaram e a falta de oxigênio o queimava como fogo. As chamas o consumiam. O devoravam. Cores relampejantes atravessavam sua cabeça, tantas cores, todas elas muito brilhantes em sua intensidade.

Mas com as cores veio a tranquilidade. Não aceitação, isso nunca, mas uma sensação de saber que sua dor desapareceria completamente se ele afundasse na escuridão sem fim que o aguardava, acenando. A vaga ilusão era como a última cerveja fria no Saara.

Uma parte dele se resignava em simplesmente cair no abismo pacífico. A outra parte, a parte que se recusava ser um fracasso... O fracasso — essa era a voz da Jewel que ele ouvia? Ele lutou para alcançá-la, rangendo seus dentes, cerrando seus músculos, e apertando suas mãos em punhos.

Onde ela estava?

Vaias e grunhidos de fúria de repente ecoaram em suas orelhas, reivindicando seu foco; sua própria morte gotejando em cada timbre, os sons malignos gelando cada uma de suas células. E com os sons, uma necessidade de saborear sangue, sangue morno e vivo, cresceu dentro dele. Ele ansiou beber o doce néctar carmesim da garganta de alguém. Sim, ele precisava disso, morreria se não o fizesse.

Que diabo estava acontecendo com ele? Ao redor ele? Dentro dele? Suas pálpebras permaneciam pesadas, muito pesadas para abrir e olhar. Ele ouviu o tinido de... Espadas? Garras? Quanto mais altas as entonações se fizeram, mais fraco ele ficava. Seu tórax comprimido, o tornando ainda mais ciente da necessidade de respirar.

— Gray. — A gentil súplica o moveu acima do caos que o cercava, suprimindo os sons da batalha horripilante. — Gray.

Jewel.

Ele reconheceu seu sotaque sensual. Ela parecia mais perto que antes. Alcançável. A necessidade de saborear sangue o abandonando, substituída por uma necessidade de ver Jewel. Com toda força que possuía, ele finalmente conseguiu abrir suas pálpebras — não, não suas pálpebras, mas seu olho mental — o próprio ato mais excruciante que ser ferido a bala.

Num flash de luz branca, Jewel se materializou.

Cercada por paredes escuras, ele percebeu que eles não estavam na floresta. Eles estavam em um tipo de terra das sombras.

— Sua mente. — ela disse. — Nós estamos dentro da sua mente.

Ele a viu flutuar para ele, seus quadris balançando sedutoramente. Sua branca bata se envolvendo ao redor de seus tornozelos, um contraste vívido com a seda de seu cabelo negro cascadeando por suas costas. Ela parecia com um anjo.

Seus lábios como as pétalas das rosas se abriram em um doce sorriso.

— Gray. — ela disse novamente. — Respire comigo. — *Não posso*, ele queria dizer a ela, mas sua boca se recusava a obedecer.

— Respire comigo. — ela repetiu, num duro comando. — Para dentro. Para fora. Abra sua boca. Dentro. Fora.

Nunca qualquer coisa tinha sido tão impossível. A paralisia afetara tanto a mente quanto o corpo, o deixando completamente congelado.

— Talvez exista outro modo, o modo como o que fez quando me ajudou na água. — Jewel cobriu a distância restante entre eles, se abaixou, e separou sua boca com os dedos. Ela ajustou seus suaves lábios acima dos dele. Seus cabelos caíram como uma cortina ao redor deles enquanto ela soprava sua essência na boca dele. A doçura de sua respiração desceu por sua garganta e pouco a pouco, seus pulmões aceitaram o oxigênio.

A fragrância de tempestade marinha e magia flutuou para suas narinas. Odor de Jewel. Tão adorável. Tão necessária.

— Dentro. Fora. Dentro, — ela disse quando ele começou a respirar sozinho. — Você está se saindo maravilhosamente bem.

Com o rosto dela pairando acima do seu e seus lábios formigando pelo toque dos dela, ele não pode deixar de lembrar como se excitou quando ela falou sobre fazer sexo em um colchão de água — como ele quis ser o homem que fazia aquelas coisas safadas com ela, tocando entre suas coxas, afundando seus dedos em seu sexo quente, molhado. Trazendo-a para um clímax embriagador enquanto ela gritava seu nome.

Duas densas nuvens negras voaram passando por seus ombros e bateram no mais distante de sua mente. No momento em que elas bateram, o corpo de Gray se sacudiu, seus músculos se contraíram involuntariamente. O pouco de ar que ele havia conseguido reter, escapou e a escuridão, uma vez mais, rastejou seus insidiosos dedos ao redor dele. A imagem de Jewel foi, aos poucos, desaparecendo.

— O que está acontecendo? — Ele gemeu.

— Não se preocupe com isso agora. — Ela gentilmente o acariciou na testa e sobrancelhas. — Se concentre em mim.

Sim, Gray pensou. *Jewel*. Pense só nela. Seu olhar encontrou o dela, o prata contra o compreensivo azul, e ele foi subjugado por uma irresistível compulsão por fazer qualquer coisa que ela pedisse. Ela era sua salvação.

Num redemoinho negro com cheiro de enxofre e sangue maligno, as escuras nuvens rodopiaram até parar e formar duas criaturas distintas, cercando uma a outra. Uma das criaturas um vampiro — com suas longas presas gotejando a saliva de sua boca. A outra um demônio — com afiadas garras e olhos cintilando vermelho.

O choque o gelou da cabeça até o dedão do pé.

As duas criaturas saltaram uma contra a outra, inconscientes de tudo que não fosse à destruição do outro. Enquanto eles fatiavam, batiam e chutavam, era Gray que sentia a dor. Foi Gray que sentiu a ardência de cada golpe.

Suas combatentes formas manobraram em direção a Jewel, e por um longo e demorado momento, ela foi envolvida em uma capa de violência, escondendo-a de sua visão. Quando Gray

perdeu de vista o lindo rosto de Jewel, seu corpo se sacudiu tremendamente. Afiado. Como facas o fatiando. Ele lutou contra a dor, determinado a salvar Jewel.

Com um rosnado baixo saindo de sua garganta e empurrando para longe seus ferimentos, Gray saltou e atacou com toda sua força. Ele usou as únicas armas que possuía — seus punhos e pernas. Mas cada vez que esmurrava ou chutava, a nuvem o arremessava longe, com um violento riso de escárnio.

— Afaste-se deles! — Jewel ordenou.

— Saia daqui. — Enquanto o par lutava, passando a toda velocidade por ele, Gray saltou sobre as costas do demônio alado, abraçando-o para sufocá-lo.

— Gray. — ela gritou, frenética. — Você não pode derrotá-los sozinho, mas eu não posso fazer nada enquanto você estiver no meio deles. Deixe-me ajudá-lo.

O demônio livrou-se dele. Gray imediatamente pulou e se lançou sobre o vampiro, rasgando sua garganta ao mesmo tempo em que dentes e unhas fatiavam suas costas. Sua respiração ficou fraca, instável. Seus membros se agitaram em crescente letargia. Ele passou sua vida inteira protegendo os mais fracos, primeiro rondando as ruas de Dallas como um oficial da polícia, depois como um detetive, então perseguindo outros mundos como um agente de EIE.

Ele não pararia agora. Ele mataria estes bastardos saídos do inferno, mesmo que tivesse que morrer para conseguir isso.

— Por favor. — Jewel chorava, o som distante. — Por favor vá para longe deles, e deixe-me ajudá-lo.

O desespero e o medo que ela exteriorizava penetraram sua ira mortal, mas ele se recusou a fazer o que ela implorava. Se ele soltasse as criaturas, eles poderiam atacá-la e isso ele não permitiria. Não sabendo o que mais fazer, ele usou o resto de sua força mental para empurrá-la de sua mente.

Ele não se arriscaria.

— Parta. Agora! — Ele gritou.

Uma explosão de luz branca estourou, e ela desapareceu.

Uma insinuação de tristeza se instalou onde ela estava, fazendo seu tórax se encolher. Seus instintos masculinos mais arraigados queriam apenas sua felicidade. Queria conceder todos os seus desejos. Mas se seus desejos a pusessem em perigo, ele sempre se recusaria a realizá-los.

Usando sua distração como vantagem, as criaturas partiram para cima dele, cortando-o, arrancando sangue. Abruptamente Jewel se viu sentada.

O pânico trovejando dentro dela, pânico que ela não pôde subjugar. Gray realmente a empurrou de sua mente, e ela foi incapaz de manter sua ligação. Agora mesmo o corpo físico dele deitado ao seu lado, sacudindo-se a cada poucos segundos enquanto as criaturas o esfaqueavam.

A vara dourada ainda brilhava, afugentando as persistentes insinuações das sombras noturnas. Tentando forçosamente diminuir as rápidas batidas de seu coração, ela aproveitou para estudá-lo. Sua pele levava o matiz esverdeado de doença, e vários cortes em seu rosto e tórax sangravam profusamente. Hematomas encurvavam-se sob seus olhos.

Quanto tempo mais ele teria, ela não soube dizer. Não muito, entretanto. A advertência medonha ecoava através ela. *Não muito.*

Com as mãos trêmulas, ela colocou os dedos ao redor do pulso dele. Sua pele estava fria, sua pulsação fraca. Ante seus olhos, um corte apareceu em sua fronte, cortando da sobrancelha até o couro cabeludo. Todo ferimento recebido internamente, aparecia externamente.

Por toda sua vida, ele foi sua âncora, sua única fonte de felicidade. Assistir a vida dele desdobrar-se tinha sido sua maior alegria. Se ela tivesse qualquer esperança de ajudá-lo, tinha que achar um modo de voltar para dentro de sua mente.

Pense, Jewel. Pense. Como ela poderia passar pelo escudo mental dele?

Não existia nenhuma resposta mágica, ela percebeu um minuto mais tarde. Ela teria que tentar com mais afinco, forçar um caminho para o lado de dentro, pensou num método garantido de conseguir sua atenção.

Jewel respirou fundo e se lançou por cima dele, suas pernas escarranchando sua cintura. Emaranhou os dedos no sedoso e claro cabelo de Gray, e a pulsação que sentia na base de seu pescoço se alterou. Ele sentiu o toque dela!

Ela fechou seus olhos e inspirou profundamente outra vez mais. O ar ostentou odores do verão, folhagem orvalhada e flores desabrochando. Zombando, todos. Muito lentamente, ela abaixou sua cabeça até que seus lábios se encontraram com os dele. Sua língua se empurrou para dentro da boca dele. Seu sabor masculino consumiu seus sentidos, fazendo seu sangue ferver, suas coxas arder.

As narinas dele se alargaram, sua boca se abriu, e ele a beijou de volta.

Com a mistura de seus gostos, sua consciência viajou para dentro de Gray como uma tempestade alcançando mais e mais espaço. Fisicamente, suas mãos e pés esfriaram, seu estômago entorpeceu. Espiritualmente, ela se esquentou. Em uma suave, quase ardente expiração, sua mente consciente abandonou seu corpo completamente. Em uma forte e forçada inalação, entrou completamente na mente de Gray.

Jewel se viu varrida para a mente dele pela segunda vez, rasgando pedaço por pedaço da barreira imposta. Seus olhos se alargaram quando ela assistiu a sua essência combater as criaturas. Ele estava perceptivelmente fraco, seus socos e pontapés ineficazes.

— Gray. — Ela tinha que afastá-lo dos combatentes.

Ele girou, encarando-a.

— Jewel. — Seu olhar se estreitou. — Parta. Antes que eles venham atrás de você.

— Venha aqui. — ela disse, usando sua voz mais sedutora.

— Eu disse para você partir, mulher!

— Venha aqui. — Ela lambeu os lábios, imitando uma ação que as mulheres do mundo dele costumavam fazer quando queriam chamar a atenção de um homem. — Eu quero beijar você.

— Agora não é hora. — Ele agitou sua cabeça e se voltou para a névoa escura, esmurando-a com seus punhos.

— Beije-me. Agora é a hora perfeita. — Ela se moveu na sua direção. — Eu pensei que sua filosofia fosse a qualquer hora, em qualquer lugar. E agora mesmo eu quero sua língua em minha boca.

Algo faminto e quente resplandeceu em sua expressão. Algo frio e duro ao mesmo tempo. Então as criaturas o rodearam e riram ao redor dele como crianças malcriadas, ele tentou chutá-los. Quando errou, ganhou outra risada sardônica de seus inimigos.

— Você está em perigo aqui. — ele rosnou para ela. Ele soou mais forte, mais parecido com ele mesmo.

— Meus mamilos estão duros só de pensar em nosso beijo. Existe uma dor entre minhas pernas, e eu preciso sentir você lá, tocando-me.

Ele inspirou pesadamente, e por um momento parou de lutar e voltou suas costas para a névoa, medindo-a com um olhar quente que viajou por todo o seu corpo, demorando-se em seus seios, na junção entre suas coxas.

Ele deu um passo na direção dela, então parou.

— Não. Não. — Com um grunhido, ele voltou para lutar com o vampiro e o demônio, suportando a escuridão que se fechava ao seu redor. Ele balançou os braços e esmurrou o rosto do demônio.

A criatura voou nele, lançando-o para trás, se preparando para mordê-lo na garganta. Jewel ofegou e quase caiu de joelhos. Por milagre o vampiro se lançou contra o demônio, rolando-o longe de Gray. Salvando sua vida.

— Soldado. — ela desesperadamente o chamou. — Eu ordeno que você me beije.

Ex-militar, seu desejo de seguir o comando de um oficial superior era arraigado. Seu tom o fez pausar, ele agitou sua cabeça tentando clarear seus pensamentos, focar. Ele parou. A briga continuou ao redor dele.

— Tudo parece surreal. — Ele massageou suas têmporas. — Incoerente e fora de sincronia.

— Eu posso tornar tudo melhor. Você só tem que confiar em mim.

Ele fez careta e se abraçou, abaixando-se, de repente ofegando por ar.

— É quase como... se eu estivesse visualizando um quadro de Dali...aqui o mundo...a realidade se derrete e se volta dentro dela mesma. O que é real? O que não é.

— Eu sou real. Toque-me e veja.

— Eu quero, Deus, eu quero, mas eu não posso. — ele disse obstinadamente. — Eu não posso. Devo... pará-los. Eu sou um empregado de EIE e eu... lutarei para proteger você.

Ela engoliu o desejo de cair de joelhos e gritar. O instinto protetor dele era tão profundamente arraigado, ela poderia nunca liberá-lo. E ele morreria. O desespero cravou as garras afiadas nela, cortando fundo. Seus olhos se estreitaram. Ele podia resistir a sua promessa de um beijo, mas ele podia resistir a uma fêmea nua?

Ela depressa desatou a bata de seus ombros. O material caiu até sua cintura, revelando seus seios, enfeitados por seus mamilos, e seu liso e plano estômago.

Gray arregalou os olhos.

— Você está se exibindo. Você realmente está se exibindo!

— Me toque.

— Não, eu sou um empregado do EIE e lutarei para protegê-la. Eu sou um empregado de EIE e irei — admirar o mais belo par de seios que já vi em toda a minha vida. — Ele sacudiu a cabeça tentando clarear seus pensamentos, mas seu olhar permaneceu preso a ela.

— Eu sou um EIE... seus peitos irão caber perfeitamente em minhas mãos.

A pele dela esquentou.

— Por que você não se certifica?

Ele lentamente cobriu a distância que os separava, mancando o tempo todo, mas nunca parando. Quando ele estava na frente dela, seus braços se esticando para acariciar seus seios, Jewel se arrepiou com antecipação. Ela queria tanto aceitar seu toque, mas ela não podia. Não ainda. E então, ela fez algo que nunca pensou que faria. Ela enganchou sua perna ao redor dos joelhos de Gray e o empurrou, fortemente. Já debilitado, ele caiu, sua expressão chocada à medida que aterrissava. Ele estremeceu, ficando no chão, tentando respirar.

Com Gray fora do caminho, ela fechou seus olhos e levantou suas mãos, fazendo com que as criaturas diminuíssem sua velocidade. Os sons da batalha retrocederam, o ar ao seu redor se espessou e cessou todo movimento até existir apenas a quietude.

Suas pálpebras se abriram lentamente, e avistaram uma cena surpreendente. O demônio e vampiro continuavam a guerrear um com o outro, sim, mas se moviam em câmara lenta, todas as suas ações lentas. Uma negra gota de sangue do demônio caindo e espirrando sobre o chão. Ela viu cada parte de todo o movimento.

— Agora, Gray. — ela gritou. — Mate-os agora. — Ela tinha medo de mover seus braços para ajudá-lo, com medo de as criaturas voltarem a se mover em velocidade alucinante.

Gray determinadamente, embora trêmulo, colocou-se de pé. Ele esfregou seus olhos em uma tentativa de clarear a visão antes de mancar para as criaturas. Então, com uma habilidade intrínseca, inveterada, ele atacou. As criaturas silvaram e o morderam, chupando ainda mais sangue, mas ele lutou, quebrando os pescoços de ambos e soltando seus corpos.

Ele ficou parado lá, ofegando por ar, seus ferimentos abertos e sangrando.

Ondas e mais ondas de alívio e alegria precipitaram-se sobre ela.

— Você conseguiu! — ela disse, respeitosamente, suas mãos caindo ao lado do corpo.

— Não, *nós* conseguimos!

Os lábios dela se abriram em um sorriso, e o súbito flash de desejo iluminou os olhos de Gray, que estavam pousados fixamente no peito de Jewel. Seu próprio desejo ganhou vida — nunca realmente esquecido — e ela ofegou, percebendo que seus seios ainda estavam descobertos em exibição.

— Se eu estiver me lembrando corretamente, — ele continuou, mais forte a cada segundo, — você me prometeu um beijo antes de me jogar de bunda no chão.

Ela ardeu eroticamente com a idéia de ter os lábios dele sobre os dela. De suas mãos se movendo sobre ela. Talvez até rolando seus mamilos entre seus dedos.

— Você não está muito fraco?

— Para um beijo? Nunca. — Ele deu três passos lentos em direção a ela. — Você está muito fraca?

— Claro que não.

Ele riu de sua afronta. A pele dele estava cada vez mais rosada, mais bronzeada.

— Você uma vez disse que os humanos sempre exigem provas de tudo. Bem, você estava certa. Prove. Prove que você está forte o suficiente para lidar comigo.

Ela engoliu em seco, não sabendo por onde começar. Tocando-o? Provando seu sabor? Talvez ambos? Suas palavras poderiam ter sido corajosas hoje, mas ela nunca esteve com um homem antes. Seus dedos se inquietaram por conhecer cada parte dele. Sua boca salivando, ansiando lambe cada pedacinho dele.

— Você vai me beijar ou não?

— Eu não sei por onde começar. — ela admitiu.

Seus olhos cor de prata líquida brilharam com uma fome que a balançou. Sua cabeça abaixada.

— Nós começaremos por aqui, — ele disse, movendo a ponta de seu dedo sobre a abertura de seus lábios, — e caminharemos para baixo. — Dois de seus dedos circularam seus mamilos, fazendo-os endurecerem ainda mais.

Seus lábios se separaram em um ofego de puro prazer.

E então ele estava lá, seus braços enlaçados ao redor de sua cintura, os lábios dele se encontrando com os seus. Por sua boca estar aberta, ele facilmente moveu sua língua para dentro. Ele tinha sabor de calor e de homem e seu gosto a intoxicou.

Ela se derreteu contra ele, sua camisa irritando deliciosamente seus seios, seu toque prometendo as nuvens. Forjando suas fantasias.

— Me beije também. — ele gemeu.

— Eu não sei como. Exatamente. — Ela sussurrou a confissão, incapaz de olhar para ele. Ela viu beijos, mas nunca experimentou um.

Ele se afastou ligeiramente, levantou ligeiramente seu queixo, olhando-a fixamente nos olhos. Possessividade irradiava dele.

— Só mova sua língua contra a minha. Chupe-a. Lamba-a.

Calafrios de puro erotismo dançaram por todo seu corpo. A imagem que suas palavras produziram eram arrojadas, embriagadoras. Umedecendo seus lábios, ela deslocou o olhar para a boca dele.

— Eu estou pronta.

— Tem certeza? — Ele articulou uma risada fraca antes de, suavemente, beijá-la na ponta do nariz, depois no queixo, e a extremidade de sua boca. Cada toque a abrasou, tecendo uma rede sedutora em sua mente.

— Deixe-me ter sua língua novamente. — ela disse, desesperada. Ardente. Necessitada. — Eu quero chupá-la, como você disse.

— Deus, eu gosto de uma aluna ávida. — Ele concordou e mais uma vez sua língua lhe penetrou a boca.

Ela gemeu no primeiro toque. A ereção dele esfregando-se entre suas pernas, espessa e dura. Ela o queria; ela sempre o quis. Ele se tornou uma obsessão ao longo dos anos e agora sua proximidade a embrulhou em um manto de sensualidade.

Com suas línguas dançando e lutando, ela se arqueou contra ele. Ele a beijou como se estivesse completamente absorvido nela, como se nada mais importasse além de segurá-la e levá-la ao prazer. As mãos dele encontraram seus seios e os apertaram. Puras chamas se lançaram para o mais profundo dela. Seu sangue se eletrificou. Como ela quis gritar seu amor por ele, mas muito facilmente ela se recordou da reação dele quando outras mulheres fizeram isto. Ele sempre fugia o mais rápido possível.

— Veja. Eles enchem minhas mãos.

— Tire suas roupas. — ela sussurrou. — Eu quero sentir sua pele contra a minha.

Dessa vez, *ele* gemeu. Seu desejo se tornou mais intenso, afogando-a com sensações mais doces que o mel mais rico. Então...

Os pensamentos dele encheram sua mente. *Eu a quero. Deus, eu a quero. Ela tem um gosto tão diabolicamente bom. Eu preciso dela. Eu — Que diabo você está fazendo James? Ela não é para você. Se afaste. Vá para longe, ela é perigosa.*

Jewel se afastou de seu abraço, sua respiração ofegante. As palavras '*ela não é para você, se afaste*', ecoando em sua cabeça. Machucada, ela cobriu seus lábios inchados, úmidos com sua mão, então rapidamente amarrou sua bata, protegendo sua nudez. A pendente rejeição de Gray machucando seu orgulho. Se eles fossem de carne e osso agora, ela poderia tê-lo estapeado — ou cravado seu joelho no precioso General Feliz.

Tantas vezes ela o assistiu beijando outras mulheres. Ele nunca as rechaçou — nunca as afastou. Ele sempre demorava, saboreado, se movendo lentamente, prolongando o prazer tanto quanto fosse possível.

Por que ele não podia ser o mesmo com ela? Por que?

As mãos dele agarraram os seus braços, sua respiração tão ofegante quanto a dela.

— Por que você parou? Eu ainda não terminei com você.

Para que ele não visse sua expressão magoada, ela se voltou e se afastou dele.

— Você viverá agora, Gray. Seu corpo já começou a se curar. É hora de eu deixar este lugar.

Silêncio.

Um silêncio tão profundo que pesou sobre seus delicados ombros. Nenhum protesto, nenhuma mendicância para retê-la em seus braços. Por que ela tinha que amar tanto este homem? Por que ele tinha que significar tanto para ela, quando ela obviamente significava tão pouco para ele? De todas as coisas que poderiam ter passado por sua cabeça, ele pensou no perigo que ela representava. Como se ela fosse machucá-lo.

— Meu Deus. — ele ofegou, soltando-a completamente e tropeçando para trás.

Existia tanto horror em seu tom, que ela se voltou rapidamente, seu olhar passeando sobre ele.

— O que está errado? — Os olhos de Gray estavam arregalados, as linhas ao redor sua boca tensa. — Eu posso ler sua mente.

CAPÍTULO SETE

Marina, a Rainha dos Demônios, estudou a vasta área da floresta, sua extraordinária visão cortando folhagem, montículos espessos de sujeira e pedras. A crepitante chama proveniente de seu exército iluminou as árvores ao redor, lançando sombras e luz por todas as direções. A fumaça se espalhava rapidamente, seguindo em direção ao céu, deixando um rastro de cinzas. A frustração a corroía com a determinação e frenesi de uma besta faminta.

O assassino humano não podia ser encontrado em lugar algum. Mais importante, sua escrava favorita não podia ser encontrada em lugar algum.

— Droga! — ela rosnou, suas mãos apertadas em punhos, garras afiadas carcomendo sua pele.

Parar a busca e ordenar que seu exército armasse acampamento não foi uma tarefa fácil. Não quando ela estava desesperada por possuir, uma vez mais, a menina. Cada minuto que passava, Marina perdia mais e mais o já sutil aroma da garota. A manhã surgiria a qualquer momento, e embora o amanhecer não a matasse, seus caçadores agiam melhor na escuridão, a luz do dia tornava seus olhos muito sensíveis.

Agora ela teria que esperar e o reconhecimento do fato desenhou em seus lábios uma carranca. Onde estava a escrava? Onde o humano a escondeu? Humanos. Como ela os abominava. Os deuses se divertiam enviando alguns para Atlantis e assistindo o iminente caos. Mas um humano não deveria ser capaz de raptar uma de suas escravas.

Onde eles estavam?

Será que o par teria implorado amparo para alguma outra raça? Ela se perguntou, mas descartou a idéia imediatamente. Sua escrava sempre louvou os méritos da liberdade e não arriscaria ser escravizada em algum outro reino. Facilmente reconhecida como ela era, ela teria que evitar as cidades.

Este era o motivo de Marina estar tão longe da cidade. Ela observava a floresta continuamente, mas não avistou nada fora do comum. Pronunciou um grunhido baixo vindo do mais fundo de sua garganta, o som reverberou ao longo de seu corpo. Onde eles estavam?

Uma gentil brisa metálica beijou sua nuca e Marina chicoteou ao seu redor, sabendo que sua solidão acabara de ser interrompida. Seus olhos se estreitaram no bonito intruso parado a suas costas.

— Oi, Marina. — A aveludada voz masculina flutuou através da pequena distância.

— O que você faz aqui, Layel? — A pergunta foi pronunciada num irritado grunhido. Se esse fosse um de seus homens, ela o teria derrubado pela insolência ao invés de apenas ter exigido uma resposta.

O rei vampiro ergueu suas escuras sobrancelhas, dando-lhes uma perigosa e sedutora inclinação

— Este não é o modo de dar as boas vindas a um velho amigo.

— Velho amigo? Ha. — Você não respondeu a minha pergunta. — Enquanto falava, suas garras se alongaram, preparadas para o ataque. Por que não o derrubar? Por mais que demônios e vampiros não fossem inimigos, eles também não eram amigos. E ela desejava destruir este sanguessuga há muito tempo. Toda vez que o mirava, se lembrava do tempo que implorou por seu amor — e ele sempre o negou.

Os vampiros eram rápidos, desconcertantemente rápidos. Ela teria que atacá-lo de surpresa. Enquanto ela se aproximava, passo a passo, seus olhos se deleitavam com a máscula vista. Ele era alto e flexível, uma criatura que radiava poder e sexo. Uma combinação letal. Muitas rainhas Atlantes, não importando de qual raça, caíram rendidas a seu charme mortal. Ele era dono de uma pele pálida, músculos perfeitamente esculpidos, e olhos cristalinos que normalmente revelavam uma zombeteira diversão. No momento, estava tão silencioso quanto um predador noturno.

— Você não é bem-vindo aqui. — ela afirmou, se aproximando um passo mais.

— Claro que sou. — Ele riu, o som rico e rouco reverberando na noite. — Esta é a *minha* área de caça.

Ela congelou. Apenas seus olhos se movimentaram enquanto reavaliava o ambiente. As árvores eram mais altas que aquelas que arborizavam sua propriedade. Mais luxuriantes. Mais verdes. O doce aroma de cinzas e enxofre, tão predominante, *infestava* o ar. Porém, ainda que camuflado, o cheiro do florescer e de sal marinho era captado.

Aquelas eram as terras dele, o que significava a presença de seu vampiresco exército morto-vivo, oculto e silencioso. Esperando.

Suas garras se retraíram e ela franziu o cenho. Como deixou isso passar? Outro fracasso de sua parte, obviamente. Sua carranca se aprofundou. Marina poderia ser capaz de matar Layel agora mesmo, mas ela não viveria tempo suficiente para se regozijar; não, o exército dele emergiria de seu esconderijo e atacaria sem piedade.

— Bem? — Layel indagou, seus olhos estreitos. Ao invés de ameaçador, sua expressão parecia ainda mais sensual, ainda mais erótica.

— Eu estou à procura de um humano. — ela finalmente disse. — Um homem. Você o viu?

Layel abriu um largo sorriso.

— O humano que dizimou metade de seu palácio e decapitou vários de seus guardas?

Ela rangeu os dentes com a lembrança. Ela não entendia como um homem, um humano, trouxe tantos estragos e desolação. Tudo que ela sabia é que não descansaria enquanto não o capturasse. E quando agarrasse aquele humano bastardo, ela iria se banquetear de seu corpo por dias, prolongando seu sofrimento e apreciando cada momento disto.

— Como você tomou conhecimento de suas ações? — Ela exigiu, sua voz tão afiada que poderia dilacerar como cacos de vidro.

— Os comentários voam por aqui. Você *deveria* saber disso.

Um movimento a direita chamou sua atenção e Marina permaneceu calada enquanto um de suas sentinelas se dirigia para ela. O acampamento de demônios atrás dele zumbia com a atividade. Armando barracas. Afiando armas. Jantando — uma satisfatória caça de porcos guinchando.

O guarda, um bonito macho com uma profusão de chifres em seus braços e pernas e cabelos longos e negros que cascadeavam por suas costas, segurava uma taça em cada mão.

Ele ofereceu a primeira à Marina, então apresentou a segunda para Layel com um sorriso tentador. Sua mandíbula contraiu-se nervosamente. Até seus machos eram suscetíveis ante o vampiro.

— Eu a vi aqui e pensei que poderia estar com sede. — ele disse, suas palavras para Marina, mas seu olhar em Layel.

— Não venha até aqui novamente. — ela estalou. — Permaneça no acampamento ou será você a sobremesa que o exército apreciará. — Com uma expressão apavorada, o demônio se apressou em obedecer a ordem dada, suas asas oscilando irregularmente pelo medo. Folhas e ramos flutuando e dançando dispersas, antes de caírem sobre a sujeira.

A sós com o rei uma vez mais, ela agarrou sua taça, o observando de cima a baixo, estudando-o, considerando. Ele era tão pálido, tão exótico. Ela sorveu o rico líquido vermelho, desejando que o sangue animal fosse mais doce, mais morno.

— Darius en Kragin tem uma nova noiva. — ela disse, debruçada contra o áspero tronco de uma árvore. As pontas de seus chifres perfurando as folhas. Uma idéia começou a se formar em sua mente, obscurecendo seu desejo de destruir o rei.

Layel curvou uma escura sobrancelha.

— Eu sei. Eu a vi.

— Então você sabe que ela é humana.

— Claro. — Ele saboreou seu cálice, seu olhar nunca abandonando o dela, e sem cerimônias soltou a taça. Lentamente ele cobriu a pouca distância que existia entre eles, deslizando acima da sujeira e membros que estavam em seu caminho. Quando estava bem próximo, Layel parou, sua respiração fresca acariciando o rosto dela. — O que ela tem haver com o macho humano? Por que você a menciona?

Uma pequena quantidade de sangue gotejava dos lábios dela. Ela se inclinou e capturou a gota com a ponta do dedo. Trouxe o dedo para seus lábios e o lambeu com malícia.

Talvez ela e Layel pudessem ajudar um ao outro. Por enquanto.

Sim, ela pensou, uma onda vertiginosa destruindo sua sensação de fracasso. Sim. Juntos, eles seriam poderosos. Juntos, eles poderiam destruir qualquer coisa. Destruir qualquer um.

Ela soltou seu cálice no chão, deixando um bater contra o outro. Em vez de responder as perguntas feitas por ele, ela o indagou com uma de suas muitas dúvidas.

— O que você sabe de um portal que leva de Atlantis até a superfície?

Ele riu, sua zombaria a irritando. Ela franziu o cenho. Marina não era uma mulher que se deixava ser zombada.

— Os deuses não seriam tão estúpidos para colocar uma entrada em seu precioso reino da superfície. — ele disse. — Eles nos odeiam. Eles querem que nós permaneçamos aqui, esquecidos.

— Claro que eles ergueriam uma entrada para a superfície. Se existe uma entrada, tem que existir uma saída.

— Verdade, mas uma entrada colocaria o mundo humano em perigo, e... Não, os deuses nunca fariam tal coisa. — Suas palavras a dispensaram, da mesma forma que seu tom.

— Então como Darius trouxe sua noiva humana até aqui? Ela não foi enviada pelos deuses. Meus espiões investigaram: Darius deixou Atlantis e a trouxe até aqui.

Layel fez uma carranca e golpeou dois dedos acima de sua mandíbula como considerando a idéia.

— O portal não é para seu uso, Marina.

Ela sacudiu seu queixo.

— Então você sabe que existe? Você sabe que existe, e pretendia me enganar fingindo desconhecer sua existência.

Ele deu um negligente encolher os ombros.

— Eu sei tudo. E sim.

— Você não é a joia de Dunamis. — ela disse, seus olhos como fendas. — Você não pode saber tudo.

— Ah, Dunamis. — Ele prolongou cada sílaba como se elas fossem uma carícia para seus sentidos. — Algo que já não é mais seu para comandar. — ele disse com um sorriso.

As afiadas pontas de seus dentes rangeram. Toda soberana na terra possuiu a joia em algum momento ou outro, e Marina a possuiu por muito pouco tempo.

— Eu a terei novamente, te asseguro isso.

Seus ombros largos se ergueram novamente.

— Eu não tenho que ser Dunamis para saber que o portal só traz morte para os atlantes. Se você entrar, os deuses a matarão.

— Darius sobreviveu. Além disso, os deuses não se importarão com o que façamos. Eles não me prejudicarão, te asseguro. — Ela parou, um silêncio pesado a cercou enquanto a advertência de Layel ecoava por sua mente. Até os sons do acampamento de demônio e o incessante tagarelar de seus homens se distanciaram. Ela poderia soar segura de si, mas não se sentia daquele modo.

E se o vampiro estivesse certo? Os deuses os ignoraram por tanto tempo, tinham tornado sua preferência pelos mortais tão clara...

Não. Não. Ela não deixaria a possibilidade do desafeto dos deuses regerem sua decisão.

— Não gosto de pensar que você sabia sobre o portal e nunca pensou em me dizer. — ela disse com planejada calma, enquanto passeava seus dedos acima da costura de seus lábios.

— Talvez tenha me entretido pensar na sua ignorância.

— Você teme os deuses, Layel? — Ela sorriu devagar. Ingênua. Gozadora. — Você teme a ira deles? Você deve, coitadinho, coitadinho do bebê. Caso contrário, você teria usado o portal para encontrar outra noiva humana.

Mesmo com suas provocações, Layel permaneceu neutro, impassível, não revelando qualquer sugestão de suas emoções, seus dentes longos e afiados a mostra. Ele deve estar furioso, ela pensou com um sorriso de satisfação, o homem odiava lembrar-se da mulher que amou e perdeu.

— É melhor você vigiar sua língua, demônio. — ele avisou suavemente. — Antes que a perca.

Sua cabeça pendia para o lado, seus próprios dentes prolongando-se.

— Melhor recordar quem você está ameaçando, Layel.

O azul de seus olhos faiscava com manchas de vermelho.

— Você não quer uma guerra entre nosso povo, Marina, e você está muito perto de começar uma.

Marina engoliu suas palavras numa respiração frustrada. Se ela não fosse cuidadosa, ele partiria, e ela seria forçada a achar sua escrava sozinha. Forçada a batalhar contra Darius e seu exército de dragão sem aliados, porque ela queria o controle do portal. Desesperadamente.

Se ela ainda possuísse Dunamis, não precisaria de Layel ou de qualquer outro. Ela saberia exatamente que plano de batalha traçaria, saberia exatamente o que seu inimigo tinha planejado.

Oh, como ela se amaldiçoou pela perda da joia!

Ela não gostava de sentir-se incapaz. Pior que isso, ela odiava necessitar de outra criatura — especialmente o sedutor e enigmático Layel.

— Nós dois sabemos que você odeia Darius. — ela disse, galgando alguns passos para longe dele. Sua proximidade a enervava. Ela o mirava enquanto as árvores balançavam contra a brisa. — Ele matou sua amante, e você nunca teve vingança.

Layel não respondeu por um longo tempo. Quando o fez, seus traços eram neutros, não revelando nenhuma emoção, mas sua voz era espessa e aridamente divertida.

— Tal sutileza aquece meu coração. Verdadeiramente o faz.

— Você não tem um coração.

— Verdade. — ele disse, sua diversão ainda mais rica. — Me responda algo. Por que deseja viajar para a superfície? Você é uma rainha, e possui tudo o que sempre desejou.

— Você é verdadeiramente tão tolo que não sabe? — Quando não ouviu nenhuma resposta, ela adicionou, — Pense sobre isto. Na superfície, nós seremos os deuses. Não reis e rainhas, mas deuses que serão adorados e venerados. Os humanos serão forçados a obedecer nosso absoluto comando e nós beberemos de seus corpos a qualquer hora que desejarmos, não mais confiando em animais para nos sustentar.

— Você arriscaria a ira dos deuses por sobremesa? — A repreensão saindo de sua língua. — Demônio tolo. Você verdadeiramente pode ser tão tola?

Quanto mais o som de sua diversão ecoava pela floresta, mais sua irritação com ele se intensificava. Bastardo. Ele não podia ver o acertado que eram seus desejos?

— Você sabe tão bem quanto eu que não existe nada mais doce que sangue humano.

— Eu passei sem por tanto tempo, que dificilmente me lembraria do gosto

Ela tentou outra linha de persuasão.

— Você já quis voar até não ver nada além do céu? Eu já. Aqui, nós nunca alcançaremos qualquer coisa exceto cristal e água. Eu almejo liberdade, Layel. Liberdade verdadeira. — Não importa, ela repetiu as mesmas palavras que sua escrava sempre deu a ela. Isto era diferente. Este era o seu desejo.

Os minutos se arrastaram pelo silêncio. Layel gostava de fazer isto, gostava de fazê-la esperar por sua resposta. A paciência não era parte de sua natureza, e esperar agora, quando o assunto tinha tal importância, provava ser impossível.

— Na superfície, poderá seduzir mil mulheres humanas se este for seu desejo. Poderá achar outra humana para amar. — ela adicionou de um só fôlego.

Seus lábios se inclinaram num melancólico franzido, dando a suas características um tipo letal de beleza. Naquele momento ela soube que o tinha. Soube que ele a ajudaria no que fosse necessário.

Com um esforço consciente, ela manteve a chama do triunfo longe de sua expressão.

— Juntos nós poderemos controlar o portal. Juntos, — ela adicionou, — nós poderemos destruir Darius e seu exército e conseguiremos invadir seu palácio. É lá onde o portal reside, não é?

Ele movimentou a cabeça, um declínio lento de seu queixo.

— Fogo o mata. Meus demônios são imunes a isto. E seus vampiros podem fazer coisas que nós não podemos. Darius nunca poderá lutar contra ambos os exércitos ao mesmo tempo.

O silêncio absoluto reinou por um longo momento.

Seus punhos se fecharam enquanto ela aguardava sua resposta.

— Muito bem. — ele disse suavemente, como se não a tivesse mantido esperando. Ele movimentou a cabeça novamente. — Eu a ajudarei.

— Você não lamentará esta decisão. — Isso era verdade, um homem morto não podia lamentar qualquer coisa. Uma vez que Layel não servisse mais a seus propósitos... Ela sorriu. — Deste dia em diante, deixemos saber que vampiros e demônios são aliados.

Seus lábios franziram, mas ele não negou suas palavras.

— Meus espiões viram o macho humano e uma escrava dirigindo-se para o palácio de Javar.

Ela cruzou seus braços acima de seu tórax.

— O antigo rei dragão está morto. Seu palácio vazio. Por que se dirigem para lá?

— Se existe um portal no palácio de Darius, não há razão para não existir um no palácio de Javar, também? O humano querará viajar por ele. Você poderá matá-lo e nós poderemos tomar o primeiro portal mais facilmente, só então nos preocuparemos com o outro.

Seus olhos se alargaram.

— Você está certo. Nós mataremos o humano, roubaremos minha escrava de volta, e eu tomarei posse de um dos portais. Perfeito. — E tão mais fácil que ela poderia imaginar.

— Você não quer dizer que *nós* tomaremos posse? — Ele perguntou, uma sobrancelha curvada.

— Sim, claro. — ela mentiu prontamente. — Nós.

— Eu juntarei o resto de meu exército e retornarei quando for chegada a hora. — Não oferecendo nenhuma outra explicação, ele desapareceu, se movendo tão depressa que era como se ele nunca tivesse estado lá.

Marina finalmente permitiu que seu sorriso vitorioso emergisse. A vida de repente pareceu tão doce.

CAPÍTULO OITO

A luz brilhante descia da cúpula cristalina, tão brilhante que Gray teve de apertar os olhos para que não lacrimejassem. Até mesmo as árvores pareciam brancas... espere. Elas *eram* brancas.

A cabeça dele pulsava, e vários minutos se passaram antes que ele tivesse condições de se orientar completamente. Ele estava deitado numa macia cama de folhas. Jewel estava ajoelhada ao lado dele. Seus longos e sedosos cabelos caídos nos ombros, acariciando a pele dele e deixando um rastro de perfume de tempestade marinha. Ela tinha uma expressão de intensa concentração enquanto esfregava uma pasta arenosa em seu braço ferido.

A ferida queimava como se ela estivesse colocando lava derretida dentro dela.

— Que tipo de emplasto é esse? — ele perguntou com os dentes cerrados. Sua voz falhando em cada palavra, sua garganta machucada.

Assustada, ela ofegou. As mãos dela pararam, e ela piscou para ele.

— Você está acordado!

— Parece que sim, não é? — Levantando seu braço bom, ele massageou suas têmporas, seu pescoço. A dor começou a ceder lentamente.

Os olhos dela fixaram-se nos dele, profunda e penetrantemente, o azul alienígena das íris dela hipnotizante.

— Como se sente?

— Como uma merda!

— Fiz o possível para que ficasse confortável.

Talvez ele devesse ter mentido, ele pensou, estudando a feição desapontada dela. Ter dito a ela que se sentia como um campo de rosas, ou alguma outra coisa romântica que as mulheres gostavam de ouvir. Ele feriu os sentimentos dela, e o conhecimento disso não o agradou nem um pouco. Além disso, ele tinha orgulho — mais do que muitos e mais do que deveria — e não queria que a mulher que planejava levar para a cama pensasse que ele era um fracote maricas que não aguentava um pouco de dor.

Gray franziu a testa. Espere. Ele não ia levar essa mulher para a cama. Pensava sobre isso, claro, mas tão longe quanto ele permitisse que fosse. Por mais que imaginasse cada toque, cheiro e som, cada suspiro que pudesse sair daqueles lábios quando ele arrastasse sua língua sobre os mamilos, entre as pernas dela — ele cortou essa linha de pensamento, esperando diminuir a quantidade de sangue que desceu para seu pau — começar um relacionamento sexual com uma mulher que não era da Terra, não era sábio. Um, que ele não arriscaria gravidez — DNA humano e atlante se misturavam? E dois, ele simplesmente não tinha casinhos.

E mais, um homem envolvido sexualmente com uma mulher tendia a relaxar sua guarda e perder o foco, pensando em nada além de tirar a roupa da mulher novamente. Gray fungou. Ele não tinha dormido com Jewel, mas estava constantemente pensando em vê-la nua. Diabos, ele já perdeu a guarda com ela. Ele desmaiou na frente dela, por Deus! A lembrança o mortificou, mas quão mais relaxado um homem pode ficar?

— Você está indo muito bem. Eu me sentindo como uma merda é uma coisa boa. — ele disse com raiva.

— Verdade. — ela respondeu depois de alguns momentos de contemplação. Sua expressão brilhou, e ela lhe ofereceu um sorriso suave e doce. — Um homem que se sente como merda é um homem vivo!

Ele pressionou os lábios para não rir alto. Ouvir Jewel dizer palavras chulas, não importando o quão suja fosse a palavra que saísse daquela boca sedutora e feita para o pecado, era como ouvir seu pai boca de latrina cantar aleluia. Não combinava com as respectivas personalidades. Mas maldição se ele não estremecesse cada vez que Jewel falasse assim.

Ela voltou sua atenção para o braço dele, massageando a substância arenosa e quente como o fogo na ferida.

— Você se lembra de tudo o que aconteceu noite passada?

— Você quer dizer de eu desmaiar como uma mulherzinha? — Sua adrenalina deve ter se esgotado mesmo. — Sim, eu me lembro.

— E do que aconteceu depois?

Ele procurou em sua mente e sacudiu a cabeça.

— Não.

Diferentes emoções passaram pelo rosto dela: alívio, desapontamento, resignação.

— Enquanto esteve desacordado, você murmurou em Klingon. Algo sobre Khesterox thath — uma situação fracassada.

O rosto dele ficou vermelho. Ele o sentiu queimar, e isso o fez se sentir mais embaraçado.

— Como você sabe sobre Kling... — ele franziu a testa — Deixa pra lá. Eu não quero saber. — Desmaiar na frente de uma mulher já era ruim. Desmaiar na frente de Jewel e sussurrando em Klingon era um matador de ego. Ele tentou tanto fazer com que ela o enxergasse como forte, capaz. Invencível.

Tarde demais agora.

— Ajude-me a levantar. — ele disse sombriamente.

— Você deve permanecer...

— Ajude-me ou eu tento sozinho.

Com um rosnado, Jewel deslizou um braço por baixo do pescoço dele e pressionou, ajudando-o a se levantar. Quanto mais alto sua cabeça, mais tonto ele ficava.

— Quer se deitar novamente? — ela perguntou convencida.

— Não, diabos! — ele levantou os joelhos e apoiou os cotovelos lá, deitou seu rosto nas mãos que o aguardavam. — Me dê um minuto. Porcaria de ferimentos. — o estômago dele girou em protesto, e não parava de girar. — Sim, droga. Vou me deitar novamente.

Ela o desceu para o chão, permanecendo ao lado dele. Ele gostava dela mais do que devia, gostava de senti-la contra ele. Gostava do modo como o cheiro dela o envolvia.

Ela estava começando a entrar na pele dele.

— Você poderia estar pior, sabe, e se não ficar quietinho, ainda pode ficar.

— Ferimentos não são para ser curados, são para ser conquistados. Eu não estou preocupado. Já apanhei mais do que isso. — tentando não estremecer, Gray moveu seu braço com uma inclinação do rosto — Esse emplasto. Do que é?

— Areia — ela respondeu, como se fosse a coisa mais natural do mundo esfregar uma massa de lama infestada de bactérias em um ferimento.

Ele tirou o braço de perto dela, seus olhos arregalados de horror

— Areia? Você disse areia? Como do chão, pisada, cuspidas, Deus sabe o que mais foi feito em cima dela, areia?

Confusa, ela concordou com a cabeça.

— Você também não ouve bem, além de ser teimoso e tolo? Sim, areia. Agora me dê seu braço aqui.

— Não. Colocar sujeira numa ferida pode causar infecção e uma infecção pode apodrecer o membro. E o que você quis dizer com eu sou teimoso e tolo?

— A areia possui muitas qualidades de cura de que seu corpo precisa. — Ela levantou os ombros, e ela afastou os olhos dele, concentrando-se na ferida. — Teimoso porque você se recusa a ouvir a razão e faz o que quer que considere correto. Tolo pela mesma razão. — Enquanto falava, ela colocava um pedaço de pano branco ao redor do ferimento.

Ele não protestou mais. Ao invés disso ele a observou, observou o modo como ela mordia o lábio inferior enquanto trabalhava. Imagens começaram a aparecer no fundo da mente dele. Imagens escuras, imagens perigosas. Imagens eroticamente sedutoras. Noite passada ele sonhou que estava lutando contra um demônio e um vampiro, mas o que mais lembrava era de ter sonhado com Jewel. Beijá-la. Seus lábios tinham se movido contra os dela, saboreando sua suavidade. Sua língua havia duelado com a dela, devorando sua doçura. E durante tudo isso, os montes suaves dos seios nus dela estavam pressionados contra seu peito, os rosados e duros mamilos dela criando uma deliciosa fricção.

O prazer que ele teve com esse beijo de sonho o assombrou. Ele ainda se lembrava do gosto de lua e estrelas. E magia. Sim, ela tinha gosto de mágica e possibilidades.

Em seu sonho, ele conhecia os pensamentos dela. Sabia que ela precisava tanto dele quanto do ar para respirar. Sabia que ela o amava... o amava mais que a própria vida.

Sabia, também, que ela carregava um segredo que temia que poderia destruir a ambos.

Qual tinha sido esse segredo? Ele não conseguia se lembrar, e lutou para trazer a resposta a seus pensamentos. Sem sorte.

Nesse momento, os olhos de Jewel estavam abaixados, seus longos e grossos cílios encobrendo o azul alienígena de seus olhos que ele achava tão fascinante. Talvez assim fosse melhor. Ele não tinha forças para evitar se afogar neles por agora. Ele imaginava, contudo, que pensamentos nadavam naquela mente. Ele não conseguia ler sua mente como fora capaz no sonho.

— Está na hora de enfaixar seu pescoço — ela disse, cortando seus pensamentos. — Vamos esperar que a ferida esteja melhor. — A voz sensual dela passou por ele e ele sentiu-se endurecer. Sempre duro.

Ele não era um adolescente, droga! Ele devia ter melhor controle de seu corpo. Quem era o chefe? Ele ou seu pau?

Eu! Seu pau falou com confiança. *Como se isso alguma vez tivesse sido colocado em questão. Oh! Cale-se.*

Jewel bateu as mãos, esfregando-as, fazendo com que cristais de areia voassem para todo lado.

— Vire-se, por favor.

Ele se deitou de lado para facilitar-lhe o acesso, e uma pontuda dor o atravessou do pescoço até os dedos do pé.

— Droga! — ele rosnou. — Uma mordida estúpida não deveria ter causado esse tipo de dano.

— Você está certo. Uma mordida como essa deveria ter causado um dano muito *pior*. Agradeça por estar vivo.

— Estou agradecido. — ele resmungou.

Cuidadosamente os dedos dela sondaram seu pescoço latejante. Ela tinha de se inclinar bem próxima a ele, e seu cheiro feminino novamente penetrou em suas narinas. Mais dos cabelos dela deslizaram por seu peito nu — foi ela quem tirou sua camisa, ou foi ele quem o fez? — e a exuberante saliência de seus seios se pressionava contra seu peito.

Bem como em seu sonho.

Se ele tivesse forças, ele a teria puxado para si e visto se ela tinha o *gosto* igual ao do sonho. Como céu e inferno, pecado e libertação. Sua boca salivava pela língua dela; seu corpo ficava tenso pelo peso do dela.

Não é demonstrar esperteza confraternizar com os locais, James. Se lembra?

Ele sentia, realmente sentia, os mamilos endurecidos contra ele, indo de macios a totalmente lambíveis em segundos. Ser esperto é superestimado.

Um beijo não era uma relação sexual, ele racionalizava. Ela seria receptiva a ele? Ele estudava a expressão dela. Seus lábios rosados estavam entreabertos; a respiração estava um pouco superficial. Dois círculos rosados cobriam suas bochechas. Ela podia não saber, ela podia negar, mas ela o desejava. Ela o queria muito. Todos os sinais estavam lá.

Ele quase, *quase* decidiu que não importava que não tivesse energia. Ele queria beijá-la.

Apenas o pensamento de que ele não seria muito bom devido a seu estado enfraquecido e que a levaria a pensar que ele não sabia como dar prazer a uma mulher o manteve quieto.

— O que você acha? — ele perguntou. — O que lhe parece?

— Melhor do que eu esperava. — ela confirmou com a cabeça com satisfação. — Você se curará com uma cicatriz quase imperceptível.

— Talvez seja melhor você se aproximar e ver bem de perto.

Os olhos dela se voltaram para os dele em confusão. Quando viu o calor nos olhos dele, a cor em seu rosto aumentou de intensidade.

— Vou começar a cobrá-lo por suas insinuações sexuais.

— Excelente plano. Vou lhe pagar com beijos.

Ela riu, um som gutural mais propício a cama do que a provocação.

— Só será considerado pagamento se eu o aceitar.

— Você aceitará — ele disse, seu tom cheio de confiança. — Não tenho dúvidas. Tenho a sensação de que você até me agradecerá.

Ela revirou os olhos. Usando outra tira de pano, ela começou a esfregar areia em seu pescoço. Ele tentou não contrair os músculos ao pensamento de bactéria e micróbios. Tudo bem, ele também tentou não gritar com a dor que queimava.

— Você está cem por cento certa de que há qualidades curativas nessa coisa nojenta, certo?

— Sim. Bem, — ela acrescentou hesitante — noventa por cento positiva, no mínimo.

— O que! — ele agarrou o pulso dela, momentaneamente surpreso com a delicadeza dos ossos dela, e a parou. — Então dez por cento de incerteza pode significar que você está massageando doença bem para dentro de minha corrente sanguínea. Meu pescoço pode apodrecer, por conta do que você sabe.

Ela soltou uma gargalhada.

— Estava te provocando! Apenas te provocando. Não precisa ficar com medo da areia.

— Você é cruel, uma mulher cruel! — o aperto dele diminui um pouco, mais da surpresa pela risada dela do que de alívio por suas palavras. Ao contrário de quando ela ria, sua risada solta fora crua e nova, como se ela raramente se permitisse tal divertimento sem censura. Ela tinha expressado o mesmo som quando estavam na água, nadando para a margem. Tinha-o afetado então, e o afetou agora, aquecendo todas suas células.

— Sou eu quem conta as piadas nesse relacionamento. Você deve apenas ficar responsável por prover todas as minhas necessidades.

— Posso voltar ao meu serviço agora? — ela perguntou com um sorriso.

— Não.

— Baby. — os dedos dela sondaram as bordas da ferida. Enquanto ela trabalhava, sua unha acidentalmente raspou em um ponto sensível na orelha dele, e uma dor lancinante o percorreu. Ele nem demonstrou, aliás. Ele não queria que ela se afastasse. Deus sabia que ele deixaria que ele a estapeasse, beliscasse ou o socasse se isso significasse que as mãos dela permaneceriam nele.

Espere. Se ele não quisesse que ela soubesse que o estava machucando, ele tinha de parar de pensar sobre isso. Ela podia ler a mente dele — se já não o tivesse feito.

Ele a estudou mais de perto, e franziu a testa. Enquanto ele continuava a observá-la, ela não de nenhuma indicação de que soubesse o que ele está pensando. Não deu nenhuma indicação de que sabia que o havia arranhado.

Interessante.

De fato, ela não deu nenhuma indicação de que tinha ouvido *qualquer* de seus pensamentos desde que ele acordara, e ele teve alguns muito, muito quentes pensamentos.

Eu quero tirar suas roupas, ele projetou ainda a observando.

Nenhuma reação. Os dedos dela continuaram firmes.

Eu quero rastejar por sobre seu corpo, lamber cada centímetro seu, e saborear seu gosto.
Ainda nenhuma reação.

Começarei pelos seus lábios, então descerei, e não vou parar até que você esteja se contorcendo de prazer e gritando para que Deus o entregue através de minha língua.

De novo, nada.

Interessante, ele pensou novamente. Muito interessante. Será que ela não conseguia mais ler sua mente? Durante a fuga deles do palácio dos demônios, ela mencionou que havia vezes que ela era incapaz de entrar na mente dele. O que fazia com que ela não conseguisse? Cada vez menos ele gostava da idéia de sua mulher conhecer todos os seus pensamentos.

— Em que você está pensando? — ela perguntou — Seu corpo ficou todo duro.

— Você não consegue ler minha mente? — O olhar dele a sondou.

Ela parou. Se afastou e olhou bem para ele.

— Você parece chateado com essa idéia. Não posso evitar o que sou, Gray. Você estava muito agradecido com minha habilidade apenas alguns dias atrás.

Com um suspiro de arrependimento, ele colocou uma das mãos atrás da cabeça e fechou os olhos.

— Eu sei.

— Se isso fizer te sentir melhor — ela disse com raiva — estou tendo problemas para entrar nessa sua cabeça. É como se sua mente tivesse construído uma imunidade a mim quando... — ela parou abruptamente.

— Quando? — ele perguntou, então seus olhos se abriram rapidamente quando as palavras dela confirmaram suas suspeitas. — Você não consegue mais ler a minha mente? Nadinha?

— Não. — ela parecia chateada e chocada. — E acredite, estou tentando.

Ele decidiu testá-la mais uma vez. *Não vou descansar enquanto não a tiver em todas as posições possíveis. E quando eu acabar com você, seu corpo nu e suado vai estar tão satisfeito que você nunca mais será capaz de pensar em sexo sem visualizar meu rosto.*

Não. Nada.

— Finalmente. — ele suspirou de prazer. — Estamos em pé de igualdade.

— Então por que eu me sinto sempre desequilibrada com você? — ela perguntou, retomando seus cuidados. Quando ela terminou de enfaixar seus ferimentos, ela se sentou e olhou o resultado. — Você vai ficar dolorido e fraco por mais alguns dias, e sinto muito, mas não há o que se fazer quanto a isso. O importante é que você *vai* se curar. — Enquanto falava, seu estômago roncou.

O sorriso dele se espalhou tão rapidamente quanto a cor no rosto dela.

— Com fome?

— Sim. — ela confirmou com a cabeça, esfregando a barriga — Faminta.

— Tenho barras energéticas em minha mochila

— Barras energéticas?

— Coisas sem gosto embaladas com tudo que nosso corpo necessita para viver.

— Parece... gostoso. — ela torceu o nariz, mas se inclinou sobre ele, unindo seus seios contra o peito dele.

Seu sangue ferveu quando o desejo o percorreu.

Ela escavou na mochila dele.

— Tenho pão em minha sacola.

— Pegue-o também. As barras vão ajudar a manter nossa força, mas não vão nos deixar saciados.

— É isso que estou procurando? — ela perguntou, segurando um retângulo embrulhado em

marrom.

— Sim. — ele disse, sua voz mais enrouquecida do que gostaria. Ela começou a se afastar.

— Talvez você poderia desencavar uma para mim também.

— Claro.

— Apenas certifique-se de escavar bem fundo. — Ele sacudiu as sobrancelhas para ela.

Os lábios dela estremeceram, um sorriso se formando nos cantos. Ela procurou bem no fundo da mochila e pegou outra barra energética.

— Oh, sim. Bem desse jeito.

— Suponho que essa seja a hora de exigir meu pagamento. — Ela deslizou de cima dele, deixando um rastro de calor e pegou dois pedaços de um pão duro e um tanto quanto esfarelento. — Eu avisei a você que planejava cobrá-lo cada vez que fizesse essas insinuações maliciosas.

Ele permitiu que seu olhar passeasse sobre ela. A barra de sua túnica estava perceptivelmente mais curta onde ela havia rasgado faixas para seus ferimentos, revelando a perfeição de pêssego com creme de suas pernas. Macia e fina, levemente musculosa. Todos os traços de diversão o abandonaram. Embora ela tivesse se afastado, ele ainda sentia a pressão de seus mamilos profundamente.

— Eu avisei a você de que planejava pagá-la com beijos. — ele disse, desejando que ela acabasse com a pouca distância entre eles. Ele precisava da língua dela em sua boca. O corpo enfraquecido que se danasse.

Ela também perdeu o ar de divertimento. Seu sorriso desapareceu. Desejo iluminou suas feições, brilhando em seus olhos.

— Sim, você me avisou. — ela disse ofegante.

— Venha aqui.

Vagarosamente, ela moveu o rosto na direção do dele, tão perto que a doçura de seu hálito soprou na bochecha dele.

— Não deveria.

— Deve sim.

— Você está ferido.

— Não tão ferido. Me beije.

— Sim, eu... não — ela piscou e endireitou as costas, aumentando a distância entre eles. — Não. Você precisa se alimentar. — ela disse, não dando nenhum outro motivo para sua súbita recusa.

O que a fez mudar de idéia? Ele queria exigir uma resposta, mas seu orgulho não permitiu. Nenhuma mulher nunca havia se afastado dele antes, e ele não gostou que uma o fizesse agora... uma que ele queria mais e mais a cada segundo. Uma que ele queria mais do que quis qualquer outra.

Ele comeu o pão primeiro, saboreando o gosto familiar, então partiu sua barra energética, comendo metade em uma só mordida. Jewel também comeu seu pão e então beliscou sua barra, torcendo seu nariz de fada em desgosto.

O vento aumentou, levantando folhas e trazendo pequenos fios dos cabelos dela por sobre seus ombros e no peito dele. Parecia uma carícia das mãos dela.

Ele engoliu seco.

— Nós realmente devemos nos mexer logo. Quanto mais ficarmos aqui, mais provavelmente os demônios nos encontrarão.

— Eles nunca nos encontrarão aqui. Na realidade, estamos mais seguros aqui do que em qualquer outro lugar.

— Como você sabe?

— Marina teme o dono dessa terra.

Ele considerou e concordou com a cabeça.

— Então me diga, Prudência. Onde vamos encontrar a Joia de Dunamis?

O rosto dela empalideceu, deixando sua pele pálida.

— Você precisa descansar. Não há motivos para se preocupar com isso agora.

— Você jurou me levar até ela. Está planejando quebrar sua promessa? — ele falou suavemente. Enganosamente calmo.

— Não, claro que não! — O ensurdecador olhar que Gray estava lhe dando era aquele que ele geralmente reservava a seus inimigos. Sinistro. Mortal. — Eu tenho toda a intenção de revelar exatamente onde está Dunamis.

Os ombros dele relaxaram.

— Então onde ela está?

Ela se voltou para ele, encontrando os olhos dele e o encarando. O fato de que ainda estivesse lutando contra a necessidade de beijá-lo não ajudava em nada. Mas fugir, ela não o faria.

Beijá-lo, ela não o faria. Ele podia não se lembrar do que aconteceu dentro de sua mente noite passada, mas ela se lembrava. Ela se lembrava de como ele pensara nela em “não para ele”. Se lembrava de que ele pretendia afastá-la se ela não o tivesse feito sozinha.

Se ela o beijasse agora, ela não teria forças para se afastar dele, mesmo que o ouvisse amaldiçoá-la com inferno em sua mente. Ela passara a noite toda cuidando dele, banhando-o quando a febre subia muito, despejando água em sua garganta. Dormir era impossível quando a sobrevivência dele dependia dela, então ela estava muito cansada, enfraquecendo sua resolução de se manter distante dele.

— Onde ela está? — ele exigiu novamente.

Ela suspirou e rezou para que ele entendesse suas próximas palavras como uma resposta:

— Preciso que me leve ao Templo de Cronus. — Um mau presságio a invadiu. Por ela? Por Gray? Ou o templo? Ela fechou os olhos, tentando centralizar na sensação, estudá-la, mas ela escapuliu.

Gray mostrou os dentes numa carranca.

— Não foi esse o trato, baby!

Ele não entendera da forma como ela esperava; ao invés disso, ele ouvira a hesitação em sua voz, o toque de ansiedade. Ela não podia mentir para ele, mas agora ela teria que expressar uma verdade distorcida para que ele pensasse que o significado fosse um, quando, na realidade, era outro. Era o que ela fazia com Marina, e ela odiava ter de fazer isso com Gray, mas ela *tinha* de chegar ao templo.

A única memória que tinha de seu pai era dentro daquele templo. Sua face era um borrão para ela, mas ela se lembrava de como ele descera os degraus grandes e brancos, vindo direto para ela, seus braços abertos.

— Eu a libertei da prisão. — Gray disse — Você tem de me levar a Dunamis. *Esse* era o trato, e você sabe disso.

— E se eu lhe disser que você descobrirá Dunamis no templo?

— Verdade? — ele perguntou, com suspeita.

— Eu não teria dito isso se não fosse verdade, não é?

Ele ficou em silêncio por um tempo muito longo, então relaxou.

— Se Dunamis está no templo, então é para lá que iremos. Jesus. Por um minuto você fez parecer que eram duas coisas completamente separadas.

Ela piscou inocentemente. Marina levou mais de um ano para sequer suspeitar que quando Jewel respondia com uma pergunta, a verdade real não estava na pergunta. Gray já estava percebendo isso apenas depois de alguns dias.

— Tem alguém a guardando? — ele perguntou. — Dunamis, quero dizer?

— Ela tem um protetor, sim.

Quando ela não disse mais nada, ele acrescentou:

— Você vai me falar contra o que vou lutar?

Como ela poderia explicar sem mentir?

— O protetor é forte e corajoso, mas ele deixará que você faça o que quiser com Dunamis.

Gray estreitou os olhos.

— Bem desse jeito? — ele estalou os dedos. — O homem vai desistir dela assim fácil?

— Me responda algo primeiro. Por que você a quer tanto assim? A joia, quero dizer.

— Quer dizer que você não sabe?

— Tudo o que sei é que você não tem desejo de conquistar e governar o mundo da superfície, nem planeja usá-la para destruir um inimigo.

O olhar prateado dele a penetrou até seu âmago. Jewel nunca pensou que um homem poderia olhar para ela da forma como Gray fazia, como se ela fosse um prato de uma sobremesa desconhecida, mas de cheiro delicioso.

— Meus motivos afetariam sua vontade de me levar até ela?

— Não. — ela disse, e era a verdade. Sem distorções. Sem sapatear ao redor do assunto.

Ele concordou, decidindo confiar nela.

— Eu quero Dunamis porque ela é perigosa. Nas mãos erradas, milhões de pessoas podem ser aniquiladas. Eu quero Dunamis — ele acrescentou cuidadosamente — porque ela precisa ser guardada pela pessoa certa, ou ser destruída.

O estômago dela se fechou, tristeza misturado com seu temor. Ela tinha de ouvir isso, não tinha? O que ele faria ou diria se soubesse que destruindo a joia estaria destruindo a *ela*? Ele hesitaria em sua determinação, talvez mudasse de ideia? Ou agiria sem reservas?

— Responderei a sua pergunta agora. — ela disse, forçando-se a falar. — O protetor de Dunamis *permitirá* que você a destrua. Bem assim — e ela estalou os dedos.

— Por que? — incredulidade irradiava dele.

— Ele acredita, assim como você, que ela precisa ser destruída.

Gray franziu a testa.

— Então por que diabos ele a protege?

— Essa é uma questão que você terá de perguntar a ele.

Ele abriu a boca, seus olhos pensativos, então fechou a boca com um estalido. Abriu, fechou. Finalmente, ele rosnou.

— O que você está vestindo por baixo dessa túnica?

Confusa, ela piscou para ele. Que tipo de pergunta era essa? Ele sabia o que ela usava debaixo da túnica: uma fina camisola branca. Ele a vira. Será que ele planejava perguntar-lhe outra coisa e mudara de ideia?

Ela suspirou. Ela podia ter observado esse homem a vida toda, mas ela duvidava que o entendesse. Ou talvez fosse apenas esse homem que ela não entendia. Todas as outras mentes masculinas que ela já focalizou apenas na sobrevivência. Alguns esperando bloqueá-la para que quem quer que a possuísse no momento não soubesse de seus crimes. Outros estavam simplesmente nervosos, querendo que ela visse a verdade para que pudesse mandá-los embora. Mas durante todo esse tempo, ela nunca tirou um tempo para explorar o processo de pensamento masculino.

— Você quer saber o que estou usando por baixo de minha túnica?

— Correto.

— Mas... por que? — Ela pediu aos deuses que pudesse ler a mente dele agora.

— Ao invés de me responder, por que não me mostra? — Gray deu um profundo suspiro. Droga. Por um momento, quando estavam discutindo a destruição de Dunamis, Jewel estava com um olhar tão perdido, tão triste, e ele não sabia o que causara a transformação. Ele só sabia que tinha de

resolvê-la.

Com sorte, ele conseguira. A cor subira em seu rosto, e seus olhos leve-me-para-a-cama brilharam. O desejo ganhou vida, mas não venceu o súbito senso de letargia que o percorria. Ele gentilmente estendeu os braços sobre sua cabeça, arqueando as costas. Sua boca se abriu num bocejo.

— Você já viu muito bem o que estou usando debaixo da túnica. Ainda por cima, ensopada.

— Talvez eu tenha esquecido. — os olhos dele foram ficando pesados. — Talvez precise ver novamente.

— Não, não precisa. — ela disse com certeza. — O que Katie diria de seu comportamento?

Ouvindo-a falar no nome de sua irmã com tanta facilidade era desconcertante. Estranho e surreal.

— Como você conhece Katie? — sua pergunta tinha curiosidade e surpresa e ele lutou para permanecer acordado. — Não pensei nela desde que a conheci.

— Me desculpe. — Jewel mordida o lábio inferior. — Não devia tê-la mencionado.

— Tudo bem. — ele bocejou novamente. — Verdade. Só estou curioso em como você soube sobre ela.

Agitada, Jewel se pôs de pé, mas ele era incapaz de ler sua expressão, incapaz de imaginar o que ela estava pensando.

— Não quero falar sobre isso. — ela disse suavemente.

Ele queria pressioná-la por uma resposta, mas não achava que seria sábio. Ela parecia pronta a disparar e nunca mais voltar. Ele não entendia isso... ou o que isso significava.

— Jewel. — ele disse.

— Durma. — ela interrompeu, cortando-o o que quer que estivesse para dizer. Ele se sentiu estranhamente compelido a fazer assim. — Vou até o rio para pescar. Se eu não comer outra barra energética, morrerei satisfeita.

CAPÍTULO NOVE

Jewel ficou de pé na margem do rio, sua veste dobrada na cintura, água batendo em seus calcanhares, suas mãos em volta de uma afiada e longa vara. Ela retirou os sapatos, ficou em pé sobre as pedras cobertas de musgo. A cúpula acima estendia raios de calor sobre a terra, fazendo seu suor passar pelo fino material de seu vestuário. Ela olhou fixamente para a água clara, transparente, assistindo, esperando por um peixe rechonchudo. Ela nunca fez isto, nunca tinha vivido fora da terra antes. Ela só rezou para ser bem sucedida.

Logo, um longo, gordo redemoinho de cores passava entre seus tornozelos. Seu coração bateu forte. Finalmente! Sua mão apertada em torno da vara, o peixe continuava a nadar ao redor dela, beliscando seus tornozelos. Quando ele cansou de brincar displicente entre as pernas dela, agitou as barbatanas de arco-íris, tentando fugir.

Ela jogou a lança.

E errou.

A coisa suculenta nadou para longe com segurança.

— Droga — ela rosnou, soando muito parecido com Gray.

Na próxima meia hora, mais quatro deliciosos peixes nadaram passando por ela, e ela perdeu cada um deles, a lança caía inutilmente na água.

— Eu posso fazer isto. Eu posso!

Outros quinze minutos se passaram. Finalmente, uma beleza rechonchuda e incandescente entrou em seu campo visual. Ela parou, respirando lentamente. Um, dois, ela mentalmente contou. Ele estava prestes a fugir... Três! Ela lançou a vara.

Sucesso! A ponta de sua lança acertou o alvo.

— Eu consegui! — ela disse, saltando, subindo e descendo, espirrando água em todas as direções. — Eu consegui! — Ela deu um largo sorriso, segurando o bastão para inspeção, sentiu-se orgulhosa e realizada olhando o peixe se debater. — Sem mais barras energéticas por hoje, muito obrigado.

Ela correu de volta ao acampamento e encostou a vara contra uma árvore. Gray ainda estava adormecido. Suas feições estavam relaxadas, dando a ele uma qualidade juvenil que a aqueceu. Seu cabelo pálido caía em sua testa, ele tinha um braço sobre sua cabeça; o outro descansava em cima de seu peito nu.

Suas mãos coçavam para alcançar e traçar os planos de seu abdômen duro, acompanhando a massa de músculos que levava para baixo, abaixo... ela engoliu seco, obrigando-se a recolher galhos e capim. Depois de construir um montículo suficiente, ela utilizou o isqueiro de Gray para acender o fogo. Uma vez que as chamas crepitavam com o calor, ela limpou o peixe fazendo o melhor que podia, espetando com a vara, cozinhando a carne por um bom tempo. Infelizmente queimou-a por fora.

Um pouco mais tarde, Gray bocejou e estirou-se, fazendo careta, seus ferimentos protestaram com o súbito movimento.

Então ele ficou parado, seus olhos percorrendo todas as direções antes de se fixar sobre ela. Ele puxou o corpo para sentar-se.

— Eu não queria ter adormecido. Me desculpe.

— Você precisava descansar. Você parece melhor.

— Eu me sinto melhor. O que é isto? — Ele disse apontando com o queixo para o peixe.

— Eu nunca cozinhei antes, mas eu vi como se faz, então você terá que dizer como ficou. — Usando uma folha grande e firme, como um prato, ela despejou um pouco de peixe em cima e deu para Gray.

Ele aceitou com uma sobrelanceira levantada.

— E se eu não estiver com fome?

— Você comerá de qualquer maneira, porque você não quer ferir meus sentimentos depois de toda dificuldade que tive para pegar e cozinhar isto.

— Boa resposta. — Ele deu uma mordida, mastigando devagar, sua expressão ilegível.

Ela ia perguntar o que ele estava achando, quando algo em sua mochila começou a falar. Uma verdadeira voz humana. Jewel saltou, olhos realmente arregalados.

Gray deixou o prato e procurou dentro da mochila.

— Cristo — ele murmurou. Ele passou a mão livre pelo cabelo. — Hora do Check in.

— Ah, seu Comunicador — ela disse, quando ele retirou uma caixa preta pequena. Ela o viu usar a caixa em várias de suas missões. As pessoas de seu trabalho podiam falar com ele, e ele com elas. O medo dela foi passando.

— Mãe, Aqui é Santa. — Ele falou diretamente na caixa. — Vá em frente.

— Onde você está? — Disse uma profunda voz masculina.

— A entrega foi adiada — Gray respondeu.

— Nós devemos enviar outro mensageiro?

Ele esfregou o rosto com as mãos.

— Não. Eu tenho agendada outra entrega para os próximos dias. Câmbio.

— Câmbio. Desligo.

Gray guardou a caixa em sua mochila e pegou seu prato. Ele deu outra mordida, agindo como se não tivesse acontecido uma conversa com sua caixa. Ou chefe. Ou sei lá quem. Sua expressão permanecia neutra à medida que ele mastigava.

Ela decidiu não perguntar sobre seu trabalho; ela podia adivinhar. O pacote: Dunamis. O que ela não podia adivinhar era como ele se sentia em relação a comida. Ela esperou ao lado dele, agachando sobre suas coxas, pronta para ouvir seus elogios.

— Bem?

— Tem gosto de galinha — ele disse, e não soou tão satisfeito.

— Oh!

Não era o que ela queria ouvir porque se lembrava de como ele reclamou sobre uma galinha em uma de suas visões. Ela esperava ouvir gostoso, delicioso, ou saboroso.

— É bom para você, então coma, gostando ou não.

Ela encheu uma folha para si também, sentou atrás e mordiscou nos pedaços queimados. Não maravilhosos, mas não tão ruim quanto aquela barra energética.

— Eu adoraria que tivemos entrega de pizza aqui. Eu sempre me perguntei que gosto tinham aquelas coisas redondas, gosmentas.

A mão dele *congelou* no ar, pairando na frente de sua boca por um segundo antes dele baixá-las.

— Primeiro você sabia sobre o Hoover, entre outras coisas da superfície, logo depois sobre minha irmã Katie, e agora você sabe sobre pizza, ainda que não saiba que gosto tem. Eu sei que você disse que não quer conversar sobre isto, mas eu tenho que saber. Como você pode conhecê-las se nunca as experimentou? Você disse que nunca visitou a superfície.

Ela não queria responder. Ela poderia se afastar dele novamente... Ela duvidava que ele tivesse forças para segui-la... Mas ele traria isso à tona da próxima vez que a visse. Determinação vazava por todos os seus poros.

Ele ficou chateado com a idéia de que ela estivesse lendo sua mente, então como iria reagir quando soubesse que ela assistira sua vida se desdobrar todos estes anos?

Seja qual fosse a resposta, ele merecia saber.

Ela fechou seus olhos e reuniu coragem, então forçou as palavras emergirem.

— Eu tive visões com você. Por anos. — Pronto. Ela confessara, e agora o resto simplesmente saiu. — Eu vi você crescer, desde menino até homem.

— O que? Como? — Essas únicas e simples questões chicoteavam dentro dele, dando coices.

— Eu não vi seu inteiro EU — ela lhe assegurou — mas tive meramente vislumbres.

Um momento se passou em pesado silêncio enquanto ele absorvia a revelação.

— Vislumbres do que, exatamente? — Agora seu tom era destituído de emoção, e de certa maneira isso era ainda mais assustador.

— Eu vi sua família, sua casa. Suas... — ela tossiu e disse rapidamente, — mulheres.

— Isso parece mais que vislumbres para mim. — Ainda sem nenhuma emoção.

— Eu não tinha nenhum controle sobre isso. Eu tentei parar, fechar minha mente, mas, quanto mais eu tentava, mais visões eu recebia.

Seus olhos estreitaram.

— Eu não gosto de ser espionado.

— Eu não queria espionar você — ela disse — Eu pedia aos deuses que você tivesse visões de mim, de forma que isto não parecesse tão unilateral e errado.

Os olhos dele se alargaram, sua boca semi-aberta

— É isto! De onde eu te conhecia.

— O que? — A sobrançelha dela se enrugou. — De onde?

— Eu vi você antes. Eu disse isso a você. Lembra, eu perguntei a você se nós nos encontramos antes? — Tudo se encaixava, e o peixe que Gray comera pesava em seu estômago. Por que ele não a reconheceu imediatamente? Ele sabia que ela lhe parecia familiar desde o primeiro momento em que a viu.

Ao longo dos anos, ele havia sonhado com ela. Nunca tinha se preocupado com os sonhos. Achava que eles eram meramente produtos de sua imaginação super ativa e as coisas misteriosas que tinha encontrado, mas agora, algum deles surgiam em sua mente.

Jewel presa a uma parede, seu corpo vestido em uma bata azul, seu cabelo preto fluindo ao redor dela. Homens e mulheres estavam perfilados na frente dela, alguns posteriormente mortos, outros poupados.

Jewel sendo dominada enquanto alguém cortava seu cabelo. Um castigo, o bastardo de um só braço com a faca dissera, por omitir detalhes.

Jewel, tentando escapar de uma torre, caindo por terra e quebrando a perna.

Ele sacudiu a cabeça, as imagens provocando fúria. Fúria escura, potente. Isto era tão duro de assistir. Quase impossível, realmente. Ele apenas rezou para que estivesse enganado, que não sonhara com a vida real dela.

— Deixe-me ver sua perna — ele suavemente exigiu.

Seu rosto mostrava-se confuso.

— Mostre-me a parte inferior da sua perna direita. — Ele lembrou-se de como o osso transpassara a pele, como ela chorou de dor e horas se passaram até que alguém a achasse. E então ela foi castigada, forçada a assistir um homem inocente morrer. Seu ferimento físico de alguma maneira e milagrosamente se curou dias mais tarde, mas uma cicatriz permaneceu. — Por favor, querida. Mostre-me sua perna.

Surpresa surgia em seus olhos, mas ela levantou-se e ergueu a bata.

Seus pulmões ficaram apertados, e ele esfregou o rosto com a mão. Lá, na canela dela, estava a cicatriz. Seus sonhos de infância tinham sido reais. Ele realmente tivera vislumbres da vida dela, e ele não podia pará-los, também. Ele tentou, entretanto. Deus sabe que ele tentou toda e qualquer coisa para libertar-se das imagens assombradas da vida trágica e torturada da mulher de seus sonhos. Terapia. Hipnose.

Jewel conhecera uma crueldade após a outra. Tinha sido ruim o suficiente quando ele assumiu que eram apenas sonhos, mas sabendo que eram reais, que Jewel verdadeiramente vivera aquelas coisas horríveis, ele queria segurá-la em seus braços e mantê-la segura para o resto de sua vida.

— Eu vi o suficiente — ele disse, seu tom alquebrado. Como ela sobreviveu? Como preservou tal inocência? Como ela podia ainda ver beleza no mundo?

Ela soltou sua bata e sentou novamente no chão, levantando seu prato, voltando a comer.

— O que foi isso tudo?

— Não foi unilateral — ele disse a ela, em tom grave.

Ela parou, olhou para sua perna, então pra ele.

— Você teve vislumbres de mim?

Ele confirmou com a cabeça.

A cor florescia em suas bochechas, e sua boca formou um pequeno O.

— O que você me viu fazer?

Obviamente ela não gostou de saber que foi observada, também.

— Nada de importante — ele vagamente respondeu. — O que estava acontecendo quando eu vi você pela primeira vez em carne e osso? Aquelas pessoas estavam sendo desfiladas na sua frente e

então levados para longe ou mortos pelos demônios.

Empalidecendo, ela colocou sua folha com a comida de lado.

— Você conhece a minha habilidade de ler pensamentos — Ele ficou tenso, porque ele de repente soube onde ela queria chegar. — Quem me possui no momento me traz seus cidadãos e inimigos para descobrirem traidores entre eles. A primeira vez que eu me recusei a fazer isto, eu tive que assistir um homem morrer de forma horrível. Eu tentei mentir, proteger as pessoas, mas não pude. Por uma razão que eu não entendo, mentir me incapacita, as palavras congelam em minha garganta, então, às vezes, eu sou forçada a admitir coisas sobre as pessoas que eu não quero.

— Eu sinto muito — ele disse, chegando-se a ela, desejando que existissem palavras mais calmantes para poder disser a ela.

— Tantas vezes eu desejei que eles tivessem simplesmente me castigado ao invés de outros. Isso eu poderia resistir, mas ninguém quer machucar aquele que tem as respostas que eles tanto desejam.

— Você sempre teve esta habilidade?

— Sempre.

— Sua mãe ou pai... Eles eram como você?

— Minha mãe não. Ela era parte da raça de sereias, ela era poderosa, mas não podia ler pensamentos ou dizer o futuro. Eu não estou certa sobre meu pai.

— Então você é sereia? — Gray procurava em sua mente, mas não recordou quaisquer vislumbres da infância ou família de Jewel. Isso explica a sensualidade da sua voz, apesar de tudo.

— Parte sereia. Eu não estou certa do que a outra metade é. Minha mãe e eu, nós vivemos em uma aldeia de criaturas que amam a paz e quaisquer daquelas criaturas podiam ter sido minha família.

— Por que você não continuou vivendo naquela aldeia?

— Um exército humano marchou até lá, sacrificando tudo e todo mundo em seu caminho.

— Eu sinto muito — ele disse novamente, impotente para dizer algo mais.

— Obrigado.

Sua sobranalha arqueou.

— Um exército humano, você disse? — Quando ela confirmou com a cabeça, ele disse, — Como eles chegaram aqui?

— Do mesmo modo que você: Por portais. A maioria dos Atlanteanos acredita que os deuses os mandaram.

— Nós estamos perto de um portal agora?

Ela acenou com a cabeça.

— Os dragões agora são os Guardiões dos portais, matando qualquer um que se atreva a entrar.

Gray lembrou-se dos guardas que guardavam o palácio que ele entrou. Eles eram grandes e fortes, mas pareciam humanos, não dragões. Não como o dragão alado que o atacou na floresta.

Ele se forçou a comer o resto de seu peixe, mesmo gelado e o sabor era como cinza fria. Ele colocou a folha de lado.

— Gostaria de saber como as pessoas aqui pareceram conhecer tanto sobre humanos, pois não vi muitos. O que aconteceu com eles?

— Pela primeira vez desde a criação de Atlantis, todas as raças se uniram para lutar e destruir o inimigo, mesmo que aqueles humanos não tivessem invadido nossa terra, nós saberíamos sobre humanos. Como eu mencionei antes, às vezes os deuses nos enviam humanos para que eles sejam castigados. Esses criminosos servem como uma fonte de comida para os demônios e vampiros.

— Isso explica por que fui tão odiado e estava em todas as merdas de lista. — Gray estremeceu, recordando com demasiada facilidade que ele próprio tinha estado no menu.

— Como você sobreviveu ao ataque?

— Eu não tenho certeza — Ela riu, mas faltava humor no riso. — Eu posso prever o destino de todo mundo, menos o meu. Depois do ataque, os dragões acharam-me vagando no bosque. Eles me criaram por muitos anos antes que eu fosse roubada pelos vampiros.

— E seu pai? Ele morreu também?

— Eu realmente nunca o conheci, minha mãe raramente falava sobre ele.

A tristeza em sua voz cintilava em seus olhos. Ele sabia o que era perder um pai, suspirar por ele. Sua mãe morreu quando ele era apenas um adolescente. Tinha sido uma morte longa, dolorosa, quando o câncer devastou seu corpo. Ele tentou ser um homem forte por muitos anos e fingir que isto não o tinha afetado. Mas nas noites, quando ele estava só com seus pensamentos, ele se lembrava de sua voz, do modo como ela cantava, o modo como lia histórias, e ele chorava, desejando seus braços suaves ao redor dele.

Ele fraquejou uma vez e tentou conversar com seu pai sobre isto, mas seu pai ficou um fim de semana inteiro bêbado. Depois disto, ele nunca mais deixou seu pai ver sua dor, nem seus irmãos e irmã saberem. Ele era o filho mais velho, e ele tinha que ser forte. Mesmo que seu pai não o tivesse recordado inúmeras vezes, ele sabia que tinha de ser como uma rocha. O homem em quem eles poderiam se apoiar e confiar.

Mas até hoje, porém, ele sentia muita falta de sua mãe.

— Meu pai será forte e maravilhoso — Jewel disse, cortando seus pensamentos. — E ele ficará feliz em me ver.

Uma esperança desesperada e vazia se insinuava em seu tom. Ela queria que ele concordasse, não que dissesse que o homem não se importava com ela ou a teria encontrado... Não importando os obstáculos.

— Tenho certeza de que você esta certa.

Seus ombros relaxaram, sua feição de fé restaurada.

— Eu me pergunto se pareço com ele. Minha mãe tinha cabelos claros, olhos verdes, e a pele tão translúcida que brilhava.

— Certo, eu honestamente espero que você não se pareça nada com seu papai porque isso faria seu papai um cara muito sexy e isto não é certo.

Uma forte risada escapou dela.

O som daquele riso aqueceu seu sangue e o lembrou do beijo que eles quase haviam compartilhado mais cedo.

— Você mencionou que quando teve vislumbres de mim, você me viu com minhas mulheres.

A expressão da Jewel perdeu todos os rastros de humor. Ela apertou seus lábios e sacudiu a cabeça, seus olhos ficando uma névoa de duvida.

— O que eu estava fazendo com elas?

Ela ficou lindamente rosada, e esta cor estendeu para seu pescoço... e desceu por baixo de sua roupa.

— Você conversava com elas e ria. Você dançava e fazia, ah... outras coisas.

Ele sorriu, os cantos de seu lábios lentamente subiram. Havia algo naquele tom recatado dela que o divertia.

— Você soa escandalizada. Você nunca *dançou* antes?

Ela endireitou as costas.

— Para sua informação, não, nunca.

— Nós estamos falando sobre dançar ou fazer sexo? — Ele teve que colocar uma mão sobre a boca para não rir.

— Ambos — ela respondeu em um grunhido.

O sorriso dele desapareceu.

— Você está me dizendo que nunca dançou com um homem?

— Isso mesmo.

— Nunca foi abraçada por um homem? Nunca ficou nua com um homem?

— Não. — Ela parecia longe.

Possessividade o consumiu, unindo forças com seu desejo. Ele sabia que não devia se sentir assim, sabia que deveria lamentar por ela. Deus sabe, ela perdeu muitas coisas. Mas ele não podia deixar a piedade ser mais forte do que a necessidade de ser seu primeiro. Ele queria ser o primeiro a ensiná-la, bem, tudo. Queria ser o primeiro homem a lambar seus seios, o primeiro homem a saborear a paixão entre suas pernas. Ele queria ser o primeiro homem a ouvir o nome dele em sua boca quando ela chegasse ao clímax.

Claro, ele não se permitiria realmente dormir com ela, não importando o quanto ele pudesse querer, mas caramba, se ele não a apresentasse a tudo o mais entre eles. Não havia dano nisto.

— A caminho de achar a Joia de Dunamis — ele disse, as palavras roucas — nós entraremos em uma cidade?

— Sim — Ela umedeceu seu lábio inferior.

O corpo dele endureceu com a visão.

— Esta cidade tem um bar? Música?

— Sim. — Desta vez ela disse a palavra, letra por letra.

Ela soou hesitante, como se soubesse onde ele estava querendo chegar com esta linha de questionamento, mas não ousou ter esperança. Ele não tinha tempo para o que estava prestes a sugerir, mas ele não podia calar-se da mesma forma que não podia ignorar o sempre-persistente General Feliz.

À vontade, soldado.

— Nós pararemos no bar, e eu ensinarei você.

Seus olhos azuis arregalados, ela disse:

— Sério?

— Sério. Quanto tempo levaremos para chegar à cidade?

— Não muito. Nós estamos no limite agora.

— E quanto ao templo?

— Dois Dias. Talvez três.

Uma onda de antecipação quase o eletrificou. Em algumas horas ele estaria segurando Jewel em seus braços, ensinando a ela alguns dos prazeres mais maliciosos da carne. E em dois ou três dias, ele estaria segurando Dunamis em sua mão. Se ele iria destruí-la ou levá-la para seu chefe, ele ainda não sabia.

Qualquer que fosse a decisão, sua missão estaria realizada — em ambas as frentes. Gray moveu seus pés, estremeando com a dor afiada em cada um de seus ferimentos.

— O que você está fazendo? — Ela questionou, levantando. Ela apressou-se ao lado dele, flutuando como uma brisa suave de raio de sol ao redor dele.

— Eu preciso tirar essa rigidez de meu corpo, então levantar acampamento, assim poderemos ir para a cidade.

— Você ainda não está curado.

— Nós precisamos de mais suprimentos. Comida, mais roupas. Armas.

— Sim, mas...

— Nada de mas. É minha vez de ganhar. Você ganhou a última discussão. Você foi teimosa, lembre-se, e recusou a relaxar contra mim na água. É minha vez.

Ela menosprezou suas palavras.

— Nós não temos dinheiro. Como você imagina que compraremos essas coisas?

Ele levantou suas mãos e sacudiu os dedos.

— Nós não precisamos de dinheiro.

— Nós não podemos roubar. Aquelas criaturas trabalham duro. Eles precisam de cada centavo.

— E nós precisamos da nutrição e da proteção. Eu farei o que for necessário para manter-nos alimentados e fortes.

— Eu pescarei um pouco mais.

— Isso levará mais tempo do que tenho para gastar. Pare de discutir. É tempo perdido.

Ela vaiou em frustração.

— Ok. Vá se esticar ou o que quer que você precise fazer, eu limparei o acampamento.

— Viu como foi fácil? — Ele sorriu e se moveu pesadamente até uma árvore, lançando seu ombro. — Eu estou contente que você esteja começando a ver as coisas do meu jeito.

Jewel queimou seus pratos de folha, espalhou as cinzas e brasas com uma vara. O tempo todo ela observava Gray. A pele dele estava com mais cor, então o peixe tinha ajudado. Ele tinha as palmas das mãos no tronco da árvore, o corpo inclinado para trás, estirando seus braços e laterais. Quando ele terminou, ele lentamente endireitou e torceu cada vértebra em suas costas. Seu cabelo loiro caído sobre a testa e têmporas em completa desordem, aquele pano de cabeça verde e preto esquecido.

Só de observá-lo fez seu peito contrair de desejo. Saber que ele queria ensiná-la a dançar fazia a sensação mais intensa. Ela não havia pedido; ele que oferecera, desejo verdadeiro expresso em sua voz.

— Você já viu a Joia de Dunamis? — Ele perguntou, mantendo-se de costas pra ela.

A pergunta a deixava nervosa, mas ela tentou não demonstrar qualquer reação.

— Muitas vezes. Por que?

— Eu estou curioso. Com que ela se parece?

Ela buscou as palavras certas.

— Alguns dizem que se assemelha a safiras. — Verdade. Seus ombros se ergueram imitando casualidade. — Outros dizem que se assemelha a uma nuvem de tempestade negra.

— Verdade.

Ele arqueou suas sobrancelhas em suas palavras secretas.

— Alguns dizem... Mas o que *você* diz?

Medindo sua resposta muito cuidadosamente, ela disse:

— Eu digo que parece triste e vulnerável.

— Eu nunca ouvi uma joia ser descrita deste modo.

— Um dia você terá sua própria opinião sobre como parece. — Quando o fogo morreu completamente, ela pegou a mochila e a bolsa de couro, colocando um dentro do outro, juntamente com tudo que eles poderiam precisar. Algumas pedras afiadas, um punhado de frutas que ela descobriu crescendo em um arbusto próximo.

A única coisa ela não guardou foi o cantil. Isto, ela levou até o rio e encheu com água, então amarrou com correia e colocou ao redor do pescoço. Ela e Gray estavam verdadeiramente indo para a cidade. O choque precipitou-se sobre ela, e suas mãos tremiam de nervosismo; seu coração disparado de excitação.

Ela sempre passava pelas cidades sobre o manto da noite, cercada por guardas do governante que a possuía no momento. Os odores e sons tinham sempre a tentado e espantado, aqueles das tavernas acima de tudo. Eles sempre zuniam com música e riso.

E agora ela iria entrar em uma. Agora ela iria dançar. Com Gray. Seu pulso palpitava.

— Eu precisarei de uma bata com capuz — ela disse — Caso contrário eu serei reconhecida.

Ele lançou para ela um rápido olhar antes de apontar para o chão onde havia se deitado momentos antes. Algo quente queimando em seus olhos.

— Vista o meu.

— Você será reconhecido como humano sem isto.

— Baby — ele disse, abrindo a boca em um sorriso — eu roubei dois.

— Oh — Jewel procurou dentro da mochila e definitivamente, existia outra capa, essa amarela clara e fina. Ela a puxou e colocou sob sua cabeça.

— Nós temos que nos lembrar de ser cuidadosos. Não confiarmos em ninguém, apenas em nós mesmos, entendeu?

Ela concordou com a cabeça

— Se virmos um demônio ou vampiro, nós correremos de volta para a floresta. Por mas que quisesse muito de ficar em um quarto na cidade e longe dos elementos da noite... é melhor lidar com o tempo que com aqueles bastardos do inferno.

Gray terminou de se alongar e diminuiu a distância entre eles. Ele pegou a bolsa e retirou suas armas. Talvez ela não devesse ter embalado tudo tão eficientemente. Ele amarrou uma faca na cintura e uma em seu tornozelo, então cobriu seus ombros com a capa azul escura. Ela estava um pouco preocupada com a caminhada pela floresta, mas o homem era teimoso e não mudaria de idéia.

Ele olhou para ela e seus olhos se encontraram, um momento carregado de sentimentos preencheu o espaço entre eles.

— Vamos.

CAPÍTULO DEZ

Eles caminharam rapidamente pelo espesso arvoredor, folhas chovendo como esmeraldas no veludo marrom enquanto eles passavam rapidamente por elas. Distraída como estava por Gray, Jewel quase os levou para dentro de um poço de areia movediça, depois para um precipício desconcertantemente alto. Gray a levava em segurança todo o tempo, seus braços envoltos em torno dela.

Durante o último incidente, ele a segurou mais do que o necessário, seu olhar se alongando nos lábios dela. Ela se arrepiou e ansiou, seus lábios salivando pelo gosto dele. Seu aroma morno e masculino a envolvia, a atraindo. Atormentando-a e hipnotizando-a. Mas ela finalmente se afastou. Ele ainda carregava traços de fadiga, sua face pálida e seus membros trêmulos.

Ele sempre permanecia poucos passos atrás dela, seu olhar prateado focado intencionalmente nas costas dela, seus braços prontos para disparar e puxá-la para a dura proteção de seu corpo. Normalmente ela não era tão desatenta e despreocupada com seus arredores. Saber que ele estava atrás dela, entretanto, causava estragos à sua atenção. Seu cheiro picante e masculino flutuava ao redor dela.

— Então como os homens por aqui impressionam as mulheres? — ele perguntou, falando pela primeira vez desde que tinham deixado o acampamento.

Ela lhe lançou um olhar e riu, agarrando-se ao fio da conversa como se fosse a coisa mais preciosa do mundo.

— Alguns homens...

— Olhos na estrada. — ele mandou. Ele a agarrou pelo capuz da capa e a arrastou para longe de um grande pedregulho.

Ofegando, ela voltou a atenção para a floresta.

— Bom. Agora, o que você ia dizer?

— Alguns homens matam o maior inimigo da mulher e trazem o corpo para ela como presente.

— Então você devia estar totalmente impressionada comigo. Eu posso não ter embrulhado os demônios pra presente, mas matei seu inimigo.

— Sim, você matou.

— Mas e os outros homens? Os amantes da paz com quem você cresceu. O que eles dão às mulheres deles?

Ela fez beicinho enquanto considerava a pergunta dele. Ela nunca recebeu as atenções românticas de um homem, mas testemunhou muitos namoros.

— Depende da criatura, eu acho.

— Sereias. Me fale sobre as sereias.

Ela vasculhou sua mente. O que os homens da vila deviam a sua mãe quando desejavam seduzi-la? O que sua mãe gostava de receber? Seus olhos se arregalavam quando imagens há muito esquecidas surgiam, a risada cintilante de sua mãe saindo dos distantes recessos de sua mente.

— Uma vez, um centauro macho escreveu uma peça para minha mãe. Ele interpretou o papel do herói e contratou outros para serem seu elenco. Era uma história de amor sobre duas pessoas desistindo de tudo para estarem juntas, e eu me lembro do jeito como minha mãe suspirou sonhadora e sorriu durante dias depois.

A única resposta de Gray foi um tremor. De repugnância? Seu silêncio logo começou a pesar nos ombros dela.

— Sei que você dava a suas mulheres flores e doces. — ela disse, o estômago cerrando com o pensamento de como cada uma o tinha recompensado com beijos. Às vezes beijos nus.

— É feito facilmente e requer pouco pensamento. — ele disse obscuramente.

Ela segurou o desejo de olhar para ele. Ele estava irritado com ela? Ou com ele mesmo? Antes que ela pudesse ponderar a resposta, ela parou, uma fina camada de arbusto era a única barreira entre ela e o caminho para a cidade.

— Estamos aqui.

— Não se aproxime mais até que eu tenha feito o reconhecimento. — Sua mão se fixou no tendão na base do pescoço dela, massageando gentilmente enquanto seu olhar se lançava em todas as direções.

Sua terminação nervosa saltou até encontrá-lo, desejando mais do seu toque. Ela sabia que ele estava catalogando os arredores, decidindo o que era seguro e o que não era. Vozes femininas e risonhas ecoaram em seus ouvidos. Adiante deles em um caminho de pedras passeava um rebanho de centauros fêmeas. Cada uma possuía uma juba de cabelos, alguns vermelhos, outros marrons, alguns brancos, seus peitos cobertos por capotes azuis, a cor marcando o clã a que pertenciam. Cada uma delas carregava uma cesta ou maleta transbordante de lã.

As mulheres se aproximaram de um enorme e brilhante portão perolado que se curvava em direção à abóbada celeste e ia direto para o coração pulsante da cidade. A excitação de Jewel se expandiu, cresceu, se espalhando por todo o corpo. Ela procurou em seus sentidos por qualquer sinal de tremor de perigo, mas não sentiu nada. Ela não estava surpresa. Ela nunca sabia quando ela mesma poderia estar em perigo.

— A Cidade Interior é tão diferente da Cidade Exterior. Aqui, as pessoas são amigáveis e honestas e trabalhadoras. Perceba que ninguém está carregando armas.

— Ninguém que podemos ver, né.

Era tão dele, ela meditou com um riso, suspeitar que todo mundo jogava sujo. Ele era um guerreiro até a medula.

— Esteja pronta. — Gray disse. À esquerda deles, um grupo — que diabos eles eram? — de roupão. Eles eram tão feios quanto a lenda reivindicada ser Medusa, com olhos negros, muito grandes, um nariz bicudo grande demais, e cabelo repleto de serpentes. Aquelas cobras silvavam e escorregavam em suas cabeças. Gray deslizou sua mão para baixo, envolvendo a de Jewel. Eles se puseram em movimento. Porque sua mochila estava embaixo da bata, ele parecia ser alguma espécie de criatura corcunda.

— Puxe firme seu capuz em torno do seu rosto. — ele disse, e enquanto falava, ele ajustava o cabo de uma de suas espadas em sua mão, cobrindo o metal com o punho de sua roupa. Quando ela obedeceu, ele adicionou bem baixinho: — Vamos tentar e nos misturar com aquelas coisas serpente.

— Gorgons. — ela disse. — Não os olhe diretamente nos olhos, se seu olhar encontrar um dos deles, você vai ser transformado em pedra.

— Ah, droga.

— Por que nos preocupar tentando nos misturar com eles? Ninguém vai nos reconhecer com essas capas cobrindo nossos rostos, e não estamos sendo seguidos.

— Em caso de alguém ser interrogado, eles não vão saber que dois indivíduos entraram na cidade em uma hora específica. Qualquer um que nos veja vai pensar que somos parte desse grupo, e eu duvido muito que a rainha do demônio fará a conexão.

Ah, aquilo fazia sentido. Se ela não estivesse feliz de ter tido Gray com ela antes, isso podia tê-la convencido.

— Eu posso projetar meus pensamentos nas cabeças deles e convencê-los de que nem estamos aqui.

— Isso cansa você, e eu preciso de você forte.

Os Gorgons não prestaram qualquer atenção enquanto eles se aproximavam por trás deles. Estavam ocupados demais discutindo — meus deuses. A audição dela captou algo e ela ouviu atentamente, franzindo o cenho de vez em quando. Um suor frio gotejava sobre sua pele. De um lado a outro os Gorgons lançavam comentários sobre os exércitos de demônios e vampiros que tinham passado por sua vila, exigindo saber se eles tinham visto um humano macho e uma fêmea. Jewel endureceu.

Os vampiros e demônios estão trabalhando juntos? Que... estranho. As duas raças nunca tinham guerreado entre si, mas nunca tinham se aliado, tampouco. O que tinha os trazido a essa união?

Cambaleante, ela olhou para Gray. Seu rosto estava parcialmente sombreado por seu capuz, mas ela viu a desagradável linha dos seus lábios. Ele os tinha entendido? Ela projetou sua consciência na mente dele, mas encontrou aquele bloqueio frustrante.

Ele apertou sua mão, e ela mordeu o lábio. Ele sabia que ela tinha acabado de tentar lê-lo?

— Para onde eles estão indo? — ela perguntou ao Gorgon na frente dela, usando seu duro dialeto da língua Atlante.

Todos eles pararam e se viraram para ela.

Gray rosnou baixo, mas manteve a cabeça virada.

— Bem? — ela ordenou, fingindo que tinha todo o direito de estar entre eles e questioná-los.

— Na direção do palácio de Javar. — um deles respondeu, e todos se puseram em marcha.

O que significava que o inimigo estava alojado longe da Cidade Interior. Aquilo era bom, mas... Por que viajar o caminho todo até o palácio de Javar, o antigo Rei Maior dos dragões? Javar tinha morrido há vários meses, e Darius, o novo rei, enviou uma legião de seus homens para proteger o palácio de invasores.

Isso não fazia sentido.

No momento em que ela e Gray cruzaram os portões da cidade, eles se afastaram dos Gorgons.

— O ponto era nos misturarmos com aquelas coisas, não anunciarmos que estávamos aqui e que não éramos parte do grupo. — Gray sussurrou em seu ouvido, seu tom era feroz. Ele reivindicou a liderança, mas manteve o forte aperto na mão dela.

Cães de três cabeças saltaram detrás de uma cabana de pedra e brincaram em torno de seus pés enquanto carretas e vendedores surgiam. O aroma de tortas doces e de carnes seduziu suas narinas. Sua boca se encheu d'água. Roupas bonitas, brilhantemente coloridas saudavam seus olhos, e joias brilhavam na luz.

Ela queria experimentar todo tipo de comida, experimentar cada pedaço de material, se cobrir de joias.

— Procure por um negociante de armas.

— Claro. — ela disse, aquela palavra farta de desapontamento. — Podemos explorar a cidade depois?

— Nós temos que... — Ele lançou um olhar sobre seu ombro, então parou. Voltou-se para ela, a encarando completamente. Ela esbarrou nele.

Quando ela se equilibrou, suas longas pestanas se ergueram e seu olhar encontrou o dele.

— Há algo errado?

Quieto, Gray permaneceu no lugar, estudando o rosto de Jewel e o ávido cintilar de seus olhos, os fazendo brilhar como safiras. Um semi sorriso curvava os lábios dela, e um brilho rosado iluminava suas bochechas. Havia um sensível ar de excitação irradiando dela.

Ela nunca lhe pareceu mais bonita, mais viva — e a visão dela o atingiu direto nas entranhas. Ele estava incapaz de se mover, dificilmente conseguia respirar.

Ele pensara em resolver os negócios primeiro. Pareceu-lhe a coisa mais importante no momento, o esperto plano de ação. Agora, olhando para ela, a única coisa em que ele podia pensar, a única necessidade dentro dele, era fazê-la feliz.

Durante a jornada pela cidade, ele não pensou em nada a não ser dar àquela mulher inocente o presente perfeito. Quando ela contou a ele da peça romântica que tinha deleitado sua mãe, ele ouviu a melancolia em sua voz e soube que ela desejava o mesmo para si. Ele não era escritor; ele não era ator. Mas ele não queria dar a Jewel as mesmas coisas que tinha dado a outras mulheres. Flores pareciam clichê e doce não parecia bom o suficiente.

Ele não sabia por que, só sabia que era importante, necessário, que ele fizesse para ela o que nunca tinha feito para outra.

Ela queria explorar a cidade, então, por Deus, eles explorariam a cidade.

— Temos um pouco de tempo pra brincar primeiro. — ele disse, sua voz mais áspera do que gostaria. Os olhos dela se arregalaram.

— Mesmo?

— Apenas esteja certa de manter seu rosto escondido e fique na vigia por demônios ou vampiros.

— Estamos seguros deles. Eles estão se concentrando na direção oposta.

— Às vezes exércitos se escondem nas sombras, querida, e entram furtivamente. Agora, aonde você quer ir primeiro?

Sorrindo, ela olhou para a esquerda e para a direita, girou, olhou para esquerda e para a direita novamente.

— Ali. — ela disse, apontando para uma banca de joias. Algo pegou o canto do seu olho, e ela girou de novo. — Não, ali. — Nesse momento ela apontou uma mesa empilhada com algum tipo de fruta e riu. — Em todos os lugares. Quero ver tudo de uma vez.

O som de sua rica risada era como uma sensual onda demolidora, batendo nele com a força de mil libras. Ele já tinha visto mulheres se deleitando em compras antes, mas nunca assim. Nunca com um entusiasmo potente que o envolvia, o apertando em um delicioso abraço.

— Venha. — ele disse, segurando sua mão, amando a sensação de sua pele suave, seus ossos delicados. Ele a levou para uma mesa de gemas brilhantes. — Uma coisa de cada vez. Vamos ter tudo isso, juro por Deus.

Seu olhar se demorou no arco-íris de joias, e ela ofegou. Seus dedos localizaram amorosamente um torque de esmeralda, acariciou um anel de ametista, e saboreou uma corrente de ouro e prata. O monte de riquezas brilhando para ele estava cambaleando.

Uma criatura tripulava a mesa e os observava com ar avaliativo. Apesar de ter o corpo de um homem, tinha um rosto de touro, com chifres sobressaindo de sua testa e pele nas bochechas.

Um tipo estranho de se ver, na opinião de Gray.

— Vê algo de que goste? — o homem... touro... a coisa perguntou.

Foi naquele momento que Gray percebeu que ele entendia cada palavra. O touro-homem tinha falado na gutural língua Atlante, assim como também os tinham os feios Gorgons, no que diz respeito a esse assunto. Gray os tinha entendido, também, e tinha ouvido suas conversas sobre os demônios e vampiros. Ele simplesmente esteve envolvido demais com as palavras deles para perceber que eles não estavam falando sua língua. Agora...

Como diabos ele tinha aprendido Atlantiano? Um dia ele não sabia uma mísera palavra disso, e agora ele sabia toda essa língua louca.

— Tudo é tão bonito. — Jewel respirou, cortando seus pensamentos. Ela ergueu uma pulseira com uma mão e a manga de seu robe com a outra, revelando vários centímetros da pele suave. Cristais brilhavam do torque, projetando uma vasta ordem de cores. Uma pedra prateada descansava no centro.

A visão da rica faixa de ouro contrastando com a carne suave de pêssego-e-creme de seu braço se mostrou mais erótica do que duas garotas transando bem na frente dele. Ele queria que Jewel a tivesse. De verdade. Ele podia tão facilmente imaginá-la usando a pulseira — e mais nada.

— Fica linda em você. — o vendedor disse, as palavras baixas e graves.

Gray não se importaria em roubar, mas ele, bem, ele não queria adquirir o item daquela forma. Ele queria dar a Jewel com uma aquisição honesta. Algo que ela pudesse olhar e sempre pensar nele.

— Obrigada. — Jewel disse, mas ela retirou o item e o devolveu à mesa, sua manga voltando para o lugar. Havia remorso e desejo em sua voz, e ela olhou para o item por um longo tempo antes de finalmente voltar sua atenção para uma tiara de rubi.

— Aves assadas — alguém gritou. — Apenas meio dracma.

Ela moveu ao queixo para o lado.

— Aves assadas. — ela ofegou, correndo para o vendedor sem sequer dar uma olhada para trás.

Gray a observou indo, então fez um escaneamento rápido da multidão e decidiu que ela estava segura o suficiente no momento. Ele virou parcialmente na direção do estranho touro-homem, dividindo sua atenção entre sua mulher e o vendedor de joias.

— Quanto? — ele perguntou, apontando para a pulseira. Surpreendentemente a língua Atlante fluiu facilmente de sua língua, como se ele tivesse a falado por toda a vida.

— Quarenta dracmas.

Ele não podia perguntar o que eram dracmas ou ia parecer um idiota que não é de Atlantis. Ele simplesmente meneou a cabeça e girou. Enquanto ele diminuía a distância entre si e Jewel, o touro-homem chamou: — Trinta e cinco. Deixe você ficar com ela por trinta e cinco.

Gray puxou Jewel para o lado, distante do vendedor de ave assada, um Ciclope musculoso, de um olho só. Jewel segurava duas latas de torta de carne em sua mão e o Ciclope estava os olhando desanimado, como se meio que esperasse que eles corressem com os bens. Ela estava mordendo o lábio, olhando para a comida.

O olhar dele voltou para o Ciclope, e ele percebeu que o homem estava vestido de trapos, e tinha bochechas fundas apesar de sua aparência estranhamente musculosa. Ele era muito pobre, e Gray não tinha coração para roubá-lo, também.

— O que são dracmas? — ele perguntou a Jewel baixinho.

— Dinheiro. — Ela cheirou a comida com uma expressão arrebatada, completamente absorvida em sua tarefa. — Como seus dólares.

— Como posso conseguir algum? — Enquanto ele falava, viu um grupo das coisas mais estranhas de todas que já tinha visto até então. Um braço saía de seus peitos, e uma perna balançava de seus torsos, e apenas as asas em suas costas os mantinham verticais. Eles formavam um círculo pequeno, risonho.

Cada um dos o *que quer que fossem* segurava uma lagarta de bom tamanho, e cada lagarta usava um colar, uma joia diferente para cada dono diferente. Eles colocaram as coisas que se contorciam em uma linha, usando sua única mão para segurar a cauda da lagarta.

Um dos homens gritou.

— Vai! — e todos soltaram suas lagartas.

Gray esperou que as coisas malditas — ele odiava lagartas, — mordessem seus manipuladores, mas elas o surpreenderam se lançando em ação e correndo adiante. A lagarta de colar verde cruzou a linha de chegada primeiro e seu manipulador flutuava para cima e para baixo com excitação, batendo palmas contra sua coxa.

Uma bolsa aparentemente pesada foi lançada na coisa, e ele a pegou, abrindo o saco de aniagem com seus dentes e retirando uma pedra boba. Gray podia apostar sua significativa poupança em que aquela pedra boba era um dracma.

Deus ama a comunidade jogadora.

Ele se iluminou.

— Não importa. — disse a Jewel. — Eu já sei como. — Sua força aumentou na espada que segurava. Era de bom tamanho com um cabo de mármore e valia uma pequena fortuna. Seu cunhado, Jorlan, um príncipe de algum planeta distante, tinha dado a ele. — Você já jogou?

— Não.

— Hoje vai ser seu dia de iniciante. Vem comigo.

— Espere. — Ela recolocou a comida na mesa, e ele a conduziu pela multidão se arremessando ao longo da rua. Quando ela percebeu o único destino possível para eles, ela disse, — Uh, Gray, talvez devêssemos voltar agora.

Ele a ignorou, nunca diminuindo o passo. Logo as vozes baixas das *coisas* ecoaram para eles, lembrando Gray de algo que ele queria perguntar a Jewel.

— Você se importaria em me dizer como agora eu sei sua língua?

Seus radiantes olhos de safira se arregalaram.

— Você pode entender?

Ele balançou a cabeça e lançou-lhe um olhar. Ele podia ver rodas girando e seus olhos arregalarem enquanto a resposta a atingia, mas ela apenas encolheu os ombros.

— Como qualquer um aprende uma língua, mesmo?

— Com trabalho duro e muito estudo.

— Você podia ter aprendido simplesmente de ouvir os outros falarem.

A mulher era boa, ele tinha de reconhecer. Ela nunca mentia, mas quando não queria responder a uma pergunta ela tinha meios de tentar desviá-lo.

— Eu não trabalhei nisso e não ouvi bem os outros. Como eu aprendi? — ele persistiu.

Ela parou, engoliu em seco, então ofereceu:

— Ouvi que alguns humanos aprendem nossa língua por mágica.

Mágica. Seu cunhado lidava com mágica, e Gray aprendeu de primeira mão os perigos envolvidos em usá-la. Um homem podia ser transformado em pedra, embora ainda fosse capaz de ver, ouvir e sentir tudo ao redor dele. Um homem podia ser amaldiçoado dentro de uma caixa, sendo permitido a sair apenas quando sua mestra precisasse de seus serviços. Ele estremeceu.

Não, obrigado.

— Você usou um feitiço em mim? — Antes que ela respondesse, ele percebeu que ela nunca lhe disse realmente, com cem por cento de certeza, que ele tinha aprendido a língua por magia. Ela simplesmente sugeriu isso. Na verdade, ela não tinha respondido sua pergunta de jeito nenhum.

Ele rangeu os dentes, parou, e olhou para ela por um longo tempo, fazendo-a se contorcer.

— Já saquei você. Mágica, mesmo. Quando estivermos a salvo em nosso quarto hoje à noite, vamos ter uma longa conversa.

Nosso quarto, ele disse. Jewel engoliu em seco, tentando aliviar a repentina secura de sua boca. Ela suspeitava que Gray conseguisse entender a língua Atlante porque ela esteve em sua mente e devia ter deixado pedaços de si mesma para trás. Incrível, surreal, mas aí estava. Teria ela, então, levado pedaços dele com ela?

Ela não sabia como ele receberia essa notícia quando ele nem parecia se lembrar de que ela esteve em sua cabeça, então ela não disse nada, deixando-o racionalizar qualquer explicação que pudesse.

Agora mesmo, ela tinha outras coisas com que se preocupar. A pele dos Formorianos era tão pálida quanto a de um vampiro, mas parecia mais com um papel seco com finas linhas azuis. Eles tinham acabado de terminar outra corrida de lagartos quando ela e Gray alcançaram o círculo deles. Gray parou, sem dizer uma palavra, apenas observando com curiosidade, ela ficou ao lado dele, escaneando os rostos, pronta para avisá-lo se alguém tentasse machucá-lo. Os Formorianos tinham espadas amarradas por todo o corpo. Ela não sabia porque eles estavam lá na Cidade Interior quando os Formorianos geralmente ficavam na mais aceitável Cidade Exterior. Eles eram uma raça amante do perigo que não se importava em festejar com carne, preferencialmente enquanto os corpos ainda estavam vivos e gritando.

— Eu quero jogar. — Gray finalmente anunciou para a multidão ao redor, como se ele não tivesse um cuidado no mundo.

Os Formorianos se voltaram para ele, franzindo o cenho.

— Você tem dracmas? — um deles perguntou, olhos cerrados.

Gray retirou seu punhal e o deu, o cabo primeiro, para a criatura mais perto dele. O Formoriano aceitou o punhal, o segurando com sua única mão.

— Tenho de ver com quem estou lidando primeiro. — ele disse.

— Você vê o suficiente de mim. — O tom de Gray tinha perdido sua moderação, se tornando escuro e ameaçador.

— Vou ver tudo de você. — Ele fez um sinal com uma inclinação do queixo, e outro dos Formorianos avançou, tentando puxar o capuz de Gray.

Gray empurrou a criatura, duramente, a fazendo tropeçar. Todos os seus amigos rosnaram baixo.

— Você fede a humano. — um deles disparou. — Vamos ver seu rosto.

— E você fede a merda. — Gray estalou. — Tudo o que você vai ver é mais uma das minhas armas se não sumir da minha frente. Agora, você aceitou o meu punhal, então me aceite no jogo.

— Você vai sair ou morrer. É sua única escolha.

Gray avançou rapidamente, as sombras cobrindo a maior parte do seu rosto. Mas através das sombras, seus olhos brilhavam, ameaçadoramente vermelhos.

— Você vai me deixar jogar. Entendeu?

Vendo os olhos brilhantes, — olhos demoníacos — eles menearam a cabeça, agora ansiosos por agradar. Formorianos temiam demônios, seus mais fortes contrapartes.

Jewel segurou um arfar horrorizado. A luz vermelha nos olhos de Gray já tinha morrido, deixando apenas as íris prateadas. As mudanças estavam acontecendo, então. Gray não seria poupado como ela esperava. Nos dias seguintes, ele adquiriria traços dos vampiros e dos demônios.

Quais características, ela só podia adivinhar. Como ele reagiria quando descobrisse o que estava acontecendo com ele, ela podia apenas temer.

O líder embainhou a faca de Gray em seu cinto e deu a ele a lagarta com colar de ametista, a menos ativa do grupo. Gray não reclamou, mas fez uma careta.

— Formem uma linha e vamos começar. A primeira lagarta a cruzar, vence.

Gray meneou e formou a linha ao lado dos outros homens. A expressão desgostosa que ele tinha a faria sorrir em qualquer outra circunstância. Como estava, ela não confiava que os Formorianos iriam agir honestamente, então manteve os olhos neles.

— Vão! — o líder gritou.

As lagartas foram soltas e entraram em disparada. Todas, menos a de Gray. A dele começou um passeio lento, divertido.

— Vai, porcaria! — ele gritou, empurrando com as pontas dos dedos.

Ela parou e caminhou na direção contrária.

Tudo muito breve, uma lagarta cruzou a linha de chegada, encerrando a corrida. Gray amaldiçoou alto e longamente, então se voltou para o líder Formoriano.

— De novo. — ele disse.

— Mostre-me pagamento.

Ele tirou seu relógio de pulso e o deu. Os Formorianos se reuniram em torno dele emitindo oohs e aahs, e Gray apanhou sua lagarta.

— Vamos acabar com isso.

Ansiosos, todos formaram a linha.

— Vai!

A lagarta de Gray repetiu a performance, assim como ele. Amaldiçoou a corrida inteira, expressões que quase queimaram suas orelhas. Depois, ele exigiu outra corrida, dando seu fazedor de fogo. Um isqueiro, ela sabia como se chamava. Os Formorianos estavam salivando para tê-lo, então concordaram rapidamente.

Os homens formaram a linha. Os lábios de Gray estavam estirados. Linhas duras cercavam seus olhos e boca. A determinação irradiava dele.

— É melhor se mover dessa vez, seu saco de merda, — ele murmurou. — Outra vez. O vencedor leva tudo. — Ele deu uma barra de energia, e as criaturas farejaram, balançaram a cabeça.

— Prontas... Vão!

As lagartas se arrastaram para frente.

Jewel nunca tinha entrado na mente de um animal antes, mas entrou nesta. Ela não sabia se ia funcionar, mas tentou de qualquer jeito. Qualquer coisa para ajudar Gray. *Vai, maldito. Rápido.*

Ouvindo seu comando certo, a lagarta se lançou em ação, se movendo mais rápido que as outras, e se aproximou do primeiro lugar. Uma sensação esquisita de excitação crescia dentro dela. Eles tinham uma chance de vencer desta vez! Ela estava pulando de cima a baixo enquanto a lagarta de Gray cruzava a linha de chegada, pegando o primeiro lugar.

Um silêncio quente encontrou a vitória, e ninguém se moveu, apenas olhando em choque para a lagarta com colar de ametista.

— Meu prêmio. — Gray se adiantou.

Todos os Formorianos armaram uma carranca e sibilaram enquanto o líder dava duas sacolas de dracmas, junto com todos os pertences de Gray. Jewel bateu palmas e riu, seu capuz quase caindo em sua excitação. Ofegante, ela se recuperou e o segurou no lugar.

Gray envolveu seu braço em torno do seu pulso.

— Foi bom fazer negócios com vocês, rapazes. Se nos dão licença... — Ele a levou embora, resmungando. — Eu sabia que aquela canalhinha ia conseguir. Com sua ajuda. — ele adicionou com um risinho. — Quanto é isso? — Ele ergueu as duas bolsas com sua mão livre.

— Meu palpite são duas mil dracmas. — ela disse em uma risada, sem perguntar como ele sabia o que ela tinha feito. — Temos dinheiro!

Ele lançou para ela uma piscadela maldosamente sensual.

— Vamos fazer uma comemoração.

CAPÍTULO ONZE

Layel estava parado na margem da floresta tendo como vista o antigo Palácio do Dragão. Javar não estava mais vivo, claro, morreu pelas próprias mãos de Layel. Ele gostou de matar o homem, tinha que admitir. O bastardo tinha sido frio e indiferente, e deveria ter tido mais controle sobre seus homens. Se ele tivesse, talvez Susan ainda vivesse.

Uma brisa fresca passou por ele enquanto ele continuava a olhar fixamente para o palácio, bloqueando o som dos exércitos que vinham atrás dele. Luzes cristalinas se estendiam até o céu dourado, lançando fragmentos de arco-íris em toda direção. A zombeteira beleza deste lugar sempre o espantou.

Alguns dos crimes mais horrendos contra Atlantis haviam sido cometidos neste luxurioso vale, sobrepondo a beleza em horror.

Humanos sacrificados, batalhas travadas até que o sangue corresse como um mortífero rio. Mulheres e crianças roubadas. Ele tomou parte nisto, em tudo isso, e não se sentia culpado. As mulheres e crianças eram agora escravas, mas elas eram bem cuidadas. Os humanos que ele matou eram pessoas más, os fins justificam os meios. Os dragões contra os quais ele lutou não pensaram antes de estuprar uma fêmea inocente, então eles mereceram o que tiveram.

Diferentemente de outras raças que só possuíam um governante, sempre existiram dois reis dragões. Para guardar e proteger cada lado de Atlantis. Quando Javar morreu, só Darius permaneceu como rei, e o estúpido ainda tinha que escolher um outro. Sim, ele enviou soldados aqui para proteger o palácio, mas sem um verdadeiro soberano na residência, o palácio ficava vulnerável.

Nesse momento, guerreiros percorriam o parapeito do palácio, vigiando, observando tudo que acontecia abaixo deles. Com sua visão extraordinária, Layel os via tão claramente como se eles estivessem passando na frente dele. Doze homens armados, com perfeita musculatura e perfeitamente bronzeados. Mas estes homens não possuíam os dourados e intrigantes olhos dos dragões.

Sua sobrancelha se levantou até a linha dos cabelos, e ele começou a notar outro detalhe estranho. Normalmente dragões voavam por cima durante o dia. Hoje, neste momento, não existia nenhum guarda no céu. Só o suave brilho ambarinho do cristal.

Tudo parecia estar suavemente se encaixando no lugar. Ele sorriu lentamente.

Semanas atrás, Layel *casualmente* mencionou para o rei dos ninfos que o palácio de Javar estava sem um líder, que Darius deixou um exército de recém-nascidos no comando. Valerian deve ter imediatamente unido suas forças e emboscado o palácio, reivindicando-o pra ele. Por que eram os ninfos que caminhavam pelo parapeito ao amanhecer, com sua pele bronzada e perfeita musculatura, com um cabelo tão sedoso quanto o cetim, seus rostos eram tão luminosos que ardiam mais brilhantemente que a cúpula de cristal acima deles.

A notícia desta vitória ainda tinha de ser espalhada, por que nem mesmo ele sabia. A satisfação o encheu, obscurecida por um outro pensamento. A escrava roubada de Marina provavelmente sabia.

Ela sabia de tudo. Ele próprio a tinha possuído por um breve tempo, ele conhecia suas habilidades muito bem.

A escrava contaria a qualquer um sobre o palácio? Ela revelaria os planos dele? Ela viria aqui?

Não, ele decidiu logo depois. Se ela contasse a alguém, teria que revelar exatamente quem e o que ela era, e logo seria feita prisioneira novamente, algo que ela evitaria a todo custo. Ela evitaria a raça ninfas da mesma maneira que ela evitou os demônios. Os ninfos eram poderosamente sensuais, perigosamente eróticos, e eles subjugavam todas as fêmeas. Escravizando seus corpos e almas, até que todo pensamento da fêmea, tudo que ela almejava, era o seu ninfo.

O plano de Layel não corria perigo.

Seu presunçoso olhar desviou para Marina. A rainha nunca teria permissão para entrar no palácio... e graças aos ninfos, ele não teria de buscar em sua mente para encontrar uma razão de por que eles não deviam entrar. Ele trouxe a cadela até aqui sob falsos pretextos, para ganhar tempo.

Não importa o que acontecesse, não importa o que ele tivesse de fazer, ele se certificaria de que Marina nunca colocasse as mãos sobre a menina escrava novamente. Muitas coisas estavam em jogo.

Como se seus pensamentos a chamassem, a cadela demônio emparelhou seu cavalo do lado dele, os cascos batendo no chão. Ela roubou a besta de uma aldeia de Gorgon — depois de comer seu dono. O animal parou abruptamente.

Nas costas de Marina suas magras e límpidas asas agitavam-se como um fino manto, a única parte elegante de seu horrendo e carnudo corpo.

— Aqueles homens não se parecem com dragões, eles parecem ninfos. Guerreiros ninfos. — A visão de Marina era tão boa quanto a dele, se não melhor.

— É o que eles são,— ele disse, tentando não se permitir outro sorriso. — Eles devem ter lutado com os dragões e tomado o palácio. Você acha que eles ouviram sobre os portais e os querem para eles?

Ela ofegou.

— É exatamente por isso que eles estão aqui. Eu apostaria minha vida nisso. — Ele apostaria a vida dela, também. Com alegria.

— Como eles se atrevem?— Ela gritou. — Os portais são meus. Meus!

— Fale mais baixo. — Não que ele se importasse, mas ele tinha que fazer sua parte de amigo preocupado. — Você sabe como a audição deles é sensível. E você não quer dizer *nosso*?

— E se eles estiverem com minha escrava também, além do controle dos portais?— O pânico elevou a voz dela a um alto e ensurdecido nível. — Você disse que ela viria aqui, que o humano precisaria do portal para retornar para casa.

— Eles não têm a garota. Caso contrário, milhares de guerreiros esperariam por nós aqui.

— Você está certo. — Ela afrouxou as rédeas em suas mãos, um ar de superioridade formou ao redor dela. — Eu não me importo com quem está dentro daquele palácio. Nós avançaremos. Se eles tentarem manter o portal para eles mesmos, eu os matarei. E suas crianças.

Antes que ele pudesse articular outra palavra, ela avançou rapidamente, e Layel foi forçado a segui-la.

— Avante,— ele chamou, e seu exército começou a correr. Os vampiros podiam se mover mais rápido que um piscar de olhos, mas eles mantiveram um passo firme ao lado dos demônios. Eles o conheciam bem e não voariam em ataque total sem a expressa permissão de Layel.

Ambos, demônios e vampiros corriam a toda velocidade pelo campo aberto, encabeçados em direção às portas duplas. Isto era tolo, ele sabia que era, mas se nada mais, isto se provaria divertido. Marina nunca chegaria do lado de dentro, e ele apreciaria assistir os ninfos empurrá-la de seu exaltado pedestal.

De repente uma flecha atravessou o céu e aterrissou em frente aos pés de ambos.

O cavalo de Marina empinou, fazendo-a cair para trás antes que ela pudesse se equilibrar

utilizando as asas. Ela chiou quando atingiu o chão, batendo e rolando. Layel riu com genuína diversão, algo que ele não fazia há anos. Ah, sim, este definitivamente seria um dia para se apreciar.

Marina pulou de pé, olhando ferozmente para ele e para todos ao redor que ousaram rir.

— Aquele animal é... é...

— Um verdadeiro herói de guerra? — Layel perguntou.

— Fique onde você está — um ninfo gritou. — Você não é bem-vinda aqui.

Layel reconheceu aquela voz. Valerian, Rei dos ninfos. Ele deu ao rei atenção total, e se esqueceu de Marina ao seu lado. Seus olhos procuraram até achar o rei na extremidade mais alta do palácio. O cabelo dourado emoldurava um maldoso e hipnotizante rosto. Uma pele perfeitamente bronzeada, com características perfeitamente esculpidas. Lábios luxuriantes e rosados, as pestanas eram longas e bem definidas. Os olhos de um azul-esverdeado tão profundos e impenetráveis como o oceano acima deles.

As feições de Valerian poderiam fazê-lo parecer feminino. Mas de alguma forma, sua perfeição física o tornava ainda mais masculino, ainda mais severo. Tudo o que tornava mais desejável para as mulheres.

— É desta forma que você dá boas-vindas a um velho amigo? Com flechas?

— Você é bem-vindo para entrar, Layel, você sabe disso. O demônio, porém, deve permanecer do lado de fora destas paredes.

— Ah! — Layel exclamou. — Onde ela ficar, lá eu devo permanecer, também. Por que você não se junta a nós? Ambos desejamos falar com você.

— Confiar em um demônio o suficiente para entrar em seu meio? Eu acho que não. — Sua risada ecoou através da distância, rica e rouca, uma carícia que até Layel sentiu. Isso era a forma com que os ninfos, com suas vozes, com seus corpos, com seu olhar, irradiavam sensualidade. — Por que você se juntou a alguém como ela?

Layel não podia dizer sua verdadeira razão, e ele não mentiria para o único homem que ele considerava como amigo ao longo dos anos. Entretanto ele sabia que Valerian se recusaria e estava contente com isso. Layel não o queria envolvido mais que o necessário... ele ignorou a pergunta e disse:

— Nós só gostaríamos de falar com você. Você tem minha palavra de que você sairá daqui exatamente como entrou.

— Eu quero lutar com você, covarde. — Marina gritou e abanou as garras pelo ar. Ela subiu de volta em seu cavalo. — Traga seu exército aqui em baixo se você ousar.

— Você tem certeza de pode controlá-la? — Valerian disse, sorrindo. — Ela parece bastante determinada a me colocar no cardápio de jantar.

— Você está com medo? — Ela cuspiu. — Você deve estar. Eu planejo cortar sua língua e comê-la na sua frente. — Layel rolou os olhos. Quando aquela mulher aprenderia que tais palavras e ações poderiam *fazê-la* morrer?

Suas orelhas se empertigaram assim que ele escutou o som dos soldados de Marina levantando suas armas para o ataque. Com os olhos estreitados, ele deu ao segundo em comando um olhar, apontando para os demônios com a ponta de seu queixo. Nenhuma palavra era necessária; Seu homem entendeu o que ele queria. Se algum demônio fizesse um único movimento em direção ao palácio, seria morto.

— Corte a língua *dela* se for preciso, Layel. — Valerian disse, — mas a faça se calar. Eu estou tentado a descer só para humilhá-la. Como se uma fêmea pudesse me atacar. — Ele riu. — A idéia de tal fato é ridícula.

— Se você quer minha língua, desça aqui e pegue-a — As douradas sobrancelhas de Valerian arquearam-se.

— Não diga mais nada. — Layel rosnou, sua mão subiu rapidamente e prensou sobre a coxa de Marina. Se ele não precisasse tanto dela, se existisse qualquer outro caminho para derrotar Darius, ele

a teria matado agora mesmo.

Mais tarde, ele disse para si mesmo.

— Até a respiração dele me insulta, — ela sussurrou ferozmente. Ela se contorceu sob a mão de Layel. — Ele está zombando de nós.

— Você obviamente nunca esteve na presença de um ninfo antes. Se você for para ele ou se ele vier para você, você alegremente se tornará escrava dele. Você implorará para permanecer ao seu lado. Você não desejará nada mais em sua vida a não ser agradá-lo. Os ninfos não podem controlar isto. Somente a presença deles deixa as mulheres escravizadas.

O horror escureceu a expressão dela, e seu olhar chicoteou para ele.

— Em primeiro lugar, se você sabia disto, por que inferno você o convidou a descer?

— Eu sabia que ele recusaria o convite. Eu também sabia que abriria nossas linhas de comunicação.

— Por que vocês estão aqui?— Valerian disse em um suspiro, cortando a conversação.

— Viu? — Layel murmurou. — Agora nós estamos nos comunicando.

Marina abriu sua boca para responder, mas Layel a silenciou fortalecendo sua pressão na coxa dela. Dolorosamente. Seus lábios de apertaram.

— Nós pensamos em tomar o palácio, mas como você chegou primeiro nós o deixaremos para você. Porém, já que nós estamos aqui, nós desejamos perguntar sobre um humano. — Assim que ele falou, centenas de ninfos alinharam-se ao lado de seu rei, mostrando quantos eles eram. Eles eram todos altos e fortes com uma beleza que ultrapassava qualquer outra criatura ou objeto. Tal magnificência e primazia machucavam seus olhos, quase o forçando a protegê-los.

— Você também veio aqui na esperança de encontrar a Joia de Dunamis?

Layel encolheu os ombros. Valerian o conhecia muito bem.

— É minha! — Marina gritou. — Não pense que você pode ficar com ela para você.

— Eu acho que eu farei qualquer coisa que eu deseje. — Valerian disse, seu timbre sensual misturado com diversão.

As mãos de Marina apertaram as rédeas de seu cavalo, e suas escamas verdes ficaram sem cor.

— Vamos destruí-lo. — ela sussurrou. — Vamos enviar estas criaturas para inferno.

Mulher estúpida.

— Nós não temos tempo nem recursos para guerrear com ambos ninfos e dragões. Você pode se confortar com o fato de que uma vez que Darius seja derrotado, nós poderemos fazer o que nós quisermos com os ninfos. — Não que ele permitiria que ela atacasse Valerian, ou que ela sobrevivesse até aquele ponto.

— Eu não quero esperar.

— Mas você irá. — Ele lançou um olhar para o exército atrás deles. Seus vampiros estavam completamente quietos, dividindo sua atenção entre os demônios e ele, não prestando atenção para o espetáculo acima deles. Eles aguardavam seu sinal.

Os demônios, porém, continuavam a trocar inquietamente de pés, lambendo seus lábios em faminta antecipação. Isso era a diferença entre guerreiros treinados e idiotas desleixados.

— Você sabe que os dragões o atacam por tomar este palácio. — Layel disse ao seu amigo.

— Claro. Nós esperamos ansiosamente a visita deles. Se nessa altura você já tiver se livrado do demônio, você pode vir e nos ajudar. — Valerian falou calmamente como se eles estivessem discutindo sobre o tempo, não sobre uma profecia de guerra e morte. — Agora, se você não tem nada mais para dizer...

— Você viu o humano e a garota?— Layel pediu em benefício a Marina.

— Eles não passaram por esta terra hoje ou qualquer dia em que nós estivemos aqui.

— Você está mentindo. — Marina disse, e Layel viu suas garras se prolongarem, preparando-

se para o ataque. — Nós lutaremos para entrar, se for necessário, e veremos por nós mesmos.

Valerian agitou sua cabeça e disse.

— Eu te ofereço adeus, Layel.

— O portal. — Suas características eram desesperadas quando ela mudou sua atenção para Layel. — E sobre o portal? Nós não podemos deixar o portal aos cuidados daquele bastardo.

Ouvindo-a, o rosto bonito de Valerian foi drenado de toda emoção, toda diversão. Seus lábios perfeitos se ergueram em um leve desprezo.

— Você pode, e você irá. — ele disse, em um tom perigoso, ameaçador.

Ela ofegou.

— Então, *existe* um do lado de dentro? Você o viu?

— Isto não é da sua conta.

— Todo esse tempo. — A língua de Marina igual a de uma cobra serpenteou fora e umedeceu seus lábios. — Os portais existiram, e eu não tinha idéia. O Palácio de Javar...

— Este é o palácio de Valerian agora. — o rei ninfo falou. — É Melhor você aprender o nome e começar a usá-lo.

— Palácio de *Javar* — ela continuou zombando — de Javar, de Javar, de Javar.

— Se os exércitos deles chegarem mais perto, mate-os, — Valerian gritou para seus homens. — Todos eles.

Layel sabia que o rei, não era fácil de irritar, não hesitaria em massacrá-los a todos agora que tinha sido provocado. A amizade entre eles era a única razão de Marina ainda estar viva.

— Nós temos as informações que precisamos, — ele disse a ela.

— Vamos partir. Nós iremos em direção a palácio de Darius. Teremos que passar pela Cidade Interna para chegar lá e você procurará pelo casal no caminho.

— Não, nós podemos acabar com Valerian. Nós podemos matá-lo.

— Eu já expliquei para você por que nós não podemos.

Ele girou e caminhou para longe dela, antes de acabar decidindo matá-la, e esquecer tudo pelo que ele trabalhou. Ela foi forçada a segui-lo ou ficar e morrer.

— Eu odeio Darius. Eu a ajudarei matá-lo. Mas eu não machucarei Valerian.

Ela decidiu segui-lo. Seu cavalo resmungou quando ela o girou, e ela logo estava ao lado de Layel.

— E se o humano e a menina não forem encontrados? O que nós faremos então, poderoso rei vampiro?

— Nós lutaremos contra Darius como planejado.

— Lutar contra ele sem a escrava ao meu lado?

— Você estava perfeitamente disposta a lutar contra Valerian sem a sua escrava.

— Ele é um ninfo. Ele sabe como foder, nada mais.

Layel parou e lançou um olhar gelado para ela. Sua escama verde era vívida e asquerosa na luz. Bolas de fumaça e enxofre saíram constantemente de seu nariz.

— Você acabou de chegar a Atlantis, mulher? É por isso que você não sabe nada das criaturas daqui?

— Ele podia estar abrigando minha escrava dentro daquelas paredes.

— Ele não está. — Layel disse irritado.

— Valerian é muitas coisas, mas ele não é um mentiroso.

— Como você sabe? — Ela exigiu, mantendo passo ao lado dele. — Por que você gosta muito dele?

Seus exércitos seguiam atrás deles, e eles logo reentraram na floresta. Galhos de arvores se

estiravam como longos dedos na direção deles, e ramos estalavam sob seus pés.

— Se ele a tivesse, ele teria a teria feito desfilar através do parapeito do palácio, exibindo-a e rindo. O homem tem um senso de humor distorcido.

— Nós desperdiçamos nosso tempo vindo aqui. — Uma declaração irritada, não uma pergunta.

— Nós sabemos que o humano e a escrava não deixaram Atlantis. Eles não passaram por um portal, então eles estão aqui, esperando para serem achados e capturados.

Lentamente ela sorriu.

CAPÍTULO DOZE

Gray e Jewel fizeram compras durante horas, comprando roupa, armas, quinquilharias e comida. Depois de devorarem três tortas de carne, ou o que quer que fosse aquilo, Gray sentia-se mais forte do que sentia-se há dias. E ele precisava de sua força. Sua mochila provavelmente pesava 45 quilos, cheia como estava com as compras de Jewel.

Ele a observava saltitar e rir de loja em loja como uma criança ansiosa, simplesmente a apreciando, amando o modo como seus olhos brilhavam, o modo como seu rosto brilhava da cor do pêssego a do morango.

Tantas vezes ele quase a puxou de lado e capturou sua boca, desesperado em saboreá-la. Uma provadinha, isso era tudo que ele queria. Uma provadinha, isso é tudo que ele precisava. Só uma provadinha...

Nunca seria o suficiente.

As palavras martelavam em sua cabeça, mas ele as empurrou para o fundo com determinação. Negou-as. Uma provadinha teria de ser suficiente porque isto seria tudo que ele poderia permitir-se. Ele simplesmente não podia arriscar mais.

— Eu quero isto, e este, e este, — ela cantava. — Oh, olhe para isto. Eu quero.

Eu quero você. Só uma vez ele negou-lhe algo que ela queria. Ela pediu para voltar a primeira mesa, aquela que tinha a pulseira de pedras. Ele não queria que ela a comprasse para si mesma; *ele* queria comprá-la para ela. Ele queria surpreendê-la.

— Nós não devemos voltar para aquela área. — ele disse, uma desculpa esfarrapada, mas era tudo que ele pôde pensar.

Ela aceitou sua recusa com um adorável beicinho antes de correr para uma barraca transbordando com sedas e rendas. Ele esquadrinhou a multidão ao redor e não viu nenhum traço de seus inimigos.

— Já volto, — ele disse.

A resposta dela foi um leve aceno de cabeça. Ele sacudiu a cabeça e deu um sorriso irônico. Se a mulher tivesse que escolher entre as compras e ele, ele não tinha nenhuma dúvida de quem venceria. E não seria ele.

Enquanto ela pechinchava no preço de um sensual robe branco e dourado, ele escapuliu e comprou a pulseira para ela, enterrando-a na parte inferior de sua mochila para que ela não visse.

Se ela percebeu o que ele fez, ela não deu nenhuma indicação quando ele parou ao lado dela. Ela saiu da barraca de roupas e foi para uma mesa cheia até o alto com pedras grandes, pintadas. As pedras pareciam ser seixos ordinários encontrados no chão, mas as cenas coloridas e brilhantes pintadas em suas superfícies davam a elas uma beleza sem par.

A vendedora, uma fêmea com o rosto de touro e o corpo humano — Deus, ele nunca se

acostumaria a olhar para estas criaturas taurinas — vestia uma túnica suja e a tinta manchava seus dedos muito humanos. Ela não tentou forçá-los a comprar, só os deixou olhar a vontade.

— Eu quero um. — Jewel disse.

— São maravilhosos. — Gray ainda se surpreendia com a facilidade com que falava o idioma Atlante.

— Obrigada. — a mulher murmurou modestamente.

— Você mesma os fez?

Ela movimentou a cabeça.

— Tenho grande prazer em minha arte.

Conforme ela falava, Gray deparou-se com uma sensação muito estranha. De repente e de forma chocante ele sentiu o cheiro do sangue dela. Realmente cheirou a doçura do sangue... e ele queria saboreá-lo. Não de um modo sexual. Sua boca se encheu de água como se ele precisasse de água. Seu olhar voltou-se para o pescoço da mulher, na pulsação lá.

Ele correu a língua por sobre os dentes, sentindo repulsa pelo desejo e tentando fervorosamente reprimi-lo. Mas seu odor doce continuava forte em suas narinas e a necessidade de prová-la, um único gostinho, se intensificou. Que diabo havia de errado com ele?

Ele se voltou para Jewel, pretendendo dizer-lhe que a esperaria um pouco mais adiante. Então sentiu o cheiro do sangue *dela*. Ela cheirava a bondade e inocência, mas também a poder e paixão. A fome cresceu nele, o consumiu, esta necessidade trazia uma subcorrente de sexualidade, o que tornava tudo ainda mais intenso.

Assim, de repente, ele quase a atacou. Quase pulou em cima dela e afundou os dentes em seu pescoço, enchendo seus sentidos com sua essência. Suor escorria dele, enquanto ele propositadamente travava os músculos, mantendo-se em cheque.

Seus ferimentos eram responsáveis por este desejo. Ontem ele perdera muito sangue, então seu corpo queria essa reposição. Era apenas isso. Mesmo assim...

“Caia logo fora daqui” sua mente gritava.

— Vou esperar logo ali. — ele disse, as palavras apenas um coaxar — Grite se precisar de mim — Ele jogou vários dracmas no balcão e partiu.

Confusa, Jewel olhou fixamente na direção dele. Ele estava parado a uma boa distância, mas permanecia em seu campo de visão, mantendo guarda sobre dela como sempre. Seus olhos prateados agora estavam em um tempestuoso tom de cinza, ferozes e duros. Linhas tensas se formaram ao redor de seus olhos, e seu corpo vibrava com algum tipo de energia retida.

Ela o teria irritado?

— Seu homem, diga a ele que eu não posso aceitar tanto dinheiro. — a vendedora disse.

Jewel voltou sua atenção de Gray e encontrou o morno olhar da mulher, preocupado. Espontânea, ela sorriu. Ouvir Gray ser chamado de seu homem era... emocionante.

— Nunca vi trabalho tão bonito quanto estes. Você merece todo o dinheiro que ele deu a você. Por favor... qual é seu nome?

— Erwin.

— Por favor, Erwin, aceite isso alegremente.

Seus lábios finos se abriram em um sorriso quando ela colocou os dracmas em seu bolso.

— Leve quantas pedras desejar.

Jewel concordou com a cabeça. Ela estudou as pedras. Algumas tinham cachoeiras, algumas tinham florestas. Outras tinham criaturas pintadas na superfície. Cada cena parecia estar viva, como se ela realmente estivesse acontecendo, como se as criaturas verdadeiramente estivessem se movendo.

Uma tinha duas safiras pintadas no centro, e atraíram os olhos de Jewel. Ela ergueu a pedra e ofegou, percebendo que era o *seu* rosto que estava vendo. No retrato, seus olhos estavam tristes e sua boca numa expressão desejosa. Ela parecia triste e só e vulnerável.

— Você gostou dessa? — Erwin perguntou indecisa.

— Por que... por que você pintou esta mulher? — Ela levantou a pedra, mostrando à minotaura a imagem decorando a superfície.

— Olhe para ela. Ela representa o sofrimento de todos nós, desesperada para escapar da vida em que nasceu.

Quão verdadeiro. Com exceção destes últimos dias com Gray, Jewel não podia se recordar de uma época em que tivera felicidade na vida. Ela sempre rezava por um dia, um único dia, em que poderia ser tão normal e desavisada quanto todo mundo.

— Talvez um dia a mulher e eu encontraremos nossa fuga. — a minotaura acrescentou. Ela estendeu a mão e correu um dedo sobre a superfície, e quando o fez, a ponta de seu dedo roçou a palma de Jewel.

Jewel pulou quando uma visão lhe tomou a mente.

Um menininho, um minotauro, foi arrancado dos braços de uma mulher. Os braços *dessa* mulher. A vendedora. A noite caía e sombras dançavam ao redor de uma cabana pequena que tinha sido construída embaixo de uma árvore. Ambos, a mãe e a criança estavam chorando e gritando, mas o exército de demônio os carregara para longe, vendo-nos meramente como uma fonte de comida.

Jewel piscou os olhos e sacudiu a cabeça, clareando os pensamentos. Seu coração estava disparado dentro do peito, e um suor frio apareceu inesperadamente por todo seu corpo.

— Você mora aqui por perto. — ela disse.

Erwin empalideceu, seu rosto peludo de touro ficando pálido.

— Isto não é de sua conta.

— Você construiu um abrigo debaixo de uma árvore para você e seu filho.

Ela ofegou e deu um passo para trás, a mão tremulava em cima de seu coração.

— Como você...

— Logo, logo, a rainha dos demônios marchará com seu exército próximo a sua casa. Eles levarão a você e a seu filho e você dois morrerão.

— O que? Como você pode...

Jewel sabia que a mulher nunca acreditaria nela, não sem prova. Não sabendo o que mais fazer, ela levou as mãos para cima e tirou seu capuz, deixando a luz varrer as sombras e revelar suas feições. Erwin ofegou novamente, dessa vez, choque e horror estavam no som.

— Você! — Ela suspirou, ambas as mãos cobrindo sua boca.

— Por favor, — Jewel disse, recolocando seu capuz. — Você deseja fugir de sua vida, como eu. Eu o fiz. Não estrague tudo gritando agora.

A mulher sacudiu a cabeça, seus olhos arregalados.

— Você sabe agora que eu estou dizendo a verdade. Você sabe que se você não sair da floresta, você perderá sua vida, assim como o seu filho.

Ela sacudiu a cabeça novamente. Com dedos trêmulos, ela começou a juntar suas coisas e a fechar sua mesa.

— Eu os levarei para a segurança. — ela sussurrou, o terror cobrindo cada palavra. — Agora. Agora mesmo.

As mãos de Jewel relaxaram.

— Todos ficarão bem agora, — ela assegurou. — Eu sei disso. E obrigada pela pedra.

Com isto, ela foi para junto de Gray, desejando sua proximidade, seu calor. A luz do dia estava começando a sumir, o ar a refrescar. A escuridão logo cairia. Seria melhor se eles se escondessem em um quarto alugado e não ficassem vagando pelas ruas. Ou ele iria querer retornar para floresta?

Ela não queria que ele soubesse o que ela andou fazendo, então ela colocou os braços ao redor dele, e enquanto ele estava distraído, soltou a pedra dentro de sua bolsa.

Ele a abraçou de volta, demorando um pouquinho, antes de largá-la.

— Sobre o que vocês duas estavam conversando? — Ele não mais parecia bravo. Sua expressão estava relaxada, seu corpo à vontade. — A mulher parecia doente e pronta para desfalecer.

— Ela percebeu que seu filho estava em perigo e foi salvá-lo.

— É mesmo? — Existia uma riqueza de significados naquela frase, e Gray pôde deduzir a história inteira. Jewel teve uma visão do perigo e contou à mulher. A mulher se apressou em ir salvar sua criança.

Jewel... o maravilhava.

Ele a viu erguer seu capuz ligeiramente e quase correu para ela e a arrastou para a floresta. Mas ele permaneceu no lugar, curioso sobre o que ela estava fazendo. Ela se pôs em perigo, arriscando a ser vista e roubada por Deus sabe o que, para ajudar uma mulher que ela não conhecia. Tal generosidade era tão maravilhosa quanto era tola.

— Eu acho que você viu todas as lojas. — ele disse a ela. — É muito tarde para retornar ao vale, então precisaremos conseguir um quarto. Você terminou as compras?

— Sim.

— Eu estou com sede. De água, — ele acrescentou em benefício próprio. Sua sede de sangue, ainda bem, havia se acalmado, mas agora sua boca estava seca. — Beber primeiro, quarto depois.

— Tem uma pousada a cerca de uma milha. Podemos jantar lá, e também passar a noite.

— Que tipo de criaturas vivem lá? — Ele passou o braço ao redor da cintura dela, e eles seguiram pela rua de pedras abaixo, circulando ao redor dos outros compradores.

— Centauros e sereias. Eles são reconhecidamente aliados, frequentemente protegendo um ao outro. Se nos mantivermos cobertos com nossos capuzes, eu posso fingir ser sereia comum e você pode fingir ser uma...

— Ninfo. — Ele passou dois dedos pela mandíbula. — Eu acho que eu seria um ninfo excelente.

Jewel riu.

— Eles cheiram a sexo e você, bem, você tem um delicioso cheiro humano. Além disso, você teria uma fila de mulheres atrás de você se fosse um ninfo.

Ele deu um suspiro triste.

— Então tenho que ser... O que? Um... um Ciclope de um olho só? Um Górgon com cabeça de serpente?

— Talvez você possa fingir ser um deus. — ela disse pensativamente. — Que tal? — Ele bufou. — Há muitos e muitos anos atrás, os deuses nos visitavam uma vez por semana, sempre tomando uma forma humana diferente e se misturando entre nossos pares. Faz muito tempo, mas você é alto e bonito o suficiente. Como um deus, você seria adorado e ninguém ousaria tentar lhe fazer mal.

— Este é um plano que eu posso aceitar. — Ele levantou mais sua mochila sobre o ombro. — Eu sempre quis ser adorado. A pousada fica muito longe?

— Cerca de uma milha. Se nos apressarmos, chegaremos antes de escurecer.

Ele captou a subcorrente de ansiedade em seu tom.

— Você tem medo da escuridão, Pru?

— Esta área da Cidade Interna é para todas as criaturas, mas ela se divide em diferentes seções, uma para cada raça. Se nós estivermos na área errada na hora errada... Quando alcançarmos a área designada para os centauros, poderemos relaxar.

Ele tinha que admitir que seu corpo estava dolorido, seus ferimentos latejando, e ele estava mais do que pronto para cair numa cama. Diabos, ele poderia aceitar uma excursão de uma semana para a Cidade dos Demônios se isso significasse que pudesse dormir logo.

— Eu já sinto falta do *agora*, — Jewel suspirou. — As pessoas, os cheiros, a comida.

— Sabe, — ele disse a ela. — Quando eu me for, você terá sua liberdade. Você poderá visitar

o mercado a hora que quiser. Fazer compras sempre que desejar.

Ela endireitou os ombros. Manteve os olhos em frente.

— Isto é algo para sonhar e esperar, sim.

Ele estava começando a entender como ela agia. Ela não conseguia mentir por qualquer razão, então ela manipulava suas palavras para dizer a verdade, mas para também fazer o ouvinte assumir algo completamente diferente.

— Então você pode sonhar com isto,— ele disse, — mas você realmente não pode conseguir isto? É isso o que você está a me dizer?

Os olhos de Jewel se arregalaram. Ela não esperava que Gray percebesse de forma integral o que ela estava fazendo. Suspeitasse, sim, mas não apontar isso a ela.

— O que custaria evitar que outro regente me roubasse? O que fazer para evitar que alguém que me considere perigosa e me assassinar? — Ela acrescentou em um sussurro de tom vazio

Um músculo se agitou na mandíbula dele.

— Você precisa aprender autodefesa. Você precisa aprender como evitar seu inimigo.

Ela bufou.

— Fugir de um exército inteiro?

— Pode ser feito. Acredite em mim.

— Eu vi muitas de suas missões, e eu duvido que aprendesse a lutar e me esconder como você o faz.

— Você fará o que tem de fazer para sobreviver. — Ele apertou seu quadril, roçando o polegar ao longo da curva de sua cintura

Ela estremeceu

— Eu fui enviado para Gillirad, um planeta em que prevaleciam as guerras de magia. Seus exércitos tinham feitiços para tudo, de congelar alguém no lugar, a feitiços de náusea. Eles estavam se destruindo um ao outro, e eu me vi no meio.

— Por que você foi até lá? — Ela ofegou, horrorizada.

— EIE me enviou. Era para eu fazer um reconhecimento, nada mais. Para observá-los, descobrir como praticavam tal magia poderosa, e partir. Eu tinha uma equipe de psíquicos comigo. Quando um dos exércitos de Gillradian nos avistou, lançaram algum tipo de feitiço sobre meu grupo, um feitiço que matou todo mundo menos eu.

Ela agarrou sua mão, ligando seus dedos.

— O que poupou você?

— Penso que foi o fato de que eu era o único sem poderes por lá. Eu não tinha nenhuma qualidade mágica, então a magia não pegou. Eles perceberam isso e me perseguiram por todo o planeta. Eu ouvi um deles dizendo que queriam me estudar, fazer experiências e me usar contra seus inimigos.

— Como você escapou?

— Do mesmo modo que eu sobrevivi quando era recém chegado em Atlantis. É saber como se misturar ao ambiente, saber quando atacar e quando retroceder.

— Meu rosto é reconhecível. Um olhar para mim, e todo mundo saberá quem eu sou.

— Talvez você precise disfarçar seu rosto. Mudar a cor de seu cabelo.

Seus ombros caíram, e ela lutou contra uma onda de tristeza. Uma parte dela esperava que ele pedisse para retornar a superfície com ele. Outra parte ansiava ouvi-lo jurar que ficaria com ela para sempre.

— Isto não é vida, esconder minha verdadeira identidade. Isto não é liberdade.

— Não existe ninguém em quem você confie para te ajudar, então? Para lutar ao seu lado?

— Eu confio *em você*

A mão dele subiu, subiu, para próximo de seu seio. Um nó se formou em sua garganta, e ela engoliu em seco. Fogo se espalhou por ela, aquecendo seu sangue.

— Além de mim, — ele disse, sua voz de repente dura. — Alguém que conheça Atlantis e seu povo.

Ela revolveu a pergunta em sua mente, então sacudiu a cabeça tristemente.

— Eu poderia ir para os dragões, eu acho, mas não duraria muito. Alguém venderia minha localização e eu seria sequestrada.

— Que tal seu pai?

— Como lhe disse, eu ainda tenho de encontrá-lo. E quando eu o fizer, eu não posso estar certa de que ele poderá me ajudar. — Gray ficou silencioso por um longo tempo. Finalmente ele disse:

— Eu pensarei em algo. Eu não deixarei você indefesa.

Ela fez uma pausa.

— Você poderia me levar junto com você.

Gray gostou da idéia. Muito. Demais mesmo.

Ele gostou da idéia de tê-la em sua casa, em sua cama. Só de pensar sobre isso o deixava no ponto; ele endureceu e se excitou. Ele poderia desnudar-lhe toda noite, afundar em sua quente umidade. Ele poderia aproveitá-la a seu bel prazer. Ser seu primeiro homem.

Ele fechou a mão em punho ao lado do corpo quando um desejo tão puro, não diluído o balançou. Ele lhe ensinaria o modo que gostava de ser tocado, e ele aprenderia todos os lugares sensíveis no corpo dela. Eles fariam amor em toda posição imaginável — e em algumas posições que não eram.

Deus, ele estava tentado. Tão tentado.

Não importava o quanto poderia querê-la com ele, porém, ele a deixaria aqui. EIE descobriria sobre ela, faria experiências com ela, e a aprisionaria, da mesma maneira que as pessoas de seu próprio mundo fizeram. Não existia simplesmente nenhuma maneira de conseguir passar pelo portal sem o conhecimento deles. Eles tinham homens posicionados ao seu lado vinte e quatro horas, sete dias por semana.

— Desculpe, — ele disse a ela, forçando seu tom a ser tão inflexível quanto aço. — Eu não posso fazer isto. Você tem que ficar, e eu tenho que ir.

Ela fechou os olhos por um breve momento, e deixou escapar um suspiro estremecido. Ele soube que a machucara, e se odiou por isso.

— Eu queria poder, Jewel, mas é impossível.

— Eu entendo, — ela disse suavemente. — Entendo sim. Você não tem que se explicar.

Frustrado, ele passou a mão pelos cabelos. A dor soava na voz dela, e ele percebeu que preferia chutar a si mesmo do que ouvir isso novamente.

— Você enfrentaria os mesmos perigos na superfície que aqui, se não pior. Aqui, pelo menos, os reis e rainhas não machucam você fisicamente.

— Às vezes acho que seria melhor do que a dor emocional que sou forçada a aguentar.

Deus, ela estava despedaçando-o por dentro, e nem percebia.

— Como eu disse, vou ensiná-la a se defender. Nós temos os próximos três dias juntos. Eu posso transformar você em máquina de lutar nesse período.

Eles chegaram a um prédio de pedra branca, música zumbindo através das portas, uma melodia suave que seduzia. Ninguém estava entrando ou saindo do lugar, então Gray não conseguira ver além das portas. Intrigado, ele parou e leu o cartaz. — The Happy Hoof.

— Um bar de centauros, — Jewel informou. — Com dança. — O olhar prateado voltou-se para ela, bem quando seu estômago se apertou. Correntes elétricas correram pelo seu corpo quando se imaginou segurando-a em seus braços. Puxando-a bem juntinho, amassando seus seios em seu peito, movendo-se com ela na melodia gentil. Ele esqueceu sobre seu corpo dolorido naquele momento, seus

braços coçando para segurar Jewel, suas palmas queimando para acariciá-la. Para afastar sua tristeza.

— Eu prometi a você lições de dança, querida, e sou um homem que cumpre suas palavras.

CAPÍTULO TREZE

Jewel seguia atrás de Gray à medida que ele passava pelas portas duplas e entrava no bar. O som suave de uma flauta se elevava pelo ar e ultrapassava os risos e o tagarelar que dominavam o aposento. Os centauros estavam dispersos em todas as direções, alguns sentados em mesas, descansando em suas ancas, outros dançando animadamente na pista de dança num aglomerado de pelos castanhos, loiros e carmins. Várias sereias também estavam presentes, suas peles brilhando incandescentemente, seus cabelos escuros lisos e sedosos. Então...

Todo mundo se calou, parou, e virou-se na direção deles, olhando-os fixamente. Até a música cessou, ficando em silêncio. Jewel movia-se insegura em seus pés.

Gray parou à frente, e várias pessoas ofegaram, murmurando:

— Humano.

Ele entrou de alma e coração em seu papel de deus, suas sobrancelhas se arquearam em sua frente, e seus lábios mergulharam em descontentamento arrogante. Ele moveu a mão pelo ar.

— Eu cheguei. — ele disse, sua voz superior cortando o silêncio. — Por que vocês não se curvam? Vocês ousam me desrespeitar?

A fluência de suas palavras, como se ele tivesse falado o idioma dela toda a vida, ainda a espantava. Ela nunca antes considerou as sílabas abruptas sensuais, mas quando Gray as falava, um calafrio faminto passava pela sua espinha.

— Com certeza não espera que nós nos curvemos perante ti, humano. — um centauro enorme disse bruscamente, avançando de forma ameaçadora. Seus braços eram bronzeados e muito musculosos, seu peito nu e cheio de cicatrizes.

A boca da Jewel ficou seca. O centauro planejava partir Gray ao meio como um galho. Ela leu o pensamento tão claramente na mente dele.

— Eu sou Adonis. — Gray disse, colocando camada após camada de poder em sua voz — e você se *curvará*.

Aquela voz... convincente e enigmática, hipnótica, enredada em toda uma autoridade que não deixava espaço para argumentos. Metade das pessoas presentes ofegou e avançou em direção a ele, querendo tocar o deus que andava em seu meio. A esperança os encheu. *Tanto tempo havia se passado*, eles pensaram, sua excitação crescendo, *e eles não tinham sido esquecidos como pensaram*.

O centauro oscilou em sua segurança de que Gray era nada mais que um humano, mas manteve sua dúvida.

— Prove! — o homem-cavalo rosnou.

O seu nome é Bradair, Jewel sussurrou na mente de Gray. Ela não estava conseguindo alcançá-lo deste modo desde que ele adoecera, e ela não tinha como saber se funcionaria dessa vez.

— Eu devo acertar você com um raio, Bradair? Devo transformar sua carne em cinzas?

Funcionou! Por que, ela não sabia. Ela apenas estava contente que tivesse conseguido.

A cor sumiu da pele de bronze do centauro, revelando um belo rastro de veias azuis.

— Como você sabe o meu nome?

Ele tem medo de cobras, Jewel acrescentou.

Gray nunca perdia uma.

— Eu devo lançar-te num covil de serpente?

— Eu... eu...

Pronta para colocar um fim nisto, Jewel fechou os olhos e projetou seus pensamentos nas mentes dos fregueses, desejando que todos pensassem que Gray estava flutuando, que fogo crepitava de sua cabeça, e raios saiam de seus dedos.

Bradair caiu de joelhos, murmurando:

— Eu sinto muito pela minha dúvida, meu senhor. Por favor, me perdoe. Eu sou um homem tolo, e eu me desprezarei por toda a eternidade por ousar ter te questionado.

— Você está perdoado. Que isto não volte a acontecer.

— Sim, sim. Obrigado, obrigado.

— Mesa, cadeiras. — Gray bateu palmas, obviamente apreciando o seu papel. — Eu quero isso imediatamente.

Centauros e sereias se apressaram em agradar o homem, ou melhor o *deus*, ao lado dela. A mesa foi rapidamente limpa, o conteúdo varrido para o chão com uma ânsia vertiginosa, e duas cadeiras arrastadas para ela.

— Sua mesa, oh Senhor de Senhores.

Ele avançou a passos largos e arrogante de vangloria, todo mundo por quem ele passou tentava alcançá-lo e tocá-lo. Ele ajudou Jewel em sua cadeira, então sentou-se próximo dela. Ninguém parecia inclinado a partir; Eles pairaram em torno da mesa, suas expressões extasiadas. Um centauro fêmea com uma juba sedosa de cabelo carmim avançou. Seu tórax estava nu, e seus peitos grandes saltados com seus movimentos.

As mãos de Jewel fecharam-se em punhos ao seu lado, à medida que ela lutava com o desejo de cobrir os olhos de Gray.

— Por favor, permita-me servi-lo, Divino. Será o meu maior prazer.

— Duas do melhor que tiverem. — Gray dirigiu um olhar repentino a Jewel e notou que a sua cadeira estava várias polegadas afastadas. Ele agarrou a extremidade de sua cadeira e aproximou-a, até que suas coxas se tocaram.

Ela ofegou no contacto quente e eletrizante. O olhar dela fixou-se no dele, e seus lábios lentamente se torceram em um meio sorriso. Toda vez ela olhava para ele ou o tocava, ela sentiu como se sua alma fosse exposta. Como se ela fosse crua e vulnerável, e oh tão necessitada.

— Assim é melhor, — ele disse para ela, então para todo mundo: — Continuem com os vossos assuntos.

Gradualmente, relutantemente, eles obedeceram, entretanto todo mundo manteve um olho reverente nele.

— Eu nunca esperei que você anunciasse a sua godliness⁴ assim. — Eu pensei que nós mencionaríamos isto, só isso. — Ela fez uma pausa. — Você sempre me surpreende.

— Então nós estamos quites.

A Jewel afastou o seu foco da intensidade quente do seu olhar e deu uma olhada ao redor. As paredes estavam pintadas com murais alegres dos centauros, prados luxuriantes, e flores fluorescentes.

⁴ Linhagem de deus, que é descendente de deus

A vasta gama de cores era empolgante, do mais brilhante azul-celeste até o cor-de-rosa mais pálido.

Suas bebidas foram depositadas em sua mesa um momento mais tarde.

— Existe qualquer outra coisa que eu posso conseguir para você, Glorioso? Qualquer coisa? Qualquer coisa mesmo?

À medida que ela falava, o dedo da centauro localizou o esboço de seu mamilo.

— Nada mais, — Jewel disse. Se alguém iria convidar Gray para a cama, seria *ela*. Jewel.

A expressão desintegrando, a fêmea trotou para longe.

— Sobre o que era isso? — Ele perguntou, contorcendo os lábios.

— Como se você não soubesse. Perverso!

— Guarda as garras, Blaze⁵. Existe só uma mulher em quem eu estou interessado no momento.

Seu estômago se apertou deliciosamente, mas ela mal teve tempo para explorar a sensação maravilhosa antes de ele estar empurrando o copo para ela e dizer:

— Beba. Nós realmente não podemos ficar aqui muito tempo.

Curiosa e insegura, ela deu um pequeno gole no líquido de âmbar. O líquido gelado era doce com um sabor de maçã.

— Mmm. — Ela drenou o resto e apesar de gelado, a aqueceu por dentro.

Gray tragou de volta a bebida, então parou e fez careta.

— O que é isto? — Ele levantou seu copo e olhou sua bebida suspeitosamente. Ele até cheirou. — É como açúcar puro.

— Eu nunca bebi qualquer coisa tão deliciosa.

Seu olhar soltou e demorou em seus lábios, intoxicado e arrojado.

Suas bochechas quentes com um rubor, que um olhar a afetou tão fortemente quanto uma carícia, movendo-se ao longo da sua pele. Seus mamilos endureceram. Como seria se ele a lambesse lá? Como seria como se seus dedos estivessem entre suas pernas, espalhando sua umidade e deslizando dentro dela?

Ela estremeceu.

Como seria apertar seu pênis em sua mão e suavemente segurar de cima abaixo? Saboreando a gota da sua masculinidade? Tantas vezes ela sonhou com aquelas coisas, desejando-as. Estando desesperada por elas. Ele alguma vez as daria para ela? Ele alguma vez verdadeiramente *quereria* dar a ela?

Ela olha perdida para os centauros que dançam no meio do salão. Seus braços estavam apertados ao redor um ao outro, seus cascos balançando esquerda e direita, seus rabos balançando, e um profundo desejo angustiante refletiam.

— Esta pronta para começar a suas lições de dança?

— Eu tenho estado pronta há anos, — ela disse, então apertou seus lábios juntos. Ela não quis dizer isso alto. Ela não queria que Gray soubesse como ela se sentia por ele. Ele reivindicou que ele preferia relações breves, relacionamentos esquecidos, mas ela viu o número de mulheres que apaixonaram-se por ele apenas para ver as suas costas à medida que ele ia embora.

Ele não era um homem que se prendia facilmente.

Levantando-se, ele entrelaçou seus dedos e a arrastou em cima. Os calos em sua mão acenderam uma fricção inexorável. Todo mundo assistiu enquanto ele a conduzia sobre o salão de dança. Ele girou, enfrentando a multidão, suas costas bloqueadas por um canto, e a girando. Ele a segurou no abraço duro de seus braços.

Suas pestanas tremularam e se fecharam. Ela deitou a cabeça em seu ombro e respirou seu aroma. Suas mãos deslizaram ao redor dele, ancorando na base de suas costas, bem acima de suas

⁵ Termo carinhoso que significa chama, labareda, arder em chamas

nádegas e em baixo de sua mochila. Ela sentiu a força de seus músculos, o calor de sua pele, e nunca querendo sair dali.

A música continuava a tocar, suave e lenta, e eles balançavam ao ritmo da batida sedutora. Era tão maravilhoso estar em seus braços. Tão... perfeito.

— Você é uma dançarina natural, — ele elogiou sua voz espessa. Ele enterrou seu nariz no abertura de seu pescoço, inalando profundamente. — Hmm, você cheira bem. Você já ouviu falar de Dirty Dancing⁶

— Não.

— Quer que eu mostre a você? — Suas pernas estavam abertas um pouco, ajustando as dela entre as suas, e seus quadris começaram a balançar adiante, esfregando e retrocedendo, sua ereção empurrando contra seu centro.

Ondas de prazer dispararam por ela, chiando como o raio que Gray ameaçou usar contra o centauro, e ela ofegou. Todo ponto de contato a queimava.

— Mova seus quadris contra os meus.

Ela o fez, movendo na direção oposta e conectando no meio.

— É-é-é — As palavras pegadas em sua garganta, suspenso em um sacudir de pura luxúria. Mais rápidos e mais rápidos eles balançaram, arqueando em um ao outro.

— Perfeito. Deus, eu sei. — Um de suas mãos foi para suas nádegas, pressionando, e a outra se dirigiu para seu pescoço, emaranhando-se em seu cabelo. Ele puxou-a mais fundo em seu abraço até que suas bocas estavam a um fôlego de distância. Olhares fixos com uma intensidade abafadora, ele moveu uma de suas pernas de forma que o ápice das coxas dela o tocou.

— Oh, deuses. — Outro suspiro deslizou por ela. Se eles fizessem isto muito mais tempo, ela iria explodir. O seu corpo já corria apressado em direção à conclusão. Um enrolar de prazer. Uma procura por libertação.

— Eu quero você esta noite, — ele disse. — Eu não devia, mas eu quero. Eu te quero tanto que me dói. Eu disse a mim mesmo que eu não tomaria você até ao fim, só te tocar um pouco, mas isso não vai ser suficiente. Longe de suficiente. Agora mesmo, eu não posso fazer com que as consequências importem. Eu quero você hoje à noite, — ele repetiu.

Eu quero estar para sempre com ele, ela pensou desorientadamente. Seu gosto da liberdade hoje quebrou algo dentro dela. Uma aceitação, uma passividade. Ela mereceu um *Eu* completo, uma vida de amor e felicidade. Ela podia ser diferente, mas ela possuía um coração muito humano. Ela queria Gray em sua vida agora e sempre. Queria desnudá-lo de cima a baixo e dar-lhe as boas vindas em seu corpo, repetidas vezes, noite após a noite, seus membros emaranhados juntos.

Ele a queria apenas por esta noite.

— O que você sente? — Gray indagou a ela, as palavras uma carícia sussurrada. — Como estar em meus braços te faz sentir

— Fogo. Eu sinto como eu estivesse queimando por toda parte.

— Isso é bom. Muito bom. — Seus olhos eram prata líquida, vivos com... algo que ela estava quase com medo de nomear. Era um olhar que ela nunca viu nele, nas suas visões ou na realidade, quase brutalmente ternos.

Ela moveu suas palmas para seu tórax, colocando uma em cima de seu coração. A batida de seu coração trovejou, forte um pouco fora do ritmo. Rápido.

— Você está pedido para ser beijada, querida, você sabe isso, não é? Mas nós não podemos. Se eu beijar você, eu não poderei parar. Você é um inferno de uma distração, e embora estas pessoas pensem que eu sou um deus, eu não tenho condições de ser distraído aqui. — Sua mão massageava a parte de trás do seu pescoço. — Nunca ninguém cheira como você, como luar e tempestades.

⁶ Dirty dancing assim eram chamadas as danças onde os corpos se envolviam, se tocavam mais... danças sensuais.

— Você disse que eu não podia ir com você, Gray, mas talvez... talvez você possa ficar aqui.
— Ela abraçou-o ainda mais apertado, aconchegando-se a ele.

— Fique aqui comigo.

Suas pálpebras estreitadas, e seus lábios localizaram a linha do seu maxilar, sua língua movia-se em golpes quentes, determinados.

— Eu não posso. EIE enviará outro agente, talvez mais, e aqueles homens morrerão ou matarão as pessoas daqui. Eu quero você, Jewel. Eu quero. Mais do que eu já quis outra mulher, mas eu *deixarei você. Não importa o que aconteça, eu irei para casa. Nunca deixe você mesma pensar o contrário.*

Existia honestidade pura em sua voz, uma convicção profunda. Ele não abrigava uma dúvida única sobre suas palavras; Ele acreditava nelas com todo o seu coração. Se ela o permitisse, ele a beijaria, talvez fizesse amor com ela hoje à noite, mas quando sua missão terminasse, então terminaria a associação deles.

Eles nunca veriam um ao outro novamente. Nunca falaria um com o outro.

Aquele conhecimento cortou mais fundo que qualquer faca.

Ela soube que ele a negaria, claro. No momento em que ela falou, ela soube a sua resposta, mas esperança era uma coisa estranha, tola, e ela tinha sido incapaz de segurar as palavras de volta.

Só duas opções se apresentaram a eles. Abraçar o tempo que eles pudessem ter juntos ou manter distância. De qualquer modo, ela acabaria com um coração quebrado. Uma a deixaria com bonitas memórias que podiam destruí-la. A outra traria remorso, mas ela sobreviveria.

— Eu tenho sido honesto contigo desde o início, — ele disse, suavizando seu tom para aliviar a tom de suas palavras anteriores.

— Eu já disse a você que não tem que explicar suas razões para mim. — Ela tentou mascarar sua dor, mas não teve sucesso. — Eu estou muito ciente de como você é.

Ele estudou seu rosto. O que quer que ele viu em sua expressão o enfureceu porque ele franziu as sobrancelhas, agarrou a sua mão, e a arrastou de volta para a mesa. Sua cara carrancuda permaneceu enquanto ele fazia sinal para mais duas bebidas. Ele não falou até que elas chegaram e o empregado desapareceu.

As notícias da presença de Gray devem ter-se espalhado, porque o bar quase estourava com centauros e sereias, corroendo no espaço. A cada poucos segundos, alguém tocava seu cabelo ou acariciava seu ombro. Para a maior parte, ele ignorou.

— O que quer dizer com o ‘estas ciente de como eu sou’? — Ele escorou seus cotovelos na mesa e se debruçou para frente enquanto ela tomava um gole da doçura gelada.

Ela encontrou seu olhar duro, olhos estreitados, sangue que surgia com sua própria sensação de fúria crescente.

— Você se livrar de suas mulheres muito rapidamente...

— Isto é uma mentira, carinho. Eu não tenho encontros de uma noite.

— Não em sua mente, não. Você mantém mulheres ao redor durante algum tempo, para um breve vislumbre. No momento em que elas começam a chegar perto, você as deixa.

As narinas de Gray queimavam. Seu último namoro durou seis meses. Seis meses de monogamia e compromisso. Ele gostava dela, apreciava gastar tempo com ela... mas na noite em que ela disse a ele que o amava, foi a última noite que ele passou com ela, ele percebeu.

Ele piscou, fazendo uma rápida memória mental das suas outras namoradas. Porra isto, Jewel estava certa. No princípio, sua última namorada tinha ficado contente de o ver os poucos dias do mês que ele estava em casa e conversava com ele esporadicamente no telefone. Eles tiveram uma ótima vida sexual, onde os dois encontravam prazer. Então ela começou a insinuar que ela queria mais. Mais de seu tempo, mais dele. Ela começou a deixar roupa em sua casa. Mas a coisa explodiu, porém, quando ele achou escova de dente e maquiagem no seu armário do banheiro. Pelo amor de Deus. Foi

só nesse momento, à medida que ele olhava fixamente para os produtos femininos, que ele percebeu que ele estava numa relação mesmo.

Ele suou um par de dias, mas não parou de vê-la. Ele perguntou-se, entretanto, por que ele não sentiu nenhuma compulsão para contar a ela sobre a sua vida. E por que ele não quis apresentá-la à sua família. Se ele tivesse, talvez a coisa do "eu te amo" não o teria lançado para o fim.

Ele odiava encontros de uma noite, ou ele sempre disse isso a si mesmo. Basicamente, isso foi tudo que ele teve. Encontros de uma noite que duraram vários meses. Ele nunca disse a uma namorada que ele a amava, nem nunca viveu com uma mulher tão pouco. Nunca disse a uma mulher sobre sua vida, seu trabalho, ou sua família. Ele agitou sua cabeça em descrença.

Era como se ele desejasse permanecer solteiro para o resto da vida. Ele gostava realmente da idéia de casamento, crianças, e felizes para sempre. Então qual era o problema? Por que ele se recusava a permitir se apaixonar?

Só uma resposta surgia em sua mente. Ele não encontrou a mulher certa.

Ele franziu os olhos, considerando a validade de tal pensamento. Se esse clichê asqueroso fosse verdade, significaria que existia só uma pessoa, um amor verdadeiro, para cada pessoa. Seu pai e sua mãe, ele pensou, tinham sido companheiros de alma. Então sua mãe morreu, e entretanto, seu pai permaneceu sozinho por muito tempo apos, ele *achou outra mulher — uma que ele amou mais que ele tinha amado a mãe de Gray.*

Gray não se ressentiu com a sua madrasta, Francis, por isso, tinha afetado a sua concepção de amor. Estaria ele à espera de uma conexão mais profunda que as que ele teve com algumas de suas mulheres? Teria ele sabido de alguma maneira que não teria isso delas?

Ele podia ter isso com Jewel?

Sim, rugia uma voz dentro de sua mente. Ele depressa a calou, uma das coisas mais difíceis que ele fez. Eles eram de dois mundos diferentes, e ele nunca podia esquecer-se disso. Eles não eram destinados a estar juntos. Simplesmente havia muitas complicações.

Entretanto, ele não podia negar que a queria. Deus, ele realmente a queria. Ruim. Ela ateava fogo em seu sangue, fazia-o quente e faminto. Fazia ele suar, disposto a implorar por isto. Fazia os seus hormônios pularem, entrarem em ondas. Por ela. Só ela.

Apenas Jewel o excitava; com sua generosidade o abalava, seu sorriso fácil o iluminava. Ele estava consciente dela do que jamais estivera de outra pessoa. Queria protegê-la, mimá-la. Possuía-la. Marcá-la a fogo

Ele queria mantê-la.

Gray passou a mão pelo seu rosto, *merda, maldição*. Ele queria mantê-la com ele, agora. Sempre. Ele queria envolver a si mesmo ao redor dela até que ele fosse tudo que ela soubesse. A parte mais primitiva dele exigia que ele a marcasse com sua essência para que assim ela nunca esquecesse exatamente a que homem ela pertencia. Então todo homem saberia a quem ela pertencia.

Não. *Não*. Ele não permitiria que significasse mais que algumas noites de prazer. Ele a teria — não havia como parar isso, ele percebeu agora, mas ele não a manteria. Hoje à noite, ele reivindicaria seu corpo, satisfizesse a fome que o devastava

A ambos, e a afastaria de seu sistema.

— Está ficando tarde, — ele interrompeu. — E está muito cheio aqui. — O pensamento de tê-la já era excitante, aquecendo o seu sangue e consumindo os seus sentidos.

Na pista de dança, ele esteve perto de gozar nas calças como um adolescente. Senti-la era demasiado bom, um ajuste perfeito contra ele. Deus sabia o muito melhor que ela se sentiria nua, debaixo dele, suas pernas embrulhadas ao redor sua cintura.

— Nós devíamos ir.

Ela ergueu seu copo e bebeu o conteúdo. Ele deixou vários dracmas na mesa, então ficou de pé, Jewel seguir o seu exemplo. Ele não ousou tocá-la neste preciso momento. Ele a queria demais e

seu controle balançava precariamente em aniquilação total.

Fora de hábito, seu olhar procurou por movimentos ameaçadores e sombras rastejando à medida que ele se dirigia para a porta. Desde que se juntou ao EIE, ele sempre viveu a vida deste modo, sempre procurando por aqueles que queriam fazer-lhe mal. Esta tendência já o salvou em várias ocasiões.

— Volte sempre, — alguém disse.

— Eu farei um sacrifício em sua honra, — outra pessoa gritou.

Fora, ele manteve seu olhar atento enquanto ele examinava a rua vazia. A noite já tinha caído completamente. Tochas de pedra brilhavam das paredes irregulares.

— A pousada é ali, — Jewel disse, apontando para um edifício que parecia mais como um estábulo que um hotel.

Ele teria preferido uma cama de seda e cetim para sua primeira vez com Jewel, mas ele tomaria o que podia conseguir. Além disso, ele esperançosamente pensou, talvez não fosse tão primitivo no lado de dentro quanto ele temia.

Errado.

Como ele andou acima do limite, suas botas afundaram em uma camada espessa de feno. O odor de suor e animal o envolveu. Um centauro idoso com uma barba longa prateada dirigia a área.

— Eu gostaria de um quarto, — Gray disse a ele, calculando o último de seu dracmas acima da superfície de madeira marcada que os separava.

— Você é Adonis, — o homem ofegou. — Eles disseram que você veio, mas eu não acreditei neles. Eu imploro perdão para minha dúvida.

Gray assistiu.

Seu dinheiro deslizava de volta para ele.

— É minha maior honra alojar você, grande senhor. Por favor, por favor. Siga-me. Se você tiver necessidade de qualquer coisa, você só tem de pedir e eu pessoalmente verei que seja seu. Se você desejar um passeio matutino, eu alegremente acomodarei você em cima das minhas próprias costas.

Ele mostrou a eles um quarto grande, confortável. Existia uma cama real, completa com lençóis azuis claros. Existia uma grande banheira e suficientes travesseiros espalhados pelo chão para usar como um trampolim.

— Você pode nos deixar, — ele disse.

— Como você deseja. — O centauro saiu do quarto, baixando. — Obrigado, senhor doce. Obrigado.

O olhar de Jewel dirigiu-se nervosamente de Gray até a cama, para a piscina, para Gray novamente. Ele a olhou de cima abaixo, imaginando suas mãos em todos os lugares que ele via.

Ela tragou.

— Nós vamos para a cama agora?

Em vez de responder, ele disse, sua voz áspera com a força de sua necessidade.

— Por que você não toma banho aqui, enquanto eu dou uma olhada no lugar. — Ele precisava mapear uma rota de fuga, por via das dúvidas, e ela precisava de tempo sozinha. Se seu nervosismo súbito era alguma indicação, ela sabia o que iria acontecer, queria isso, mas precisava de tempo para aceitar.

Quando ele retornasse, eles iriam pôr os seus desejos na cama.

Várias vezes.

CAPÍTULO QUATORZE

Jewel mergulhou na banheira, se luxuriando no doce odor da água. O óleo de orquídea tinha sido despejado na água, suavizando sua pele. O ar ao redor dela estava fresco, mas a água estava quente, e as duas coisas faziam uma combinação intoxicante. Ela se esfregou da cabeça até a ponta dos pés, lavando as provocações dos últimos dias.

O olhar dela continuava a voltar nervosamente para o lado. Ela colocou um biombo na frente da banheira, logo Gray não poderia vê-la se ele entrasse. Ainda assim... Ela mergulhou mais fundo na água, o líquido chegando até seu pescoço. Uma parte dela tinha medo de que ele não gostasse do que ele veria, mas outra parte sua, a parte mais selvagem, suspeitava que ele a acharia sensualmente bonita. Irresistível.

Antes de ele partir, existia um calor intensamente ardente em seus olhos. Ele olhou para ela, seu olhar se demorando em seus seios e entre suas pernas. Ela sentiu aquela mesma dor que ela sempre sentia toda vez que ele olhava para ela. Onde nada mais importava, apenas Gray, e sua voz, seu toque.

Aquele dor a perseguia agora. Mordendo seu lábio inferior, ela levou a mão para baixo até seus seios e seus mamilos se enrijeceram. Levou seus dedos mais abaixo, deslizando acima de seu estômago liso, do mesmo modo que ela vira Gray tocar outras mulheres. Seus dedos deslizaram para cima novamente e circularam seus mamilos. Um calafrio correu por ela.

Seu olhar mais uma vez foi para o biombo. Ela o ouviria se ele entrasse; não existia nenhuma razão para se preocupar.

— Gray, — ela gemeu, fechando seus olhos e pensando nos ângulos sensuais do rosto dele. Ela o viu fazer outras coisas, também... Coisas que sempre a fascinavam. Ela apertou seus seios, fingindo que eram as mãos de Gray tocando-a. Sentindo o sangue fervendo, ela ofegou com a respiração entrecortada.

Eu morrerei se eu não tocar em você, ele disse dentro de sua mente.

Suas mãos percorreram seu estômago novamente, parando no pequeno triângulo de cabelo entre suas pernas. O que Gray faria a ela se ele estivesse aqui? Lentamente suas mãos se moveram mais para baixo. Ele a tocaria... Certo... Lá. Ela ofegou quando uma pontada de puro prazer a atingiu. Seus dentes morderam mais firmemente seus lábios, ela moveu seus dedos novamente, desta vez circulando lentamente, lentamente.

Ela gemeu. Em sua mente, ela viu Gray beijando seu corpo. Beijando-a atrás de seus joelhos. Beijando a parte interna de suas coxas. E lambendo entre suas pernas, a língua dele exatamente no local onde seus dedos se moviam.

— Ahh — ela gemeu, arqueando seus quadris. A água bateu nos lados da banheira, depois mudando a direção, bateu nas laterais, acariciando sua pele como ondas acariciando uma praia. Enquanto ela imaginava sua boca devorando-a, ela também visualizava seus dedos deslizando e percorrendo seu corpo, beliscando seus mamilos. Sua língua circulou mais rápido, lambendo-a e chupando.

— Oh, deuses, — ela gemeu. O prazer estava se aproximando, já tão intenso que ela beirava a loucura. — Gray, — ela sussurrou. — Gray.

Gray andou a passos largos pelo corredor, em direção a seu quarto, pretendendo achar Jewel e terminar afinal o que eles haviam começado. Ele deu à ela tempo para se acostumar à idéia, tempo

para se tranquilizar e aceitar.

Aquele tempo estava terminado.

Depois que ele a deixou, ele achou uma saída, e depois um lugar para tomar banho. Seu cabelo ainda estava úmido, sua túnica grudava em sua pele úmida. Logo ele iria...

Uma imagem dele e de Jewel passou por sua mente, e ele parou abruptamente com a bota levantada no meio de um passo. Ela estava nua, largada na banheira, e ele estava em cima dela, entre suas pernas, dando prazer a ela com sua boca, bebendo sua essência doce.

Imediatamente seu corpo enrijeceu. O desejo se tornou mais intenso que qualquer outra coisa que ele já experimentara. Ele quase cambaleou com a força daquele sentimento. Ele podia quase saboreá-la em sua boca, e ele soube que ele jamais saborearia outra coisa mais doce, mais quente. Ele podia quase sentir a pele lisa dela em baixo de suas mãos, e ele soube que ele nunca sentiria qualquer coisa tão suave.

Em sua mente, ele olhou para ela. *Eu morreria se eu não tocar em você.* A cabeça dela estava largada para trás, os olhos dela estavam fechados, seus dentes mordiam seus lábios inferiores. Mechas de cabelo negro flutuavam ao redor dela, e sua pele estava vermelha, um buquê de morangos, pêssegos e creme.

Ele queria comê-la toda.

Uma das mãos dela estava agarrando o lado da banheira, a outra estava envolta em seu cabelo. Ele nunca veria qualquer outra coisa mais erótica.

Só no corredor, ele se recostou a parede. Um brilho de suor cobriu seu rosto, gotejando de suas têmporas. Seus lábios se tensionaram.

— Merda, — ele rosnou. A visão em sua mente era tão real, era como se ele realmente estivesse lá. Ele realmente podia ouvi-la gemendo seu nome. Ela arqueou seus quadris, e a ereção dele pulou. Ele esfregou uma das mãos ao longo de seu longo e duro comprimento, desejando que fosse a mão dela. Sua boca.

Ele tinha que penetrá-la. Na visão, ou de verdade, isso não importava. Ele tinha que ficar dentro dela. Tinha que... estar dentro... dela.

Contraindo seus dentes contra a dor de sua ereção, ele percorreu o corredor. Seus punhos cerraram quando ele entrou no quarto e fechou a porta atrás dele, seus olhos procurando por ela. Ela não estava em nenhum lugar que pudesse ser vista, mas ele podia ouvir o som dela respirando, de modo rápido e irregular. Existia um biombo na frente da banheira, e ele andou a passos largos em direção a ele sem uma palavra.

Quando ele contornou o biombo, ele parou assustado. Respirou uma vez. Quase gozou. Ali estava ela, largada na água, exatamente como em sua visão, com a mão entre as pernas. Seus quadris estavam arqueados, seu rosto ardia de prazer. Os mamilos dela estavam duros e rosados, e sua boca se encheu de água por eles. O vapor flutuava ao redor dela, criando uma névoa nublada.

Ela estava à beira do orgasmo. Mas ele não queria que ela gozasse sem ele, nem ele queria gozar sem ela. Ele se moveu para a extremidade da banheira, com cada nervo em alerta, cada célula em ponto de explodir.

— Jewel, — ele entrecortadamente sussurrou.

Os olhos dela se abriram lentamente.

— Gray, — ela disse, e ela não parecia surpresa ou envergonhada em vê-lo lá. A excitação dela alcançou o ponto máximo. Era tudo que ela podia pensar, tudo o que ela podia sentir. — O que está acontecendo comigo?

— Você precisa de um homem. Você precisa de mim.

— Sim, — ela disse. — Sim. Por favor.

Ele jogou para o lado sua túnica e tirou seus acessórios militares, seus movimentos cortados e rápidos, desesperados. Ele desamarrou as lâminas de seus pulsos, cintura e tornozelos e os soltou ao chão com um baque. Ele devia ter deixado o arsenal depois de seu banho, mas não o fez. Agora ele se

amaldiçoava pelo tempo que levava para removê-los, tempo que ele podia estar tocando Jewel.

Finalmente ele ficou nu, sua ereção se sobressaindo para frente enquanto ele entrava na água, calor líquido tocando seus tornozelos. Ele afundou até que a água atingiu sua cintura. O olhar dela o percorreu, e ela gemeu, curvando seus quadris, seus próprios dedos ainda trabalhando em seus clitóris.

À hora chegou.

Nada de pensar mais sobre isto, nada de se perguntar se era a decisão certa. Nada mais de preocupação sobre seus mundos diferentes. Tudo que importava era o aqui e o agora. Tudo que importava era estar com Jewel, mesmo que fosse apenas por pouco tempo.

Ele a alcançou, incapaz de ficar outro segundo sem ela em seus braços. Ele agarrou a mão dela, a mão com a qual se saciava, e a colocou no lado da banheira. Depois ele abriu as pernas dela e se colocou entre elas. Ele não a penetrou, entretanto. Não, ele queria saboreá-la primeiro. Queria tocá-la e saboreá-la como ele fez em sua visão.

Mas tudo dentro dele gritava para se apressar, para tomá-la agora e tomá-la forte.

— Você estava pensando em mim enquanto você se tocava? — Ele perguntou, espantado em poder fazer as palavras saírem. Ele estava tão faminto por ela.

Ela concordou com a cabeça.

— O que você viu em sua mente?

— Sua boca, — ela sussurrou, — saboreando-me.

— Aqui? — Seus dedos circularam o clitóris dela, e ela ofegou. Ele levantou os quadris dela, curvou sua cabeça e a lambeu, correndo seu dedo para baixo e pressionando contra o centro dela. O gosto doce dela o atormentou.

— Sim, aí mesmo. — As palavras emergiram como pouco mais que um gemido.

Se ele a lambesse lá novamente, ela gozaria. E ele não queria que ela chegasse lá ainda. Ele queria que ela gozasse em seu membro. Levantando-se, ele deslizou um dedo em sua cavidade quente, apertada. Senti-la era tão bom, tão miseravelmente bom. Ele se debruçou sobre ela, e lambeu ao redor de um de seus mamilos, depois ao redor do outro, saboreando o néctar de qualquer que fosse a flor que perfumava aquela água.

As mãos dela se apertaram nas laterais da tina, ajudando-a a se erguer.

— Gray, — ela arquejou. — Eu me sinto tão... Quente. Faça isto parar. Não, não pare. Eu preciso de mais. Não, não mais. Eu tenho que provar você. Você todo.

Com olhos selvagens, ela passou para cima dele e o empurrou de volta contra a banheira antes que ele pudesse articular um protesto. Não que ele fosse fazer. Então a pequena senhorita Prudência se afundou nele, o chupando todo, para cima e para baixo, trazendo seus dentes e sua língua para a brincadeira, a mão dela segurando suas bolas.

Antes que o corpo dele completasse o último espasmo, ele estava duro novamente. Pronto para ela. Ansiando por ela, como se ele ainda não tivesse gozado. Como se dar a ela seu sêmen tivesse sido só o aperitivo. Uma sensação de urgência se formou dentro dele, batendo contra sua necessidade habitual por lazer, a ponto de explodir completamente. Ele sempre foi devagar com mulheres, sempre usou bem seu tempo, nunca permitiu que ele mesmo fosse rápido e apressado. Mas seu sangue estava aquecendo, quase fervendo, a ponto de estourar, e de repente, ele não estava certo de seu controle.

Ele a montou. A água bateu nas laterais da banheira. Seu olhar percorreu e se demorou no pescoço dela, na pulsação martelando lá. Sua boca se encheu de água. Como seria afundar seus dentes na veia dela, deixar o sangue dela espalhar por sua garganta? Ele a beijou entre os seios, então lambeu seu pescoço.

Ela se arqueou contra ele, se contorcendo. As mãos dela voaram para as costas dele, o apertando, o arranhando. Ele iria mordê-la... Tinha que mordê-la... E ele iria fazer isto enquanto ele a preenchia com seu pau. Ele ficou repugnado com ele mesmo, mas ele não podia conter a necessidade crescente. Ele queria entrar nela e a morder ao mesmo tempo, tomando-a toda, tudo o que ela tinha para dar. A necessidade era tão forte, que ele não podia controlar.

Se ele não a mordesse logo, ele pereceria. Se ele não a entrasse logo, ele morreria. Se ele não derramasse sua semente dentro dela logo, ele morreria. Ele tinha que possuí-la, iria possuí-la, nada podia fazê-lo parar.

— Diga que você está pronta. Me diga que você pode me ter.

— Sim, sim. Agora. Por favor, agora. Por favor, Por favor, Por favor.

— Jewel. Minha. — Ele estava acabando de abrir sua boca, se encaminhando para baixo, prendendo sua ereção, se posicionado para a entrada, quando ele ouviu a porta ser arrombada.

CAPÍTULO QUINZE

Seus instintos protetores explodiram, Gray lutou contra a nuvem de luxúria que envolvia sua mente e se pôs de pé. Uma fúria selvagem queimou seu peito, se alastrou, tornando-se cada vez mais quente. Ele rosnou, agitou-se, ficou selvagem. Um rugido baixo e cruel saiu de sua garganta.

A água espalhou sobre o canto da banheira quando ele pulou para fora. Sua respiração era forte e entrecortada, e suor escorria por seu rosto. Com um olhar furioso, ele agarrou duas de suas armas do chão.

Os olhos de Jewel estavam enevoados de paixão e ela sacudiu a cabeça, tentando clarear seus pensamentos. Ela endireitou-se, e sua feição demonstrava horror. Gray não ouviu passos, somente o bater de asas. Ele não podia ver através do biombo em frente da banheira, ele não tinha idéia de quem este inimigo era — um que não podia ser visto e que morreria dolorosamente por ousar interrompê-lo.

— Onde estão eles? — ele ouviu uma voz profunda perguntando.

Ela reconheceu imediatamente aquele que falou. Um formoriano com quem ele havia jogado — e vencido — no mercado.

Os olhos de Gray estreitaram-se. Ele deveria ter esperado algo assim, mas não esperou. Sua única preocupação eram os vampiros e os demônios. E deixar Jewel nua.

— O que...

— Psiu, — ele sussurrou a Jewel, entregando-lhe uma de suas facas. Ela pegou a arma oferecida com dedos trêmulos. Ele movimentou o lábios — Fique aqui.

Ele encontrou outra faca sob suas calças e apressadamente pegou-a. A cada segundo que passava, sua fúria se intensificava. Sim, alguém iria morrer esta noite.

— Encontre o dinheiro, — o formoriano vociferou.

O som de destruição se ouviu, quebrando madeira, rasgando tecido. Ele não sabia quantos eram, mas era só uma questão de segundos antes que os vissem atrás do biombo. Ele preferiu manter a ação no centro da sala, longe de Jewel.

Sem se preocupar com sua nudez, ele rastejou e espiou de detrás do biombo, absorvendo os detalhes. Os formorianos usavam suas asas para se manterem erguidos, suas únicas pernas procuravam e derrubavam tudo, seus únicos braços seguravam uma vara com espinhos. Eram cinco. Merda. Merda! Ele já havia estado em situações piores, mas ele teria preferido sua pistola

À medida que ele rastejava, decidindo a melhor forma de atacar, toda sua luxúria sexual transformou-se em simples desejo de sangue. Ele foi de quente para gelado em segundos. Sua mente

se fechou, focando somente em guerra e morte. O fedor forte e metálico de sangue formoriano o rodeou.

Um, ele contou mentalmente. Dois. Três.

Emitindo um grito de guerra, Gray pulou de onde estava e atacou a criatura mais próxima, determinado a lutar da mesma forma que lutou com os demônios. Ele poderia não conhecer a fraqueza destas criaturas mas nada sobrevivia a uma garganta cortada.

Por causa do elemento surpresa, ele pôde pegar a primeira besta armada e pernetar por trás. A criatura se sacudiu com força, e Gray sentiu o ferimento rasgando em sua coxa.

Com determinação, ele deu um rápido golpe com sua faca. A criatura caiu flacidamente e deixou cair, seu grosso sangue negro esvaindo do corpo que se contorcia.

Um caiu, faltam quatro.

Quando Gray se virou, duas outras criaturas voaram em sua direção, suas horríveis feições escurecidas pela fúria. Segundos antes de alcançá-lo, ele se abaixou bem e pegou os dois pelos tornozelos. Eles puxaram e lutaram, mas ele girou, golpeou-os com seus pés, usando a altura das criaturas para apoiar-se quando chutou-os até à inconsciência.

Os dois caíram, buscando fôlego, e ele cortou ambos os pescoços ao mesmo tempo. O líder emitiu um som terrível que balançou as paredes.

— Venha me pegar — ele disparou.

Com a vara erguida, o formoriano se aproximou. Os lábios de Gray estavam se curvando em um lento sorriso — até que ele viu Jewel correr de trás do biombo. Seu sorriso morreu à medida que um sentido de ira e impotência cresceu dentro dele. Ela casualmente havia enrolado a túnica em seu corpo e ele batia em seus tornozelos com seus movimentos. Sua faca estava erguida, pronta para batalha.

O nome dela estava suspenso em seus lábios, prontos para gritar e ordená-la a se esconder, a voltar para trás do biombo. Mas ele não queria atrair atenção para ela. Ele não se importava em morrer, mas maldito seria se deixasse Jewel sofrer um pequeno arranhão.

Um formoriano sentiu a presença dela e se virou com sua clava erguida. O líder ainda voava em direção a Gray, e Jewel ainda corria atrás do outro. Gray começou a correr também, e quando estava quase sobre o líder, ele pulou e projetou seus pés contra o peito do bastardo, lançando-o para trás.

Gray não reduziu a velocidade, mas o mundo parecia desacelerar à sua volta. Uma agonizante sensação de que havia somente uma coisa que ele podia fazer. E se falhasse, se errasse... Jewel estaria morta. Ele continuou, correndo na direção dela e do combatente final.

Os dois estavam quase um sobre o outro. O atacante de Jewel estava para atacá-la com sua clava justo quando Gray levou o braço para trás e lançou sua faca.

Subitamente ele foi agarrado por trás por uma mão só. Unhas afiadas cravaram em seu ombro, jogando-o para trás. A faca de Gray voou de sua mão, mas errou totalmente o alvo pretendido. Enquanto caía, ele viu, horrorizado, quando Jewel atacou o outro monstro. Sua faca estava erguida, pronta para usar, mas o bastardo levou vantagem.

A vara atingiu o antebraço dela.

Gray foi ao chão, urrando com raiva, uma fúria vermelha pulsando dentro dele. O líder pulou sobre ele, e ele rolou, sem pensar sobre suas próximas ações. Ele simplesmente abriu a boca e afundou seus dentes no pescoço do formoriano, o sangue grosso escorria pela garganta dele, queimando o boca de seu estômago. A criatura urrou e emergiu contra ele, mas Gray o segurou em uma chave na mandíbula, esgotando o bastardo.

Quando ele acabou, ele jogou a criatura sem vida para o lado e levantou-se de um salto. Gotas de sangue quente escorriam por sua boca, pingando pelo queixo. Ele os limpou. O formoriano remanescente levava Jewel inconsciente arrastando-a para fora da sala. O sangue dela deixava uma trilha vermelha. O coração de Gray parou de bater, ele rosnou, o som era áspero e animalesco.

Ele correu atrás dele, abaixando-se rapidamente e pegou uma das varas abandonadas. Ele avaliou o peso em sua mão. Com um grito de guerra, ele ergueu o braço e golpeou a extremidade pontuda na parte de trás da cabeça da criatura, com toda a sua força.

Jewel foi libertada; ela caiu com um baque no chão. Quando a criatura girou na direção dele, Gray o golpeou repetidas vezes, até que nada havia sobrado. Ele ofegava com a força de sua raiva. Somente quando seus braços tremeram e suas mãos pareciam fragmentar ele largou a vara.

Seus olhos encontraram Jewel. Os olhos dela estava fechados, seu rosto suave, como se estivesse dormindo. Ele se ajoelhou e gentilmente a pegou em seus braços. A cabeça dela pendeu para trás, seus cabelos se esparramaram. Alguns centauros espalhavam-se pelo corredor, ofegantes, vendo o sangue. A visão de Jewel tirava-lhe o fôlego.

— É ela, — um deles disse, num tom respeitoso. O tolo homem-cavalo deu um passo adiante, tentando alcançá-la.

— Toque-a e você morre, — Gray rosnou. Sem outra palavra, ela a carregou para o quarto deles, chutando corpos e destroços. Ele deitou sua mulher sobre uma montanha de travesseiros. Seus dedos encontraram a concavidade de seu pescoço onde sua pulsação deveria... bater.. Graças a Deus! Seus joelhos dobraram em alívio. Seu pulso estava fraco, mas estava lá.

Ela estava viva.

Sua satisfação era uma força palpável que o consumia, e naquele momento ele reconheceu Jewel como *sua* mulher, a mulher certa para ele. Aquela com quem ele não saberia viver sem. Ele poderia negar depois, mas agora, nesse momento, ele aceitava a verdade.

Ele permaneceu ajoelhado, rasgando a túnica, procurando por ferimentos. Sangue havia pingado em seu estômago, e ele o limpou para assegurar-se que ela não havia sido ferida ali. Aquele tipo de ferimento era frequentemente fatal, mas ele encontrou somente pele saudável e macia.

O único ferimento que ele podia ver era em seu braço esquerdo. Eram buracos do tamanho de moedas, da vara de espinhos, e a pele estava negra e arroxeadada. Porém, enquanto ele olhava, os buracos começaram a se fechar, os hematomas começaram a clarear.

Seus olhos se arregalaram. Ela estava se curando em uma velocidade sobre humana. Seus batimentos cardíacos ficaram mais lentos e ele se acalmou, a ira em seu sangue diminuiu. As coisas que ele havia feito somente alguns momentos antes passaram por sua mente. Sem qualquer remorso, ele chupou o sangue do pescoço de alguém. E ele gostou. Ele havia golpeado alguém com seus dentes. E ele gostou.

Obviamente o desejo por sangue não era por causa de ter perdido alguém dos seus, como ele supunha. Algo estava mudando dentro dele, algo escuro e perigoso. Ele não entendia, estava quase com medo de fazer uma análise, mas estava lá.

Jewel suspirou, e suas pálpebras abriram.

— Gray.

— Rei dos reis, mais formorianos chegarão em breve, — um dos centauros disse, entrando na sala. — Eles sentirão as mortes dos irmãos e virão. Nós precisamos nos preparar. — Cascos bateram ao fundo.

— Como você se sente? — ele perguntou suavemente, não se movendo do lado de Jewel. Um exército podia invadir, e ele não se importaria. Ele não deixaria esse lugar até que estivesse cem por cento certo de sua recuperação.

— O corpo meio dolorido, mas bem. — Ela esticou os braços sobre sua cabeça e arqueou as costas — Eu o matei?

— Sim, — ele mentiu, sabendo que era o que ela queria ouvir. Ele alisou sua face, demorando-se nos cantos de seus lábios. — Como você se curou desse jeito, coração? Você precisa de um tempo extra, mas se cura internamente?

Ela franziu o rosto de forma adorável, confusa.

— Curar? Eu me lembro que ele me bateu e queimou como fogo, mas eu me sinto bem agora.

Ele não deve ter me batido com muito força.

Ela não sabia, ele percebeu. Ela não sabia que a vara de espinhos havia atingido o osso.

— Calma, calma, — ele disse quando ela começou a se levantar.

— Gray, estou bem... — ela olhou para baixo e viu sua nudez. Ofegando, ela puxou a túnica.

— Eu pensei que eu tinha me coberto!

Ele sorriu. Sua pequena Prudência ficaria bem. Ele não entendia. Que inferno, ele não entendia muitas coisas que aconteceram ultimamente, mas ele estava bem com isso porque Jewel iria viver.

Gray deu um beijo rápido em seus lábios e a colocou de pé.

— Precisamos sair daqui. — Ele andou pelo quarto, pegando sua mochila, armas, segurando sua túnica sobre seus ombros.

A face de Jewel corou quando percebeu que sua túnica não cobriria seus seios. As bordas estavam rasgadas em trapos. Ela pegou o lençol aveludado sobre os travesseiros e se enrolou. Quando acabou, olhou pelo quarto, a carnificina no chão.

— Eu deveria tê-los sentido, — ela disse baixinho. — Eu deveria saber que eles estavam vindo.

— Você me disse que não pode sentir o perigo para você, então como poderia saber?

Eu deveria saber que eles fariam isto.

— Não, eu...

— Eu vou levar a culpa por isso, e ponto final. Você está forte o suficiente para andar?

— Sim, estou, mas você está? Você está sangrando. — Preocupada, ela fitou seu rosto, suas mãos. Os lábios dela se contraíram, e ela se aproximou dele.

— Ficarei bem — Ele completou o resto da distância entre eles e segurou sua mão.

— Precisamos voltar para o outro lado da floresta.

Ela assentiu.

Eles se apressaram para fora do quarto e pelo corredor, passando pelos centauros. Gray seguiu a rota de fuga que ele havia mapeado anteriormente, antes do banho. Ele não sabia naquele momento que precisaria, mas de acordo com o código “é melhor prevenir do que se lamentar”, ele agora estava agradecido que tivesse feito.

A rota era tortuosa e cheia de voltas em todas as direções, e as tochas das paredes diminuía em número. Ele pegou o caminho mais estreito, o que dava para o lance de escadas. Ele e Jewel pisavam fortemente, e ele chutou a porta no momento que estava a seu alcance. As dobradiças voaram quando a porta se escancarou. O ar frio da noite o envolveu.

Seus olhos rapidamente se ajustaram ao escuro, mas rápido que o normal. À medida que corria pelo corredor, uma onda de tontura o atingiu. Ele estava perdendo sangue. Ele conseguiu esquecer dos seus ferimentos por um tempo, mas agora latejavam, pedindo atenção

— Fique de olho aí atrás, ok? Diga se você achar que estamos sendo seguidos.

— Formorianos trabalham melhor no ar, mas o horizonte está claro. Eles não nos localizaram

— Bom. Isto é bom. — As ruas estavam quietas, e ele permaneceu nas sombras, movendo-se entre construções e carroças.

O que parecia uma eternidade depois, Jewel disse:

— Estamos quase lá, eu posso sentir.

Finalmente ele avistou os altos carvalhos e correu na direção deles. Insetos zumbiam em enxames. Folhas verdes e úmidas e galhos o atingiam.

— Cubra seu rosto, — ele disse.

— Ai — ela gritou, protegendo seu rosto das trepadeiras com espinhos.

— Vamos encontrar um lugar para descansar. — A respiração dele queimava seus pulmões. Seus membros estavam ficando trêmulos, e uma teia de letargia o envolvia. Seu corpo, mais do que

nunca, havia sido muito maltratado ultimamente, e ele estava sentindo os efeitos. Ele se recusava a desmaiar na frente de Jewel novamente. — Diga quando sentir que é seguro.

Quando ele disse as palavras, ele percebeu o quanto ele veio a depender dela para a segurança deles. Ele confiava no julgamento dela, em suas sensações. Ele precisava dela.

— Em direção ao rio — ela ofegou.

Ele procurou ouvir o som da água e virou à direita. Quando alcançaram a borda do rio, ele viu um caminho largo e pedregoso.

— Formorianos detestam água.

— Então vamos cruzar. — Sem esperar pela resposta dela, ele a jogou na água. No começo a água gelada só alcançou seus tornozelos, mas quando ele correu, espirrando água em todas as direções, ficou mais fundo. Finalmente ele estava nadando, incapaz de tocar o fundo.

Jewel nadou ao seu lado. Só levou dez minutos para nadarem até o outro lado, e quando chegaram, ficaram na borda, seus corpos molhados.

— Já fizemos isto antes — ele disse, ofegante.

— Que esta seja a última vez.

— Eu quero ir um pouco mais longe.

Ela assentiu, cambaleado para frente. Ele permaneceu bem ao lado dela, engatinhando pela vegetação e areia. Quanto tempo passou, e o quanto estavam longe, ele não sabia. Ele retirou a mochila, sabendo que não daria outro passo.

— Aqui está bom.

— Aqui, sim.

— Tire suas roupas molhadas. — À medida que falava, tirava suas roupas. Nu, ele mexeu na mochila, tirando suas roupas secas. Ele as estendeu no chão.

Jewel não protestou. Ela esparramou o lençol de veludo e ele caiu aos seus pés. Ela abraçou sua própria cintura em um esforço vão de se proteger do frio.

Gray deitou sobre suas roupas, dizendo

— Venha cá. — Ele não poderia se permitir dormir; ele deveria levantar algum tipo de abrigo. Mas ele fechou os olhos, sentindo Jewel deitar ao seu lado, o corpo dela se moldando ao dele. Ela encaixou a cabeça no braço bom dele. Ele podia sentir a batida irregular do seu coração sobre seu peito, batendo em sincronia com o dela. Uma sensação de contentamento instalou-se nele.

Ele caiu no sono assim.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A luz penetrou na consciência de Gray.

Abriu lentamente os olhos e piscou. Seu corpo pulsava como se tivesse lutado em um ringue de boxe e tivesse feito cinquenta assaltos com um peso pesado. Jewel estava curvada a seu lado, ainda adormecida. Suas feições estavam suaves, relaxadas e a satisfação elevava os cantos de seus lábios.

Estava nua. Ele estava nu. E o seu corpo gostava do contato.

Meu Deus era preciosa. Sua pele estava brilhando como um pêssego matutino, suas longas pernas perfeitamente arredondadas. Seus quadris brilhando deliciosamente. O pelo na união de suas coxas era suave, negro e exigia por seu toque.

Combatendo o fogo repentino em seu sangue, separou-lhe uma mecha de cabelo da bochecha. Os acontecimentos da última noite atravessaram rapidamente sua mente. Quase a tinha perdido. Este inocente e pequeno pêssego quase tinha morrido. Só a lembrança fez com que lhe suassem as palmas.

Em seu escasso tempo juntos, ela tinha chegado a significar muito para ele. Mais que qualquer mulher que existisse existido.

Agora estava a salvo, recordou-se a si mesmo relaxando. Isso era tudo o que importava.

Chegando a este ponto, estaria malditamente satisfeito se fazia um melhor trabalho cuidando dela. Lutar com os Formorianos tinha sido arriscado, deveria ter pensado melhor. O desejo tinha nublado seu sentido comum. O que demonstrava que suas razões para não envolver-se estavam bem fundadas.

O bracelete estava no fundo de sua mochila, sabia que estava ali. Só que não sabia quando "ou se" ia dá-lo a ela, se tinha que permanecer enfocado em seu trabalho, e se lhe desse o presente agora, possivelmente ela pensaria que significava mais do que em realidade representava. Como que ficaria com ela ou algo parecido.

— Acorde, bela adormecida.

Quis despertá-la com um beijo, mas não se atreveu. Se a beijasse, não deixaria de fazê-lo até que a tivesse debaixo dele, seu pênis deslizando-se dentro dela. Tinham coisas a falar e tinha coisas por fazer. Era o momento de se lembrar disso e por as coisas em perspectiva.

Jewel se moveu e se esticando como um bebê recém-nascido, ronronando do fundo de sua garganta. Os sons navegaram por suas terminações nervosas como uma carícia erótica. Ela abriu os olhos, suas largas pestanas batendo como asas. Ele esteve repentinamente sedento dela.

— Gray — disse ela, sentando-se cautelosamente — está tudo bem?

— Sim — obrigou a sua mente a permanecer no assunto em questão. — a aventura de ontem à noite nos afastou muito do caminho ao Dunamis?

Ela se afastou o cabelo do rosto, deu-se conta de que estava nua, e agarrou o lençol, agora seco, atirando-o para ela.

— Absolutamente. O templo está à só um dia e meio de caminho daqui.

Um passeio tão longo soava tão divertido como se lhe depilassem o corpo inteiro. Ele fez uma careta e passou uma mão preocupadamente pela mandíbula.

— Vou te perguntar algo e quero que me responda honestamente. Não me responda com outra pergunta. Só me diga a verdade, sim?

Seus olhos encontraram os seus, seus pensamentos dando voltas em sua cabeça. Relutantemente ela concordou.

— Por que estou desejando beber sangue?

Um suspiro suave escapou dela.

— Quando o vampiro e o demônio o morderam, deixaram pedaços deles mesmos dentro de você. Então, as lendas tinham sido nessas partes certas. Repulsão, temor e fúria martelaram através de seu corpo.

— Estou ficando igual a eles? — as palavras eram sombrias, arrancadas de sua garganta. Queria gritar negando-o. Eram malvados, ele não. Acreditava na verdade e na justiça, proteger aos fracos — Exatamente como eles?

— Só algumas características. Não saberemos quais até que as experimente.

— E não há maneira de deter as mudanças? Vou ficar perverso?

— Não, nunca perverso.

— Diz com muita segurança, mas também diz que mudarei.

— Quem é por dentro nunca mudará.

Ele se consolou com isso, inalando e exalando, então afastou resolutamente o assunto de sua mente. Ocuparia-se de cada mudança quando se apresentasse e sem preocupar-se com isso de antemão. Agora mesmo, precisava comunicar-se por rádio com o EIE para lhes fazer saber que estava bem. E não queria que Jewel ouvisse a conversa. Enquanto se esforçava para sentar-se, imobilizou-a com um olhar agudo.

— Por que não vai ao rio e se lava, carinho? Está cheia de barro.

— Não, está muito fraco.

— Não queria dizer isto — disse ele, cortando suas palavras, — mas me obrigaste. Cheira mal. A diferença de Jewel, ele podia mentir como um cossaco. Ela sempre cheirava muito bem. Seus olhos se arregalaram e sua boca caiu aberta.

— Vamos — disse ele.

Gray apertou os lábios para evitar sorrir, a diversão ante seu desassossego ultrapassava a escuridão dentro dele. Queria soltar uma gargalhada ante sua horrorizada expressão. Ele ficou de pé, cada músculo e cada osso em seu corpo gritando em sinal de protesto. Demônio estava ferido. Recolheu sua mochila.

— Eu vou acompanhar você até lá embaixo.

Com as bochechas em vermelho vivo, endireitou os ombros e abraçou sua túnica provisória mais apertadamente ao redor dela.

Cortaram através das árvores até a borda do rio e Gray fez uma inspeção do perímetro.

— Aparentemente tudo está seguro e bem.

— Então pode voltar para o acampamento — bufou ela — Não vai olhar enquanto me banho. E se precisar de mim, bem, não te incomode em gritar. Não irei resgatá-lo. — afastou isso com decisão, mas fez uma pausa e se voltou, enfrentando-o. O azul de seus olhos brilhava com malvada desforra. — Oh, e Gray? Decidi me banhar nua, deixando que minhas mãos se deslizem por meus seios e entre minhas pernas.

Verdade. Ela não podia mentir.

— Obrigado por isso, — respondeu ele com ironia, ficando já duro, com as deliciosas imagens correndo velozmente através de sua mente.

— De nada.

Enquanto ela se banhava... nua e tocando-se em todos os lugares que ele queria tocar, Maldição!... Ele se arrastou afastando uns passos e se deixou cair depois de um arbusto. Suas palavras trouxeram imagens de pele suave, cor de pêssego, lábios separados em um ofego, escuro cabelo esparramado como uma nuvem de chuva ao redor de seus ombros. Os mamilos duros e pedindo por sua boca. Pernas...

— Maldição — arrancou seu transmissor. — Santa Mãe.

Estática, e então...

— Aqui Mãe.

— Terei o pacote em questão de dois dias e voltaremos para casa.

— Estamos preocupados. Está levando mais tempo do que o esperado.

— Possivelmente a próxima vez precise voltar a pensar as palavras “entrar e sair”.

Houve uma pausa.

— Que quer dizer?

— Sabe o texto que descartamos? Bom, é verdade.

— Quer dizer...

— Sim. Isso é exatamente o que digo. Lê O Livro da Ra Dracus outra vez e me tire uma lista das debilidades de cada criatura. — não sabia por que não tinha pensado antes no Ra Dracus.

— Encontrou alguma outra coisa?

— Encontrei algo, mas não estou seguro de ter feito a coisa certa.

— Diga-me de todas as formas.

— Basicamente, quem tenta arrancar o fôlego de vida da Joia do Dunamis poderia ganhar a mais escura fúria dos deuses. — seu chefe fez uma pausa outra vez.

— Como pode uma joia preciosa respirar? Está viva?

Boas perguntas.

Uma idéia completamente engenhosa e estúpida impactou violentamente dentro de sua mente e ficou rígido. Piscou. Não. Certamente não. Mas... Talvez.

— Tenho que pensar sobre isto — disse. — Entrarei em contato mais tarde por essa lista.

Gray colocou a um lado a rádio, tentando terminar suas tarefas antes de permitir-se dedicar-se à adivinhação que ele mesmo se impôs ante as palavras de seu chefe. Comprovou seu sistema GPS, só para descobrir que o estúpido aparelho estava quebrado. Não o entendia. Não estava prejudicado pela água, não parecia quebrado. Durante muito tempo revisou os fios, religando e apertando, em vão. Enojado, finalmente empurrou o imprestável pedaço de merda em sua mochila.

Porque ele mesmo não estava muito melhor, necessitava de sua equipe para subir pela ladeira. Obviamente isso não ia acontecer. Deixou escapar um frustrado suspiro. Se ele e Jewel fossem dormir ao relento durante uma ou duas noites mais, teria que construir algum refúgio, preferivelmente algo que pudesse deitar às costas e levar. Algo para escondê-los e protegê-los.

Seu olhar esquadrinhou a área circundante, mentalmente catalogando o que podia usar. Ramos, folhas, rochas. Deveria ter trazido uma tenda, mas não tinha pensado que a necessitaria.

— Esse condenado Jude Quinlin.

Gray ficou pesadamente em pé. A cabeça lhe pulsava com intensidade e suas feridas pulsavam juntas. Suas pernas ainda estavam fracas pela perda de sangue e sua visão se desvanecia, mas as arrumou para ficar em posição vertical. Realmente desejava caminhar até o rio e sacudir a senhorita Prudência até tirá-la de suas inibições. Para ver momentaneamente essas longas pernas que se estiravam até o paraíso... Esse ventre suave e essa cintura arredondada... esses, insolentes mamilos rosados que rogavam por sua boca.

— Não faça isso novamente, homem.

Muito tarde. Seu corpo se endureceu e esqueceu todas as suas dores, menos uma. Mas Gray ficou ali... e não por nenhuma tendência cavalheiresca.

— Maldito refúgio — resmungou, acrescentando isto a sua lista de aborrecimentos com o Quinlin.

Jewel era uma contradição ambulante, de boca carnuda, muito estranha com seu acanhamento e inocência virginal. Ambos os lados seus o intrigavam e desfrutava observar as duas partes de sua natureza batalhar pela supremacia. Frequentemente se encontrava perguntando-se qual prevaleceria finalmente. O anjo ou a tigresa? Ou uma combinação de ambos?

Quando se obrigou a centrar sua atenção nos arredores, o som de salpicos da água ecoou em seus ouvidos tão forte como os gritos de prazer. Podia muito facilmente imaginar gotinhas de água caindo em cascata dos redondos peitos de Jewel, gotejando sobre seu estômago, reunindo-se em seu umbigo, implorando por sua língua, antes de finalmente perder-se entre suas pernas...

— Outra vez não. — se esbofeteou a cara. — te concentre homem, — esfregou a bochecha, sentindo a barba de vários dias. — Trabalho. Tem trabalho a fazer.

Dominando seu dolorido corpo, Gray recolheu ramos e folhas, trepadeiras e coisas parecidas. Através dos anos, tinha construído centenas de esconderijos. A atual construção estava mais que provavelmente incrustada em suas células. Seu perito olhar encontrou rapidamente a melhor localização, uma zona que provia uma rota de fuga e que ao mesmo tempo os esconderia debaixo de uma colina inclinada e entre duas árvores.

As árvores estavam apenas a metro e meio. Usando a corda que tinha roubado do centauro, amarrou uma extensa e sólida trepadeira a cada tronco, estirando-a tão alto como era possível. Entrecruzou a árvore jovem e as trepadeiras que tinha reunido, trabalhando seu caminho sob a viga, então fez o mesmo ao outro lado. O suor gotejava por sua fronte e o enxugou com a parte de atrás de sua mão.

Quando terminou a armação, tremiam-lhe os braços e lhe fraquejavam os joelhos. Odiava a debilidade de qualquer questão... Especialmente em si mesmo. Deu um par de goles de água de seu cantil e se derrubou de novo no trabalho.

Depois de cobrir o novelo trançado com folhas e ervas, voltou-se para trás e estudou o resultado final.

— Razoável — disse com aprovação.

Não era um resort cinco estrelas, mas os esconderia de seus inimigos e os protegeria dos animais. Quando chegasse o momento, desataria o novelo das árvores e dobraria tudo para cima, atando-o em sua mochila.

Decidindo descansar enquanto pudesse, Gray tombou no chão. Fechou os olhos. As pedras lhe cravavam nas costas, mas relaxar ficou fácil. Tudo ao seu redor estava a seu favor, inclusive os insetos criavam uma suave sinfonia. Quem necessitava um reproduzidor do MP3 quando os sons da natureza funcionavam vinte e quatro horas, sete dias por semana?

Esfregou as têmporas. Quanto tempo levaria para curar-se completamente? Sabia melhor que a maioria que era melhor manter-se em movimento, e fazê-lo rapidamente, sem permanecer nunca muito tempo no mesmo lugar. Menos oportunidades de que o inimigo o capturasse despreparado.

— Meu Deus, preciso de umas férias.

Uma vez que voltasse para casa, iria à praia, encontraria uma mulher e se livraria de sua crescente necessidade por Jewel.

Divertido assunto, entretanto. Nenhuma mulher o atraía a não ser Jewel. Seu corpo a queria, e só a ela. Sua mente a queria, e só a ela. O pensamento de estar com outra mulher parecia incorreto e o pensamento de estar sem Jewel o fazia sentir-se doente. E Gray não acreditava que algumas noites, um mês, um ano longe dela diminuíssem sua obsessão de nenhum modo.

Ele não tinha mentido. Se ficasse, o EIE enviaria continuamente agentes ao interior de Atlantis, procurando o Dunamis. Pessoas morreriam. Dunamis poderia ir para as mãos erradas. Se tentasse levá-la para casa, bem, o EIE protegia o portal, assim nunca poderia atravessá-lo sem seu conhecimento. No momento em que a vissem, ela seria trancada, lacrada e dissecada por cientistas durante o resto de sua vida. Nunca deixaria o laboratório... Não viva, ao menos.

Passou uma mão pelo rosto, enfurecido com sua falta de opções. O suor lhe desceu pelas costas quando compreendeu, realmente compreendeu que estes próximos dias eram tudo o que ele e Jewel tinham. Isso era tudo. Depois disso, nunca voltaria a vê-la. Uma risada amarga escapou dele. Queria-a como nunca tinha querido outra mulher. Queria seu sabor, seu corpo, sua voz, e sabia que ela voluntária e apaixonadamente se entregaria a ele. Poderia tê-la, é óbvio, mas não poderia estar com ela.

— Não irei contigo. — a voz feroz de Jewel abriu caminho através de suas divagações.

— Deixe ir. Matei antes e voltarei a fazê-lo.

Uma risada masculina flutuou através da distância.

A instantânea fúria e preocupação arderam em seu interior. Gray se levantou de repente. Maldito fora tudo até o inferno, outra vez não! Não podiam descansar uma maldita hora antes que alguma outra coisa os atacasse? Ignorando as agudas espetadas de desconforto — de dor, de agonia, — se lançou para frente, tirou a arma da bolsa e correu para o rio. Enquanto avançava, conferiu a antecâmara da arma. Só restava uma bala. Não tinha sentido. Tinha perdido uma?

Empurrou-se além de árvores e ramos, inconsciente do fato de que lhe cortavam a pele. Seu nível de adrenalina o impulsionava, lhe proporcionando força adicional, provocando que a energia surgisse através de suas veias. Ao fim, alcançou o rio, a arma apontada à frente. Jewel imediatamente surgiu à vista. Estava na metade do rio, a água até o pescoço.

— Sofrerá se continuar com isto — disse ela, seu tom duro. — Vejo sua morte em minha mente.

— Nosso rei deseja ter umas palavras contigo. — disse outra voz masculina.

Merda. Havia ao menos dois deles. O olhar de Gray esquadrinhou, mas não viu ninguém além do Jewel. Onde estavam?

As duas cabeças romperam brandamente a superfície da água e os homens rodearam Jewel por ambos os lados, só sendo visível a parte superior de seus corpos nus. Uma feroz raiva cobrou vida dentro dele, as chamas lambendo através dele enquanto um dos homens tratava de alcançá-la. Separou-lhe as mãos de uma porrada, mas conseguiu agarrá-la do ombro. Agradecidamente, molhada como estava, liberou-se.

Gray grunhiu do fundo de sua garganta, o calor ardendo em seus olhos. Não gostava que as mãos de outro homem estivessem sobre ela. Se esperavam violentá-la... Seu rosnar se converteu em um silencioso e feroz ofego enquanto estudava seus inimigos. Eram enormes, seus estômagos e seus braços definidos com tendões e músculos. Seu enorme tamanho diminuía a pequena Jewel.

— Venha.

— Seu rei pode ir para o inferno.

A água salpicou. Um homem grunhiu. Jewel ofegou.

Gray ficou em cócoras, mantendo o braço imóvel. Possivelmente, com o ângulo correto, poderia matar a ambos com uma só bala. Os homens foram se aproximando de Jewel, deslizando-se através da água sem esforço algum. Tão facilmente que a água nem sequer ondeou. Era como se flutassem.

— Vamos, Pru — sussurrou Gray. — mova-se para sua esquerda.

No momento, ela bloqueava seu disparo.

— Você vem conosco. Se brigar, pode ficar ferida e não desejamos te machucar.

Continuaram aproximando-se dela. Gray amaldiçoou em voz baixa. Não podia arriscar-se a lhe atirar em um e dar ao outro tempo para escapar com Jewel. Meu Deus, desejava ter seu rifle e uma caixa de balas de ponta oca. Deixavam um horrível oco ao entrar e uma cratera ao sair.

— Eu te avisei — disse Jewel.

Franzindo o cenho, dobrou o braço e levantou com força o cotovelo, aterrissando em um sólido golpe no nariz do homem que estava mais perto.

Ele bramou de dor, o outro somente observou surpreso enquanto seu amigo limpava o sangue que escorria por seu rosto.

— Pegou-me. Pegou-me!

— Pegou-lhe!

— Bom, é obvio que o fiz. E o farei novamente se te aproximar de mim.

— Bruxa!

O idiota se lançou sobre ela, sua intenção de lhe fazer mal presente nas linhas de expressão de seu rosto.

Gray apertou o gatilho.

O enorme sujeito caiu na água como um peso, uma nuvem vermelha já se formando ao redor dele.

— Brackin. Brackin! O que acontece?

Quando o homem moribundo "ou morto" fracassou em responder, seu amigo lançou um olhar confuso a seu redor. Seu olhar se chocou com Gray, suas facções se estreitaram e se obscureceram.

Gray elevou a arma como se tivesse a intenção de disparar outra vez. O homem entrou em pânico, agarrou seu amigo e mergulhou sob a superfície da água. Uma brilhante luz salpicou gotinhas aos quatro ventos.

Seus olhos se arregalaram. Cauda? Merda. Esqueceu-se da gente do mar. Levantou-se.

— Venha aqui, Jewel. Agora.

Gritou a ordem no mesmo tom que usava para seus subordinados, mas não esperou que ela obedecesse. Soprou entrando na água, dirigindo-se diretamente para ela. Tiraria a força se fosse necessário.

Ela não se moveu ante o som de sua arma quando disparou, mas saltou ante o som de sua voz. Com boa cor, os olhos brilhantes. Tinha esperado que estivesse assustada. Em lugar disso, parecia estar excitada.

— Viu o que fiz? — sorriu abertamente. — O peguei.

— Saia da água — rosnou ele.

Seu estômago se encolheu com o desejo ao primeiro sinal desse sorriso, e agora não era o momento para pensamentos sexuais. Queria-a tão longe desse rio e desses tritões como fosse possível. Jewel estava mais segura no acampamento.

— Me ouviu? Disse saia da água.

Sem se afetar por sua brutalidade, nadou para onde podia ficar de pé, encontrando-se com ele a meio caminho. Enquanto ela emergia da água, a lingerie branca que vestia se agarrava a suas curvas como um amante dedicado, revelando o rosado de seus mamilos e o escuro pelos entre suas pernas.

Ele teve que obrigar-se a afastar o olhar. Quando esteve ao alcance de suas mãos, agarrou-a pelo antebraço e a ajudou a subir a terra.

— Não me toque. Te molharei — protestou ela.

— Essa é minha ideia — resmungou ele. — E se já estou molhado por que infernos não gritou por mim?

Ficando em movimento, arrastou-a detrás dele. Jogou uma olhada e a estacou com a força de seu olhar, sabendo que seus olhos virtualmente faiscavam com fúria.

Seu sorriso aberto se desvaneceu.

— Suas feridas ainda se estão curando e eu...

Seu orgulho masculino rugiu cruelmente em resposta a suas palavras. Não tinha gritado por ajuda porque o tinha considerado muito fraco para protegê-la. Olhou-a carrancudo.

— Nunca estarei tão ferido que não possa te proteger. Entende? Se algo como isto alguma vez acontecer de novo... — quase golpeou seu punho no tronco da árvore mais próxima ante esse pensamento. — se voltar a acontecer de novo algo como isto e não gritar, eu... — nada soava o suficientemente violento.

— A próxima vez que estiver em perigo — disse, obrigando-se a acalmar-se, — pelo menos projeta sua voz em minha cabeça para me fazer saber que ocorre algo!

— Tentei... — disse ela.

— O que? — deteve-se o meio passo e a enfrentou. Seu sentido de urgência imediatamente começou a gritar e retrocedeu dando um suspiro. — O que quer dizer com que o tentou?

— Já não posso alcançar sua mente, — tomou ar lentamente. — No interior do bar foi à última vez, e então só pude projetar minha voz, não ouvir sua resposta. Era como se a habilidade se debilitou com cada momento que passava e agora se foi completamente.

Alcançaram o acampamento, ele a conduziu a um tronco e a sentou. Cruzou os braços sobre o peito e baixou o olhar para ela. Nunca teria deixado-a sair de sua vista, na cidade e muito menos aqui, se soubesse disso.

— Não se afastará do meu lado. Nem por um só momento. Entendido?

— Por que está tão zangado? — sorriu orgulhosamente. — Não viu a forma como o golpeei?

Gray concordou com relutante respeito. Suas mãos arderam por atraí-la a seu abraço, mantê-la perto e assegurar-se de que estava bem.

— Deveria ter me dito que existiam criaturas nessa água.

Ela encolheu os ombros, golpeando as rochas com os dedos de seu pé descalço.

— Não sabia que me incomodariam. Antes não o tinham feito.

Ele quase amaldiçoou, enquanto sua atenção se voltava a concentrar em seu pé. Tinha andado através do bosque sem sapatos. Inclinou-se e sujeitou seu tornozelo em suas mãos.

—O que está fazendo? — ela ofegou.

— Deveria tê-la levado em meus braços.

Seus ossos eram pequenos e delicados, sua pele suave e úmida. Elevou-lhe o pé e o inspecionou. Nenhum corte, obrigado Deus. Nenhum machucado. Simplesmente bolinhas de pó. Não queria deixá-la ir, mas gentilmente voltou a deixá-lo no chão.

Um músculo pulsou em sua mandíbula. Se não fizesse algo para mudar seu futuro, esta espécie de jogo de esconderijo era a vida que lhe esperaria, sempre correndo, sempre caçando por uma criatura ou outra. Ela tinha dito a ele. Sabia o que era certo, mas o conhecimento nunca tinha sido mais real que agora mesmo. Mas que infernos poderia fazer?

Inesperado, seu olhar voltou de novo sobre ela. Na realidade, não podia fazer nada. Ela era como uma força magnética. Essas deliciosas curvas, essa pele suave. Observava-lhe igual intensamente, o desejo em seus olhos.

Queria beijá-la, quase tremia pela necessidade, mas não o fez. Não poderia deter-se. E se não se detinha, o desejo de beber seu sangue se elevaria dentro dele, mordendo-o, consumindo-o, fazendo-o desejar ardentemente a mesma substância que a mantinha viva. Afundaria as presas em seu pescoço, sabia que o faria. Só teria que ver que tinha chegado perto disso na estalagem.

Enquanto podia se perdoar por morder o Formorian, nunca se perdoaria por machucar Jewel. Supunha-se que era seu protetor, não seu atormentador.

O ar estava mais frio do usual e molhada como estava, Jewel tinha que ter frio. Uma gota de água serpenteou desde sua testa até seu lábio superior. Ela a lambeu, tal como ele queria fazê-lo. Seu pênis se endureceu no momento em que a tinha tirado da água, ou talvez nunca tivesse perdido sua excitação, e não tinha diminuído após. Ante a vista de sua rosada língua, ardeu ainda mais por ela. Sua mente transmitiu uma visão de todas as coisas que gostaria que fizesse com essa língua.

— Tem que se trocar e pôr algo seco — resmungou ele, seu tom rude.

Procurou e lhe lançou sua camisa.

Suas pálpebras cansadas pela metade, a excitação da briga convertendo-se em excitação sexual. O fôlego emergindo desde ela agitadamente.

— Talvez pudéssemos... já sabe...

— Te troque. Agora.

Depois de uma pesada pausa, seu olhar devorando-o todo o tempo, Jewel se moveu detrás das árvores para tirar a roupa molhada e colocar sua camisa. Alguns momentos mais tarde, retornou e a visão dela o golpeou como um murro bem encaixado nos intestinos. A camisa lhe chegava até metade das coxas, mas era sua camisa e ela a estava usando, a visão quase o desfez.

Suando agora, procurou novamente na mochila e tirou duas barras energéticas. Suas provisões escasseavam. Se não saísse logo dessa infernal e profunda fossa, se veria forçado a caçar e comer as criaturas daqui... e um suflê de Formorian não era sua idéia de uma boa e nutritiva comida. Infelizmente não podiam arriscar-se a retornar ao povo.

— É hora de tomar o café da manhã.

Deu uma das barras a Jewel e se deixou cair de repente em cima de uma rocha.

Ela se acomodou a seu lado, envolvendo-o em seu doce aroma, mordiscando a ponta da barra. Ele tragou, restando o desejo de escapar de seu atrativo.

— Obrigada — disse finalmente, embora soasse a algo exceto agradecida. — Acredito que estas barras energéticas são as coisas mais horríveis que já comi.

— A manterão viva, assim é que importa.

— Tenho carne que comprei na cidade.

— Guardaremos isso para mais adiante.

Enrugando o nariz, terminou a barra. Alternaram-se para beber da água de seu cantil. Ela lançava continuamente olhadas em sua direção. Sabia por que podia sentir a força disso. Finalmente suspirou, enviando um ligeiro sopro de ar contra seu ombro e separou o olhar. Suspirou. Olhou-o outra vez. Suspirou.

Que diabo lhe estava passando pela cabeça?

Ele ficou de repente em pé e caminhou para a árvore mais afastada. Suas panturrilhas estavam nuas, mas seus tornozelos estavam cruzados. Ela dobrou suas mãos em seu colo. Uma posição muito feminina. Seus olhos, entretanto, contavam outra história. Estavam cheios de tristeza e desejo, esperança e necessidade.

— Deveríamos ir — disse ele entre dentes. — Temos uma boa quantia de terreno que...

Sem prévio aviso, escuras e estranhas sombras se abateram sobre o bosque. Os insetos cessaram seu canto. O ar se engrossou com sal.

— Ah, infernos — gemeu Gray. — Suponho que hoje não nos teremos pressa em chegar a nenhuma direção. — isto era o mesmo tinha sucedido em sua primeira noite aqui, assim sabia o que se esperava. — Deveria ter esperado. O que tenha que ir mal, sairá mal, tinha dito alguém, alguma vez, que é um encanto de má sorte?

— Sim.

Ouviu a ofensa em sua expressão e xingou em voz baixa.

— Sinto muito.

— Por que te desculpa? Conheceu um desastre atrás de outro desde que me conheceu.

— Não, nem tudo foi mau.

Algumas delas foram incríveis.

Com um suspiro agriado, ela se moveu a seu lado. Ele se agachou e levantou a mochila e suas molhadas roupas, então, uniu seus dedos com os seus e puxando-a para junto dele ao refúgio que tinha feito. Ainda não o tinham desarmado.

— Você o construiu? — perguntou ela, um pouco amedrontada enquanto estudava o abrigo de ramos e folhas.

— Sim. E antes que tenha alguma ideia, não é *A Cabana do Amor*.

Tirou a túnica da mochila e a colocou enrolada como um travesseiro, então colocou o pacote do lado da choça.

— Entra.

Tiveram que deitar-se e engatinhar ajudando-se com os cotovelos, mas ambos conseguiram entrar onde havia mais espaço para mover-se. A cúpula de cristal chiou abrindo-se, retumbando como uns trovões e empapando a terra inteira com orvalho do oceano. Gray sabia que deveria guardá-las para si mesmo, mas apanhados como estavam na tenda, nem sequer valia a pena tentá-lo. Cedeu eventualmente, e melhor agora que depois. Não podia não tocá-la quando estavam assim tão perto. Envolveu o braço ao redor da cintura de Jewel, o som da chuva criando um ritmo uivador.

— Por que não dorme um pouco? — disse. — teve um dia agitado.

Ela arrastou os dedos sobre sua bochecha.

— Obrigada. — disse suavemente.

— Por que?

Cada lugar de sua pele que era tocada por seus dedos, ardia calidamente.

— Por me salvar dos Tritões. Por... Tudo.

A chuva tamborilou contra as folhas enquanto ele analisava suas palavras. Tinha salvado sua vida algumas vezes, sim. Mas era ele quem se sentiu repentinamente agradecido.

CAPÍTULO DEZESSETE

A chuva durou várias horas, e Jewel conseguiu cochilar de vez em quando, apesar de ter a consciência de Gray ao seu lado. Sua túnica estava felizmente seca e cobria suas pernas. Em algum momento durante a tempestade, voltou às costas para Gray, e ele passou seu braço durante o sono em sua cintura. Seus braços eram um berço protetor embriagador comprovando o que sempre sonhou, proporcionando a sensação que sempre tinha desejado. Sem mencionar absoluta carnalidade.

Enquanto seu hálito quente acariciava o pescoço dela, ela estudou a mão dele. Seus dedos eram longos e grossos, as extremidades com calos. Havia pelos abaixo de cada junta.

Essas mãos são capazes de violência mortífera, como também a maior ternura.

Deuses, ela queria essa ternura com cada força do seu ser.

Estar com essa mulher agora era um erro. Ele disse a si mesmo milhares de vezes. Se não fosse pela tempestade, eles poderiam estar na floresta. Por isso ele não tinha tocado nela nenhuma vez desde que tinham deixado a cidade? Porque ele não tinha tentado fazer amor com ela? Eles tinham chegado tão perto. Tão maravilhosamente perto. Como ela lembrou. Seus lábios carnudos, sua boca molhada e a umidade surgiu entre suas pernas. Ele a beijou e tocou avidamente. Seu sabor embriagador tinha molhado sua boca, a força e o calor do seu abraço tinham-na cercado em uma névoa abafada de prazer.

Ela queria novamente.

Ela o queria.

Ele perdeu o interesse nela?

— O que há de errado, Prudência? — Gray perguntou, sua voz rude e rica com o sono.

— Você esta muito rígida.

Jewel forçou o seu corpo a relaxar. Ela precisava começar a afastar sua mente de Gray, sexo e nudez e — ela conversaria sobre Dunamis. Isso quando ela estivesse sóbria.

— E se eu dissesse que Dunamis na verdade não existe? Não da maneira que você pensa, pelo menos.

Agora ele endureceu seu corpo inteiro pressionado ao redor dela.

— O que você quer dizer? — Seu tom não estava zangado, mas apenas curioso.

A escuridão era tão densa, ela se voltou e tentou enxergar sua expressão.

— E se não for uma pedra preciosa?

Ele permaneceu em silêncio por um longo tempo, e sua mão começou a acariciar seu quadril, enviando ondas de prazer através do sangue dela.

— Você não teria feito perguntas, sem razões — ele disse — Então deixe eu te fazer uma pergunta. Se Dunamis não é uma pedra preciosa, o que é?

Um suor frio começou a se formar no seu corpo. Ela só teria que manter a sua mente afastada de Gray, não é? Agora olha o que ela havia feito. Como ela podia responder a ele, sem admitir a mesma coisa que ela não queria que ele soubesse?

— Queria que todo mundo a deixassem sozinha. Talvez quaisquer mãos, menos a do seu povo, são mãos erradas para possuí-la.

— Essa é uma oportunidade que estou disposta a assumir.

Como ela temeu, e ainda temia muito a resposta.

— Você nunca me respondeu, — ela disse suavemente. — Poderia ainda destruí-la?

— Eu não posso responder a sua pergunta até que tenha a minha resposta. — Ele beijou a curva do seu pescoço, seu lábio persistindo ao longo da linha sensível de seu ombro.

Ela quase gritou com a evidência de sua necessidade e ao primeiro toque de seus lábios, esquecendo tudo menos ele. Menos Gray. Não havia nenhuma razão para manter sua mente longe de seu carinho se ele planejava entregá-lo a ela.

— Faça isso de novo, — ela sussurrou.

— Eu não deveria. Tentei não o fazer. Mas eu posso sentir seu cheiro, inalar sua doçura, e estou cansado de tentar me manter afastado. Cansado de pensar em todos os motivos por que não. — Um raio clareou sua barraca por uns breves segundos, misturando luz e sombras. — Você mentiu para mim antes, você sabe, — ele disse, seus dedos acariciando o seio dela.

Seus mamilos endureceram. Ela curvou as costas, curvou-se para ele.

— Mmm, eu certamente não mais.

— Você certamente não vai mais mentir para mim, Prudência.

— Eu não. — Ela gemeu quando ele lambeu a borda de sua orelha. — Eu juro que não. — Eu não tomo banho nua — disse ela.

— Eu posso ajudar você a consertar isso. — disse ele com sua voz rouca.

— Agora? — Ela perguntou com a respiração lenta, tentando não implorar. — Você vai me tocar? Como antes?

— Você me quer?

— Sim. Por favor. — Sua língua deslizava para fora umedecendo os lábios.

— Eu tenho que perguntar. — Ele mergulhou a mão para baixo, mais baixo ainda, até que as pontas dos dedos tocaram a bainha da camisa. — Porque você ainda é virgem, querida? O que você espera? Casamento?

— Você — ela admitiu com um gemido. — Eu esperava por você.

Gray sentiu o seu pau endurecer em reação a suas palavras. Por horas, ele vinha lutando uma guerra desesperada, tocá-la ou não tocá-la.

Adivinha quem ganhou?

Ele estava muito consciente do movimento dela, cada suspiro. O desejo bateu através dele. Inferno, quando ela já tinha deixado? Ele reagia a ela como uma droga, e ele era impotente para resistir. Ele estava se tornando viciado nela, querendo-a constantemente, necessitando marcá-la como sua, quando ela gozasse. Ouvir seu nome em seus lábios.

Todo instinto masculino que ele tinha, queria que qualquer homem que entrasse em contato com ela soubesse a quem ela pertencia.

Agora, indo para o Templo de Cronus. Mas houve uma tempestade, não estavam na floresta, e por último o naufrágio dentro dela seria o mais prazeroso erro de sua vida.

Ele não a morderia. Ele não iria deixar que ele próprio o fizesse. Se a necessidade veio sobre ele, ele deseja controlá-la, não importa o quanto ela parecesse incontrolável. Pelo menos, é isso que ele se diz para aliviar a sua consciência.

— Se você não quiser terminar isso, me diga agora. — Ele se colocou contra a fenda de seu traseiro. — Quando eu começar, eu não vou parar. Não dessa vez.

— Eu quero você mais do que já quis qualquer coisa em minha vida. E eu não vou deixar você parar.

Ele a sacudiu, inalando o aroma do sal, e esmagando seus lábios contra os dela. Ela abriu a boca e a ponta da língua dele deslizou para dentro, seus dentes chocando com força a sua entrada. Ele segurou a curva do queixo dela, obrigando-se ao ser gentil quando tudo que ele queria fazer era marcá-la como sua.

Suas mãos acariciaram seu peito nu, achatando contra seu mamilo, em seguida prendendo em torno de seu pescoço.

— Eu adoro o seu calor e dureza, — ela ofegou. — Você acha que eu nunca vou obter o suficiente?

— Não, nunca. Você tem um gosto tão bom. — Suor gotejava da sua testa, ela suplicando apertado, para aumentar seu ritmo. Ele passou suas mãos sobre seus ombros, seus seios.

Ela gemeu de dor e prazer, as pernas agarrando em torno de sua cintura, segurando sua ereção, tanto quanto possível.

— Eu quero estar nua, — ela ofegou.

— Eu quero você dessa maneira, também. — Ele mordeu em seu queixo, no canto da boca dela, esfregando-se contra ela. — Como você faz isso comigo? Como me faz tão mau por precisar de você?

O puro prazer em suas veias chiou quando ele acertou o exato local em que ela precisava dele.

— Mais uma vez, ela suspirou. — Lá.

Ele puxou de volta, empurrou para frente. Desta vez, ambos ofegaram com violência.

— Às vezes... Quando eu vi você na minha visão com outras mulheres... — Ela levantou a cabeça e sugou um de seus mamilos, se divertindo no sabor masculino da sua pele — fingi que você estava — Ela lambia seu caminho para o outro lado e sugou — Comigo ao invés.....

Um bruto gemido saiu dele. Outro raio explodiu no céu, afastando de longe da escuridão por uma fração de segundo, e no segundo que seus olhos se encontraram. A água azul do oceano contra o guerreiro de aço. Labareda fogo. Ele olhou para ela e franziu a testa.

— Já te beijei assim antes, — disse ele, sua voz tensa — Mas não na banheira.

— Em sua mente. Sim.

Ela o agarrou tentando aproximar sua boca com a dela, mas ele agarrou suas mãos e prendeu sobre a cabeça dela.

— Eu pensei que sonhava, mas você estava realmente lá. Lutamos com um demônio e um vampiro, e então nos beijamos. E realmente aconteceu.

— Sim, — disse ela, nunca deixando seu olhar. O que importa este assunto agora? Ela precisava desesperadamente e ela não sabia se podia suportar isso se ele a recusasse. Nestes últimos dias tinha sido um despertar demasiadas vezes sem chegar à plenitude. — Será que você está chateado?

— Claro que não. Eu apenas quero agradecer.

Um arrepio correu através dela, vibrando com ele.

— De nada.

— Você é a coisa mais linda, querida. — Ela o amava, ele percebeu, o choque ainda martelando através dele. Ele sabia que ela o desejava, mas ele não conseguiu perceber que ela havia lhe dado o coração. Até agora. Quando ela tinha entrado na cabeça dele naquele dia em que ele foi ferido, ele leu o seu pensamento e ela tinha sido incapaz de esconder seu amor por ele.

Longe de fazer amor... Ele queria sair dela, Gray encontrou-se irremediavelmente atraído por ela, necessitava dela muito mais.

Queria ouvi-la dizer isso. Ele tinha que ouvi-la dizer isso.

Ele inclinou a cabeça para beijar-lhe o pescoço, quando o cheiro de seu doce, doce sangue ficou em seu nariz. Ele engoliu. A necessidade de sangue, o sangue dela, o tinha acordado.

Ele precisava suavizar as coisas, trazê-la para um nível controlável enquanto ele dava prazer a ela tão detalhadamente que amá-lo fosse à única coisa que ela soubesse. A única coisa que ele sabia.

Ele deslizou sua mão ao longo da curva de seus quadris, em seguida ele chegou à barra de sua camisa. Até... que ele levantou o tecido. Lentamente, ele quase a matou indo tão devagar. Ele a tentou, praticamente não existiam terminações nervosas com toques e, quando o tecido foi apanhado em sua cintura, ele pausou. Silêncio englobava a tenda. Nem mesmo o som de sua respiração podia ser ouvido. Talvez ela esperasse ansiosamente pelo próximo movimento dele.

Seu sangue provocado com a eletricidade enquanto seus dedos em sua cintura jogavam novamente. Sua pele era tão suave. Assim, perfeita. Ela era de seda e de rosas.

— Eu não quero assustá-la, — ele sussurrou rouco, já sabendo que ela estava longe de ter medo. — Diga-me se eu fizer algo que você não gosta.

— Eu não sei.

— Eu vou explicar tudo que estou fazendo com você, — acrescentou ele, ordenadamente cortando seu protesto. — Agora, vou simplesmente tocar você. Suas pernas, o estômago, cada curva, cada lugar sensível do seu corpo.

— Sim. Tudo bem.

— Vamos descobrir do que você gosta, juntos.

— Toda vez que você me tocar, eu me sinto lambedor em chamas, me queimar. Gosto disso.

Ele deu um sorriso apertado e ofegou. Mais suor escorria do seu rosto.

— Se você não se sentir assim, isso significa que eu estou fazendo algo errado. É o meu trabalho, não, meu privilégio fazer o fogo se tornar um inferno.

Enquanto ele falava, ele traçava o seu nome em sua coxa. Ela era sua, isso é tudo o que ela era. Só dele.

— Oh, sim. — Seu baixo e necessitado gemido misturado com um suspiro de prazer. Os sons combinados emergentes, mais como um ronronar.

Um homem fiel à sua palavra, Gray apresentou-se adequada ao seu corpo.

— Vou tocar os seus seios.

— Tal como antes?

— Tal como antes.

Ele demorou lá, amassando e rodando seus mamilos entre seu dedo e o polegar.

Seus quadris arquearam seu corpo curvado. Sua cabeça caiu para trás, o longo cabelo sedoso fazia cócegas no peito. Trovão retumbou e a chuva aumentou a pressão, batendo contra o abrigo. Ele nunca mais veria outra noite tempestuosa e iluminada pela lua, sem pensar em Jewel.

Ela tinha paixão encarnada.

Ele só tinha um simples vislumbre da sua paixão, mas ele estava ansioso para mais. Quando ele ia beijá-la, ela entrou em erupção. Apenas como aquilo. Suas mãos tinham deslocado ao longo dele, sua parte inferior arqueada contra ele. Quando ele tocou-lhe...

— Vou fazer uma nota mental de que ambos gostamos deste espaço. — Sua voz era tensa, tão tensa que ele quase não conseguiu pronunciar as palavras. Ele nunca tinha estado na extremidade antes? Ele não achava, ele não podia se lembrar de um tempo quando uma mulher já tinha invadido sua mente tão detalhadamente.

O estômago de Jewel tremeu quando ele parou para umedecer seu umbigo. Tão suave, tão sexy. Ele poderia ter passado o resto da noite lá, mas continuou a sua exploração.

— Vou tocar sua parte traseira.

— Sim. Por favor. — Ela arquejou as palavras, sua voz forte com antecipação. Quando ele chegou às curvas arredondadas, ela arqueou os quadris. Ele massageou.

Ele se chamou de um milhão de espécies de bobo enquanto seu olhar fixou em seu pescoço, olhando o pulso lá.

Resmungando, ele mergulhou a mão entre suas pernas. Quando ele começou a mover seus dedos até o interior de sua coxa, ela gritou.

— Gray, eu preciso, eu não sei! Eu vi você uma centena de vezes, mas não sei o que eu preciso.

Ele riu, o som mais um colapso de suspiro do que nada. Ela estava se esfregando contra ele, silenciosamente articulando

— Você precisa de um contato mais íntimo, querida. Como isto. — Ele aproximou a mão através do tufo de cabelo sedoso guardando suas dobras molhadas, em seguida, afundou um dedo dentro de sua envoltura apertada.

Seu quadril instantaneamente atirou em direção ao céu.

— Oh, Deus.

— Você me ama? — Ele puxou seu dedo e espalhou a sua umidade em carícias circulares. Os vestígios finais de seu controle estavam se esvaindo. Um sentimento de urgência foi ultrapassando-o.

— Gray. Gray! Faça isso de novo! — Ela comandou, ignorando sua pergunta.

Sua boca esticou apertada com a tensão de sua própria excitação, a sua necessidade de sangue. Suor já não escorria; ele gotejava de suas têmporas. Deus, ele adorava ouvir o nome dele em sua boca.

— Você já se tocou assim muitas vezes? — Perguntou a ela. Então, ele facilmente a imaginou espalhada em uma cama de seda e cetim, azul como os olhos dela, se dando prazer, elevando-se a clímax enquanto ela imaginava o rosto dele.

A imagem por si só foi suficiente para fazê-lo derramar, branquear sua mente.

Ela hesitou

— Só que uma vez. Na banheira. Minha pele estava muito quente e apertada. E eu queria experimentar sua posse tão mal.

Usando o polegar em seu clitóris, ele afundou dois dedos nela.

— Você me ama?

— Ohh, — ela gemeu, outro ronronar. Ignorando a pergunta novamente. Ela jogou a cabeça para trás, a sua pélvis arqueando e esfregando sua virilha.

Ele acalmou o prazer que a consumia, o êxtase de um simples toque. Ele estava tão duro como uma rocha, a sua respiração irregular. Quando ele mover seu terceiro dedo dentro dela, ela gritou o nome dele, o som quebrando um soluço. Seu corpo provocando espasmos e apertado em torno de seus dedos. O calor radiou de cima dela, rodeando-o com o seu delicioso perfume.

Termine isto, sua mente gritou.

Lentamente ele removeu os dedos. Ele tirou suas botas e calças e as chutou, o seu pênis finalmente liberto. Ele seria o primeiro. Seu primeiro homem, o seu primeiro amante. Seu instinto possessivo berrou à vida, uma poderosa avalanche desmoronou através dele.

Ele não podia lutar contra o seu fascínio, e ele tinha sido tolo para mesmo tentar, independentemente da sua fundamentação tinham sido. Eles eram de diferentes mundos? Então o quê? Ela leu a sua mente? Quem se importava. Ele pode engravidá-la? Deus, sim. Ele queria que ela tivesse o seu bebê. Ele queria enchê-la com sua semente. Ele pode mordê-la? Mmm...

— Você me ama? — Gray encaixou-se na sua entrada, e as pernas dela em volta dele apertando. Seu olhar se mudou para seu pescoço, sua boca regando — Você é minha, você é minha, você é minha. Diga-me você está pronta para mim.

— Agora. Por favor, agora.

Colocando-se entre as pernas dela, moveu dentro dela atormentando polegadas por polegada.

— Tome tudo.

— Sim, sim.

— Tudo. — Finalmente seu hímen cedeu, e ele meteu todo o resto, até o cabo. Ele rugiu de prazer, de alguma forma conseguiu manter-se quieto. — Você é minha, você é minha, você é minha. Está ferida? Eu machuquei você?

— Mais, eu quero mais.

Outro rugido de satisfação o atravessou, e ele começou a mover-se para dentro e para fora. Acelerando seu ritmo, ele aumentou as primorosas sensações. Ela foi arqueando e movendo-se com ele, contra ele. Ela massageou e apertou suas costas. Ela agarrou. Ela mordeu o seu pescoço.

Ela era selvagem em sua necessidade.

Ele mal conseguia vê-la na escuridão, mas o pouco que ele podia encheu sua mente. Suas pálpebras semi abertas, sua cor elevada, dentes mordendo seu lábio inferior. Os cabelos negros como o corvo derramado em torno de seus ombros. Ela era a própria imagem do erotismo.

Ela era sua.

Seu orgasmo o balançou, e ele gritou o nome dela, batendo nela tão profundamente quanto possível. Ele bateu exatamente no ponto certo, porque ela gritou, também, seu segundo clímax brotando à vida instantânea, o interior de suas paredes apertando em volta dele. Todo o tempo, ele lutou com o desejo de morder e ganhou. A necessidade estava lá, mas a sua necessidade de protegê-la foi maior.

Ele permaneceu onde ele estava até o último tremor abandoná-lo, então finalmente desmoronou ao lado dela, mais satisfeito do que ele nunca esteve em sua vida. Muito tempo depois, ela espiou olhando-o ele através do espesso escudo de suas pestanas. Algo em seu peito apertou, vendo-a assim. Então, satisfeita. Incrível.

Ele não podia desistir dela, ele pensou então. Jamais.

— Bem, merda, — disse ele. Ele preocupado com uma mão sobre o seu rosto, e puxado Jewel para cima seu peito com a outra. Ela não disse a ele que o amava. Ela ficou quieta? Ele a tinha interpretado mal?

— Algo está errado? — Ela perguntou tímida.

— Vá dormir, querida. Nós conversaremos de manhã. — Seu corpo já estava em chamas para ela, pronto para a segunda rodada.

Ele a amava. Ele amava. Ela era para ele, a única. Sua alma gêmea. Aqui, na escuridão da noite, não havia como negar. Não havia um "talvez" ou um "provavelmente", ou mesmo o certo

— Eu me importo com ela. — Ele nunca se sentiu mais repleto, mais saciado, do que ele estava naquele momento.

Era o que ele precisava, também. Outra complicação para esta merda de missão fácil.

CAPÍTULO DEZOITO

Jewel flutuava através das nuvens, tão apaixonada por Gray, pensava que nunca poderia cair. Um sorriso dela apareceu em seus lábios. O que Gray tinha feito com o seu corpo... Pura magia, deixando-a cansada e saciada. Fazer amor com ele dava-lhe um sentimento de realização e contentamento que ela não tinha sonhado ser possível.

A Noite chegou e a chuva parou. O chão debaixo dela era duro, embora ligeiramente suavizado pelo musgo e folhas, mas a presença de Gray compensava qualquer desconforto. Ela deu um prolongado suspiro, amar do jeito que ela foi amada nos braços dele, aconchegando-se contra ele.

Esta era a vida que sempre tinha sonhado. Toda vez que tinha sido castigada, cada vez que alguém tinha morrido por causa de suas previsões, ela tinha imaginado a segurança dos braços do Gray.

Ela tinha chegado tão perto de gritar seu amor por ele. Ele perguntou a ela se ela o amava, por várias vezes, e cada vez ela teve que lutar para silenciar suas palavras. Se ele afastava-se dela... Ela estremecia.

Ele proferiu uma sequência de palavras ininteligíveis, cortando através do silêncio da noite. Seu corpo sacudiu e Jewel virou-se e sentou.

— Au! — Ela gritou quando bateu sua testa no teto do abrigo. Jewel encostou e mudou de posição. Estava impossível de ver a tenda no escuro; afinal, não havia absolutamente nenhuma luz. Ficou olhando para Gray, vendo cada detalhe de seu rosto.

Seus olhos estavam abertos e brilhando, uma misteriosa cor vermelha. Sua pele estava pálida, e seu suor derramava-se sobre seu corpo. Seu estômago tremia. Mudanças estavam acontecendo dentro dele.

— Gray — disse ela. O que ela poderia fazer? Como ela poderia ajudá-lo a aceitar o que estava acontecendo? Inclinou-se e sussurrou em seu ouvido. — Eu estou aqui. Você está em segurança. Nada de ruim vai acontecer. Eu prometo.

Lentamente seus músculos relaxaram.

— Estou aqui — ela repetiu. — Eu estou aqui.

A Cor espalhava-se por sua pele, devolvendo-lhe a sua cor natural. Seus olhos deixaram de brilhar, perdendo a intensidade em tons graduais. Jewel suspirou de alívio.

— Como você se sente? — perguntou ela.

— Eu posso ver no escuro — afirmou categoricamente. — E como você pode ver, eu não estou usando meus óculos de visão noturna. Tenho de sair daqui.

Gray rapidamente se vestiu e saiu da tenda. Uma brisa fria beijou seu rosto. Sem perder tempo com suas botas, ele segurou seu transmissor e caminhou para o rio, Contemplando a beleza da terra. As folhas flutuavam sobre os troncos das árvores. A água clara do rio, ondulando contra o vento. Um cardume de peixes cor de arco-íris passou nadando, as suas barbatanas salpicando na superfície.

Ver no escuro era um truque, sim, um truque que ele saberia beneficiar-se. Isso não foi o que lhe aborreceu. Enquanto estava deitado na tenda, Jewel em seus braços, saciada e amada, ele sentiu outro vez o desejo de morder seu pescoço e beber o seu sangue. Desta vez, a necessidade tinha sido quase insaciável. Com Jewel, quanto mais a tocava, mais queria mordê-la.

Ele era humano. Um homem. Não era um demônio ou um vampiro, o epítome do mal. Mas quanto tempo ele poderia aguentar? A necessidade de protegê-la seria uma desculpa para manter seus dentes longe de seu pescoço.

Ele pensou errado.

— Santa Mãe — disse ele para o transmissor. Talvez seu chefe pudesse ajudar.

Jude Quinlin veio online momentos mais tarde e eles discutiram Ra Dracas e a lista que Gray queria. Aparentemente vampiros detestavam fogo, demônios odiavam o frio, Formorians podiam ver no escuro, essas coisas que ele já sabia.

— Existe uma maneira de um vampiro voltar a ser humano?

— Não que tenhamos encontrado.

Gray terminou a transmissão e passou a mão em seu cabelo. Não havia nenhuma dor em seu braço. Nem dor em seu pescoço, nenhuma ferida.

Eles foram completamente curados.

Um ofego soou atrás dele e olhou ao seu redor. Jewel com a boca aberta, e seus olhos azuis transcendentais estavam olhando para os pés de Gray.

— Você está flutuando.

— O quê? — Seu olhar foi ao chão. Meu Deus. Seus pés estavam suspensos no ar. — Como posso descer? — perguntou ele.

— Tente visualizar seus pés tocando o chão? — Uma pergunta, ou uma afirmação.

— Você não sabe? —disse Gray

Sem responder, Jewel manteve uma certa distância entre eles, segurou seu tornozelo e puxou-o para baixo. Ele flutuou suavemente para baixo, e seus pés tocaram o chão.

— Eu pensei que eu poderia lidar com essas mudanças — disse ele.

— Você está vivo. Nada mais importa.

— Estou cada vez mais parecido com um deles.

— Não, você ainda é Gray. Meu Gray.

Seu olhar passou pelo pescoço dela, viu o pulsar de sua veia.

— Você não diria isso se pudesse ver dentro da minha cabeça agora.

Jewel passou a mão sobre peito de Gray, deslizando sobre os músculos do estômago, fazendo sua pele queimar. Assim como ele fez com ela, ela encontrou seus mamilos e os apertou entre os dedos.

— Você é Gray — disse ela novamente. — Você é duro e quente e maravilhoso. Você não é um monstro.

Gray sentiu seu sangue ferver de desejo. Todos os seus sentidos foram subitamente alterados.

O perfume místico de Jewel estava deixando sua boca cheia de água.

Talvez, se ela permitisse prová-la, apenas um pouco de seu sangue... Ele afastou-se para longe dela. Claro que não. Se ele a levasse em seus braços, perderia o controle.

Dor e constrangimento passaram em seu delicado rosto.

Ele quase a chamou de volta, mas conseguiu resistir.

— Não me toque novamente.

Os olhos dela se abriram de surpresa, e ela tropeçou para trás.

— Mas... Por quê?

A cúpula começou a emitir um pequeno raio de luz, varrendo sobre árvores e pedras. Ele ignorou-a com a mesma determinação que ela desejou ignorar suas perguntas de amor na noite anterior.

— Vamos nos arrumar. Temos que nos adiantar, se quisermos chegar ao Templo de Cronus no horário.

Enquanto ele falava, o cabelo na parte de trás do seu pescoço arrepiou. O canto do olho capturando um movimento, seu instinto gritava para ele esconder-se. Agarrou Jewel pelos braços e ambos deitaram no chão. Uma lança atravessou o ar, passando pelo lugar em que ele tinha estado de pé e acertou um tronco de uma árvore.

— Queremos Dunamis, humano. Se você a der para nós, a sua morte não será tão dolorosa.

— A profunda voz masculina soou tão alto como trovão, e veio da água.

Gray esqueceu tudo, menos de proteger sua mulher. Ao mesmo tempo, ele marcava suas rotas de fuga e até o tamanho de seus inimigos. Havia, pelo menos, cinquenta tritões na água, com as lanças levantadas. Se ali tivesse um raio de luz, Gray saberia que essas lanças estariam incrustadas em suas costas. A vontade de lutar com eles era muito forte, mas não se ariscaria que Jewel saísse ferida.

— Vamos — disse a ela, ficando rapidamente em pé no chão. Ele manteve o seu corpo protegendo Jewel.

Ele empurrou-a para as sombras da floresta, agarrou seu pulso e começou a correr. As rochas cravaram seus pés nus, mas ele se manteve firme, correndo.

— Pelo menos eles têm que ficar na água. — Um galho de árvore bateu em seu rosto. Ele seguiu o terreno para travar um pouco na frente de sua barraca.

Jewel balançou a cabeça violentamente.

— Depois de uma tempestade, eles podem andar sobre a terra.

Claro que podiam.

— Eu não posso acreditar que isto esteja acontecendo — disse ela, chateada.

— Fale baixo. Estão com uma lanterna, procurando nossas pegadas, — com movimentos rápidos e precisos. Ele desmontou a tenda. — Quanto tempo nós temos?

Jewel permaneceu calada.

Gray calçou suas botas e andou ao redor do acampamento, pegando todas as suas coisas e guardando em sua mochila.

— Qual caminho devemos seguir? — Ele apertou a mão de Jewel e seguiram em direção às árvores, usando as rotas de fuga que ele tinha desenhado.

Ela não respondeu. Seu corpo estava tenso, ela pouco se movimentava, atrasando-o.

Praticamente obrigando Gray a arrastá-la.

— Eles estão deixando a água.

Sua voz era tão transcendental como os olhos dela. Surreal. Como mil vozes em uma só. Seu rosto estava pálido, parecia estar em transe.

— Eles pretendem derrubar essas árvores até que sejamos encontrados e destruídos.

— Querida, eu sei disso. O que eu não sei é para onde ir. Você precisa me guiar.

Silêncio.

Jewel tropeçou e caiu. Seu corpo estava rígido. Ele a agarrou, absorvendo seu peso. Bom Senhor. O que estava acontecendo com ela? Não sabendo mais o que fazer, Gray a colocou em seu ombro. Ele partiu em velocidade.

— Jewel?

Novamente o silêncio.

Ele de uma tapinha em seu bumbum.

— Querida, me diga para onde devo ir.

Ela imediatamente respondeu.

— Vamos para a Cidade Interior. Ali você vai encontrar um escudo, para protegê-lo.

— Um escudo? O que você está falando? — Voltando para a cidade, o seu ritmo acelerado. Ele nem sequer pensou em colocá-la no chão. Ela continuava em transe, a sua voz era estranha. Ele estava preocupado com ela, quis assegurar-se que ela estava bem, mas ele poderia perder o ritmo, e ficar mais lento.

O Tritão disse algo que o incomodou... Mas o quê? Caminhando entre as árvores, ele repetia a voz do homem-peixe em sua mente.

Queremos Dunamis, humano. Dê-nos.

Ele piscou. Eles pensavam que ele tinha a joia. Porque pensavam assim? A menos que... A menos que a sua suposição de ontem à noite quando ele falou com seu chefe estivesse certa. Dunamis podia respirar, Jude tinha dito.

Como Dunamis, Jewel sabia o que seu inimigo planejava e sabia como ele poderia seguir em segurança. E ela disse-lhe que Dunamis estava sendo protegida por um homem que queria destruí-la. Proteja. Destrua. Os dois eram completos opostos. Gray queria proteger Jewel, mas ele queria destruir Dunamis.

Ele balançou a cabeça. Certamente que não. Não. Não é possível. O nervosismo se instalou em sua mente, a idéia se recusou a sair. Sua Jewel não era a Joia. A Joia de Dunamis era uma pedra.

Por favor, Deus, deixe a Joia de Dunamis ser uma pedra.

Ele foi correndo pelo que pareceu uma eternidade. Sua respiração emergiu esfarrapada, e ele odiava que Jewel mexia-se para cima e para baixo no seu ombro como um saco de batatas. Ele estava machucando-a? Ela nunca proferiu um protesto.

Uma lança passou longe da orelha dela e, em seguida, outra, quase o acertando. Novamente, seus reflexos os tinham salvado. Gray inclinou-se rápido, olhando para trás. Os mermens estavam se aproximando. Rápido. Suas caudas tinham se dividido em duas, dando-lhes brilhantes, escaladas pernas. Como diabos ele poderia fugir deles?

— Para onde posso ir, Jewel? Onde você vai estar segura? Como faço para nos tirar daqui?

— Voe. Mermens não podem voar — disse ela. — Você pode.

— Voar? — No rio, ele flutuou, mas não tinha sido de propósito. Ele não sabia como fazê-lo por si mesmo.

Outro lança zumbiu passando por ele.

Ele ouviu um corte através do ar e foi capaz de se esquivar para os lados antes de ser atingido. Aqui em baixo, como agora, Jewel estava em perigo. Isso era garantido. Ele tinha que tentar.

— Ah, merda — ele murmurou então se imaginou voando.

CAPÍTULO DEZENOVE

— O Rei Mer, das sereias, nos enviou um mensageiro. — Layel acariciou o queixo e arqueou as sobrancelhas enquanto ele esperava a reação de Marina.

A rainha demônio estava deitada em sua cama improvisada de peles, os braços cruzados por trás do pescoço. Ao invés de armadura, usava um vestido suave, leve que mal cobria sua pele seca e verde.

Eles estavam na floresta, fora da Cidade Interior, planejando guerrear com os dragões, e ela parecia pronta para dormir. Nunca Layel tinha encontrado uma criatura mais vaidosa e repulsiva. Seu exército era tão ruim. Eles sabiam os fundamentos da guerra, mas estavam até agora ocupados devorando a carne dos animais, tudo esquecido.

— Então? — ela disse finalmente, finalmente reconhecendo sua presença. Suspirando, ela relaxou sua barriga, expondo pequenos chifres. — O que ele disse?

— O Rei Mer encontrou o homem que destruiu seu palácio, e fugiu com seu animal de estimação favorito.

Marina ergueu e torceu a cara para ele, suas feições bastante más cintilando com entusiasmo.

— Onde eles estão?

— Em seu caminho para a cidade.

Em poucos segundos, ela estava de pé e diminuindo a distância entre eles.

— Nós não podemos permitir que os Mers os encontrem. Ela pertence a mim, e ele vai morrer pela minha mão.

Esmagado pelo perfume inebriante de enxofre que sempre cercava a rainha, Layel deslizou um passo para trás. Dois. Toda a cidade inteira não seria longe o suficiente, na verdade.

Essa mulher que ele encarava e pretendia agarrar em alguns aspectos era parcialmente responsável pela morte de sua amada. Ela não tinha efetuado o golpe, não. Os dragões seguravam o pecado. Mas Marina tinha visto aqueles bastardos cuspirem fogo, assarem Susan viva e não tinha feito nada, exceto rir.

Ela pagaria poderosamente por aquele riso.

Layel não tinha outro propósito na vida do que destruir aqueles que desempenharam um papel na morte de Susan. Ela tinha sido — e ainda era — tudo para ele. Ela era humana, uma dos raros seres humanos aqui amaldiçoados pelos deuses para servirem de alimento para os habitantes da cidade.

— O homem possui Dunamis. Você realmente acha que o Mers vai pegá-lo? — Layel falou lentamente. — É por isso que o rei enviou um mensageiro. Ele pede a nossa ajuda na captura do homem, porque ele sabe que não pode lutar contra o proprietário do Dunamis por conta própria. — Layel correu uma mão elegante sobre a camisa preta que vestia, uma camisa coberta por uma couraça resistente ao fogo. — Eu duvido que possamos capturá-lo, para ser honesto.

Ela rangiu os dentes afiados juntos.

— Nós temos os nossos exércitos à nossa disposição. Claro que podemos capturá-lo.

— Por que perder tempo e nossa energia tentando? Juntos, podemos derrotar os dragões, e isso é tudo que importa para mim. — Ele amava insultá-la.

Sua língua como a de um lagarto sacudiu num assobio.

— A nossa vitória estará assegurada se capturarmos a Joia.

Enquanto Layel gostasse de possuir a joia mais poderosa, ele não queria e a coisa próxima de Marina. A rainha a tinha possuído por mais de um ano, e foi à única razão pela qual Layel nunca agiu contra ela. Agora, ele poderia usá-la e traí-la e ela nunca suspeitaria. Até que fosse tarde demais.

— Eu não vou ser capaz de lutar contra os dragões na minha melhor capacidade sem ela

— disse ela com um sorriso. — Vou estar muito distraída.

Ele tentou forçar sua expressão a permanecer neutra, em vez de sorrir em sua tentativa óbvia de manipulação.

— Então, naturalmente, é um prazer tentar capturá-la para você.

— Vou mandar meus homens através da cidade, também. Eu não quero que você se esqueça de me dizer que você a conseguiu. — Enquanto ela sorria com satisfação, Layel saiu de sua tenda. Demônios estavam por toda parte. Eles se espalhavam pelo vale estreito circular, as risadas e seu nocivo perfume fazendo seus músculos tensos.

Ele espreitava pelo penhasco à beira do campo. A luz cheia o saudou, picando a sua pele. Alguns de seu povo não podiam tolerar a luz. Os mais velhos como ele, podiam andar durante o dia, mas não confortavelmente. Ele e Susan tinham passeado em dias como hoje, ficado na cama e feito amor hora após hora.

Deuses, ele a perdeu. A música do seu riso, a suavidade de seu toque. O amor em seus olhos verde-floresta. O seu sangue doce e inocente. Suas pálpebras se fecharam e ele enviou o seu olhar adiante, para a cidade. Seus vampiros foram estrategicamente colocados no topo dos edifícios e escondidos ao longo das ruas.

Eles eram guerreiros, os seus homens. E eles estavam famintos por sangue de demônio.

Em breve. Ele sorriu. Logo.

CAPÍTULO VINTE

— Jewel.

A voz chamou-a de um longo, escuro túnel. Ela tentou responder, mas seus pulmões se recusaram a cooperar.

— Jewel.

Ela abriu a boca, com certeza a coisa mais difícil que ela já tinha feito, mas novamente não saía nenhum som.

— Jewel. Vamos, querida. Fale comigo.

Gray. Ela reconheceria aquele sotaque sexy em qualquer lugar, a qualquer momento. Ele parecia preocupado e muito chateado. A neblina cobrindo sua mente era grossa, mas ela conseguiu empurrá-la e suas pálpebras se abriram.

Gray agachado na frente dela, os olhos de prata nadando com uma riqueza de emoções: preocupação, alívio, medo.

Ela piscou e lambeu os lábios, orientando-se. Onde eles estavam? Do que ele tinha medo? Claras mechas de cabelo caíam na testa. Sujeira listrava suas bochechas.

Ele acariciou a ponta do dedo por seu nariz.

— Não faça isso de novo, ou eu vou, apenas não o faça. Entendeu?

Fazer o quê? Ela olhou ao seu redor, observando as construções de pedra flanqueando-a de frente e nas costas, o cascalho que ela estava em cima e o manto dobrado sobre sua cabeça. Os sons de pessoas conversando, batendo os cascos dos cavalos, e os aromas de carnes e frutas moviam-se em sua consciência.

— Estamos na Cidade Interior, — disse ela. Lembrou-se de estar à beira do rio, os Mers atacando e então... Ela teve uma visão, ela percebeu com uma sacudida de cabeça.

Ela sempre perdia a noção do tempo e lugar.

— Como chegamos aqui?

Sua face queimava em vermelho brilhante.

— Eu, uh, uma espécie de voo, nós voamos. Primeira classe, — acrescentou secamente.

— Com asas? — Ela sacudiu-se e experimentou a tontura de um momento. — Você ganhou asas?

— Eu fiz a coisa da levitação. — Seu queixo inclinado para o lado e com ar de eu-ouso-que-você-me-contradiga. — Os homens-peixes caminhantes estavam por toda parte. Seguiram-nos até aqui. — Ele envolveu o queixo dela e virou a cabeça na direção dele. — Você estava catatônica, e disse que encontraríamos proteção aqui. — Suspirando, ele recostou-se sobre as coxas. — Nós tínhamos que chegar a um lugar seguro. Eu notei demônios e vampiros, também.

Sua testa franziu.

— Eles raramente se aventuram aqui. Tem certeza?

— Nunca esqueço uma criatura que quer fazer-me de café-da-manhã. — Sua expressão irônica combinava com seu tom.

Ela riu, mas seu divertimento rapidamente desapareceu.

— Eu não deveria estar rindo. Nós estamos em perigo.

— É bom encontrar humor em momentos como este. — Seu braço envolvendo sua cintura e ergueu-a. — Está tudo bem?

Ele observou-a atentamente, procurando em seu rosto por... algo. O quê?

— Você quer me dizer o que aconteceu com você? — Perguntou ele.

Ela engoliu, lambeu os lábios. Como poderia explicar o que tinha acontecido com ela, sem revelar demais?

— Às vezes eu perco a consciência. Eu — um salpico soou, e Gray moveu a cabeça para o lado. Um pequeno pássaro bebia de uma poça.

Quando percebeu que não eles tinham sido descobertos, ele disse:

— Você não tem que se explicar agora. Eu não deveria ter perguntado. Haverá muito tempo para conversar mais tarde.

As palavras não ditas, esperavam penduradas no ar, flutuando na brisa com um ligeiro toque de inquietação. Ela sabia que ele não tinha medo por si mesmo. O homem vivia para o perigo. Prosperava sobre ele. Quantas missões ele tinha se jogado de todo o coração, ansioso para os testes que o esperavam? Incontáveis.

O que significava, ele temia por ela? Oh deuses, ele temia. Ele gostava dela. Choque e prazer e felicidade a mantiveram imóvel. Ele a evitou mais cedo e ela pensou que ele tinha descoberto o seu amor e não queria nada com ela. Ele gostava dela, o conhecimento estava lá em seus olhos, brilhando cintilante.

Reis e rainhas lutaram para possuí-la, para escravizá-la e dirigi-la, usá-la, mas este homem tentava protegê-la. Dar-lhe prazer.

— Vamos sair daqui, — disse ele.

Jewel não lhe deu nenhuma indicação de suas intenções, ela simplesmente se atirou contra ele. Sua respiração arfante enquanto seus fortes, musculoso braços a envolviam.

— Você é um homem maravilhoso, Gray James. — Ela beijou sua bochecha. — Eu sei onde podemos encontrar um abrigo para o dia.

Ele ofereceu-lhe um sorriso terno, mas afastou-se dela como se ele não se atrevesse a segurá-la por muito tempo.

— Eu teria ficado chocado e sentido se você não soubesse para onde deveríamos ir.

Jewel recuou na curva de seu corpo e passou as mãos para baixo, envolvendo suas nádegas. Sensibilização chiava junto das terminações nervosas dela. Ela ficaria feliz permanecendo onde estava o resto de sua vida, mas deu um aperto suave antes de liberá-lo.

— Nós vamos sobreviver a isso se não por outro motivo, para eu ter você na cama.

Suas pupilas dilataram e o olhar dele foi direto em seu pescoço. Ele engoliu em seco e afastou-se novamente, sua expressão endurecendo. Só como seu amante, suave provocação foi embora, e um guerreiro frio ficou no seu lugar.

— Siga-me, — disse a ele, não se permitindo experimentar a ferida sobre a sua mudança repentina. Ele gostava dela. Isso era tudo que importava.

Quando entraram no centro da cidade, o beco de sombras fracas, e eles foram cercados por uma luz brilhante e cintilante. Os soldados de Mer marcharam a partir do limiar de um prédio para outro.

Sabendo como ela era reconhecível, Jewel abaixou o capuz sobre o rosto, em seguida, lançou um olhar rápido sobre o ombro para se certificar de Gray tinha feito o mesmo.

Ele tinha. Mas ela podia ver que seus olhos estavam entreabertos e lacrimejantes, como se o brilho fosse demais para ele suportar. Provavelmente era. Alguns vampiros nunca aprendiam a tolerar a luz.

Ela entrelaçou suas mãos. Seus dedos fortes envolveram em torno dos seus dedos delicados, sua pele áspera onde a dela era lisa. A cidade pulsava com a atividade, assim como antes. Tabernas, pousadas e lojas alinhadas nas ruas, cada uma estourando com criaturas de todas as raças. Ela fez uma pausa enquanto dois centauros trotando passavam, suas risadas ecoando por trás deles. Desfile fluía com sedas e roupas de todas as cores.

Vendedores mascateavam aves assadas.

— Um dia não vou ter de vigiar todos os meus movimentos, — disse ela com determinação.

— Um dia, — ele concordou.

Os olhos de Gray queimavam contra a luz. Ele encontrou-se olhando para Jewel, como de costume. Seu rosto estava parcialmente coberto, mas o que ele podia ver de seus traços irradiava vida, melancolia, e resolução. Tão esbelta como ela era, ela deveria ter parecido frágil e delicada. No entanto, havia um núcleo de força que irradiava dela.

Três demônios corriam pela rua, empurrando o seu caminho através de sereias de aparência delicada, musculosos ciclopes, grifos a perseguir a própria cauda. Os demônios continuamente

esquadrinhavam as faces. Gray endireitou os ombros, todo o seu instinto de matar ou ser morto, em estado de alerta imediato. Ele não demorou enquanto ele movia a faca das dobras de seu manto, apertando seu punho.

Uma mulher minotauro cujo rosto touro peludo era familiar a ele derrapou para uma parada, quando viu Jewel. Seu olhar arregalou, e ela mudou sua trouxa de roupa de um braço para o outro.

— Erwin, — disse Jewel, forçando Gray a parar. — Como está o seu menino?

— Ele está bem, graças a você. — Erwin sorriu. — Eles vieram até nós, assim como você disse.

— Senhoras, vocês podem continuar esta conversa mais tarde? — O mais discretamente possível, Gray posicionou Jewel atrás dele.

Um dos demônios alguns metros na frente deles parou e cheirou o ar. Ele chicoteou ao redor, seus olhos vermelhos pesquisando, pesquisando. Seu olhar fechou em Gray.

— Humano! — A criatura escamosa lançou um assobio como silvo de cobra.

Não esperando por uma festa de boas-vindas a cidade, Gray sacudiu em movimento, arrastando Jewel com ele.

— Nós fomos descobertos, querida.

Pessoas ofegavam enquanto ele os empurrava. O que ele teria dado para algumas balas hollow point⁷. Talvez uma granada. Infelizmente, ele estava sem ambos. Sua única arma era sua lâmina. Demônios podiam voar, então não havia razão para ele para tentar essa façanha, mais uma vez. Além disso, eles fariam melhor se eles se perdessem na multidão. Se ele pudesse encontrar um vendedor que vendesse roupas, ele poderia roubar duas, mudando as cores que ele e Jewel vestiam.

A multidão estava diluindo em um ritmo rápido. Centauros galopavam. Minotauros escavavam o solo, encontrando abrigo sob montes de terra. Pedriscos voavam debaixo das botas de Gray.

A mulher, Erwin, tinha seguido-os, correndo ao seu lado.

— Continue, — disse ela.

— Eu vou distraí-los.

— Não, — Jewel disse, ao mesmo tempo em que Gray disse.

— Obrigado.

— Nós estamos na merda, então vamos ter toda a ajuda que pudermos conseguir, — acrescentou, saltando sobre uma carreta de alimentos caídos. — Pule, — ordenou.

Ela pulou, seu manto ondulante à sua volta como uma nuvem de tempestade. O capuz caiu, e os cabelos derramaram pelas costas, como um rio, preto brilhante. Ela olhou por cima do ombro e viu que Erwin jogara a trouxa de pano contra os demônios, momentaneamente protegendo a sua visão antes que ela fugisse.

Gray continuou correndo entre os prédios e vielas. Ele sabia que os demônios estavam se aproximando. E mais perto. E merda! Eles estavam duplicando em números a cada passo. Seus dentes eram amarelos e afiados como navalha, pingando saliva.

— Lá, — Jewel gritou, apontando.

Ele seguiu a direção de seu dedo e viu um centauro feminino trotando à frente, completamente alheio à agitação por trás dela.

— Não, — disse Gray, sabendo o que ela queria que ele fizesse.

— Sim É o único caminho.

Ele fez uma careta.

⁷ Tipo de projétil com uma cavidade na ponta que aumenta a expansão do dano causado no alvo.

— Apenas salte e corra. Não seja um bebê.

Se ele não soubesse, ele poderia jurar que Jewel parecia animada, ao invés de temer por sua vida. Ele não podia acreditar que ele estava pensando nisso... Ele não se importava de montar uma mulher, mas o inferno santo. Ele preferia que ela fosse Jewel.

Aumentando a sua velocidade, eles se esgueiraram até a amazona. Seu cabelo pálido como o luar, transmitido por trás dela. Sem qualquer aviso, Gray pegou um punhado do cabelo e puxou-se para cima, arrastando Jewel por trás dele. Imediatamente o centauro tentou resistir a eles. Quando isso não funcionou, ela empinou.

— Vamos, cavalo, — disse ele.

— Saia de mim. — Ela se contorcia, tentando morder a perna de Gray. Quando o viu, seus olhos se arregalaram e ela se acalmou. — Adonis! Minhas mais profundas desculpas, Grande Senhor. Obrigado por esta honra. Eu nunca deveria...

— Só se mova.

Sem outra palavra, ela retrocedeu na engrenagem, seu corpo ágil acelerando em movimento.

Vento emaranhava nos cabelos dele enquanto ela corria furtivamente em torno de pessoas, através de becos e sobre carros. A adrenalina subiu em suas veias, fluindo com a força de uma avalanche. Ele tinha experimentado mais adrenalina corre desde a sua entrada em Atlantis e encontrado Jewel do que ele teve em seus dois anos inteiros, com o EIE.

Só de pensar em seu empregador fez suas mãos suarem. Eles estavam ficando impacientes, sabia que eles estavam. Era só uma questão de tempo antes que enviassem alguém através do portal, procurando por ele. O que aconteceria com Jewel, então?

O centauro feminino parou, cavando seus cascos no solo rochoso.

Ele franziu a testa.

— Mantenha-se em movimento. Já!

— Meu Senhor dos Senhores. Há vampiros bloqueando o caminho em frente e demônios estão bloqueando o caminho na parte traseira. — Sua voz tremia de medo.

— Layel, — Jewel ofegou.

Gray desmontou, mantendo o olhar fechado sobre o trio de vampiros. Eles vestiam preto, e estranhamente o material escuro compensava suas peles muito pálidas. Seus olhos azuis eram sobrenaturais... como Jewel, ele percebeu. Que diabos?

Ele piscou, mas sacudiu a sua inquietação. Jewel tentou desmontar. Ele a parou com um aperto firme em sua coxa. Um coro de assobios risos surgiu por trás dele.

— Quando eu disser isso, decole, — balbuciou para a centauro. — Leve-a para a segurança. Vou encontrar uma forma de recompensá-la.

Sua única resposta foi um relincho assustado.

Empurrando a mão dele, Jewel escorregou e ficou ao lado dele.

— Se você ficar, eu fico.

Seus olhos se encontraram, fechando, discordando. No momento seguinte, os vampiros e demônios voaram em ação, indo direto na direção deles.

CAPÍTULO VINTE E UM

Gray empurrou Jewel para o chão e atirou-se protetoramente sobre seu corpo.

Quando ela recuperou o fôlego, ela bateu tentando fazer-se o escudo.

A força dele prevaleceu.

— Dane-se, — gritou ela.

Ele limitou-se a tocar em seus lábios para um beijo rápido, torceu-se, e ergueu a lâmina. Pronto para atacar e defender. A velocidade dos vampiros era incrível, quase mais rápido do que seus olhos podiam ver, tornando-se um borrão em movimento. Ele não sabia como ele iria lutar contra todos eles, ou como ele iria salvar Jewel. Ele só sabia que ele iria lutar até a morte, se necessário.

E parecia ser necessário.

Eles estavam quase ao alcance, o assassinato em seus olhos... quase... Seu corpo ficou tenso, preparado para o impacto e a batalha.

Nenhuma a raça os tocou.

— Que diabos? — Choque martelava por meio dele.

Os vampiros tinham voado para trás deles e pegaram os demônios no ar, caindo junto. Assobios repercutiram, seguido pelo som de sucção. O cheiro de enxofre misturado com um som metálico.

O centauro arremessou em movimento. Gray saltou para cima, puxando Jewel com ele, e tentou seguir o caminho que a mulher-cavalo havia tomado.

— Espere, — Jewel disse, tentando empurrá-lo a parar.

— Onde é a casa segura que você mencionou? — Ele puxou seu capuz sobre sua cabeça, cobrindo seus cabelos pálidos, a determinação o impulsionando para diante. Depois de uma rápida checagem de perímetro pela esquerda e direita — e notar várias Mers, — ele conduziu Jewel para outro corredor.

— Espere. — ela repetiu.

Desta vez, ele girou e encarou-a. Metade de seu rosto estava sombreado pelo capuz, mas os lábios, — aqueles macios lábios feitos para o prazer eram perfeitamente visíveis.

— Querida, essa é a vida e a morte. Nós podemos conversar quando eu tiver você guardada segura.

— Eu li sua mente.

A testa dele franziu.

— De quem?

— Layel. Rei dos vampiros. Eu li sua mente.

Entendimento amanheceu. Ele arrastou-a dentro de um carro perto e deslizou a cobertura sobre suas cabeças. Ele não gostava de permanecer sedentário, mas achatando-se em cima dela, pressionando as costas na madeira lascada.

— Tudo bem, eu estou ouvindo. — Ele manteve a voz baixa, não querendo levar o som. — O que você conseguiu?

Ela estremeceu ao contato.

— Layel quer nos ajudar.

— Por quê?

— Eu não sei.

Inclinou-se para ela até que suas respirações se misturaram, a luz em seus olhos de prata perfurando-a com intensidade. O comprimento rígido de seu corpo se encaixava perfeitamente contra o dela.

— Como você pode saber de um e não o outro?

Jewel lambeu os lábios e derreter contra ele. Gray tinha sido tão distante com ela desde acordar esta manhã. Ele mal a tocou. E agora que ele estava, ela não podia controlar sua reação. Ela o queria novamente.

— Concentre-se, querida.

— As pessoas não pensam de maneira sequencial, — disse ela, forçando sua mente na tarefa em mãos. — Quero ajudá-los por este motivo e aquela razão.

Ele amaldiçoou em voz baixa.

— Você está certa. Eu me sentiria muito melhor sabendo as suas motivações, embora.

— Sim. — Suas mãos coçaram para deslizar até o peito dele, para ter as mãos deslizem para baixo dela. — Seus homens estão mantendo os Mers e os demônios para longe de nós. Ele quer que a gente fique aqui.

— Você tem certeza que ele não vai machucá-la? Você não pode prever riscos contra si mesma.

— Eu tenho certeza sobre isso. Muita certeza.

Ele se mexeu, sua ereção pressionando entre suas pernas. Ela suspirou. Ele não era imune ao seu contato, qualquer um.

— Tudo bem, — disse ele. — Vamos esperar por ele.

Ela passou os lábios sobre a linha de sua mandíbula, formigando eroticamente quando sua barba incipiente a tocou. Mãos subiram as costas dele, ela abriu as pernas e deu-lhe boas-vindas mais profundamente.

Ele parou a sua ação com um aceno de cabeça.

— Não Nós não podemos fazer isso aqui.

— Estamos perfeitamente seguros.

— Não importa. Eu não quero ser pego com as calças abaixadas e, além disso, nosso relacionamento físico está acabado.

— Por quê? — ela sussurrou, congelando internamente.

— Você está me tocando agora.

— Você sabe o que quero dizer.

O tom austero atacou.

— Não, eu não sei.

Ele comprimiu os dentes juntos, e ele permaneceu em silêncio por um longo tempo. Finalmente, ele retrucou:

— Eu vou te machucar, maldição.

Machucá-la?

— A única maneira de você me machucar é não tocar em mim.

Sua boca torceu num esgar.

— As coisas estão diferentes agora. Eu estou diferente. — Seu punho bateu no carro, ao lado da cabeça dela. Maldição. — Eu quero beber seu sangue. Toda vez que eu chego perto de você, eu posso cheirar o seu sangue e eu quero prová-lo.

Os olhos dela se arregalaram. Ele esperava que ela ficasse horrorizada, assustada. Enojada. Como ele poderia saber que ela não era como as mulheres de sua convivência? Ela tinha sido criada neste mundo, onde haver vampiros era normal.

Seu desejo a animava.

Ela nunca tinha sido mordida antes, mas queria partilhar uma parte mais profunda de si mesma com Gray, queria ser a primeira e única mulher de quem ele bebeu. Talvez isso fosse ligá-los, muito mais forte do que eles já estavam ligados.

— Eu quero que você me morda. — Não dando a ele uma chance de protestar, Jewel colou os lábios nos dele. Ele gemeu, em seguida, abriu avidamente, sem protesto, a sua língua rapidamente tomando o controle. Seu sabor, de sexo masculino e calor, invadiu sua boca, um conquistador de boas-vindas. Seus dentes juntaram como seus corpos esticados para um contato mais próximo. Seus seios pressionando em seu peito. Suas mãos envolvendo a bunda dela e puxou-a com força contra a ereção.

Desejo rolou por ela, quente e faminto.

— Você tem um gosto tão bom, — resmungou asperamente. — Nós não deveríamos estar fazendo isso.

— Eu te quero tanto, — ela suspirava.

Ele beijou-a por seu rosto, queixo, pescoço, e sua língua passou rapidamente para fora, roçando a pele sensível. Ela sentiu os dentes dele se alongando, se preparando para a inserção.

— Eu não deveria fazer isso.

— Por favor, faça isso agora. — Seu corpo estava clamando por ele. Ela o amava há muito tempo, desejava-o por tanto tempo. Ansiava por ele. — Talvez o meu sangue vá facilitar as mudanças dentro de você e ajudá-lo a conquistá-los.

— Pare-me se eu te machucar. — Ele abriu a boca contra o pescoço dela e aplicou uma leve pressão. Quase...

— Ora, ora, crianças.— Vocês deviam fazer isso em algum lugar reservado.

Gray levantou-se, de frente para o intruso com um rugido feroz. Tudo sobre ele, de sua postura, punhos cerrados e sua fúria nos olhos vermelhos, gritou a sua intenção de ataque. Sua respiração era rápida e arfante.

Jewel atraiu uma respiração instável e pulou ao lado dele, com as pernas quase dobradas sob o seu peso. Ela enrolou sua mão em torno de seu antebraço. Imediatamente ele relaxou.

— Layel, — disse ela, endireitando os ombros.

O rei vampiro inclinou a cabeça em confirmação. Suas feições eram tão bonitas e perfeitas que poderiam ter sido esculpidas em pedra.

— Deixem a Cidade Interior, — disse ele. Uma gota de sangue negro escorreu do lado da boca. Lambeu-a com um arrepio de desgosto. — Os demônios sempre têm gosto amargo. — Ele deu uma olhada em Gray. — Eu não recomendo.

Outro rosnado baixo ronronou de Gray.

— Declare sua intenção, vampiro.

Layel ergueu uma sobrancelha descuidada.

— Marina está decidida a ter a menina de volta.

— Ela é minha.

Layel riu, o som cheio de rico humor masculino.

— Nenhum de nós quer que a rainha a recapture. Por razões diferentes, eu tenho certeza. Meus homens vão mantê-los em segurança.

Jewel abriu a boca para protestar, mas ele a cortou.

— Você sabe que pode confiar em mim nisso.

Ela assentiu com a cabeça.

— No entanto, são os seus motivos que eu questiono.

— Você não tem que temer pelo seu humano, — disse Layel. — Embora eu tenha certeza que ele iria ser um lanche gostoso, eu estou completamente cheio. E, além disso, ele tem um pouco de sangue do demônio, não é mesmo? Eu só estou interessado na sobremesa, no momento, não mais da mesma refeição podre.

— Dê-me sua mão, — ela insistiu, — para que eu possa me garantir...

Ele afastou-se apressadamente.

— Você não vai me tocar.

E nesse momento, Jewel sentiu seu medo. Ele estava escondendo alguma coisa e não queria que ela soubesse, mas ela percebeu que não tinha nada a fazer para Gray. Ela largou a mão para o lado dela.

— Muito bem.

— Eu não confio nele, — disse Gray, declarando as palavras em voz alta. Ele se esforçava para obter-se sob controle, para diminuir a sede de sangue correndo por ele. Ele quase mordeu Jewel, quase tinha bebido o sangue dela depois de ter lutado tanto para ignorar a vontade.

Ele deveria ter estado aborrecido consigo mesmo.

Ele não estava

Ele tinha apenas raiva por ter sido interrompido.

Ele não gostava deste rei vampiro e não gostava da maneira como o homem observava Jewel, como se a convidá-la para ser seu amigo. Mas mais do que isso, ele não gostava do fato de a criatura maligna se aproximando e se tornando o herói. Irracional, sim.

Mas era trabalho de Gray proteger Jewel, e ele seria condenado se ele permitisse que alguém se aproximasse dela. Especialmente um vampiro.

A ironia disso não lhe escapou.

A mulher foi caçada como um grande cervo premiado durante a estação de caça dos cervos, e ele não ousava confiar em ninguém com ela.

— Sem mim, você vai perdê-la, — disse o vampiro.

— Eu vou permitir que seus homens, nos levam para fora da cidade.

— É melhor mantê-los perto e usá-los para escapar dos demônios.

— Depois disso, eles devem nos deixar.

— Ou o quê? — Layel perguntou com diversão.

— Ou eu vou fazer com seus homens o que eu fiz no castelo demônio.

Layel perdeu o sorriso. Seus olhos azuis-gelo diminuíram ameaçadoramente.

— Muito bem. Se Marina captar vocês, no entanto, eu vou matá-los antes que eu permita que ela use a...

— Layel! — Jewel gritou, nervosismo, explodindo em sua voz. — Você não pode me matar, e você sabe disso. Agora, siga seu caminho. Marina está procurando por você e ela não está satisfeita.

O vampiro realmente fez uma careta.

— Até a próxima vez.

E então ele se foi, dois outros vampiros em pé em seu lugar.

— Vamos, — disse um deles. — Nós não temos muito tempo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Três horas depois, Gray se encontrava sozinho com Jewel e seguros na floresta.

Fiéis à sua palavra, os vampiros os escoltaram com segurança pela cidade e os deixaram em paz.

— Está longe o suficiente, — disse um deles. — Temos que ir agora. Não voltem para a cidade.

Antes que Gray pudesse responder, eles desapareceram em um golpe de movimento.

— Espere aqui, — disse a Jewel. Ele correu por entre as árvores, seus troncos indefinidos por causa de sua própria velocidade. Ele queria ter certeza de que a dupla de vampiros não voltaria e atacaria. Avistaram apenas uma vez, seus cabelos loiro branco chicoteando pela folhagem.

Satisfeito que não voltariam, ele refez os seus passos. Jewel estava exatamente onde ele a tinha deixado, espalhando a refeição que tinham comprado antes de deixar a cidade. Ela levantou os olhos para sua abordagem.

— Espero que esteja com fome.

— Faminto. — Ele se sentou. O ar estava fresco e perfumado, com aromas de verão.

Aves passavam em cima, e o rio corria ao lado deles. O cenário perfeito para um piquenique. Ele quase podia esquecer que ele foi perseguido por loucos Mermen e os demônios com espírito de vingança.

Ele olhou para a comida famintamente. Depois de ter apenas uma barra energética sem sabor no café da manhã, ele teria vendido sua alma — talvez ele já a tivesse o que era um ponto discutível — por uma única mordida daquela a carne suculenta.

— Podemos comer? — ela perguntou tão bem como sempre.

Ele não teve tempo para responder, simplesmente arrancou um pedaço de carne e colocou-o em sua boca. Ele quase gemeu ao puro prazer dela.

Jewel fez gemer.

— Eu não acho que eu já provei nada tão bom como isto, — disse ela. — Bem, exceto você.

Ela ficava dizendo coisas assim, e tal ousadia dela o chocou o suficiente para que ele parasse, a mão-cheia de galinha assada em frente da boca.

— Eu posso dizer o mesmo de você.

Desde o seu último beijo, havia uma forte tensão entre eles. Eles iriam fazer amor novamente; ambos sabiam disso. Ele não podia resistir a ela, ele simplesmente não conseguia. Toda vez que ele tentou, ele só conseguiu dirigir-se insano. Então ele foi feito negando a si mesmo. Sua vontade de mordê-la excitava mais do que a repelia. A bênção que ele não iria questionar.

Ele não sabia com certeza de cem por cento que ela era a Joia de Dunamis como ele suspeitava. Não sabia se ele teria apenas mais uma noite com ela ou muitas. Nada disso importava. Ele a amava, e ele iria ficar com ela.

Quando, ele saberia, seria mais cedo ou mais tarde.

Seu olhar dirigiu-se para ela. Sujeira e manchas de sangue sujavam seu rosto. O cabelo Negro como a noite em cascata, emaranhado pelas costas. E ainda, com a vitalidade espumante em seus olhos azul-oceano, ela nunca pareceu mais adorável. Perfeita.

Esta ternura que sentia por ela, essa ferocidade. Esta necessidade de estar perto dela. Esta paixão furiosa e fome insaciável.

Essa obsessão de proteção.

Somente sua irmã, Katie, já tinha emergido seus instintos de proteção como estes — e agora Jewel. Ele não sentiu nada fraterno por ela.

Sua irmã iria amá-la, ele sabia.

— Você está pensando em sua família, — Jewel declarou. Ela mordiscou uma fatia de pão macio recheado com queijo.

As sobancelhas dele arquearam.

— E como você sabe disso, oh não leitora de mentes?

— Sua expressão é melancólica. Conte-me sobre eles.

— Você já sabe sobre eles.

— Diga-me, de qualquer maneira.

Entre mordidas, ele disse:

— Brian é o sereno, sempre forte, sempre constante. Erik é o pacificador e difícil de irritar, mas quando ele fica louco, — Gray deu um arrepio trocista, — a ira de Erik é uma coisa terrível.

Enquanto ele falava, tudo dentro dele relaxava. O que tinha sido o objetivo de Jewel, ele percebeu com admiração.

— Denver está, neste minuto, provavelmente namorando com a maior Rainha do gelo do mundo.

— Madison ou Jane? — Jewel perguntou com um sorriso.

— Madison.

— Eu me lembro dela. Ela nunca sorri.

— Eu não sei o que o menino vê nela. Ela é sem emoção e, provavelmente, tão divertida quanto uma sonda alienígena na cama.

Jewel engasgou em escandalizado choque.

— Que coisa horrível de dizer.

Um riso escapou e ele foi surpreendido por quão verdadeiro era.

— Talvez aquecer uma puritana seja mais divertido do que eu imaginei.

As bochechas dela avermelharam.

— Eu não sou uma puritana.

— Acredite em mim, Blaze, eu sei. — Ele estendeu a mão e apertou a mão dela. — Nick está provavelmente causando problemas em algum lugar com seu senso de humor distorcido. Katie provavelmente dando a seu marido, Jorlan, oh inferno, e meu pai está, provavelmente, dando para minha madrastra, Francis, inferno. Parece ser uma tradição da família.

— Eu gostaria de poder conhecê-los pessoalmente.

Suas palavras instantaneamente passavam uma imagem através de sua mente, uma imagem de Jewel rodeada por seus irmãos, irmã e pai. Eles iriam recebê-la de braços abertos, adorariam a sua abertura e honestidade, e inferno, ele adoraria ver o rosto dela enquanto sua família de boca de marinheiro a chocava.

— Eu sempre desejei ter a força de Katie, — Jewel suspirou melancolicamente. — Quando ela conheceu Jorlan, ela poderia facilmente ter sido esmagada por sua masculinidade pura. Mas ela acabou conquistando-o ao invés.

Acima, a cúpula lançou um brilho âmbar e o brilho gotejava sobre suas feições, lançando-a em um quadro perfeito de brilho. O peito dele apertou.

— O Crepúsculo está caindo, por isso precisamos terminar de comer. Quero lavar tudo antes das luzes sumirem.

Eles terminaram a refeição em silêncio, e Gray ficou em pé. Ele estendeu a mão.

— Você está pronta?

— Para tomar banho? — Jewel olhou para ele, seu olhar inseguro. — Juntos?

Ele balançou a cabeça.

— Se você entrar na água comigo, vamos fazer amor.

— Finalmente.

Levantando-se, ela enrolou os dedos nos dele. Ele ajudou-a ficar de pé. Um resplendor rosado de excitação coloria o rosto dela enquanto caminhavam a curta distância para a beira do rio.

— Os Mermen irão nos atacar? — perguntou ele, o pensamento agora ocorrendo a ele.

— Eles ainda estão na cidade, e eu não os senti.

— Você os sentiu da última vez?

Ela assentiu com a cabeça.

— É por isso que eu estava vestida e não nua, como prometi. Eu esperava que fossem passar por mim. Estamos muito sozinhos aqui.

Quando ela lançou a mão para desatar os nós na cintura de seu manto, ele a parou com uma voz rouca sussurrada:

— Deixe-me.

Movimentos hábeis, ele moveu o material. A cobertura suja lançada em breve para os tornozelos, deixando-a com as roupas de baixo. Ele jogou o chão, também.

E então ela estava, de repente, gloriosamente nua.

Ele bebeu na visão dela. Rosados, mamilos perolados, barriga lisa como a seda, uma pequena palha de cachos escuros, pernas longas e afiladas.

Perfeição.

Jewel ficou completamente imóvel, para o exame de Gray. Porque o povo de Atlantis a queria por suas habilidades psíquicas, eles a viam como um objeto. Uma coisa. Eles ainda a chamavam de "ela" na ocasião. Nunca a tinha visto como um ser sexual. Mas a forma como Gray olhava para ela... Ela sentia dores. Erótica e desejosa.

— Você é tão bonita, — ele suspirou. Seus olhos estavam aquecidos, a sua voz rouca.

— Obrigada, obrigada. — Ela não sabia mais o que dizer. Necessidade zumbia através dela, e ela estendeu a mão, afastando peça por peça de vestuário indesejado dele. Suas mãos estavam trêmulas. Seu peito era largo e atado com músculos, e os mamilos eram pequenos e marrons, pontos duro contra suas mãos. A trilha fina de cabelo loiro passava pela cintura de suas calças até o fim de seu pênis. O comprimento longo e grosso dele se projetava para cima.

Ela o tinha visto assim antes. Orgulhoso. Despertado. Descoberto, muito escuro, mas para outras mulheres. Desta vez, ele a queria. Estava duro para ela. Seu sangue aquecido com o poder do conhecimento.

— Nós fomos feitos para dar prazer um ao outro, eu acho, — disse ele, levantando-a pela cintura e andando em linha reta na água.

Ela enrolou as pernas em torno dele enquanto o líquido fresco a envolvia, fazendo-a tremer.

O calor de Gray a manteve quente e proporcionou um contraste erótico. Seus braços fecharam em torno dele. Seios contra o peito. Ereção contra a mulher.

— Eu quis você por tanto tempo, — ela admitiu sem fôlego.

— Então me tome, — disse ele, sua voz áspera, mais dura do que ela nunca tinha ouvido.

— Eu sou sua.

Ela o beijou, em seguida, suavemente em primeiro lugar. No momento em que suas línguas se encontraram, ela quase gritou pela súbita corrida de intensidade entre ambos. Toda a força a abandonou. Se não tivesse os braços ao redor dela, ela teria afundado como um invertebrado para o fundo do rio. Uma das mãos dele apertou sua coxa, mantendo a perna dela em torno dele.

A sensação de sua ereção pressionada diretamente contra ela, pronta para a penetração, mas apenas fora do alcance. Ele balançou contra ela. Ela choramingou a explosão inexplicável de prazer, cada terminação nervosa em seu corpo acordou.

— Isso é tão bom. Faça novamente.

Ele soltou uma risada tensa.

— Primeiro, eu preciso lavá-la. Seus seios... eles estão sujos. Apenas imundos.

Ele parecia tão malvado.

— Solte suas pernas, — acrescentou.

Quando ela o fez, ele encheu as mãos em concha com água e despejou em seu peito. Ele assistiu com apenas um sopro como cada gota deslizou sobre seus seios cheios, pegando seus mamilos.

Ele lambeu a primeira gota solta, depois a outra.

— Você está tão suja. Eu preciso lavá-la toda.

— Você está sujo?

— Ah, sim.

Ele beijou seu caminho para baixo por seu estômago, não parando até que ele estava ajoelhado. A água só chegou ao alto de suas coxas. Arremessando para fora, sua língua encontrou o centro dela. Ela gritou com o prazer disso, e curvou a cabeça para trás.

Suas mãos agarraram a cabeça dele, segurando-o no lugar.

Jewel tinha que tê-lo dentro dela. Agora! Ela agarrou-o com as unhas. Ele empurrou para cima e eles caíram na água, às bocas trancadas em conjunto, enquanto o líquido lavava sobre eles, cobrindo-os. Seus corpos enrolados e tensos enquanto as línguas duelavam.

Sua cabeça ficou leve enquanto Gray dava um chute poderoso de suas pernas, enviando-os acima da superfície. Ela engasgou no ar, sua respiração descontrolada, a necessidade de tê-lo.

— Não me faça esperar mais, — ela suspirou.

— Agora?

— Por favor

Ele penetrou dentro dela, fundo.

As paredes internas o prenderam o apertado, e quando ele estava completamente revestido, dando a seu corpo o que tinha implorado por todos esses muitos dias, o prazer dela explodiu. Ela se contraiu em torno dele. Estrelas piscavam por trás das pálpebras, e se espalharam como fogo de calor através de seu sangue. Porque ele estava dentro dela, uma parte dela, seu êxtase era muito mais completo.

— Merda, — Gray gemeu. Ele balançava dentro e fora dela, e ela se agarrava a ele.

— Mais... — Portanto, muito mais. Ela nunca pode conseguir o bastante dele. Já a fome estava aumentando novamente. — Eu te amo! — Espontaneamente, as palavras saíram de sua garganta. Elas estavam gravadas em todas suas células. Gritá-las era tão natural quanto respirar.

— Diga-me outra vez, — ele rosnou.

— Eu te amo!

— Outra vez.

— Eu te amo! Deuses, eu te amo.

Dentro e fora, movia-se, rápido, tão rápido, a água espirrando em volta deles. Ela mordeu a linha de seu pescoço, duro. Ela puxou seu cabelo, sua necessidade tornando-se exagerado grande para controlar. Ela precisava... precisava...

Seus dentes se afundaram no pescoço dela.

Exatamente isso. Imediatamente outro orgasmo a consumia. Intenso. Tão intenso.

— Sim. Sim!

E enquanto ela se contorcia contra ele, cavalgando as ondas de prazer, ele bebia dela. Seus impulsos se aprofundaram, cresceram ainda mais rápido, mais duro.

Mais rápido!

Mais duro.

Quando ele gozou, arrancou um grito rouco da garganta e o som ecoou pela floresta.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Jewel repousava completamente vestida na curva dos braços de Gray. Ela queria ficar nua com ele a noite toda, mas ele insistiu que deviam estar preparados para qualquer visitante noturno indesejado.

Agora, a respiração profunda e relaxada dele assegurou-lhe que ele dormia tranquilamente. O corpo dela estava saciado e descontraído, mas sua mente se recusava se acalmar. O que eles tinham feito juntos foi maravilhoso. Tão maravilhosamente gratificante. Quando ele a mordeu, oh, o prazer! Difícil de suportar. Mas alguma coisa está errada, estava começando a incomodá-la.

Ele não perdeu tempo com o seu corpo como ele fazia com outras mulheres. Tomou-a violentamente, de forma rápida. Ele não sussurrou palavras eróticas no ouvido dela, ele resmungou e resmungou e proferiu as coisas guturais. Ela adorou, deuses, ela adorou, mas ela não podia ajudar, mas preocupava-se que talvez ele não gostasse dela assim como ele gostava das demais.

Jewel suspirou e se forçou a dormir. Ele estava aqui, nos seus braços, e ele gostava dela. Isso teria que ser o suficiente por hoje.

Gray lentamente saiu do estado de vigília, imagens de fazer amor com Jewel frescas em sua mente. Ele estava em um barranco coberto de musgo, com sua mulher curvada segura nos braços. Ele amava o jeito que ele tinha sido selvagem com ela. Ele amava o jeito que ela tinha ido selvagem com ele, amava o jeito que ela o tinha agarrado e mordido. Amado o jeito que ela ferozmente rosnou o seu nome.

Ele a amava. E Ponto!

Ele não iria para casa sem ela. Ele encontraria uma maneira de levá-la com ele, ele tinha que encontrar um caminho. Ele não poderia viver sem ela. Ela agora poderia até estar carregando seu filho, eles não tinham tomado nenhuma precaução, desta vez, ou antes. Talvez Atlanteanos e humanos pudessem procriar, talvez não, mas ele gostou da idéia de sua mulher carregando seu filho.

De qualquer maneira, ele tinha que voltar, o que significava que ela tinha que ir com ele, ele não poderia ficar aqui e deixar que o EIE enviasse outro agente. A única razão que eles ainda não tinham enviado ou tinham? Porra, ele simplesmente não sabia. Eles queriam que tão poucas pessoas quanto possível soubessem sobre a joia. Esperemos que a preocupação fosse mantê-los de volta.

Não gostariam de ter a chance de que outro governo pudesse aprender sobre isso.

Mais tarde, ele e Jewel iam ter uma conversa séria. Ela era a Jewel de Dunamis? Se não era, qual era a sua conexão? E havia uma conexão, ele sabia que havia.

Constantemente ele oscilou entre sim e não. Sim, ela era Dunamis. Não, ela não era.

Ela era uma mulher, pelo amor de Cristo, uma vívida, respirante, mulher sensual. Não era uma pedra. Mas ela podia prever quando o inimigo se aproximava, sabia o plano de batalha do inimigo, tão bem. Ela podia ler mentes e sabia a verdade da mentira.

Tudo o que Dunamis poderia fazer.

Bosta! Frustrado, ele passou a mão pelo cabelo.

— Não se mova novamente, humano.

A voz profunda e rouca ecoou na escuridão. Permanecendo perfeitamente imóvel, Gray enviou seus olhos através da noite. Ele tinha estado tão perdido em seus devaneios, que ele permitiu que alguém chegasse perto deles. Puta que pariu!

Logo, ele percebeu o intruso tão claramente como se o sol brilhasse em cima. Seu sangue gelou. O guerreiro de olhos dourados tinha uma espada apontada para seu coração.

— Que a mulher vá, — disse ele. Lentamente, ele se moveu, pressionando sua pele contra a ponta da lâmina. Picava e doía, mas ele foi capaz de colocar Jewel abaixo dele, guardando-a com seu corpo. Lentamente, muito lentamente, ele avançou a mão na cintura e a lâmina presa lá. — E talvez eu irei deixá-lo vivo.

O guerreiro de cabelos escuros sorriu.

— Eu gosto do seu espírito, humano. Ou vampiro? Ou demônio? Você cheira todos os três. Agora, desperte a mulher. Gostaria de falar com ela.

— Eu estou acordada, Renard.

Gray lançou um suspiro, que ele não sabia que estava segurando. Jewel parecia calma, totalmente sem medo, e o fato de que ela sabia o nome do guerreiro aliviou sua preocupação pela segurança dela. Isso não o impediu de agarrar sua espada e segurá-la pronta.

— Retire sua arma de Gray, por favor, — disse ela, sentando-se. — Se você machucá-lo, vou encontrar uma maneira de tornar sua vida miserável por toda a eternidade.

Observando a forma como o seu manto branco fluía sobre suas curvas requintadas, Gray ficou imensamente grato por ter insistido em que eles se vestissem após fazerem amor explosivamente no rio. Ele não queria que ninguém visse sua nudez, apenas ele.

O guerreiro Renard fez como ordenado e embainhou sua arma com um longo suspiro.

— Não posso ter o divertimento?

— Não com o meu homem, não.

Gray gostou dessas palavras em seus lábios.

— Você veio para levar-me embora? — perguntou ela.

— Na verdade, não.

Jewel relaxou.

— Verdade, — disse ela.

Gray ficou de pé, não querendo que o bruto tivesse qualquer tipo de vantagem.

— Você quer explicar por que está aqui e me ameaçando a ponta da espada? — ele perguntou, mantendo seu tom de conversação.

O grande guerreiro, que era tão alto quanto Gray, sorriu.

— Não particularmente, não.

— Renard, — disse Jewel, sua expressão tão severa quanto uma professora de escola. — Diga-nos, ou eu vou ler sua mente. Então eu vou dizer todos os seus segredos.

Ele estremeceu.

— Primeiro vocês entram no território do dragão. Então nós os vemos na Cidade Interior com os Mers te seguindo. Então os demônios os atacaram, e se isso não fosse suficiente, nós vemos os vampiros os salvando. Você se juntou com eles? — A questão atacou e provocou, com uma vantagem perigosa.

— Claro que não.

— Então diga-nos, por favor, o que está acontecendo.

— Nós? Nós? — Gray exigiu, já investigando a floresta.

Luz começou a infiltrar-se a partir da cúpula de cristal, afastando as sombras enquanto outros quatro guerreiros desmedidos saíram de trás das árvores. Gray revirou os olhos. Não só tinha um homem se esgueirado sobre ele, mas quatro de seus amigos tinham, também. Por que não pôr um sinal sobre as árvores onde se lesse, Humano este caminho. Siga o caminho.

Jewel gritou feliz, se erguendo. Ela correu até os homens, jogando-se em seus braços um por um.

— Jewel! — Ele começou a ir atrás dela, todos os ossos possessivos e protetores no corpo gritando de protesto. Ele queria empurrá-la para longe deles, mas não o fez. Ele se forçou a permanecer no local, extasiado pela visão de sua felicidade. Os homens eram gentis com ela enquanto a passavam de um para o outro.

Ele não gostava que ninguém, especialmente guerreiros cheios de testosterona, colocasse as mãos sobre sua mulher. E ela era sua. Ela ronronou seu amor e ele a reclamou, assim ela poderia muito bem se acostumar com isso.

Quando ele se tornou como um alfa?

Os olhos dourados de Renard brilharam com divertimento.

— Sorte que ela não quer participar com você.

Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Exatamente quanto tempo vocês ficaram pendurados por aqui?

O sorriu crescente, o guerreiro disse:

— Nós demos-lhe a privacidade para o seu acasalamento, se é isso que você quer saber. — Sua diversão morreu rapidamente, no entanto. — Que tipo de criatura é você?

Gray deu de ombros, não respondendo ou explicando.

— Jewel, — ele chamou, feito um estranho. Ela estava longe dele por muito tempo. — Venha cá. Por favor

Com passos leves, ela voltou para sua posição ao seu lado. Sua expressão irradiava, brilhante, bem-aventurança iluminada.

— Estes homens pertencem aos Darius em Kragin, — ela explicou. — Ele é o rei dos dragões, e os dragões são as coisas mais próximas que eu já tive como amigos.

Ele quase gemeu. Fez cara feia.

— Dragões? — Lembrou-se muito facilmente como um de sua raça o acolheu nas primeiras noites em Atlantis.

— Estes homens são honrados. — Ela olhou para o loiro mais alto. — Como estão Dario e sua nova noiva?

O guerreiro, Brand, levantou as sobrancelhas cor de areia, dizendo claramente:

— Você vai ver em breve por si mesma.

Seu sorriso desapareceu.

— Renard disse que vocês não estavam aqui para me roubar. Havia verdade em suas palavras.

— Eu não vou roubar você. Vocês simplesmente virão comigo de bom grado.

— Não, — disse Gray. — Nós não iremos.

— Precisamos chegar ao Templo de Cronus, — acrescentou Jewel.

— O Templo de... — Renard, que agora estava ao lado do loiro, franziu a testa. — O templo foi destruído meses atrás, quando humanos vieram através do portal.

O corpo de Jewel ficou completamente imóvel, seus pulmões se recusaram a tomar ar. Certamente ele estava enganado. Certamente ela teria sabido, ela sentiria alguma coisa.

— Você está errado, — ela conseguiu balbuciar.

— Ele foi dizimado, e não há nada. Falo a verdade.

Sim, ele falava, ela percebeu, seu estômago enrolando dolorosamente. Imagem de pedra amassada brilhou em sua mente, e ela quase gritou. Este foi o seu sentimento de mau presságio que tinha sentido quando ela pediu a Gray para levá-la ao templo.

Ela ignorou-o, recusou-se a contemplá-lo, porque então ela teria de abandonar a esperança de encontrar seu pai.

Mas todo esse tempo, suas esperanças foram por nada. Levantou a mão trêmula à boca, cobrindo os lábios trementes. Ela queria uma família tão desesperadamente, queria encontrar seu pai e

sentir seus braços ao redor dela. Ela queria algo parecido com o que Gray tinha com seus irmãos e irmã.

Um forte braço envolveu em torno de sua cintura e puxou-a em um peito igualmente forte. O perfume masculino de Gray chegou ao seu nariz.

— Eu estou aqui, querida.

Lágrimas muito quentes queimaram seus olhos, e o queixo começou a tremer. Afundando, ela tirou de sua força e ingeriu de volta a sua angústia. Ela não quebraria emocionalmente na frente destes homens. Ela era forte, maldição. Ela iria sobreviver. Agora ela tinha Gray, e ela iria valorizar seu curto período de tempo juntos, não deixando que nada manchasse isso.

Ela lhe deu um abraço demorado, em seguida, forçou-se a se soltar. Encarou Brand diretamente.

— Por que Darius deseja me ver? — Pronto. Mudar a conversa com o rei dragão quase, quase afogou o conhecimento que ela nunca iria encontrar o seu pai.

Brand falou com calma.

— Você sabe que só ele pode dizer isso. Você está pronta para partir?

Gray ficou rígido, e ela sabia que seu sangue estava aquecendo, preparando seu corpo para a batalha.

— Eu prometi fazer algo para Gray, — disse ela, — e essa promessa vem antes de seu rei.

— Seja o que for que você deve fazer para o seu homem, você pode fazer no nosso palácio.

Sim, ela poderia, ela percebeu com alegria e tristeza. Isso lhe daria mais tempo com Gray. Ela o encarou.

— Eu sei que você está com pressa para encontrar Dunamis, — ela sussurrou, — e eu sei que seu povo precisa de você de volta, mas você pode ficar? Por mais um dia? — Sugando ar, ela acrescentou, — Dunamis será sua, agora ou mais tarde, o que você decidir.

Ele examinou seu rosto, sua expressão protegida. Ela esperava que ele perguntasse como ele poderia adquirir a pedra, agora que Cronus estava destruído, mas ele não o fez. Ele assentiu e disse:

— Um dia a mais.

Alívio correu através dela, cobrindo a sua dor e o seu medo.

— Obrigada.

— Cavalheiros, — disse ele, sem tirar o olhar dela. — Parece que vamos nos juntar a vocês.

— Pena que você concordou tão facilmente, — um dos dragões disse, o mais alto do grupo. — Eu teria adorado convencê-lo de alguma outra maneira. — O homem realmente parecia desapontado.

— Você estará protegida com os dragões. — Jewel uniu os dedos com os de Gray. — Eles são muito ferozes, mas muito protetores e Darius... — Ela fez uma pausa, as palavras delas a ponto de paralisar. A premonição escura deslizou através de sua mente. — Darius está em apuros.

Os dragões não questionaram seu conhecimento sobre isso. Eles conheciam os seus poderes em primeira mão e sabiam que ela nunca mentia. Ao mesmo tempo em que explodiam crescendo mais largos e maiores, transformando em suas formas de dragão, garras, cauda e asas brotando de seus corpos e rasgando suas roupas. Escamas substituindo a pele, dentes afiados substituindo os dentes. Fogo saindo de suas bocas.

Gray tentou agarrá-la e empurrá-la por trás dele.

— Está tudo bem, — disse ela. — Eles não vão nos ferir.

— Meu Deus. Eu vi algumas coisas estranhas, mas isto...

— Eles vão nos levar voando até o palácio do dragão. — Ela o guiou para frente. — Suba e aproveite o passeio.

— Meu Deus. — Ele pegou sua mochila do chão e atirou-a sobre o ombro antes de subir provisoriamente nas costas do dragão. Felizmente, ele permaneceu imóvel, permitindo-lhe subir em cima. Sua ação foi lenta e controlada.

— Por que você está demorando tanto tempo? — Jewel contraiu os lábios, um sorriso agarrados às bordas.

Aquele sorriso aliviou a dor no estômago, uma dor que rugia a vida quando ela tinha dito sobre Cronus, e ele a viu ficar pálida, visto cair lágrimas dos olhos. Ele tinha sido impotente para fazer qualquer coisa por ela.

— Como eu realmente quero tocar algo que eu não devo. Eu estou pensando que deveríamos ir andando. — Enquanto ele mesmo falava, ele estava balançando a perna, pronto para saltar fora.

Ela riu, o som erótico lavando em cima dele em ondas sensuais.

— Você é um homem. Basta lembrar, quanto mais rápido chegarmos lá, mais rápido eu posso ter o meu mau caminho com você.

Mais rápido do que ela pudesse piscar, ele estendeu a mão, agarrou seu braço e colocou-a atrás dele.

— Ponha em marcha, Brand. Estamos prontos para decolar.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Gray tinha feito alguma merda por toda sua vida, mas esta encabeçava a lista.

Depois de hoje, se alguém lhe disse que ele não tinha bolas de aço, estaria errado.

Normalmente, ele gostava de voar. Ele saltou de avião, pelo amor de Deus. Inferno, ele levitou e voou pela cidade.

Agora, com o vento passando através de seu cabelo e a cúpula de cristal emitindo um suave brilho dourado acima, tudo que ele queria era vomitar. Sua única âncora contra a queda livre até a sua morte era o seu aperto kung fu em um dragão. Um real, dragão cuspidor de fogo. Atrás dele, Jewel encostava a cabeça no ombro dele, absorvendo a experiência como se estivessem em acomodações de primeira classe a bordo do Concorde.

— Aí está, — disse ela, apontando para frente. — O Palácio de Darius.

Claro o suficiente, uma enorme fortaleza de cristal apareceu, uma monstruosidade de irregulares e brilhantes torres irregulares. Todas as cores do arco-íris aqueciam as bordas. Brand voava cada vez mais perto, e um suor frio correu sobre a pele de Gray. Não havia portas que ele pudesse ver. Nem janelas.

E o dragão estúpido não estava a desacelerar. Estava, de fato, deslizando suas finas, quase transparente asas mais rapidamente.

Alguém deveria ter dito a ele que o plano era bater contra a parede e quebrá-la.

— Jewel, segure-se firme. Prepare-se para o impacto.

Mas o topo da cúpula se abriu, rapidamente se tornando mais amplo. A água do mar em cascata no interior do palácio. Os dragões voaram direto para a cachoeira. Líquido salgado choveu sobre ele, e ele chegou por trás dele e puxou a face de Jewel em suas costas.

Momentos depois, os dragões deslizavam suavemente para o molhado, piso inclinado, permitindo o escoamento da água nos lados. Com gotas de água caindo dele, Gray apressadamente saltou e ajudou Jewel a fazer o mesmo. Ele não iria admitir ter as pernas trêmulas.

— Obrigada. — Os cabelos dela molhados agarrados ao rosto e ombros. Agora que eles estavam aqui, havia um brilho triste nos olhos e uma camada de melancolia em sua voz. Ela estava pensando sobre o templo em ruínas? Não sabendo mais o que fazer, ele beijou seus lábios.

Ela piscou para ele e sorriu lentamente. Maldição, se o peito dele não se contraiu.

— O que foi isso? — ela perguntou.

— Justa causa.

Ele voltou sua atenção para os dragões. Porque Jewel confiava neles tão completamente, ele era capaz de relaxar a guarda mais do que o usual. E não era irônico? Ele não podia confiar nos parceiros humanos do EIE algumas vezes presos com ele, mas ele pôde colocar sua vida nas mãos de um monstro cuspidor de fogo. Pela primeira vez desde a sua entrada em Atlantis, ele não se sentiu perseguido ou caçado. Ou como o próximo item no cardápio.

Enquanto ele observava, as escamas das criaturas desapareciam debaixo de sua pele bronzeada.

Seus rostos alongados encolheram, as caudas e asas retraíram em pequenas fendas da pele humana, e eles eram mais uma vez completamente humanos. Claro, eles também estavam completamente nus.

— Não olhe, Blaze, ou eu vou cobrir seus olhos.

Ela bufou.

— Este caminho, — disse Brand. Sem esperar pela concordância deles, ele e os outros saíram da sala.

Lado a lado, ele e Jewel os seguiram em um corredor. Tochas cobriam as paredes, iluminando a riqueza brilhante. Ele não sabia o que esperar de um palácio de dragão, mas o que ele encontrou não era. Diamantes, safiras, esmeraldas e rubis adornavam as paredes. Ouro e prata eram a cola que mantinha as joias em conjunto.

— Meu Deus, — murmurou ele. Tanta riqueza... Ele nunca tinha visto coisa igual.

Obrigar-se a desviar o olhar revelou-se difícil, mas ele não podia se permitir ser distraído.

— Se acontecer alguma coisa, fique atrás de mim. Ok.? — Ele podia confiar nos dragões nesta sala, mas ele não sabia o que estava para além destas portas. Firmemente ele moveu a faca da cintura e enfiou-a sob sua manga.

— Eu espero que você lembre-se de ser esta proteção na parte da manhã.

A manhã... quando ela lhe daria Dunamis? Quando ela lhe daria a si mesma?

— Você pode contar com isso, — disse ele, tentando garantir-lhe que não importava o que ela dissesse, ele não iria machucá-la.

Ela mordeu o lábio, em seguida, abriu a boca para dizer alguma coisa. Ela a fechou com um estalo.

— Eu... gosto de você, Gray.

Não era isso que ela queria dizer. Ele teria preferido ouvir "eu te amo" mais uma vez, mas estas palavras serviam por agora.

— Eu gosto de você também, querida.

— Você dois não podem calar a boca por alguns segundos? — Renard disse em um suspiro.

— Você são como Darius e Grace. Querido isso e amada aquilo. Estamos farto de tal tolice.

— Onde você está nos levando? — Gray perguntou.

— Para encontrar Darius, — Jewel respondeu pelo dragão.

Brand girou nos calcanhares e se aproximou da parede da direita. Pela primeira vez, Gray notou o medalhão pendurado no pescoço do guerreiro. Era pequeno e redondo e agora emitia um brilho azulado. Como se sentisse a sua presença, dois painéis abriram-se imediatamente.

— Passei dois anos aqui, — disse Jewel. — Javar era o líder então. Darius era apenas um filhote, aprendendo os ditames de um Guardião.

— E um Guardião é...

— Um protetor da cidade. Quando os seres humanos tentam entrar, os Guardiões os matam.

— Darius não mata tanto atualmente, — disse Renard. — Grace fica com raiva. Então, agora ele leva o viajante em algum lugar sobre a superfície e limpa sua memória.

— Eu não estou morto ou desviado, — Gray assinalou.

— Sim, — disse Brand. — E nós estamos curiosos quanto ao motivo. Darius tem toda a intenção de descobrir.

Eles terminaram a sua caminhada pelo corredor, longo tempo em silêncio, deixando um rastro de água. Eles viraram uma esquina e entraram numa sala de jantar de decadência absoluta. A mesa de garras de dragão, paredes de marfim, pavimentos de ébano. Uma grande janela de sacada aberta atrás, com vista sobre toda a extensão da cidade. Sua irmã, Katie, restaurava casas e teria matado para possuir esta sala. Ganchos revestiam uma seção do muro, em cada um pendurada uma peça de roupa.

Um grande guerreiro sentava-se à cabeceira da mesa, uma graciosa ruiva em seu colo. Ela sussurrou algo em seu ouvido e a besta riu. Ainda que rindo, Gray nunca tinha visto uma figura mais imponente. Uma cicatriz talhava do olho esquerdo do homem ao seu queixo. Parecia que ele jantava crianças pequenas no café da manhã e cacos de vidro para a sobremesa.

— Nós trazemos notícias, Darius, — Brand anunciou. Ele parou na frente do homem ainda rindo.

Cores brilhantes floresceram nas bochechas da ruiva. Ela se ergueu, dando a Gray seu primeiro olhar cheio para ela. Seu cabelo enrolado ao redor de seus ombros e sardas adornavam cada centímetro de pele visível sob o seu jeans e camiseta.

Ele não tinha visto nada além de túnicas e togas pela semana passada, e as modernas roupas da superfície o chocaram.

Darius franziu a testa, ficou de pé e arrastou a cadeira para trás.

— Vistam-se em primeiro lugar. Então me digam o que vocês souberam. — Firmou os pés separados e fechou as mãos atrás das costas, preparado, esperando más notícias.

Os guerreiros vestiram-se, pegando as roupas dos ganchos.

Ao contrário de todos os outros dragões que Gray tinha visto até agora, Darius não tinha olhos dourados.

Sua eram azuis e lembravam uma névoa da manhã, como os transcendentes de Layel. Como os transcendentes de Jewel. De fato, tanto Jewel e Darius possuíam o mesmo cabelo sedoso preto. O olhar de Gray fitou de um para o outro. Jewel tinha traços dos demônios, vampiros, e agora os dragões, mas ela parecia humana. O que isso significava?

Renard chamou a atenção.

— Os vampiros e os demônios se uniram. Eles estão vindo para cá, quando eles pararam na Cidade Interior para dar caça a esse ser humano e...

— Eu. — Jewel se aproximou dele.

Todos os olhos voltaram-se para ela.

Porque ele sentiu uma onda repentina de orgulho por ela, Gray não tentou empurrá-la para trás dele desta vez. Ela estava forte em face do perigo e aceitava as consequências. Mesmo que ele detestasse não fazer nada, ele não poderia tirar isso dela. Especialmente quando ele sentia que esses homens não iriam machucá-la.

Seu pai o criou para acreditar que a mulher precisava de salvaguarda, que eram fracas e vulneráveis, sem um homem. Sua forte e capaz irmã Katie, provou que a teoria estava errada a cada dia. Jewel, também. Ela procurou proteger e defender vida dele, colocou-se em perigo, na esperança de salvá-lo.

— Você escapou de Marina, — disse Dario. Sua voz era tão dura e inflexível como sua expressão. — Não tenho certeza se posso confiar em você. Você está aqui a pedido dela?

Uma onda de mágoa cintilou nos olhos de Jewel, mas ela rapidamente apagou e voltou carranca para o líder dragão.

— Não. Você realmente acredita que ela teria que me deixado sair, por qualquer motivo? Mesmo sua queda?

Dario a estudou e balançou a cabeça.

— Você está certa. Eu tenho muitas perguntas para você. O ser humano, embora...

— É a minha única razão para vir com seus homens. Se ele se for, eu também vou.

O dragão rosnou baixo em sua garganta.

— Muito bem, então. Se ele ferir, destruir ou roubar qualquer coisa, eu vou pessoalmente ver a sua morte.

— Eu gostaria de vê-lo tentar, — disse Gray, sem medo.

Não acostumado com a insubordinação, Darius avançou em sua direção. A raiva escurecia os olhos. A ruiva se adiantou com um sorriso, bloqueando o seu caminho. Seu sorriso parecia verdadeiro, apesar da crescente tensão na sala.

— Eu sou Grace, a mulher do grande cara.

— Prazer em te conhecer.

Quando ela estendeu a mão para cumprimentar Gray, Darius roncou.

— Tocar Grace não é permitido, humano. Você vai manter suas mãos para si mesmo.

— Oh, fique quieto, — disse ela sem se virar. Ela e Gray se cumprimentaram. — Eu, por exemplo, estou contente de ver outro ser humano.

Darius ergueu as mãos em desespero.

— Você vê o seu irmão todo dia.

Ela apenas sorriu novamente.

— Você pode realmente considerar Alex um ser humano?

Os lábios de Darius pressionaram firmemente enquanto ele lutava com um sorriso próprio.

— Não deixe Darius te enganar, — ela disse a Gray. — Ele é nada mais que um gentil parecendo simpático. — Grace virou-se para Jewel. — Estamos muito felizes em ter você aqui. Eu ouvi muito sobre você. Por que não posso mostrar-lhe seu quarto, e vocês podem se preparar para o almoço. Nós todos vamos ter uma conversa agradável depois de ter comido.

Darius perseguiu ao lado da pequena mulher.

— Eu não quero que você tome parte nisso. Você...

Grace voltou sua atenção com força total em seu marido. Ela golpeou seus cílios e enrolou com as mãos sobre o peito.

— Sinceramente, espero que você não esteja tentando me mandar embora porque você estaria em uma porrada de problemas.

O homem derreteu, era a única maneira de descrevê-lo. Sua expressão suavizou e ele estendeu a mão e roçou uma onda vermelha da têmpora de Grace.

— Leve-os para seus quartos, então. Após o almoço, vamos questioná-los juntos.

Grace deu um beijo rápido nos lábios deles antes de voltar-se para Gray e Jewel.

— Como eu estava dizendo, eu vou lhe mostrar os seus quartos.

— O quarto. — Gray deslocou para a posição de batalha. De jeito nenhum ele iria se separar de Jewel. — Apenas um é necessário.

Ela olhou para Jewel para confirmar. Jewel assentiu com a cabeça, o rosto vermelho brilhante com a cor.

O azul-verde dos olhos de Grace brilhavam com o conhecimento.

— Você pode tomar banho, descansar ou... qualquer coisa, e nós nos encontraremos novamente aqui em uma...

— Duas, — Jewel disse, olhando para seus pés.

Os lábios de Gray se contraíram.

— Duas horas.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Seu quarto possuía de uma banheira grande, uma cama ainda maior, e tantos travesseiros aveludados que poderiam afogar-se nelas. Uma explosão de adornos com diamantes e uma série de joias se estendiam em cima do mármore. Um tapete de lã de cordeiro ocupava o chão.

— A quantidade total de riquezas é assombrosa, — disse Gray, girando sobre seus calcanhares para abranger tudo. Ele ficou de pé no meio do quarto.

— Vivi em muitas habitações parecidas com esta ao longo de minha vida.

Jewel ficou de pé a uns centímetros dele mantendo-se de costas.

Ela agarrou o tecido de seu traje amassando-o entre seus dedos. Tinha chegado o momento de admitir o que ou quem era ela. Não podia esperar até manhã. A preocupação por sua reação se havia infiltrado sobre ela, consumindo-a, do momento em que tinham fechado a porta. Faça-o.

— Sinto-o pela destruição do templo. — Disse ele antes que ela pudesse abrir a boca. — Sei o quanto queria descobrir a identidade de seu pai.

— Possivelmente um dia meu pai me encontre.

Ela apertou suas pálpebras fechadas, e endireitou suas costas, reunindo coragem.

— Temos que falar, Gray. Tenho que te dizer.

— Mais tarde.

A rouquidão de sua voz a fez tremer.

— Mas tem que saber.

— Quero-te em uma cama.

Ele se moveu detrás dela, seus braços envolvendo-a, suas mãos encontrando seus seios.

— Podemos falar mais tarde.

Ela se retorceu, voltando-se para ele, e ele a levantou. Levou-a para a cama coberta de seda, pondo-a brandamente em cima. Seus olhos já estavam fechados, seus lábios ligeiramente abertos enquanto ronronava seu crescente prazer. Seu cabelo negro se derramou ao redor de seus delicados ombros.

Deus, amava esta mulher.

Ele a tomou duro e rápido, quase selvagem em sua necessidade. Ficou surpreso de que a necessidade de beber seu sangue permanecesse inativa quando os lançou à beira da satisfação. Imediatamente depois ficou duro outra vez. Não podia conseguir o bastante dela, mas ao menos a necessidade urgente se saciou. Agora poderia jogar e saborear.

Ele foi beijando todo seu corpo, incidindo em seus tornozelos, o interior de seus joelhos. Rapidamente ela estava se retorcendo sob sua boca, gritando seu nome.

— Não foi assim de devagar a última vez. — Disse ela com voz entrecortada.

Ele escutou certa dor em sua voz e perguntou:

— O que quer dizer?

— Geralmente vai devagar com suas mulheres. Como agora.

Escapou-lhe um sorriso tenso, abraçou-a perto dele, amando a sensação de seus peitos contra seu torso. Que inocente era.

— Querida, isso só demonstra que te quero mais que nenhuma outra, contigo perco o controle. Contigo nada importa quando estou dentro de ti.

— Ah. Oh.

Ele foi lambendo, desenhando um caminho com sua boca, alimentando seus beijos. Ela tinha o sabor doce, feminino, a essência absoluta do desejo. Paixão. Seu pênis palpitava já pela necessidade, mas ia lento desta vez, embora isto lhe matasse.

Tão suave como se fossem plumas, ele foi movendo seus dedos, descendo pelo estômago e os deslizou em seu calor sedoso, molhado. Atormentando-a. Perseguindo-a. Empurrando-a para a beira antes de deter-se.

— Gray! — Ela gritou seu nome como uma prece.

Ele rodeou seus clitoris com o polegar enquanto dois de seus dedos entravam e saíam dela. Quando se esticou, preparando-se para o orgasmo, ele parou.

— Gray! — gritou seu nome como uma maldição. — Termine. Por favor. Rápido e duro.

Como podia negar-se a uma petição tão deliciosa? Petição? Pensou. Não a mulher tinha lhe ordenado.

— Pensei que queria que fosse lento.

— Mudei de ideia.

— Me alegro, mas isto ainda requer lentidão.

Gradualmente, polegada a polegada entrou nela. Ela se retorceu contra ele. Suas unhas afundaram nas costas dele, suas mãos atiraram de seu cabelo e aproximaram sua boca à dele para um beijo.

— Mais rápido. — Ofegou.

— Mais lento. — Ele entoou.

— Já, preciso... necessito.

— De mim. Só necessita de mim.

E ele necessitava dela. Quando estava introduzido totalmente nela, foi saindo tão devagar como tinha entrado, indo para trás. Seus quadris se arquearam em resposta. Tudo dentro dele gritava para acelerar o ritmo para gozar, mas não o fez.

— Vou te saborear. — Jurou ele.

— Me saboreie mais rápido.

Seus mamilos eram como pérolas que se chocavam contra seu peito, que roçavam contra ele em cada movimento.

— Tsk, tsk, tão impaciente.

Quanto mais poderia conter-se? Tão devagar. Quando ela ofegou seu nome, seu controle quase se rompeu. Seus músculos se foram contraindo com a tensão.

— Te quero. — Gemeu ela.

Era tudo o que necessitava; seu controle se fez em pedacinhos completamente. Com um grunhido de necessidade se enterrou completamente dentro dela, retrocedendo rapidamente, só para palpar mais profundo dentro outra vez.

Repetidas vezes, uma e outra vez, ele se afundou nela, amando a sensação de sua umidade quente. Quando ela gritou sua liberação pela segunda vez, ele se derramou profundamente em seu interior, seu orgasmo o sacudiu inteiro.

Nua em cima da cama, Jewel ficou entre os braços de Gray, completamente segura de que nunca havia se sentido mais satisfeita. Nem sequer o conhecimento de que o Templo do Cronus tinha sido destruído, que seu pai seria um eterno mistério, podiam danificar sua lassidão. Então...

— Agora falemos. — Disse Gray, sua voz rouca por todos quão grunhidos tinha feito.

Rolou para um lado, olhando para ela e apoiando a cabeça em uma mão.

Ela suspirou mentalmente, dizendo adeus a seu momento de relaxamento.

— O que me quis dizer antes?

O temor fez com que seu estômago se contraísse, mas ela se obrigou a que as palavras saíssem de sua boca. Merecia saber a verdade. Tinha-lhe prometido a verdade. Não importava sua reação, não importava o que decidisse fazer com ela, tinha prometido dizer-lhe.

— Sou... sou a Joia de Dunnamis.

Esperou que ofegasse, apartasse-a, ou soprasse de incredulidade. Cada músculo de seu corpo estava tenso, esperando sua reação horrorizada.

Reação que não se produziu.

Ele suspirou, e o som ecoou no suspiro dela.

— Imaginava isso.

Confusa, aturdida, cambaleou.

— Imaginava isso? Imaginava isso! Estive doente de preocupação, e imaginava isso? Por que não me disse nada?

— Carinho, era só uma questão de ordenar certos fatos.

Atirou-a para trás até abraçá-la.

— É mais, sou um gênio. Disse-me que o protetor da joia queria guardá-la a salvo, mas a daria com muito gosto para destruí-la. Esse protetor sou eu, não é verdade?

— Sim, Não está zangado? — Perguntou fracamente, ainda incapaz de acreditar que ele tinha aceitado tão facilmente. — Não quer me destruir?

— É obvio que não. Para ser um ser onisciente, está reagindo de forma muito exagerada. É a Joia. Podemos tratar com isso. Não vou te matar, e não vou te entregar ao EIE. Eles lhe fariam mal, e não posso permitir isso. Te quero muito para isso.

— O que?

O coração pulsava com força em seu peito, cambaleou-se de novo.

— O que disse?

— Te quero.

Seus olhos se alargaram. Faíscas de felicidade serpentearam por todas as suas células. Ele a queria. Gray James a queria. Nunca havia dito essas palavras a ninguém, pôde escutar a verdade em sua voz. De todas as coisas que imaginou que podiam ocorrer, isto nunca tinha lhe passado pela mente.

— Isto é... isto é um sonho, verdade? — esfregou os olhos, bloqueando momentaneamente a visão do maravilhoso brilho que tinha neles. — Despertarei logo.

— Perdoa. — Disse ele enigmaticamente.

— Não há nada que queira me dizer? Disse antes, mas justo estava no meio do prazer, por isso

não conta.

Com um grito, lançou-se em seus braços.

— Te quero, sempre te quis.

Ele a agarrou e apertando as mãos em sua mandíbula, disse:

— Isso está melhor.

Uma de suas mãos enroscou seu cabelo ao redor dos dedos.

— Sabe que virá à superfície comigo, não é? Nem se atreve a dizer que não. Pensarei em algo para dizer a meu chefe, inclusive se fizer falta, roubarei uma destas joias e a levarei afirmando que é Dunamis.

Fez uma pausa, sua expressão era reservada.

— Ainda quer vir comigo, não é?

— Seguiria você a qualquer parte.

Lambeu sua clavícula, deleitando-se no som de sua brusca inalação de fôlego.

— Temos tempo antes que nossa presença seja requerida. Crê que posso te manter ocupado até então?

— Acredito que me poderia manter ocupado para sempre.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Jewel revolveu através do único armário que havia no quarto e encontrou vários trajes. Ela escolheu uma de uma bonita cor azul, com um cordão engrenado através da prega e a blusa adornada com brilhantes safiras. Banharam-se e Gray já estava vestido com calças de couro e camiseta que utilizavam os dragões.

Tinha chamado seu chefe fazia uns momentos e havia dito ao homem que ele tinha o Dunamis em sua posse. Depois que o homem passou uns minutos chiando de excitação, minutos nos quais seu coração saltou desbocado, Gray arrancou uma safira da parede e lhe dedicou um secreto e terno sorriso antes de colocá-la em sua bolsa.

Como conseguiriam que ela passasse pelo EIE, não sabia. Quão único sabia era que ia à superfície!

— No que está pensando? — perguntou ela, sustentando o brilhante material contra seu corpo.

— Em que prefiro você nua.

Ela riu e jogou o material sobre a cabeça, cobrindo sua nudez.

— Me recuso a ir comer nua.

— Que pena.

Justo quando estava assegurando os laços de seu novo traje azul, bateram na porta.

— Entre, — mandou ela.

As portas se abriram na metade e se deslizaram aos lados. Um loiro guerreiro permanecia na entrada, o medalhão do dragão pendurando resplandecente em seu pescoço.

— Brand, — disse Jewel com um sorriso. — É um prazer te ver de novo.

— E eu a você. Venham, — disse ele, apartando seus olhos dourados para evitar ver algo que não deveria.

Seu cabelo pendurava desarrumado ao redor de seus ombros, lhe dando às suas feições um pícaro aspecto.

— A comida está servida.

Jewel suspirou, afligindo-se já pela perda desse maravilhoso indulto. Das suaves carícias que Gray gostava de deslizar sobre seu corpo, dos ardentes beijos que pulverizava subindo por suas

pernas. Como se ele tampouco pudesse permanecer afastado dela, se aproximou e depositou um rápido beijo em seus lábios, suas línguas atrevendo-se a um rápido acoplamento.

— Por todos dos deuses — murmurou Brand, girando sobre seus calcanhares.

Eles o seguiram corredor abaixo.

Gray entrelaçou seus dedos e lhe deu um gentil apertão.

— Tudo irá bem. Já o verá. Não vou afastar-me de seu lado.

Liberando sua mão, estendeu a palma sobre o pescoço dela e o massageou, movendo alguns fios de seu cabelo.

— Se houver algum problema, — acrescentou ele, olhando-a aos olhos, fazendo-a sentir especial e querida. — Enviarei a todos os demônios sobre o cu do Darius.

A mesa esculpida dos dragões estava a transbordar de comida e bebida, levando o apetitoso aroma em cada direção. Todos os guerreiros que Gray tinha conhecido no bosque estavam ali, junto com uns poucos mais, sentados impacientemente, esperando que chegassem Jewel e ele. Darius reclamava a cabeceira da mesa com uma Grace vestida de maneira formal a sua direita. Um colar de rubis adornava seu pescoço, seu cabelo recolhido no alto da cabeça, e levava um suave vestido rosa. As duas únicas cadeiras disponíveis estavam à direita de Darius. Gray reclamou a mais próxima ao dragão, e Jewel ocupou a contigua a dele.

— Podem comer — disse Darius.

Os homens atacaram imediatamente a comida, um banquete que consistia em presunto polido ao mel, peru com recheios, e algum tipo de pudim branco. Cada receita procedia da superfície, precaveu-se Jewel, por que tinha visto Gray comer cada um desses pratos. Ela tomou um pouquinho de pudim e fechou os olhos em rendição ante o rico e decadente sabor sobre sua boca.

— Espero que encontrem o quarto satisfatório. — disse Grace depois de tragar um bocado de presunto.

— Encontramos. Obrigado. — Jewel lhe ofereceu um suave sorriso.

— Darius explicou que você não tinha nome. — A formosa humana levava uma expressão de completa perplexidade. — Disse que a maioria das pessoas te chama de “isso” ou “escrava”.

— Ela tem nome. — disse Gray, seu tom completo e duro e sem convite a argumento algum.

— É Jewel.

— Nota-se. — Lançou ao Darius um satisfeito olhar. — Disse que tinha nome. Um formoso, por certo. Sorrindo, voltou sua atenção para o Jewel.

— Acredito que é tão genial que possa predizer o futuro. Darius e eu podíamos ter utilizado esse tipo de habilidade a primeira vez que nos encontramos. Poderia ter dito a ele o quanto ele me amava, assim não teria lutado tão duramente contra isso.

Darius arqueou as sobrancelhas, sua única reação a sua insultante esposa. Ele posou seu copo de vinho.

— O que sabe a respeito dos vampiros e dos demônios... Jewel?

O salão ficou absolutamente em silêncio; cada presente esperava, contendo o fôlego a resposta. Com o estômago atado dolorosamente, Jewel disse.

— Preferiria discutir isso contigo em particular.

Ela queria deixar a discussão para depois de comer. Darius considerou suas palavras.

— Nos deixem. — disse a seus homens.

Embora seu tom fosse normal, os dragões reagiram imediatamente, agarrando sua comida enquanto ficavam em pé. Suas cadeiras escorregaram detrás deles, criando uma ruidosa sinfonia. Além de Jewel e Darius, Gray e Grace foram os únicos que ficaram.

Darius olhou intencionalmente para Grace.

— Disse que podia ficar, recorda? — disse ela com teimosia. Reclinou-se na cadeira, mordiscou uma peça de peru de seu prato e mordiscou as bordas, o perfeito quadro de relaxamento.

Darius voltou a olhar para Gray.

— Nem sequer o tente, — disse-lhe pondo os olhos em branco. — Fico. Fim da história.

Jewel respirou profundamente e encontrou o olhar fixo de Darius quando se voltou de novo para ela.

— Tenho uma sensação de iminente destino para você. Marina me perguntou uma vez se sabia eu sobre as Névoas de Atlantis.

A fúria fulgurava nas profundidades azuis de seus olhos.

— O que disse a ela? — grunhiu.

— Vigia seu tom, Lagarto — Gray o interrompeu com brutalidade, — ou a conversa termina aqui.

O rei dragão irradiava a paciente calma de um predador. Então ele assentiu rigidamente e repetiu a pergunta em um tom mais amável.

— Sabe que não posso mentir, assim tampouco lhe dava nenhuma resposta. Entretanto, ela realmente sabe das névoas e espera obter o controle sobre elas.

Lenta, muito lentamente, o dragão relaxou. Então bufou.

— Como se sua pusilânime armada pudesse comparar-se com a nossa.

Grace franziu o cenho, dando-se toques com um dedo na mandíbula.

— Por que essa Marina deveria querer o controle sobre os portais? As criaturas Atlantes não podem sobreviver fora de Atlantis. Morreriam em questão de dias. Nem sequer Darius é imune.

— O que! — incorporou-se Gray. — Os Atlantes morrem fora do Atlantis?

Jewel empalideceu. Oh, deuses. Tendo estado conectada sempre a Gray e ao mundo da superfície, tinha esquecido sua conexão com Atlantis. Se viajasse à superfície, morreria. Ela cobriu a boca com uma tremente mão, esperando cortar seu gemido de horror.

— Jewel. — incitou-a Darius.

Gray ficaria aqui? Ele clamava que a amava, mas, isso era suficiente para mantê-lo aqui?

—Jewel? — Darius disse de novo.

Recuperar a compostura parecia quase impossível, mas ela o fez. Endireitou os ombros e obrigou a suas seguintes palavras a sair com firmeza.

— Marina não sabe que morrerá se ela sair. Nenhuma das criaturas sabe. Recorda ninguém sabia sequer dos portais à exceção dos dragões até que Grace e seu irmão chegaram através dele. Assim foi como os vampiros descobriram os passadiços, e agora que estão conscientes de Atlantis, ainda nenhum deles sabe de nossas debilidades. Marina assumiu que poderia viver na superfície sem nenhum problema.

— Em caso de que lhe pergunte isso, — disse Grace a Gray. — As Névoas Atlantes são os portais que utilizou para chegar aqui.

Gray não mostrou reação alguma. Sua pele estava pálida, as linhas de sua boca tensas.

— Falando dos portais, — acrescentou Grace. — Como fez para evitar Darius?

Finalmente voltou a prestar atenção, embora sua expressão permanecesse séria.

— Aqui têm um portal? Este não é o palácio pelo qual entrei.

Os lábios do Darius desceram em um feroz cenho.

— Entrou no do Javar. Os guardas ali postados obviamente não lhe viram. Feriu-os? — ele se inclinou para diante sobre os cotovelos, seus lábios apertados em uma careta enquanto esperava a resposta.

— Não, não os feri. Nem sequer souberam que eu estava ali. Estavam muito ocupados com

algo mais.

A guerra com os Nymphs? Jewel imaginou. Ela não o tinha mencionado a Darius. Ainda não. Duas escuras sobancelhas se arquearam para cima.

— Então, deve ser um bom guerreiro. — disse Darius.

— Sou. — respondeu Gray.

— Entrou alguém mais contigo?

— Não, só eu.

— E atrás de ti?

— Ninguém que eu saiba.

— Sabia que não devia enviar uma armada de pintinhos, — murmurou o rei, — mas tinha que lhe dar a Kendrick uma oportunidade para liderar.

— Suficiente.

Grace lhe beijou a bochecha.

— Podemos nos encarregar de Kendrick e o outro portal depois. Agora mesmo precisamos discutir sobre os vampiros e os demônios e essa sensação do destino que Jewel teve.

— Não sei o que estão planejando. — esclareceu Jewel. — Ainda.

— Irá descobrir.

Era uma exigência, não uma petição.

Ela assentiu.

Gray negou com a cabeça.

— Se tiver que fazer algo perigoso, a resposta é não.

— Nada perigoso, — prometeu ela. — Somente exaustivo.

Sem outra palavra, fechou os olhos e pôs sua mente em branco, ignorando tudo a seu redor.

Gray a observou, preparado para correr em seu resgate se tão sequer fizesse uma careta. Suas feições começaram a relaxar, sua respiração continuou estável, mas lenta. Muito lenta. Passaram vários momentos em surrealista espera. E então ela falou, sua voz bordejada com outras vozes, um estranho som. Igual a uma legião de fantasmas. Na mesma maneira em que tinha falado a ele quando tinham sido perseguidos pelos Mers.

— Seus inimigos se ocultam no bosque, abrindo passo para o bordo de sua região. Em três dias, chegarão a este palácio. Os demônios atacam primeiro, seu fogo será incapaz de feri-los. Enquanto estiver distraído com eles, os vampiros se moverão através das sombras e conquistarão as covas abaixo de nós.

A mandíbula de Darius se esticou uma, duas vezes.

— Sabem que nós possuímos o Dunamis?

— Neste momento não.

— Como posso detê-los? Como posso evitar que isso aconteça?

Sua expressão não variou, e continuou com essa estranha voz.

— Deve atacar primeiro. À alvorada da terceira manhã, voa ao bosque e lhes rodeie, então os cerca rapidamente com fogo e gelo.

— Não entendo — disse o rei dos Dragões ficando em pé e começando a passear de um lado a outro. — Como utilizarei tanto o fogo como o gelo?

Meu Deus, pensou Gray. Isto é exatamente por que os homens brigavam por esta mulher. Porque é tão perigosa nas mãos equivocadas. Podia desentranhar todo o plano de batalha do inimigo... e dizer exatamente como os vencer. Ele sabia, inclusive calculou antes, mas isto...

Se alguém na superfície descobrisse que Dunamis era realmente uma mulher, a cobiça humana sempre se elevaria contra ela. Caçando-a. Igual ela era caçada aqui, mas pior ainda.

O descobrimento de que não poderia levá-la à superfície com ele porque estava fisicamente vinculada ao Atlantis tinha sido um golpe do qual ainda não se recuperou. Vê-la em ação foi outro golpe mais, conduzindo a casa o fato de que nunca estaria a salvo, sem importar onde residisse.

— Enquanto os dragões respiram fogo, os humanos deverão usar o gelo.

Darius dirigiu um duro olhar azul para o Gray.

— Tem gelo?

— Não.

Confundido, franziu o cenho.

Grace estalou os dedos, seus olhos ampliando-se.

— Ela se refere aos extintores. Os que trouxeram os humanos em sua última invasão. Os que armazenou aqui, mas seus homens não podem utilizá-los por que os dragões se debilitam com o frio.

Jewel se desabou em sua cadeira. Gray a agarrou e recolheu seu flácido corpo em seus braços.

— Doçura. — chamou-a.

Ela não respondeu. Seus olhos permaneciam fechados, sua expressão suave como se estivesse dormindo.

— Leve-a para o quarto. —disse ele, a preocupação por cima de tudo. — Já teve o bastante.

Darius assentiu.

— Vai ajudar-nos, humano? Levará o gelo quando atacarmos?

Ele não tinha tempo. Tinha que voltar para casa. Mas a ideia de três dias mais... com suas noites... com Jewel era um incentivo que não podia resistir.

— Com duas condições.

Darius arqueou uma sobrancelha.

— A primeira?

— Jewel estava desesperada para procurar no Templo de Cronus informação sobre seu pai, mas seus homens nos detiveram. Envie a alguém às ruínas para que procure algo que possa lhe ser útil.

— Considere-o feito. A segunda?

— Quando eu for, quero que mantenha Jewel aqui. Mantém-na a salvo. Perdeu-a antes e isso...

— Não voltará a acontecer. Agora somos mais fortes e ninguém, ninguém absolutamente, pode quebrar nossos muros. Estará a salvo comigo.

Gray lutou para passar uma neblina de fúria, tristeza e alívio, e inclinou o queixo em aceitação de seu trato.

— Então me considere o Homem de Gelo.

Depois que Gray colocou uma Jewel dormente na cama, alisasse seu cabelo do rosto, e depositou um suave beijo em seus lábios, agarrou seu transmissor e se encurvou sobre a borda da cama.

— Santa para Mãe.

Passaram vários segundos em silêncio.

— Santa para Mãe. — disse de novo.

— Aqui Mãe. Aconteceu algo com o pacote?

— O pacote está seguro.

Ele entregaria a eles a safira em sua mochila sem nenhum encargo de consciência.

Antes que pudesse dizer a seu chefe a razão de sua chamada, Quinlin disse:

— Descobriu algo sobre pequeno enigma de que a joia era capaz de respirar?
— Estava enterrada sob um montão de rochas. — Mentira. — Imagino que o texto se referia a que estava privada de ar. — Uma enorme mentira.
— Tem sentido.
Voltando de novo para assunto que tinha entre as mãos, disse.
— Queria te avisar de que chegarei em casa mais tarde que o que tinha planejado.
Uma pausa.
— Devemos enviar uma equipe de limpeza?
— Não. — passou uma mão pelo rosto. — Tenho tudo sob controle. — Deus, quando se tinha convertido em um mentiroso?
— Final.

CAPÍTULO VINTE E SETE

— Sinto muito, minha rainha, mas os dragões... eles têm a Dunamis.
— Está seguro?
— Sim. Vi-o com meus próprios olhos. Os dragões entraram voando no palácio.
Se Darius tinha a Dunamis tudo estava perdido. Marina nunca seria capaz de lhe derrotar — ele já sabia de seu plano.
— Layel, — gritou ela. — Layel!
Em uns segundos, o vampiro voou a seu lado, sua expressão cansada.
— Agora o que?
Aterrada, vociferou e gritou a informação que acabavam de lhe dar.
O rei vampiro franziu o cenho.
— Então eles sabem nosso plano de batalha.
— O que vamos fazer?
— Atacaremos.
— Agora?
— Agora.
Ele assentiu com a cabeça.
— Saberão de nós e nos deterão.
— Não a menos que tenham falado de novo com a Dunamis.
Seu cenho franzido se fez mais profundo.
— Mas é uma possibilidade que teremos que confrontar. Vá preparar nossos homens.

Gray e Jewel ficaram em seu quarto durante o resto do dia, fazendo amor e desfrutando um do outro. Estavam nus, e se sustentavam um ao outro com força. Ele não podia deixar de tocá-la. Planejava fazer suficientes lembranças dela nos próximos dias como para que durasse toda uma vida.

— Temo por você. — disse ela brandamente. — Você é apenas um homem sozinho, e não quero que lute contra os demônios sozinho. Não quero que deixe esta cama.

— É algo que tenho que fazer, querida.

Confiava em que Darius a guardaria aqui, e em troca faria o que o rei de dragão necessitasse dele.

— E se...

— Querida, estive lutando em guerras toda minha vida. Primeiro com meu pai, depois com meus irmãos, logo para meu país. Estarei bem.

— Você voltará para casa? — perguntou ela com suavidade, insegura. — Depois? Sem mim?

— Sim.

Seu tom era finito, não deixando lugar para argumentos.

As lágrimas reluziram em seus olhos. Demônios, ele sentiu suas próprias lágrimas queimando em seus olhos.

— Ao menos nós temos os próximos dias.

Sua mão explorou o oco de suas costas e ela tremeu.

— Não percamos um momento disso.

Mais tarde, quando sua paixão ficou saciada, Gray ensinou a Jewel como defender-se. Ela o tinha feito excelentemente até esse momento, mas a queria melhor preparada. Queria saber que poderia salvar a si mesma de qualquer situação. No caso de necessidade.

Estava de pé no centro de seu quarto, e Gray passeava a seu redor, as mãos fechadas atrás das costas como um líder militar.

— Quando eu tiver ido, — ele se engasgou com a palavra. — Darius te manterá a salvo aqui. Mas ele não estará sempre ao redor, assim quero que seja capaz de cuidar de ti mesma.

— Tenho feito isso bastante bem até agora.

— Sim, mas quero que o faça inclusive melhor. Não é alguém que pode gritar por ajuda, há gente a que atrairia por estar interessada em ganhar para eles. Tem que aprender a cuidar de si mesma.

Seus lábios desceram, dando a ela uma triste e vulnerável expressão.

— Uma rápida pergunta. De noite anda sozinha pela cidade e um grupo de homens se aproxima, sua intenção é te obrigar a partir com eles. Foge ou tenta e briga com eles?

— Brigo com eles?

— Engano. Era uma pergunta armadilha. Não ande sozinha de noite pela cidade. É uma lição, entendeu?

Ela assentiu com a cabeça, seus olhos o seguindo o melhor que podiam enquanto a rodeava.

— Lição dois, — continuou ele. Precisava lhe ensinar meses de instrução em dois dias e a urgência montava com força sobre ele.

— Qualquer sala ou edifício em que entre, explora-o imediatamente. Estude os inquilinos. Estude a melhor maneira de sair. E não deixe que ninguém saiba o que está fazendo.

— Como?

— Mantém a expressão casual e seu interesse desfocado. Agora o fará. Explore este quarto sem parecer culpada ou com um propósito.

Seu olhar se lançou da direita para a esquerda e ele negou com a cabeça.

— Mais devagar — disse ele. — Combina um olhar com uma ação, mas nunca deixe o olhar fixo por muito tempo.

Ela afastou o cabelo do ombro e voltou à cabeça, o olhando diretamente. Sorriu abertamente, ainda um pouco triste, logo afastou o olhar.

— Bem.

Ele envolveu os braços ao redor de sua cintura.

— Agora me diga o que viu.

— Você.

— Me descreva. Minha expressão, minha postura.

— Seus lábios estão tensos e firmes, e seu olhar decidido. Tinha as mãos aos lados, e acredito que tinha uma ereção.

Ele riu, seu primeiro momento de diversão desde que se deu conta que tinha que ir para casa sem ela.

— Isso está bem. Realmente bem. Gente que pareça estar no lugar equivocado deveria levantar suas suspeitas. Se vir um centauro no lado da cidade dos demônios, saberá que não é daí. Portanto saberá evitá-lo. E a propósito, não quero que entre jamais no lado da cidade que corresponde aos demônios. Era simplesmente um exemplo.

— Isso te prometo que nunca o farei.

— Bem. Permanece sempre tranquila. As emoções fazem com que a gente faça coisas estúpidas. Se alguém te insultar, não deixe que a afete. O que importa a opinião do bastardo de todos os modos?

— Tem razão. — assentiu ela.

— Se alguém vier detrás de ti, tenta escapar deles. Não tente lutar com eles se não tiver que fazê-lo.

— E se não puder escapar?

— Então, e só então, lute. — disse ele, caminhando frente a ela. — Vê primeiro a parte mais vulnerável do corpo.

Seu olhar desceu a sua virilha.

— Esse é um bom lugar, mas não sempre o melhor. Se afundar os olhos de seu atacante com bastante com força, não será capaz de ver suficientemente bem para te encontrar.

Ela fez uma careta, mas assentiu.

— Algo pode ser utilizado como arma. Uma rocha do chão. Um pau. Se os tiver a seu alcance, use-os. Pode lhe colocar um fino pau no ouvido do atacante e fazer que vá mais devagar. O tímpano é sensível e dói ao romper-se.

Seu estômago se encolhia quando pensava nela tendo que usar essas técnicas.

Ele cortou um pouco mais a distância entre ambos e seu olhar viajou, até que seus olhos se encontraram. Ela tragou ar.

Seu embriagador aroma o rodeou quando se estirou e passou um dedo por sua traqueia.

— Aqui é onde o ar vai desde sua boca aos pulmões. É sensível e frágil. Se a perfura de alguém, o incapacitará.

Não mencionou que provavelmente os mataria se o fazia com bastante força. Não queria preocupá-la com isso; só queria que se preocupasse com sua sobrevivência.

Suas mãos baixaram, acariciando seus braços e passando sobre as costelas.

— Se estiver o bastante perto, se alguém te agarrar assim, pode lhe dar uma joelhada ou uma cotovelada no estômago. Fará que lhe seja difícil respirar e ajudará a se soltar.

Ela lambeu os lábios, suas pálpebras meio baixadas.

— E já sabe o da virilha. — disse ele, arrastando as pontas de seus dedos descendo por seu estômago e apertando-a.

Sua boca se separou em um afogado ofego.

— Use o joelho ou o pé e não reprima a força. Golpeia tão forte como puder e paralisará a seu atacante.

— O que faço se ele tiver conseguido pôr as mãos ao redor de meu pescoço? — perguntou ela debochadamente.

Gray elevou os braços e envolveu brandamente seus dedos ao redor da área em questão, mas não aplicou pressão.

— Se isto passar, tem que atuar imediatamente porque sua intenção é te fazer passar um mau momento. E quanto mais tempo passe nesta sujeição, mais enjoada e débil estará. Se tiver tentado lhe afundar os olhos, tentou dar-lhe uma patada na virilha e nenhum funcionou, agarre os braços dele.

Quando ela assim o fez, ele acrescentou.

— Agora feche os punhos e golpeie com força no meio, no interior de meu cotovelo.

Ela o fez, mas usou um toque tão suave como o seu. Seu olhar se fechou uma vez mais nos dele a consciência sexual se intensificou entre eles. Realmente, nunca os abandonava.

— Seu objetivo não é dar uma surra em seu atacante, simplesmente escapar e desarmá-lo.

— Há diferença?

Seu nariz cheirou a parte oculta de sua mandíbula.

Ele quase a lançou à cama e a reclamou de novo, mas se negou, para terminar sua lição. Isto era muito importante.

— Em primeiro lugar, a raiva será sua emoção primária. Segundo, a sobrevivência é sua única preocupação. A próxima vez que lhe dê um murro a alguém como o fez ao tritão, te assegure de baixar o punho.

— Como?

— Retrocede e ponha tanta distância como é possível entre seu punho e seu objetivo antes de fechá-lo e golpear. Também, se pode empurrar a palma no nariz de seu oponente, isto é ainda melhor.

Ele agarrou a mão na sua, abriu-lhe os dedos e a colocou a polegadas de seu nariz.

— Golpeia para cima e com força.

Ela assentiu com a cabeça, e ele deixou cair às mãos. Não a liberou, não podia. Tocá-la proporcionava o vínculo que ansiava, um vínculo que necessitava tanto como respirar.

— Se não puder chegar a seu nariz com a palma, usa a testa. Seu objetivo é distrair o atacante e se liberar de sua sujeição.

Ela se inclinou apoiando-se nele e lambeu a costura de seus lábios.

— Praticarei tudo o que me ensinou.

Sua língua passou empurrados seus lábios, seus dentes, e varrendo dentro de sua boca. Seu sabor lhe encheu, doce e maravilhoso e toda Jewel. Deus ia jogá-la de menos. Não estava seguro de que pudesse sobreviver sem ela.

— Me leve para cama, Gray. Bebe de mim igual à antes.

E ele fez.

Ouviu-se o ressonar de uma sirene.

Gray se incorporou na cama, sacudindo-se de um pacífico sonho.

— Que demônios é isso?

A seu lado, Jewel estava pálida e tremia e não tinha nada que ver com o fato de que ele houvesse bebido um pouco de seu pescoço. Tinha medo. Muito medo.

Quando se levantou, o lençol caiu a sua cintura, revelando os perfeitos montículos de seus seios.

— Os demônios e os vampiros mudaram seu plano de batalha. Estão se abatendo sobre o palácio. Só os senti e enviei uma advertência mental ao Darius.

— Não se supunha que atacariam em três dias?

— Mudaram os planos.

Durante o seguinte pulsar de coração, tinha saltado já da cama e tinha agarrado sua roupa de camuflagem. As pôs rapidamente, atando depois sua faca ao cinturão.

A sirene ressonou outra vez.

Além da porta, ele ouviu o arrasto de pés, os grunhidos zangados dos homens. Gray se dirigiu para Jewel, que permanecia ainda sentada na cama, suas faces carentes de qualquer emoção. Ele se inclinou ante ela e pegou sua bolsa, onde ainda guardava o bracelete que tinha comprado para ela.

— Isto é para você. — disse ele.

— Para mim?

Seus olhos abriram de par em par e se umedeceram e seus lábios tremeram quando deslizou a joia no braço.

— O comprou para mim na cidade? Por que?

A sirene soou uma vez mais.

— Porque o queria. — respondeu ele. — E sabia que se veria encantado em ti.

Tirou o cabelo dos ombros, depois colocou a banda de ouro em seu lugar. Este brilhava, ressaltando a safira que fazia jogo com seus olhos.

— E porque é o amor de minha vida.

Sem outra palavra, incorporou-se e saiu a pernas do quarto. Não se permitiu jogar uma olhada atrás quando seguiu os vários homens a alguma classe da área de treinamento. Um exército de dragões estava já ali, formando, com Darius passeando diante deles.

— Não mostrem piedade alguma, — dizia Darius. — Destruiremos os vampiros de uma vez para sempre com nosso fogo, e o humano vencerá aos demônios com seu gelo. Dunamis o proclamou.

Suas aclamações ressonaram nas paredes.

— Estas criaturas pensam em nos surpreender com um ataque, mas lhes mostraremos quão equivocados estão. Três de vocês — disse o rei, assinalando. — Levem as fábricas de gelo para o humano. Não deixem que o conteúdo toque sua pele ou lhes debilitarem. Ficarão com ele e lhe apoiarão no que seja necessário.

Como havia dito Grace, os fabricantes de gelo eram na realidade extintores e havia ao menos sessenta deles. Ele tinha liberado batalhas com muitas armas, mas nunca com nitrogênio líquido. Teria preferido umas granadas, talvez um taco de C4⁸, mas aceitaria o que pudesse conseguir.

— Nos convertamos em dragões, meus amigos e voemos.

Uma legião de rugidos reverberou, ressonando através do arredondado recinto. A roupa se fez em migalhas, as caras se alargaram, asas, caudas e garras cresceram. Tinha visto esta mudança antes, mas contudo, não podia separar o olhar. Os homens que tinham grunhido, converteram-se em bestas com fôlego de fogo. Um deles — ele acreditou que seria Brand — assinalou a ele e para suas costas com uma larga garra. Enquanto sua mente gritava, "Diabos, nem pensar", subiu a bordo.

— Que comecem os jogos de guerra, — resmungou ele.

Com um extintor ancorado firmemente às costas e uma mangueira negra nas mãos, Gray rondou entre bosque de árvores. A manhã ainda não tinha despontado, por isso estava enormemente agradecido por sua superior visão noturna.

Brand lhe tinha deixado uma meia milha atrás antes de remontar o voo. Os dragões que levavam os extintores desceram silenciosamente a seu lado. Por diante, podia ouvir os passos dos exércitos dos vampiros e demônios à medida que foram se aproximando.

⁸ Tipo de explosivo muito potente.

O murmúrio de vozes logo levou a seus ouvidos. Ouviu o som metálico do metal e o arrastar de passos. Gray se deteve detrás de um grosso tronco de árvore e ficou de cócoras, dispondo-se a golpear. Esperou... esperou... esperou...

Em cima dele, Darius emitiu um grito de guerra.

Elevou a mangueira, com a adrenalina ao máximo, Gray irrompeu nas linhas inimigas. Ele correu diretamente para os demônios, orvalhando espuma branca. Os dragões vomitaram fogos, quentes raios de luz ao vermelho vivo e chamuscantes raios, um andaime que de 4 de Julho que tinha saído mau. O calor disso imediatamente o alcançou e fez todo o possível para permanecer em seu posto.

Uns tortuosos gritos ressonaram durante a chegada do amanhecer. Entre os gritos de dor que se elevaram os aromas de carne agonizante e enxofre. Gray seguiu orvalhando, evitando aos vampiros, reservando o preparado gelo líquido para os demônios.

Quando um demônio voou para ele, tratou de orvalhá-lo, mas o tubo chispou. Vazio. Merda. Ele tirou de repente sua faca, e o bastardo saltou sobre ele. Antes que ele pudesse dar sua primeira navalhada, afastaram-no dele e caiu ao chão. Um dragão, Renard, cortou-lhe a garganta com as garras.

— Trabalha nesses reflexos, — disse ao dragão. — Um pouco mais lento e não haveria por onde me agarrar.

Sua única resposta foi um grunhido antes de voltar a voar à luta.

Quando Gray se afastou, um vampiro o divisou e atacou. Chocaram e caíram ao chão. O vampiro esteve a ponto de lhe morder, de afundar seus dentes no pescoço de Gray, quando de repente se deteve.

— Dunamis? —disse a sanguessuga, impressionado e reverente.

Ele soltou Gray como se fosse veneno e retrocedeu.

Eles cheiravam Jewel nele, deu-se conta.

Alguém lhe deu outro extintor, e Gray o jogou a seus pés. O resto dos dragões desceu do céu e atacou ao exército restante a pé. Seu estável vapor de fogo nunca se debilitou. Mantendo-se no chão, Gray se arrastou pelo resto do campo, procurando através das sombras. Em repetidas ocasiões, realizou a mesma ação: orvalhada de extintor, cortou a garganta do demônio. O suor caía a jorros lhe empapando a roupa.

Podia cheirar o sangue a seu redor, e lhe fez água na boca. Entretanto, manteve firme a rédea sobre seu impulso de beber, concentrando-se na tarefa que lhe tinham dado. Em onze ocasiões se viu obrigado a trocar um extintor por outro.

— Maldito seja, Darius.

Ouviu uma voz masculina que repartia golpes a destro e sinistro.

Gray reconheceu imediatamente a voz. Layel. O rei dos Vampiros que tinha salvado a vida de Jewel como também a sua própria. Darius se materializou de repente e desceu. Os dois homens lutaram corpo a corpo. Gray odiava admiti-lo, mas se sentia dividido. Estava aqui para ajudar aos dragões, o devia a Darius, mas também tinha uma dívida com este particular vampiro.

Ouviu um grunhido detrás dele e se girou, orvalhando espuma. O demônio vaiou e Gray lhe rasgou a pele. Fazendo uma careta, gritou.

— Darius, deixe ir. — então rapidamente despachou seu atacante.

Darius disparou outra ronda de fogo, mas o rei vampiro se esquivou rapidamente.

— Faz seu trabalho, humano, — gritou Darius enquanto Layel grunhiu.

— Não necessito de sua ajuda, humano.

— Esta é uma antiga batalha. — disse alguém detrás dele. Brand, deu-se conta. — Não se meta no meio.

Os dois homens continuaram lutando, e Gray os observou impotente, matando tantas criaturas que pretendiam interferir. Nenhum homem estava ganhando, porque estavam igualmente

emparelhados.

— Você! — gritou uma fêmea.

Gray girou, entrecerrando os olhos. Marina, rainha Demônio, rondava frente a ele, seu olhar vermelho agudo e aceso. Mostrou-lhe os dentes.

— Você roubou a Dunamis. É a causa deste inferno. — ela se lançou contra ele.

Seus dedos apertaram o gatilho da mangueira, mas não surgiu nada. Estava vazio de novo. Fantástico.

Ela se lançou de repente sobre ele, sacudindo-o como a uma boneca. Imediatamente, estava sobre ele, lhe dando um murro no nariz. Ouviu como se rompia a cartilagem, sentiu o agudo som e o jorro de sangue quente no nariz. Suas garras lhe arranharam o ombro.

Terá que foder-se. Uma garota estava lhe chutando o cu. Contudo, sentiu a cartilagem em seu nariz voltar para seu lugar, sentiu as marcas das garras fechando-se. Um dos benefícios que pertenciam ao lado escuro, supôs.

Ele a tirou de cima, mas ela voou de novo para ele. Nunca tinha golpeado uma mulher em sua vida, mas arrastou o punho para trás para fazer justamente isso quando a arrancaram. Layel lhe afundou os dentes no pescoço, a ação feroz, letal, e tão selvagem como qualquer animal.

O corpo de Marina deu um puxão e se convulsionou uma vez, duas, depois ficou completamente imóvel. Sua cabeça caiu sem vida a um lado. Quando Layel acabou de alimentar-se, levantou-se e enfrentou Darius com tranquila fúria. O sangue gotejando de sua boca. Ele olhou ao redor, vendo a quantidade de homens que tinha perdido, observando o exército dragão que agora os rodeava.

— Concedo a ti esta vitória, mas a nossa guerra não terminou.

— Nunca o fará, — disse Darius. — Agarra o resto de seus homens e vá. E sabe que eu te permiti ir só porque salvou o humano.

Layel sorriu, a ação carente de humor.

— Já temos feito isto antes. Salvei um de seus humanos, e você me deixou partir. Nem sempre será assim. Um dia, terei um festim com seu sangue. Mas já que está sendo tão generoso, entretanto, farei um favor e te direi que os Nimphs tomaram o palácio de Javar.

— Mentira. Meus homens o guardam.

— Vá e veja por si mesmo. Pensávamos nos apropriar nós também, Marina e eu, mas nos adiantaram. Nossa batalha é contigo, assim o deixamos.

Um baixo grunhido emergiu da garganta de Darius, e deu um ameaçador passo para diante.

— Saúda sua mulher de minha parte. Ainda lembro seu sabor, — disse Layel, seu sorriso carente de humor ampliando-se ainda mais. — Até a próxima.

O Rei vampiro se desvaneceu.

A seu redor jaziam os corpos de demônios, dragões e vampiros. Os dragões vivos estavam reunidos ao redor do Darius.

— Você, — disse Darius, indicando para um grupo deles. A fúria obscureceu suas feições. — Vá o palácio de Javar e busca Kendrick. Não se deixe ver. Quero saber se os Nimphs estão realmente ali.

Os ombros de Gray caíram pelo cansaço, e bloqueou o resto das instruções de Darius. Tendo terminado com esta batalha, seu tempo com o Jewel se acabava.

Ele não estava sequer preparado para deixá-la ir.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Como sempre, as visões de Jewel nunca lhe falavam de seu próprio perigo. Jewel e Grace tinham serpenteado até o topo do parapeito do palácio, esperando captar uma olhada da batalha. Jewel passeou. Seus nervos se negavam a aplacar-se, e não podia apartar-se de uma sensação de apreensão. Gray estaria bem? O teriam ferido?

Ela não podia ver a batalha em sua mente. De que serviam seus dons se não podia ajudar ao homem que amava? Constantemente seus dedos acariciavam o bracelete que Gray tinha lhe dado, tentando tirar a força disso.

— Me diga outra vez que voltarão ilesos. — disse Grace, seu nervosismo ao mesmo tempo em que o do Jewel.

— Isto é o que mais odeio de ser a esposa de um guerreiro. Amo Darius com todo meu coração. Ele é uma parte de mim, mas se empenha em participar dessas guerras e quase morro de preocupação durante todo o tempo.

Jewel se deteve e lhe dedicou um meio sorriso.

— Seu marido viverá uma longa e sã vida. Como você e seu filho.

Grace a estudou durante vários minutos, então deixou escapar um suspiro de alívio.

— Preferiria morrer eu mesma a que aconteça algo a ele.

— Entendo você. Amo Gray com todo meu coração. — suspirou ela.

Uma suave brisa noturna dançava ao redor delas, enredando sua túnica e cabelo.

— Mas, parece que estou destinada a perdê-lo.

— Por que? Não há razão para que duas pessoas que se amam não permaneçam juntas.

— Morreria na superfície, e se ele ficar aqui, os humanos atravessarão constantemente os portais, infestando nossa terra com o intento de nos roubar ou me destruir.

— Verdade, essa é uma razão. Sinto muito.

Grace lhe deu um rápido abraço antes que Jewel continuasse passeando.

— Me distraia. Fale-me de você e de Darius.

— Meu tema favorito. — disse ela com um sorriso. — Recordo a primeira vez que tivemos um encontro. — riu. — Eu chamo encontro, ele trabalho.

De algum jeito, Jewel não podia imaginar o feroz dragão cortejando ninguém. Exigir que se casasse com ele, sim. Entregando flores e lhe convidar para sair, não.

— Ele estava decidido a me matar, sabe.

— O que! — Jewel se deteve na metade de seu passeio e enfrentou a delicada mulher. — Queria te matar? — ela fez uma pausa. — Não sei por que me surpreende. Esse é Darius para você, um homem que cumpre com seu dever sem importar as circunstâncias.

— Darius já tinha até levantado a espada, preparado para golpear. Eu justamente acabava de atravessar o portal e era seu dever me silenciar permanentemente. Mas não o fez. Não podia. Em vez disso, ajudou-me a encontrar meu irmão, e em troca, eu gosto de pensar que enchi sua vida com emoções e amor.

Sua cabeça se inclinou pensativamente para um lado.

— Gray também necessita disso, acredito eu. Tem o mesmo duro olhar que Darius leva algumas vezes.

— O que vou fazer? — perguntou Jewel com frustração.

Nenhuma delas tinha a resposta.

— Crê que a batalha já terminou? — perguntou Grace, suas mãos entrelaçando-se. — Não serei capaz de descansar até que Darius esteja outra vez em meus braços.

Jewel fechou os olhos e uma vez mais tentou enviar sua consciência fora do palácio e através do bosque. Justo quando a cena finalmente estava se formando em sua mente, encheu-a uma sensação de estar sendo observada. Uma ameaçadora sombra cobriu sua mente, e a sacudiu uma sensação de perigo.

— Grace, — disse, olhando a sua nova amiga. — Estamos com problemas.

Grace empalideceu, fazendo suas sardas ainda mais óbvias.

— O que quer dizer?

— Há demônios aqui, no palácio. Roubaram um medalhão de Dragão de um dos feridos e com a maioria de nossos homens fora, foram capazes de abrir uma brecha nos muros.

Jewel jogou um olhar ao redor em busca de uma arma, tentando usar algo, justo como Gray havia ensinado. Encontrou uma vara larga e várias pedras grandes. — Não podem morrer a menos que lhes corte a garganta, mas podemos tentar contê-los até que cheguem os reforços. Vamos, devemos baixar e adver...

Era muito tarde.

Seis demônios aparceram sobre o parapeito, suas asas agitando-se furiosamente. Suas garras alargadas e seus dentes brilhantes com a saliva. Sem sua rainha ao redor, trazia-lhes sem cuidado manter Jewel sã e salva.

A morte brilhava em seus olhos.

Grace correu atrás dela, a determinação endurecendo sua expressão e afastando dela o medo.

— Você se encarrega dos três da direita e eu me encarregarei dos outros três.

— Feito.

Ao mesmo tempo, Jewel ouviu seus pensamentos. Queriam saborear Dunamis durante muito tempo. Os humanos cheiram doce, e ela levava um bebê em seu ventre.

— Está grávida, — disse-lhe Jewel. — Fique detrás de mim.

Grace ofegou e levou uma mão ao ventre. Ela não estava consciente de que estava grávida, deu-se conta Jewel, não querendo que a mulher lutasse agora.

— Fique detrás de mim. — repetiu.

Grace vacilou só um momento antes de sacudir a cabeça.

— Não. Faremos isso juntas.

Jewel entrou em ação. Grace não prestou atenção a suas palavras, mas estava justo a seu lado. Os demônios se deram conta do que estava acontecendo e seus olhos se abriram desmesuradamente. Jewel balançou seu pau, inserindo-o no nariz. Ouviu como se rompia algo e observou como a cabeça da criatura caía de lado. O sangue vertendo-se de sua cara. Grace lançou uma de suas rochas e esta impactou em uma das têmeoras do demônio. Ele vaiou de dor e surpresa.

Grace lançou outra rocha e lhe golpeou na mesma têmeora. Desta vez ele voou para trás e impactou contra a parede. Dois dos outros tentaram voar atrás dela, mas Jewel saltou em frente dela e balançou a vara.

Ela apontou aos testículos. Os demônios possivelmente não se parecem com os humanos, mas procriavam da mesma maneira. Contato. O bastardo uivou. Ela continuou balançando o pau, mantendo a criatura no chão.

— Nas virilhas, de modo que os demônios não pudessem lhe entender, — disse a Grace. — Retrocede. Se pudermos alcançar a porta, poderemos correr para um quarto e nos ocultar.

— Caminha comigo.

— De acordo.

Juntas, retrocederam. Os demônios as seguiram, arrastando-se com suas garras e pernas, mas Jewel as arrumou para fazê-los vacilar, sem deixar de mover a vara.

— Estamos na porta, — sussurrou Grace. — Levo meu medalhão assim ela se abrirá.

Os medalhões de dragão atuavam como sensores, abrindo e fechando todas as portas.

— Quando cruzarmos a soleira cobre o medalhão de modo que as comportas se fechem rapidamente. A meu sinal. Um, dois. Três!

Jewel pôs-se a correr e atravessou a porta, justo atrás de Grace. As comportas se fecharam de repente atrás delas. Ela ouviu os demônios grunhindo enquanto golpeavam a pesada madeira.

— Corre! Rápido. — gritou ela.

Os demônios atravessaram a barreira muito rápido. Tudo o que encontravam em seu caminho, lançavam-no atrás delas, e ouviam impactar contra seus perseguidores.

Um deles a alcançou e a agarrou pelos ombros, atirando-a para trás. Quando caiu, tirou a vara e estacou para cima. Seu movimento lhe deu força acrescentada, e sua improvisada arma se afundou na garganta do demônio. Ele vaiou e se convulsionou, então paralisou.

Não se via Grace em nenhum lugar. Tinha desaparecido além das escadas. Os restantes demônios se abateram a seu redor, soltando baixos grunhidos de suas gargantas.

— Pagará por isso, — disse um deles.

Em um impreciso movimento, Grace apareceu repentinamente no topo das escadas.

— Use isto, — gritou ela, lhe atirando uma adaga.

Jewel a agarrou justo quando um demônio saltou e se lançou para Grace. Os outros voaram para ela. Ela o chutou e lhe arranhou o estômago, e enquanto ofegava por respirar acabou com ele. Caiu a seus pés e ela alcançou o fundo das escadas com Grace.

A miúda mulher estava desfazendo do demônio restante com uma grande espada.

Jewel se moveu sobre ele, lhe rodeando a garganta com as mãos. Ela deslizou a faca. Em segundos, estava morto.

E então acabou.

Ela ficou onde estava, ofegando, enquanto os dragões que tinham permanecido atrás para protegê-las entravam na sala.

— O que aconteceu? — gritou um deles. — Por que não pediram ajuda?

— Pensei que meus gritos de terror eram suficientes, — estalou Grace. Ela se dobrou, ofegando por respirar.

Jewel observou o sangue sobre suas mãos. Tinha feito. Tinha provado que podia proteger a si mesma, sem importar o inimigo. Esse conhecimento deveria fazê-la feliz, mas não fez. Agora, Gray a deixaria ir.

Poucos segundos depois, Gray, Darius e o exercito dragão entrou no interior. Eles levavam uma expressão de satisfeita vitória... até que viram a cena de sangue e morte. Darius se apressou para Grace e Gray correu para Jewel, e ambos os homens as atraíram a seus braços, as apertando contra eles.

— O que aconteceu? — exigiram os dois homens ao mesmo tempo.

— Está a salvo. — disse Jewel, as lágrimas enchendo seus olhos.

Seus joelhos se afrouxaram com alívio.

— Está a salvo. Graças aos Deuses.

Suas mãos vagaram sobre ela, procurando feridas.

— Está ferida? Me diga que não está ferida.

— Este não é meu sangue.

Ela fechou os braços ao redor de seu pescoço.

Depois deles, Darius corria suas mãos sobre Grace, beijando-a e apertando-a contra si e gritando ordens a seus homens para que limpassem o desastre e matassem outra vez a todos os demônios.

Uma sensação de urgência se elevou no interior do Jewel. Seu tempo com Gray estava acabando. Notava-o todo o caminho até seus ossos. Deveria perguntar sobre a batalha, deveria lhe permitir tempo para descansar. Mas não lhe importava nenhuma dessas coisas.

— Me leve para nosso quarto, Gray. Agora mesmo. Por favor.

Ele não vacilou; também sentiu a urgência. Elevou-a e a levou em braços.

— Não venham nos buscar, — disse ele por cima do ombro.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

— Não entendo o que significa, — disse Jewel.

Tinham se passado dois dias da batalha e Gray não tinha encontrado forças para deixá-la ir. Assim, aqui estava, a boa cobrança no palácio dragão, sentado sobre a cama com Jewel enquanto ela estudava as pequenas pedras descoloridas que os dragões tinham encontrado nas ruínas do Templo de Cronus.

Passou toda a noite pegando as pequenas peças, igual a um quebra-cabeças, trabalhando diligentemente durante horas e horas.

— Vê essas palavras?

Ela indicou uma linha de estragados símbolos.

Ela parecia tão adorável. O cabelo caindo sobre as costas. A cor florescendo brilhante em suas bochechas, e seus lábios estavam cheios e machucados de sua recente relação.

— Vejo-os. — disse ele.

— Dizem que sou um dragão.

Não o surpreendia.

— Tem os mesmos olhos de Darius.

— Mas aqui diz que sou vampiro.

Franzindo o cenho, Gray se endireitou.

— E aqui diz que sou Centauro. Aqui, minotauro. Aqui, sereia. Aqui, Nymph. Aqui...

— Entendi. Merda, querida, você é o tudo.

Quantas vezes a tinha cuidado e tinha pensado que possuía certas qualidades de outras raças diferentes?

— Não entendo, — repetiu ela.

— É feita de cada criatura.

— Isso é... isso é impossível.

— Há! Aprendi que nada é impossível. O que é o que diz?

— Que sou a filha do Cronus. Gray, — disse ela, voltando-se rapidamente, o olhando com

olhos assombrados.

— Ele é o Rei dos Deuses. Ou o era até que seu filho, Zeus, matou-o e usou seu sangue para nos criar. — disse a última palavra com um triste ofego.

— Ele está morto. Meu pai está morto. Mas... Como foi que o vi esse dia? Abraçou-me. Sustentou-me em seus braços.

— Possivelmente não foi seu pai quem te sustentou.

— Zeus, — disse ela.

— Era Zeus. Meu... irmão. Disse-me que lamentava e eu assumi que o dizia por me ignorar. Mas Zeus se desculpou por matar a nosso pai. Como pude não haver me dado conta? Agora está tão claro.

Ela descansou sua cabeça sobre seu ombro, e ele sentiu suas cálidas lágrimas deslizando descendo por seu braço.

— É tão duro. Esperava tantas coisas, mas não isto. Nunca isto.

Ele a abraçou contra ele durante mais de uma hora, simplesmente sustentando-a e deixando-a chorar. Sussurrou-lhe coisas ao ouvido, coisas doces, amorosas, tudo o que queria que soubesse, mas nunca teria outra oportunidade para dizer-lhe.

Quando cessaram suas lágrimas, ele apertou com força os olhos.

— Tenho que ir.

Oprimiu-lhe o peito. Agora tudo estava completo. Ela conhecia seu passado, seus maiores inimigos tinham sido vencidos e ela estava a salvo. Era hora de lhe dizer adeus. Como teria gostado de passar sua vida ao lado dela, fazendo-a esquecer sua tristeza por seu pai. Consolando-a. Amando-a simplesmente.

Ele deve ter ficado rígido ou deixado de respirar, por que ela de repente se separou de seu contato, sem lhe olhar.

— Tem que partir já.

Como poderia viver sem esta mulher? Ela era tudo para ele, e ele não estava completo sem ela. Mas obrigou a si mesmo a dizer.

— Tenho que fazê-lo.

Seu olhar permaneceu à frente.

— Me leve contigo.

— Não.

— Então, fique aqui.

Se pudesse.

— Tenho que ir. Não deixarei que nenhum outro agente te persiga. Não posso.

— Volte para mim.

Beijou ligeiramente os lábios. Sentia-se feito em pedaços por dentro. Ela possuía seu coração. Para salvá-la, entretanto, faria o que fosse necessário. Inclusive deixá-la.

— Vou fechar o portal, querida. Vou assegurar-me que ninguém possa entrar jamais.

E então, antes que ela pudesse dizer outra palavra, fizeram amor a última vez, movendo-se dentro e fora dela com lentidão, saboreando-a inteira. Seu sabor. Seu aroma. Seus sentimentos. Sobrecarregando sua essência em todas suas células. Tempo depois, quando ela dormia, vestiu-se rapidamente. Sentia no estômago como se tivesse um peso de chumbo agasalhado no estômago, formando redemoinhos contra as náuseas.

Obrigando-se a pôr um pé frente ao outro, saiu caminhando do quarto. As lágrimas enchiam seus olhos. Não tinha chorado na morte de sua mãe, mas agora o fez. E não estava envergonhado de suas lágrimas.

— Adeus, Pru. — sussurrou ele, e quase o matou dizê-lo.

Não se permitiu olhar para trás quando foi atrás de Darius. O Rei dragão estava lhe esperando e o escoltou até o portal. Gray o atravessou.

Lar.

Miséria.

Surpreendentemente o portal pelo qual saiu não o levou à mesma localização da que entrou. Gray se encontrou no Brasil. EIE não sabia deste portal, e planejava que se mantivesse da mesma maneira.

Trabalhou furiosamente durante dias, bloqueando a entrada do portal com rochas. Tempo depois, dirigiu-se à Florida e se comunicou por Radio à base. Quando o alcançaram, entregou-lhe a enorme safira que tinha roubado da parede de Darius a seu chefe e com uma decidida e estóica expressão disse que era Dunamis.

Perguntaram-lhe por sua missão, e mentiu. Perguntaram-lhe como tinha evitado os guardas do portal, e também mentiu sobre isso. Submetido a um detector de mentiras, mentiu como um velhaco. E passou. Falou-lhes dos monstros, só para evitar que enviassem alguém mais para lá. Mas não lhes disse nada a respeito de Jewel, nada a respeito da enorme riqueza e nada a respeito de suas novas tendências vampirescas.

Estavam tão excitados pelo Dunamis, que o enviaram alegremente para casa, lhe dando as férias que tinham negado a ele durante o ano passado.

Suas férias passaram. Nunca deixou sua casa. E agora, duas semanas no interior dela, ficou em seu ginásio, tirando o inferno a murros de seu saco de areia.

Não tinha vida sem Jewel. Diabos, não queria viver uma vida sem ela. O que estaria fazendo? Estava a salvo? Sentia saudades? Tinha passado cada noite jazendo acordada, imaginando suas mãos sobre ela, desejando seus lábios sobre os seus?

— O que vai mal contigo, tio?

Gray bufou. Deu-lhe alguns murros mais ao saco. Seus irmãos tinham descido esta manhã até ele em massa e se negavam a partir.

— Nada. — grunhiu.

Era a mesma resposta que tinha dado a eles as outras mil vezes que tinham perguntado.

Entretanto, eles continuaram insistindo, e em várias ocasiões esteve perto de golpeá-los. Ele pensou que seus olhos possivelmente se tornaram vermelhos uma vez que seus irmãos também lhe tinham perguntado — mil vezes — se precisava ver um médico. Ele ainda desejava sangue, sim, mas só o de Jewel. Só sua doçura.

Ao menos não tinha levitado. Não teria sido divertido explicá-lo? Perguntou-se algumas vezes por que não se debilitou desde que tinha deixado Atlantis, já que agora possuía algumas características muito atlantes, mas a única resposta que encontrava é que tinha nascido humano e seus maiores laços estavam aqui.

— Acredito em você. — disse Nick.

Jogou uma olhada a Erik.

— Você crê?

— Eu acredito que é um problema com uma mulher.

— Tinha que ser, — disse Denver.

— Nada mais poderia sacudi-lo dessa maneira.

— Cale a fodida boca.

— Bem, finalmente diz algo mais que nada.

Gray não podia contar-lhes. Eles não sabiam nada sobre o EIE. Por mais que queria descrever cada detalhe da adorável Jewel, não podia.

Deuses, tinha que tê-la de volta.

Descansou a testa contra o saco de areia. Tinha que fazer algo para bloquear o portal da Florida, mas não tinha sido capaz de fazê-lo. Possivelmente não o tinha tentado. Ele não queria ter que servir-se desse último vínculo com Jewel e destruir toda a esperança de vê-la de novo.

Ao segundo dia estando em casa, encontrou uma pedra com a imagem nela dentro da mochila e tinha dado um murro à parede, abrindo um buraco. Tinha estado tão cheio de saudade que quase derrubou toda sua casa.

Fazendo uma careta, pensou no seguinte instante. Tinha tido suficiente desta tortura. Ia retornar. Ia voltar para Jewel. O EIE não conhecia o portal do Brasil; possivelmente pudesse encontrá-lo outra vez. Embora, teria que ser cuidadoso. Eles mantinham uma estreita vigilância sobre seus empregados, sempre cautelosos.

Se o fazia, sairia desta rotina, teria que dizer adeus a sua família para sempre. Poderia? Por Jewel, faria algo. *Vou fazê-lo. Vou voltar para ela.* Ele sorriu pela primeira vez desde que retornou.

— Viu isso? — disse Nick.

— O que causou a mudança?

Ele estava a ponto de responder quando uma sedutora de cabelo selvagem entrou no ginásio.

— Gray James, — disse ela, seu cabelo negro voando detrás de si. — Estive aqui durante duas semanas e sobrevivi. Posso viver na superfície.

Ela viu seus irmãos, sorriu-lhes fracamente e murmurou.

— Olá. — antes de voltar de novo sua atenção para Gray. — Agora o que tem que a dizer sobre isso?

Quase lhe dobram os joelhos quando a surpresa o golpeou. Era uma alucinação?

— Jewel?

Com o coração pulsando rapidamente, correu para ela e a atraiu a seus braços, fechando os olhos quando seu aroma o rodeou. Deus, ela era real.

— O que crê que está fazendo? Nunca deveria ter arriscado sua vida dessa maneira.

Ele era incapaz de pôr ênfase na reclamação.

— Disse-lhe isso. — murmurou Erik.

Antes que pudesse responder, Gray encheu seu rosto de beijos, mais feliz nesse momento do que nunca tinha estado. Rogando ao Senhor pela mulher que se revelou.

— Ia por você, doçura. Não podia permanecer afastado de você.

Mais beijos.

— Agora, tem muito que explicar. Onde ficou? Por que não se debilitou?

— Atravessei o portal e te segui aqui. Darius se deu conta do que eu tinha feito e me encontrou. Levou-me a povoado mais próximo e alugou uma casa. Esteve me comprovando cada par de dias, mas nunca me debilitei, assim finalmente me transportou aqui. — ela fez uma pausa para respirar. — Sou parte de cada criatura, o qual me faz parte humana e deve me permitir existir na superfície. E esta humana quer estar contigo.

Seus lábios se estiraram lentamente para cima. Como amava esta mulher.

— Como me seguiu sem que me desse conta?

— Como acha? Finalmente utilizei meus poderes para algo que eu queria.

Seus irmãos estavam murmurando a respeito do estranho diálogo. Humanos? Transportado? Poderes? Eles nem sequer sabiam que seu cunhado era um alienígena. Gray teria muitas explicações que dar depois, mas agora mesmo, tinha Jewel e isso era tudo o que importava.

— Case-se comigo.

Não era uma ordem, mas estava o bastante perto. Era uma súplica.

— Quer dizer?

Chiando, saltou e envolveu as pernas ao redor de sua cintura.

— Sim, sim, sim! Eu te amo.

— E eu te amo, Jewel, Prudence, Blaze.

— É Sra. General Felicidade para você.

Ele riu.

— O que te parece Jewel de Atlantis? Joia do meu coração.

Fim